

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

*A Revista Selecciones del Reader's Digest e a constituição da imagem dos estereótipos do
american way of life: 1940/1950.*

CHARLES SCHERER JÚNIOR

Tese apresentada como requisito parcial e final para a obtenção do grau de Doutor em
História.

Prof. Dr. Hélder V. Gordim da Silveira
Orientador

Data da Defesa: 27/05/2009

Porto Alegre, maio de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S326a Scherer Júnior, Charles

Os articulistas de Selecciones del Reader's Digest e a constituição da imagem dos estereótipos do american way of life : 1949/1950 / Charles Scherer Júnior. – Porto Alegre, 2009.

207 f.

Tese (Doutorado em História) - PUCRS, Fac. de Filosofia e Ciências Humanas.

Orientação: Prof. Dr. Hélder V. Gordim da Silveira.

1. História. 2. Estados Unidos – História Política. 3. Estados Unidos – Relações Exteriores. 4. Imprensa – Estados Unidos – História. 5. Selecciones del Reader's Digest (Revista) – História e Crítica. I. Silveira, Hélder V. Gordim da. II. Título.

CDD 320.973

Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297

“Deus não preparou durante um milênio os povos teutônicos e os povos de língua inglesa para apenas uma vã e preguiçosa admiração de si mesmos. Deus fez de nós os senhores organizadores do mundo, para que estabelecêssemos a ordem onde reina o caos. Deus fez-nos aptos a governar para que pudéssemos administrar os povos bárbaros e decadentes. Sem esta força, o mundo cairia na selvageria e na noite eterna. Entre todas as raças, Deus designou o povo norte-americano como a nação de sua eleição para que, finalmente, conseguíssemos a regeneração do mundo”.

Albert Beveridge.

Para meu pai, *Charles Scherer*, cuja lembrança sempre acompanha
e inspira.

Agradecimentos

A realização deste trabalho seria impossível sem a ajuda de algumas pessoas, instituições e profissionais.

Aos familiares que acompanharam a nossa jornada ao longo de quatro anos, muito obrigado. Aos amigos, que sempre torceram pelo nosso sucesso, um abraço apertado.

A *Lisa*, que com seu encanto trouxe a inspiração necessária para que pudéssemos finalizar esta pesquisa, obrigado e que o tempo e a vida lhe tragam *FELICIDADE*.

A todos os funcionários e professores da PUCRS, que através de seu trabalho diário contribuem para que a pesquisa encontre as condições que necessita muitíssimo obrigado.

Ao Prof. Dr. *Hélder V. Gordim da Silveira*, que orientou este trabalho desde o início, em 2005, um abraço especial.

A *Tamiko H. Shimada*, funcionária da Biblioteca Pública de São Paulo, a quem agradecemos de coração pela sua contribuição para a realização desta pesquisa.

A todos os funcionários da Biblioteca Pública de São Paulo, da Biblioteca do Congresso de La Nación Argentina, da Biblioteca Nacional da Argentina o nosso agradecimento pela sua colaboração.

A CAPES, pelo apoio financeiro necessário para a realização deste trabalho obrigado.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal a análise do processo de constituição do sentido dos antípodas do *american way of life* nas matérias da revista *Selecciones del Reader's Digest* entre 1940 e 1950. Nesse sentido, não se trata de uma análise do mito do *american way of life*, ainda que o tema seja considerado ao longo da pesquisa, mas, sim, de uma tentativa de considerar a significação dos estereótipos políticos daquele mito através do estudo de um meio de comunicação.

Abstract

This work has as main objective the analysis of the formation of the polar opposite direction of the *american way of life* in the field of magazine *Selecciones del Reader's Digest* between 1940 and 1950. Accordingly, it is not an analysis of the myth of the *american way of life*, even if the issue be considered during the search, but an attempt to consider the significance of the myth that political stereotypes through the study of an of communication.

Sumário

Introdução	10
------------	----

Capítulo I

1 Mitos, estereótipos e imaginário	17
1.1 As origens históricas da constituição dos estereótipos	23
1.1.2 O <i>Destino Manifesto</i> e o imaginário norte-americano	26
1.2 Os fundamentos religiosos do imperialismo	28
1.3 O imperialismo à americana, a explicação econômica	32
1.4 A instrumentalização política do imperialismo	37
1.5 <i>The Reader's Digest</i> : levando o imaginário do americanismo ao mundo	40
1.5.1 <i>Selecciones del Reader's Digest</i> e a conquista da fronteira hispânica na década de 1940	44
1.5.2 A conquista da América portuguesa: 1942, <i>Seleções</i> invade o Brasil	50

Capítulo II

2 Re-significando o sentido do imperialismo	55
2.1 As origens da <i>boa vizinhança</i> e a transformação do “latino” <i>atrasado</i> em <i>bom vizinho</i>	56
2.1.2 <i>Boa vizinhança</i> contra <i>ismos</i> externos ao Continente Americano: os primeiros passos	57
2.1.3 A re-significação dos estereótipos através da ação de uma agência governamental: o OCIAA e a América Latina, 1940/1945	61
2.1.4 A guerra fria e o fim da política da <i>boa vizinhança</i>	64

2.2 A constituição de um sentido para a democracia e a significação da <i>ameaça externa</i> comum aos “americanos”	71
2.2.1 O progresso do Continente a partir da interação entre os <i>bons vizinhos</i>	77
2.3 <i>Selecciones del reader's Digest</i> , América Latina e a <i>ameaça comunista</i>	81
2.4 Inferências parciais	87

Capítulo III

3 As relações entre Estados Unidos e Japão: do entre guerras ao enfrentamento; significações e re-significações	89
3.1 A década de 1940, e o enfrentamento entre os Estados Unidos e o Japão	94
3.1.2 Ocupação: o pós-guerra e a americanização do Japão	100
3.2 <i>Selecciones</i> e a constituição do sentido do estereótipo da <i>ameaça nipônica</i>	106
3.2.1 O inimigo declarado	111
3.2.2 O “bom” japonês e o contexto da Guerra Fria	116
3.3 Inferências parciais	120

Capítulo IV

4 A Alemanha nazista e os Estados Unidos: percepções e significações para o estereótipo do nazismo	124
4.1 A efetivação da inimizade: a guerra contra o nazismo	129
4.1.2 A re-significação do estereótipo: a derrota nazista e o após guerra	132
4.2 <i>Selecciones</i> e o estereótipo do “complô” nazista e a sua expansão para o Continente Americano	135
4.2.1 A expansão na Europa e a possibilidade de uma dominação nazista	140

4.2.2 A re-significação: Alemanha: o baluarte da democracia ante a expansão do comunismo	144
--	-----

4.3 Inferências parciais	151
--------------------------	-----

Capítulo V

5 A origem das percepções sobre o comunismo	154
---	-----

5.1 Da “cortina de ferro” a Doutrina de Truman	157
--	-----

5.1.2 O Plano Marshall e a OTAN: passos em direção ao estereótipo do inimigo soviético	162
--	-----

5.1.3 O inimigo comunista ataca na Ásia, a guerra da Coréia	164
---	-----

5.1.4 As origens da aliança entre os Estados Unidos e a União Soviética	166
---	-----

5.2 <i>Selecciones del Reader's Digest</i> e as imagens do comunismo antes da Segunda Guerra Mundial	169
--	-----

5.2.1 O comunismo durante a guerra fria	176
---	-----

5.3 Inferências parciais	185
--------------------------	-----

Considerações finais	188
----------------------	-----

Referências bibliográficas	192
----------------------------	-----

Bibliografia	196
--------------	-----

Introdução

A origem deste trabalho reside numa percepção que tivemos ao longo do mestrado: a significação de estereótipos é um aspecto constitutivo e constituinte do mito do *american way of life*. Na ocasião analisamos a difusão da ideologia norte-americana, no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, através da *Revista Seleções do Reader's Digest*.¹ Para tanto, partimos do referencial teórico e metodológico proposto John Thompsom, que apresenta uma série de “categorias” para a operação da ideologia nos meios de comunicação.² A partir do aprendizado e do conhecimento construído durante o mestrado intuímos que o processo de constituição de um significado para o *american way of life* e seus antípodas foi além do limites geográficos brasileiros e que a imprensa em geral, e em especial, *Selecciones* colaborou no intento publicando uma grande quantidade de artigos e resenhas que “imaginavam” o sentido dos contrários do *american way of life*.

A partir destas considerações, cabe enfatizar que o objetivo principal desta pesquisa é analisar de que forma a revista *Selecciones* imaginou, em seus artigos e resenhas, os estereótipos do *american way of life* entre dezembro de 1940 e o final de 1950. Nessa perspectiva, buscaremos analisar as mensagens veiculadas em *Selecciones* que descreviam, narravam e informavam os leitores sobre a imagem dos antípodas do *american way of life* através de “associações permanentes” a aspectos considerados negativos ou contrários aos mitos que lhe embasavam.³ Buscaremos, assim, analisar as matérias veiculadas em *Selecciones del Reader's Digest* como expressões do imaginário do *american way of life* e forma de constituição do sentido de seus estereótipos de ameaças e alianças contingentes. Partimos, portanto, do ponto de vista da sociedade norte-americana. Cabe o registro de que não tencionamos afirmar que foi somente através de *Selecciones* que se deu o referido processo. A imprensa norte-americana em geral imaginou cada qual seguindo a sua orientação editorial, os traços e características dos “inimigos” que

¹ Scherer Júnior, Charles. Texto e Contexto: Scherer Júnior, Charles. Texto e Contexto: a *Revista Seleções do Reader's Digest* e a difusão da ideologia norte-americana, no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, 1942/1945. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGH da PUCRS, Porto Alegre, 2004. Doravante, chamaremos a edição em espanhol de *Selecciones*, a versão em português de *Seleções* e, quando for necessário iremos referir a edição em inglês utilizando somente a palavra *Digest*.

² Thompsom, John B. Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na Era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

³ No próximo capítulo teremos a oportunidade de considerar a questão dos mitos e estereótipos com mais detalhes e profundidade. Fica o registro, desde já, que consideramos a questão dos mitos políticos a partir da constituição do sentido de seus estereótipos e partindo de uma concepção onde ambos co-existem e que tal relação é necessária e complementar. Os mitos necessitam dos estereótipos para se manterem enquanto mitos.

colocavam a existência do *american way of life* em risco.⁴ A revista *Selecciones*, por sua vez, foi além das fronteiras e midiou, em plena década de 1940, a imagem dos estereótipos para todo o Continente Americano.

Em relação a nossa escolha de *Selecciones del Reader's Digest* devemos destacar que tal se deu face a riqueza que o periódico oferece como fonte, principalmente, para uma análise da imagem dos estereótipos, tema muito abordado pela revista. Além disso, o contexto em que *Selecciones* começou a circular na América de língua hispânica também colaborou na escolha, porque foi uma época na qual os Estados Unidos necessitavam do apoio político das repúblicas “latinas” face a *ameaça externa* então personificada nas nações que compunham o *Eixo*, e para tanto se prestaram a uma “política de boa vizinhança” que incluía, como veremos adiante, uma descrição positiva dos ibero-americanos contrariando toda o imaginário norte-americano que sempre os concebeu como “atrasados”. A publicação de *Selecciones* foi parte do esforço de guerra do governo norte-americano em parceria com os editores do *Digest*. Conforme assevera John Heidenry, o *Digest* em 1938:

“lançou a edição Britânica [...]. Dois anos depois [1940], em Havana, a primeira edição em língua estrangeira começou com a publicação de *Selecciones del Reader's Digest*. Ambas as edições foram lançadas em cooperação com o Departamento de Estado dos Estados Unidos e eram parte do esforço de propaganda contra as forças do Eixo”.⁵

Um outro aspecto que contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho foi a percepção de que a constituição de “ameaças” é uma característica constitutiva e constituinte do *american way of life* devido à sua base mitológica que opõem, desde a sua mais remota origem, a oposição entre duas categorias de percepção: a *civilização* e a

⁴ Além dos periódicos, o cinema também pode ser considerado como parte atuante no processo de constituição de sentidos para os estereótipos do *american way of life*, bem como outras formas de comunicação.

⁵ *Thiers was the kingdom*. Lila and DeWitt Wallace and the story of the Reader's Digest. New York: W.W. Norton & Company, 1993, p.121. Grifado no original. O acréscimo é nosso. No original: “launched a British edition [...]. Two years later, in Havana, the first foreign language edition was begun with the publication of *Selecciones del Reader's Digest*. Both editions were begun in cooperation with the U.S. State Department as part of its propaganda effort against the Axis powers”. No próximo capítulo vamos analisar com mais atenção um pouco da história do *Reader's Digest* e de *Selecciones*.

natureza.⁶ Como bem observa Tom Engelhardt: “los expertos en ‘asuntos comunistas’ solían decir que los Estados comunistas no podían existir sin enemigos externos. Ironías de la vida, esta misma cuestión ha resultado vital para la identidad nacional americana. ¿Se puede imaginar ‘América’ sin enemigos y sin el relato de su aniquilamiento y de nuestro triunfo?”⁷

A partir dessas considerações, e ainda que não seja o tema específico deste trabalho, desejamos tecer alguns comentários sobre o *american way of life*. Assim, primeiramente devemos considerá-lo como um termo que vem sendo usado para significar muitas coisas e variados pensamentos como se fosse um só. Entretanto, a complexidade de sua constituição torna impossível a sua delimitação exata. Tal tentativa implicaria em um reducionismo de aspectos, ou, o contrário a ampliação do leque seria tamanha que impossibilitaria a tarefa.⁸ Porém, a complexidade intrínseca ao processo não impede, no nosso entendimento, uma análise dos contrários daquele “way of life” veiculadas em *Selecciones* e, a partir daí uma tentativa de aproximação ao próprio significado de alguns aspectos pertinentes àquele mito, ainda que tal não seja o objetivo principal deste trabalho. Para tanto, a importância do contexto social e histórico não pode ser desconsiderada porque dele advém partes importantes para o processo em si.

A justificativa para a adoção do corte temporal situado entre o mês de dezembro de 1940 e o final de 1950 reside numa multiplicidade de fatores que referem tanto ao seu início quanto ao seu encerramento. Os aspectos pertinentes a dezembro de 1940 vão além da data de lançamento de *Selecciones*. O contexto da época é fundamental para a questão. A política externa norte-americana para a América Latina, intitulada “boa vizinhança”, que vinha para combater a alegada “expansão da influência” dos países do Eixo na região, necessitava ser mostrada ao seu público alvo. Além disso, o período

⁶ Essa oposição de percepções é a tese principal de Frederick B. Pike, autor de quem apropriamos alguns conceitos e que aprofundaremos as discussões no próximo capítulo.

⁷ El fin de la cultura de la victoria. Estados Unidos, la guerra fría y el desencanto de una generación. Barcelona/Buenos Aires: Paidós, 1995, p33. O grifo é nosso.

⁸ Não é demais enfatizar que este trabalho tem como objetivo principal a análise dos estereótipos do *american way of life* constituídos nas páginas da revista *Selecciones del Reader's Digest* entre 1940 e 1950. Nesse sentido, estaremos focados no processo de significação daqueles que se projetavam contra o mito do *american way of life* e não na análise desse último. Para maiores considerações sobre o *american way of life* ver, especialmente: Barnes, Harry Elmer. & Ruedi, Oreen M. The american way of life. Our institutional patterns and social problems. New York: Prentice Hall, 1942; Feldman, Saul D. & Thiebar, Gerald W. Life styles: diversity in american society. Boston: Little Brown and Company, 1972.

transcorrido entre 1940 e 1950 oferece ao pesquisador a oportunidade de analisar vários estereótipos e suas re-significações.

Os aspectos pertinentes ao encerramento de nosso corte cronológico, dezembro de 1950, referem ao contexto e, também, ao conteúdo das matérias veiculadas em *Selecciones*. Em relação ao contexto, cabe destacar que a constituição do significado do estereótipo do comunismo atingiu o seu ponto forte por volta do início de 1950, ocasião em que a guerra da Coreia colocou frente a frente e em combate as forças regulares de dois exércitos efetivando o enfrentamento direto entre as duas ideologias. Além disso, após 1949, e especialmente ao longo da década de 1950, o estereótipo do comunismo foi de certa forma, colocado de lado no sentido de que os relatos e descrições de um enfrentamento nuclear entre a União Soviética e os Estados Unidos assumiram um papel preponderante na mídia em geral. O imaginário da destruição atômica colocou os norte-americanos num dilema: assumir a iniciativa de agredir primeiro o adversário comunista e contrariar a “tradição” que apontava o uso da força como forma de defesa legítima, ou esperar por um ataque nuclear soviético para, num segundo momento, revidar. E mais: em nosso entendimento, a análise da significação dos estereótipos e suas possíveis transmutações de sentido são mais bem apreendidas em um espaço mais reduzido de tempo, sem que tal implique em perdas para o trabalho. Nessa perspectiva, entre dezembro de 1940 e o final de 1950, como veremos ao longo deste trabalho, o processo de constituição de sentidos para os antípodas do *american way of life* atingiu não só aos inimigos do tempo da Segunda Guerra, mas outros estereótipos também foram contemplados.

A partir dessas considerações devemos destacar que no capítulo 1 trataremos das questões teóricas e metodológicas que orientam este trabalho, além de considerarmos alguns pontos sobre a importância do estudo dos mitos e estereótipos. Nesse sentido, concentraremos nessa parte do trabalho todas as considerações teórico-metodológicas que utilizaremos para numa etapa posterior adentrar a questão principal que nos ocupa. Além disso, aproveitaremos o primeiro capítulo para aprofundar as discussões em relação a origem dos estereótipos na sociedade norte-americana bem como elaboraremos uma “breve” história do *Reader's Digest* e de *Selecciones*.

O capítulo 2 será dedicado à contextualização e análise do estereótipo do “latino” ao longo do período decorrido entre 1940 e 1950. Nessa parte do trabalho, teremos

oportunidade de contemplar a forma com que a revista *Selecciones* imaginou os ibero-americanos em um contexto onde a seu apoio político era fundamental para os interesses dos Estados Unidos. Nessa perspectiva, tentaremos evidenciar que as descrições positivas dos “latinos” tiveram sua origem na necessidade dos norte-americanos de fazer frente ao aumento da influência da propaganda dos países do Eixo na região. Para tanto, como se sabe, foi elaborada a “política da boa vizinhança” que deveria congrega os países do Continente sob a bandeira do pan-americanismo sob a liderança dos Estados Unidos e na luta contra uma *ameaça*, alegadamente, comum a todos. Entretanto, conforme destacaremos na ocasião, os acordos políticos pactuados entre os “bons vizinhos” ocultavam a dominação que pré-existia em sua concepção.

O capítulo 3 será destinado à análise e contextualização do estereótipo do japonês no período anterior a Segunda Guerra, durante o conflito e no período da guerra fria. Nessa perspectiva, buscaremos evidenciar que houve uma significativa mudança na percepção dos japoneses ao longo do período em questão, e que tal mudança estava relacionada com o respectivo contexto onde estava inserida. Desse modo, o japonês será descrito, num primeiro momento como uma possível ameaça, que face à agressão perpetrada em Pearl Harbor, em dezembro de 1941, passou para a categoria de inimigo e seu sentido foi re-significado após o término da guerra para a condição de aliado dos países democráticos na luta contra a nova/velha ameaça: o comunismo.

No capítulo 4 trataremos da questão da constituição do estereótipo do “nazismo” buscando evidenciar a sua significação e também as re-significações que ocorreram em torno de seu sentido. De modo muito similar ao caso do antípoda do japonês, o estereótipo do “nazismo” significou enquanto durou o conflito mundial e teve o sentido transmutado para a condição de aliado após a Segunda Guerra Mundial.

No último capítulo, destinaremos nossa atenção para a contextualização e análise daquele que foi o mais ameaçador antípoda do *american way of life*: o comunismo. Nesse sentido, buscaremos evidenciar que a imagem do comunismo, ao contrário dos japoneses e alemães, não sofreu nenhum tipo de re-significação tendo sido sempre associado a aspectos negativos. Destacaremos que, nem mesmo durante o período em que os soviéticos estiveram ao lado dos norte-americanos na luta contra o Japão e a Alemanha nazista a sua imagem foi associada a aspectos positivos e que *Selecciones*, como veremos,

apresentou um modo muito “original” de acompanhar as orientações da política externa norte-americana em relação a questão da aliança com os russos.

Antes de passarmos ao texto do trabalho gostaríamos de registrar que a metodologia de contextualização de cada estereótipo antes de sua análise se fez necessária, no nosso entendimento, devido a questões pontuais que referem a assuntos específicos. Desta forma pensamos que pontuando de modo mais detalhado o contexto antes da análise propriamente dita podemos destacar algumas especificidades pertinentes a cada caso. Além disso, elaboramos um quadro onde constam todas as matérias que *Selecciones* veiculou em relação a cada estereótipo estudado neste trabalho, que está no final do primeiro capítulo.

Capítulo I

1 Mitos, estereótipos e imaginário.

A proposta principal deste trabalho, ou, a tese em que ele está embasado refere-se ao estudo das formas pelas quais se re-constituiu o sentido dos estereótipos da cultura norte-americana entre os anos de 1940 e 1950 partindo da idéia que aponta o processo de significação de antípodas como uma característica, constitutiva e constituinte, do que se costuma chamar de *american way of life*. Os estereótipos são os contrários de toda significação positiva que os mitos podem carregar. O mito do *american way of life* tem sido mantido devido a uma constante significação, e re-significação, de modelos contrários, estereótipos. Na qualidade de mito, ele fornece as justificativas, explicações, e, eventualmente, reproduz as relações de dominação que permeiam o seu significar. A constituição de sentidos para os seus contrários, os antípodas do *american way of life*, é parte desse imbricado processo no qual a imprensa tem uma significativa participação. Nessa perspectiva, para que tenhamos a oportunidade de investigar o objetivo central que se refere em especial aos estereótipos e sua constituição, adentramos no tema dos mitos políticos. A tentativa de isolar a análise dos estereótipos do *american way of life* dos mitos que lhe são pertinentes implicaria em perda de significação e relevância para esta pesquisa. A partir destas considerações, desejamos conceituar o termo mito, além de salientar as discussões em torno de seu significado para, num segundo momento, passar à análise dos estereótipos. Tal orientação é necessária na medida em que entendemos os mitos e os estereótipos como um par de opostos inseparáveis; os estereótipos são antípodas dos mitos políticos. Para tanto, nos apoiaremos em algumas idéias defendidas por Raoul Girardet⁹. Segundo o autor, a expressão *mito* tem sido utilizada de maneiras tão diversas que seu sentido adquiriu uma conotação polissêmica: “considerando-se a pluralidade de interpretações que lhe atribui a linguagem comum, um persistente equívoco continua, com efeito, a cercar o próprio termo mito”.¹⁰

⁹ Girardet, Raoul. Mitos e mitologias políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. A interação, a coexistência e a interdependência entre os mitos políticos e os seus respectivos estereótipos foi amplamente analisada por outros autores, em especial, *Frederick Pike*, na obra intitulada: “The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature”. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995. No seguimento deste capítulo teremos a oportunidade de debater mais profundamente com tal autor as questões relativas aos estereótipos, em especial, além de apropriarmos dele alguns conceitos.

¹⁰ Girardet, Raoul. Op.cit, p.12. Os grifos são nosos.

A argumentação de Girardet é uma tentativa de delimitar o conceito através de um debate com autores, ou correntes de pensamento, que trabalharam com questões referentes à mitologia em geral, ou ao mito em especial. Para apresentar um conceito reformulado do mito a partir dessa crítica, *Girardet* identifica três concepções acerca do termo, e suas respectivas funções. Segundo ele:

“para os antropólogos e os historiadores do sagrado, o *mito* deve ser concebido como uma narrativa: *narrativa* que se refere ao passado (‘Naquele tempo...’, ‘Era uma vez...’), mas que conserva no presente um *valor* eminentemente *explicativo*, na medida que esclarece e justifica certas peripécias do destino do homem ou certas formas de organização social”.¹¹

E prossegue:

“para outros, em compensação, a noção de *mito* permanece *confundida* com a de *mistificação*: ilusão, fantasma ou camuflagem, o *mito* altera os *dados* da observação experimental e *contradiz* a *regras* do raciocínio lógico; interpõe-se como uma tela entre a verdade dos fatos e as exigências do conhecimento”.¹²

E ainda:

“para outros, enfim, leitores de *Georges Sorel* e das *Réflexions sur la violence*, o *mito* é essencialmente apreendido em sua *função* de animação *criadora*: ‘conjunto ligado de imagens motrizes’; segundo a própria fórmula de *Sorel*, ele é *apelo* ao *movimento*, incitação à ação e aparece em definitivo como um *estimulador* de energias de excepcional potência”.¹³

¹¹ Girardet, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.12/13. Os grifos são nossos.

¹² Girardet, op.cit, p.13. Os grifos são nossos. Segundo o autor são três os exemplos dessa corrente de pensamento que coloca o mito qual mistificação: “[...] Roland Barthes, *Mythologies*, Paris, Ed. Du Seuil, 1957; Alfred Sauvy, *Mythologies de notre temps*, Paris, Payot, 1965; Raymond Ruyer, *Les nuisances idéologiques*, Paris, Calmann-Lévy, 1972”, op.cit, nota 3, p.194.

¹³ Idem, *ibidem*, p.13. Os grifos são nossos.

Em tom de crítica e insatisfação, Girardet assevera que: “cada uma dessas formulações parece efetivamente corresponder a alguns dos principais aspectos do mito político, [...]. Contudo, nenhuma parece suscetível de esgotá-lo, nem mesmo de abarcar seu conteúdo”.¹⁴ Em relação às duas últimas ‘correntes de pensamento’ refere o autor que: “nem *Gaston Bachelard*, nem *Claude Lévi-Strauss* situaram-se, no interior do tempo histórico, no quadro de um espaço cronológico medido e datado. Nem um nem outro, aliás, aproximou-se dessa dimensão do imaginário, a dimensão política...”.¹⁵ Para Girardet:

“o mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. É verdade ainda que esse papel de explicação se desdobra em um papel de mobilização”.¹⁶

As considerações apresentadas por Girardet destacam as principais funções do mito, além de sua inter-relação com os aspectos do imaginário político. Segundo afirma o autor: “[...] as manifestações do imaginário mitológico apresentam, com efeito, certo número de traços comuns. Elas pertencem, em outros termos, a um sistema particular de discurso ou [...] a modos originais de expressão [...]”.¹⁷ O entrecruzamento do conceito de mito com o de imaginário na concepção de Girardet se dá em função da importância do último como o *locus* onde ocorre a significação dos mitos, e nós acrescentamos, dos estereótipos também. O imaginário político não é dado, é constituído tanto em termos de mitos quanto de estereótipos. E, em ambos os casos, existe um caráter de acessibilidade em relação aos seus processos de constituição, e re-significação.¹⁸ Para Girardet, os mitos possuem uma estrutura, eles se encadeiam em uma sucessão de imagens que obedecem a

¹⁴ Girardet, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.13.

¹⁵ Girardet, R. *Op.cit*, p.19. Grifado no original.

¹⁶ Girardet, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 13. Outros autores também analisaram a questão do mito entre eles: Campbell, John. *O Poder do mito*. São Paulo: Palas Athenas, 1990; Raphael, Ray. *Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos. A verdadeira história da independência norte-americana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

¹⁷ Girardet, R. *op.cit*, p. 14. O conceito de imaginário será referido na seqüência deste capítulo.

¹⁸ Esse caráter de acessibilidade à significação de mitos e de estereótipos será mais bem analisado no seguimento deste capítulo. Para *Girardet*, existe uma “duplicidade nos mitos” querendo significar que mais de um lado pode ter acesso a criação e a interpretação de uma dada mitologia política. Essa mesma expectativa se pode cotejar na obra de outros autores com quem debateremos na seqüência deste trabalho.

uma dinâmica.¹⁹ Em razão das dificuldades que residem na tarefa de lidar com questões que envolvem mitos e mitologias políticas, Girardet aponta a busca por “associações permanentes”²⁰, ou, temas semelhantes como a solução para um estudo frutuoso do problema. Para ele, são quatro os temas básicos que se pode apontar e em torno dos quais oscilam a maioria das constelações, diríamos constituições, de mitos e mitologias políticas.

A proposta de Girardet, apesar das dificuldades que o próprio autor admite existir sobre a questão do estudo dos mitos, tem como prioridade a contextualização histórica, tempo e espaço, onde um determinado apelo à mitologia política pode ser observado. A constituição do sentido desses mitos ocorre no imaginário, que é o *locus* da significação onde se atribui sentido para as percepções. A sua composição não é dada, é constituída, não é estática, é mutável, passível de re-significações. O termo tem sido tratado por muitos autores no decorrer de uma literal ‘evolução’ do conceito. A definição apontada por Cornelius Castoriadis coloca o imaginário como uma habilidade, uma capacidade do ser humano. Para o autor, o imaginário se vale do simbólico para constituir sentidos.²¹ Na área da ciência histórica, Jacques Le Goff explorou o imaginário medieval embora não tenha especificado o seu conceito em relação ao imaginário.²² A antropologia, por sua vez, deu sua contribuição através da obra de G. Durant para quem o imaginário é:

“[...] o conjunto das imagens não gratuitas e das relações de imagens que constituem o capital inconsciente e pensado do ser humano. Este capital é formado pelo domínio do arquetipal – ou as invariâncias e universais do comportamento do gênero humano – e pelo domínio do idiográfico, ou das variações e modulações do comportamento do homem localizado em contextos específicos e no interior de unidades grupais”.²³

¹⁹ Idem, ibidem, p.14.

²⁰ Girardet, op.cit, p.17. Cabe registrar que o autor refere à apropriação do termo às idéias de Claude Levis-Straus.

²¹ Castoriadis, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Cabe destacar que tal autor aponta uma diferenciação entre o simbolismo e o imaginário numa perspectiva onde o segundo necessita da existência do primeiro para se exprimir.

²² Le Goff, Jacques. O imaginário medieval. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. Uma outra obra interessante sobre o imaginário europeu, que versa sobre o poder de cura atribuído aos reis franceses e ingleses no medievo, é o clássico de Marc Bloch, intitulado: Os Reis Taumaturgos. O caráter sobrenatural do poder régio: França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

²³ Durant, G. Estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 1997. **APUD:** Coelho, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997, p.212. A área do conhecimento que refere a antropologia tem uma série de obras que tratam das questões relativas ao imaginário, mitos e mitologias. Nesse sentido, a obra citada é apenas uma entre outras existentes, um exemplo seria aquelas que publicou Claude Levis-Strauss.

Por último, mas não menos importante, se deve registrar a produção de pesquisadores brasileiros em relação ao tema do imaginário, uma produção atual e acurada, que vem aumentando sensivelmente propiciando um debate amplo e abrangente em relação à construção desse conceito.²⁴

A partir dessas considerações, devemos enfatizar que iremos fundamentar nossos argumentos em relação ao mito político a partir das idéias originalmente defendidas por Raoul Girardet. A partir da ênfase daquele autor sobre a necessidade de se estar situado “no interior do tempo, no quadro de um espaço cronológico medido e datado” buscaremos contextualizar o período e o tema que posteriormente analisaremos além de limitarmos nossas análises a uma década, entre 1940 e 1950. Nessa perspectiva, buscaremos evidenciar que através das revistas *Selecciones del Reader's Digest*, entre 1940 e 1950, inúmeras “associações permanentes” foram feitas com relação aos estereótipos do *american way of life*. Nesse sentido, entre 1940 e 1945 houve uma intensa veiculação de matérias que associavam os inimigos representados pelos países integrantes do Eixo, especialmente Alemanha e Japão, com o imaginário norte-americano constituído na época da colonização e da guerra de independência em relação às ‘ameaças’ a que estavam sujeitos colonos e futuros norte-americanos. O processo contrário, de constituição de um sentido positivo para esses estereótipos também era articulado em torno das associações permanentes. Nessa perspectiva, quando os estereótipos do ex-inimigos nazistas e japoneses foram vencidos eles deixaram de ter suas imagens associadas com aspectos negativos, conforme veremos neste trabalho, e foram relacionados com imagens “democráticas” e simpáticas ao *american way of life*. Enquanto que a União Soviética, por sua vez, mesmo tendo sido aliada das nações ocidentais por algum tempo, jamais deixou de ser associada a caracteres ruins. E mais: para dar evidências materiais de sua política externa para as nações ibero-americanas durante a época da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos se valeram dos meios de comunicação em geral, e, em especial de *Selecciones del Reader's Digest*, para constituir uma imagem positiva de suas iniciativas, e de maneira simultânea, dar um sentido positivo

²⁴ Espig, Márcia Janete. Ideologia, mentalidades e imaginário: cruzamentos e aproximações teóricas. Anos 90. Porto Alegre: PPGH- História- UFRGS, n.10, dezembro de 1998; Pesavento, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. IN: Revista Brasileira de História. São paulo, v.15, n.29, 1995.

para a o estereótipo do atraso da América Latina, imagem profundamente enraizada no imaginário norte-americano devido ao seu processo de formação.

Antes de passar para as análises sobre as origens históricas dos estereótipos e dos mitos norte-americanos se faz necessária a ênfase em dois pontos específicos de nosso trabalho. São eles: a) o ponto de vista do qual partimos, ou, o nosso *locus* de análise; b) a questão mais geral a que está submetida a noção de imaginário quando pensada a sua relação com o posicionamento social dos indivíduos, ou grupos, que a manifestam. Nesse sentido, ao longo deste trabalho buscaremos estudar o processo de constituição do sentido dos estereótipos do *american way of life* a partir do prisma dos Estados Unidos. Para tanto analisaremos as matérias veiculadas entre 1940 e 1950 na versão em língua espanhola de um importante meio de comunicação norte-americano que, a partir de 1940, passou a “mediar” para a América Latina as representações que poderiam constituir o significado dos seus antípodas. Dessa maneira não tencionamos perscrutar a questão de como eram recebidas as mensagens de *Selecciones del Reader's Digest*, mas, sim, de que forma o seu conteúdo discursivo e semântico expressava o imaginário dos norte-americanos em relação ao significado das ameaças externas e suas constantes re-significações.

No que toca à questão do imaginário deve-se enfatizar que não se buscará atribuir a significação do sentido dos estereótipos do *american way of life* a uma determinada classe ou segmento daquela sociedade, mas, sim, trabalharemos com a possibilidade de que existe um amplo acesso ao referido processo tanto por parte das classes mais abastadas quanto das menos favorecidas. Nesse sentido, buscaremos entender o referido processo como dissociado de clivagens sociais, econômicas, etc. Colaboram para esta orientação as idéias defendidas por Frederick B. Pike,²⁵ além das recentes considerações apresentadas por João Feres Júnior,²⁶ que cita o exemplo do termo “Latin America” quando este foi submetido a uma pesquisa de opinião pública nos anos de 1940 nos Estados Unidos e cujo resultado apontou que uma esmagadora maioria dos norte-americanos entrevistados imaginava os seus “bons vizinhos” de modo negativo,

²⁵ The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995.

²⁶ A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

estereotipado. Para Feres Jr, tal evidência serve de parâmetro para a afirmação de que a constituição do imaginário não se atém a limites de classes.²⁷

1.1 As origens históricas da constituição dos estereótipos.

Os índios foram de certo modo, e guardadas as devidas proporções, os primeiros “comunistas” da história americana. No tempo da colonização, e durante boa parte do século XVIII, o estereótipo que se constituiu foi o do índio, percebido como selvagem; pagão; pele vermelha; “comunista” porque vivia em regime comunal, sem ter desenvolvido uma sólida noção de propriedade privada, e ainda em simbiose com a natureza. Nas palavras de um dos colonizadores, os índios: “[...] não cercam a terra, não tem habitação permanente e nenhum deles domestica o gado para melhorar a terra, e por isso tem somente o direito natural sobre estas terras. Assim, se deixarmos terra suficiente para seu uso, podemos legalmente tomar o resto”.²⁸ Tais argumentos foram os de que se valeram os americanos para anexar as terras indígenas expandindo o território continental da União ao longo dos séculos, até 1890. Nessa ocasião, o Birô de Censos norte-americano decretou o fim das expansões, o “fim da fronteira”, daquele ano em diante, segundo afirmava aquela autarquia governamental, não haveria mais anexações de novas porções de terra.²⁹ Naquele mesmo ano, conforme destaca Frederick Pike, os americanos se apropriaram de outros oito milhões de acres de terras, tomando-as aos índios, contrariando o decreto do governo.³⁰ Do prisma dos americanos, a causa era legítima porque os índios

²⁷ Para os resultados da pesquisa, ver: Feres Jr, João. Op.cit, p.75 e 76.

²⁸ Diegues, Antonio Carlos Santanna. O Mito Moderna da Natureza Intocada. p. 21; **APUD:** Junqueira, Mary Anne. Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em *Seleções*: Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970. Tese de Doutaramento em História Social apresentada ao FFCH da USP, em 1998, p.72.

²⁹ A relação entre os americanos e a fronteira foi muita bem abordada no célebre estudo de Frederick Jackson Turner, intitulado: *The significance of the frontier in american history*. **IN:** *Proceedings of the State Historical Society of Wisconsin*, December 14, 1893; New York: Dover, 1996. Sobre outras visões da expansão ver: Billington, Ray Allen. *La expansion hacia el Oeste*. Buenos Aires: Editora Bibliográfica Argentina, 1967; Sanderson, Michael & Walsh, Margaret. *The American West. Vision and revision*. Cambridge University Press, 2005; McMurty, Larri & Stegner, Page. *Winning the Wild West. The epic saga of the american frontier, 1800-1899*. Simon & Schuster, 2002.

³⁰ Pike, Frederick B. *The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature*. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995, p. 154. Sobre o massacre dos índios *Sioux*, no final do século

eram “seres inferiores” e selvagens, e a América era a terra dos homens brancos, as criaturas superiores e civilizadas que tinham transformado a natureza das paragens por onde passaram; que tinham edificado a América através do espírito de rebeldia que os levou a se voltarem contra o jugo da Coroa inglesa e lhes deu a condição de livres pelo ato da independência. Para esses americanos, os índios poderiam muito bem se contentar com pequenas, reduzidas, porções de terras localizadas nas áreas denominadas de “reservas”. Mais tarde, devido a novas expansões todo o *quantum* de significado do estereótipo do índio foi transposto aos latinos, com acréscimos, omissões, e re-significações, como veremos ainda neste trabalho.

O *locus* de onde discursavam os americanos contemporâneos dos séculos XVII e XVIII, que bradavam fim aos índios e mais terras para os desbravadores, assumia para si a condição de *Civilização*, porque americana e única, e, a partir desse ponto de percepção, representava os índios na qualidade de seus contrários. Desse modo, os índios, numa condição de assimetria em relação aos americanos, eram associados aos aspectos da *Natureza* e representados na qualidade de selvagens e ameaçadores, e essa foi a dicotomia que marcou, e tem marcado, as percepções dos americanos para com o “outro”, que também chamaremos, aqui, de “não-americano”. Para Pike, a constituição do significado do estereótipo do outro é muito complexa e nela influem, até mesmo, fatores psicológicos.³¹ Além disso, segundo tal autor, não se pode atribuir um caráter de exclusividade a um determinado grupo na elaboração de estereótipos, devendo-se respeitar o grau de acessibilidade que existe no processo.³² Nas palavras de Sander L. Gilman, todos os estereótipos raciais e sexuais provem de projeções, os homens projetam no “outro” todos os aspectos negativos que alegam *não* ter; antes da etapa das projeções existe uma de negação, onde os homens negam ser dessa ou daquela maneira, e daí projetam no “outro”, constituem o ontos negativo daquele estereótipo. Nessa perspectiva, os americanos quando fitavam os índios, ainda no tempo da colonização, negavam qualquer semelhança com aqueles “selvagens” porque eles, os americanos, eram, simbolicamente, representantes de

XIX, ver: Hoxie, Frederick & Ostler, Jeffrey. *The plains Sioux and U.S. colonialism from Clark to Wonder Knee*. Cambridge University Press, 2004.

³¹ Idem, p.14.

³² Pike, Frederick. *The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature*. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995, p.45.

uma civilização, e não viviam em estado de natureza como os índios em seu *wilderness*.³³ Essa oposição de visões são formas de ver o mundo. Para *Edward Said*, são as bases do processo de constituição dos estereótipos desde os tempos antigos, remotos. Segundo ele, ao longo da história, os grupos e raças têm usado essa oposição de percepções para desenvolverem um senso de identificação.³⁴ No caso americano, argumenta *Said*, que as percepções têm sido guiadas por um preconceito racial exacerbado baseado em *falsas e ignorantes* concepções acerca do outro, o não-americano³⁵. O distanciamento, ou assimetrias, entre americanos e não-americanos se dava muito além do quesito racial. Nesse sentido, consideramos impróprias as categorias de análise apresentadas por *Said*, e pensamos que para o entendimento do assunto é necessário, primeiro e principalmente, ter presente a noção de um imaginário constituído a partir de fatos e idéias que se lhe apresentam. Além disso, conforme referimos antes, as assimetrias se davam não só no quesito racial, mas, também, através dele. Desse modo se deve considerar a importância de outros aspectos na constituição do sentido do não-americano, entre os quais se destacam os aspectos econômicos, culturais, sociais e políticos. E mais: em que pese a possibilidade de alguns, ou uma parcela de um determinado grupo de indivíduos de uma dada sociedade perceber de forma negativa os membros de outro agrupamento social não significa que tal percepção seja geral.

A percepção do índio na categoria de inferior foi consubstanciada, também, através da imprensa, que por meio de publicações de vários tipos-folhetins, jornais de

³³ O termo “wilderness” foi trabalhado, no Brasil, de forma precursora pela historiadora Mary Anne Junqueira, autora de quem apropriamos algumas considerações e com quem buscamos dialogar ao longo deste trabalho. Como bem nos ensina Junqueira, o termo “wilderness” é de difícil tradução e a discussão em torno de seu significado não é tão reveladora quanto a análise, ou a busca pela compreensão, da sensação que produz sobre os seres humanos. Nessa perspectiva, o “wilderness” é uma significativa categoria de estudo para uma análise do imaginário norte-americano. Para maiores informações ver, especialmente: Junqueira, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções, Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000. Para Roderick Nash, o “wilderness” é um elemento básico da constituição da identidade e do nacionalismo norte-americano, a idéia de “wilderness”, segundo o autor, teria fornecido elementos para a auto-identificação americana desde os tempos da colonização. Nash, Roderick. APUD: Junqueira, Mary Anne. Op.cit, p.57. Cabe registrar que o “wilderness” como uma categoria de análise, no referencial teórico apontado por Frederick Pike, e que dá embasamento a esta pesquisa, deve ser compreendido como uma parte de uma outra categoria mais ampla elencada por Pike sob o nome de “natureza”; o imaginário norte-americano, de modo geral, foi constituído com base na oposição entre a “civilização” e a “natureza”. Para maiores informações, ver, especialmente: Pike, Frederick. *The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature*. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995.

³⁴ Said, Edward. *Orientalism*. New York, 1978; APUD: Pike, Frederick, op.cit, p.44.

³⁵ Said, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.358.

pequenos *counties*, romances e outros - materializou a imagem dos selvagens sempre em contraposição às representações de civilização.³⁶ Nessa perspectiva, a imprensa desempenhou uma dupla função na sociedade americana ao *mediar* aspectos relativos tanto aos mitos quanto aos estereótipos: ela serviu para fomentar uma noção de identidade daquilo que era “ser”, e, também, sobre o que significava “não ser americano”.³⁷ Além disso, o poder da palavra que a imprensa mobilizava para significar o “não-americano” estava dotado de uma peculiaridade, ou característica própria, qual seja, a de produzir, e re-produzir em larga escala, ou tiragem, determinadas mensagens e conteúdos.

1.1.2 O Destino Manifesto e o imaginário americano.

As percepções do atraso geral a que estavam reduzidos os povos “latinos” deram aos americanos da primeira metade do século XIX, uma certeza coletiva que lhes indicava uma missão a cumprir, qual seja, levar todas as “benesses” da sua sociedade aos demais habitantes do Continente. Isso implicava em ensinar a democracia americana, o livre comércio de bens e capitais ao estilo americano, porém poderia apresentar um *uplift* geral daquelas regiões. Em julho de 1845, o jornalista John O`Sullivan, cunhou o termo *Destino Manifesto* num editorial do *United States Magazine and Democratic Review*, como

³⁶ Pike, Frederick. *The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature.* University of Texas Press, Austin/Texas: 1995, p.48.

³⁷ A imprensa norte-americana dos séculos XVII e XVIII já se destacava pelo seu grande número de publicações, que embora simples em maquinaria e técnicas, podiam produzir farto material impresso que atingia ampla faixa da população. Sem desejar adentrar na questão da história da alfabetização dos Estados Unidos desejamos afastar, neste caso, o contra argumento, muito utilizado no meio acadêmico para contestar trabalhos que tomam a imprensa como fonte de pesquisa, que se propõem a levar em conta os índices de analfabetismo numa afirmação sobre a possibilidade de expansão de um dado conjunto de idéias numa determinada área geográfica. Isso porque, no caso americano a escola acompanhou o desenvolvimento das cidades, os moldes escolares foram trazidos da Inglaterra, e em alguns casos adaptados para as condições das colônias. Para uma história da escola/ensino nos Estados Unidos, ver, especialmente: Fraser, James W. *The School in the United States. A documentary history.* McGraw Hill Companies, 2000; Spring, Joel. *The American School: 1642-2000.* McGraw Hill Companies, 2000. Sobre a história da imprensa nos Estados Unidos, ver: Brigham, Clarence S. *History and biography of american newspapers.* Worcester/Massachusetts, American Antiquarium Society, 1947. Conforme destaca Edwin Emery, existia muita semelhança entre a imprensa britânica e aquela que se instalou nas colônias, os primeiros jornais americanos eram os “corantos”, tipo de publicação notadamente inglesa de uma só página e impressa em face única a um alto custo. A modernização das técnicas, porém, permitiu significativa melhora nas impressões e publicações; IN: *História da imprensa nos Estados Unidos.* Rio de Janeiro: Lido, 1965, p.02/03. Para uma história mais atual da imprensa americana, especialmente para os anos entre 1930 e 2000, ver: Richie, Donald. *Reporting from Washington. The history of the Washington Press Corps.* Oxford University Press, 2005.

expressão que deveria representar o *mind-set* do povo americano na condição de eleitos por Deus para comandar o mundo.³⁸ Conforme argumentava *O'Sullivan*: “o braço avançado do irresistível exército da emigração Anglo-saxã já começou a se estender sobre a Califórnia, armado com arado e o rifle, e deixando ao longo do seu caminho escolas e faculdades, tribunais e câmaras legislativas, moinhos e casas de reunião”.³⁹ A expressão de *O'Sullivan* deve ser entendida a partir do contexto onde se situava e em hipótese alguma pode ser tomada como precursora do expansionismo americano porque é um termo forjado *ad hoc*, sua significação no imaginário da sociedade americana era anterior àquela época. Contudo, é interessante notar o quanto ilustrava e revelava, de modo simultâneo, as latentes pretensões dos americanos dos anos de 1840, e as futuras, também. Na concepção de *O'Sullivan*, tomando-a como uma expressão individual de um imaginário forjado numa coletividade, a mitologia do progresso, cingida de uma aura de missão divina, com seus anjos e demônios, deveria ser estendida ao alcance de todos os *outros*, os não-americanos. Nas palavras de Mendes:

“[...] o Destino Manifesto [...] propunha o avanço não somente por áreas pouco povoadas, mas a primazia dos norte-americanos sobre as áreas adjacentes, bem como a predestinação a uma tarefa a ser desempenhada sobre os povos que nessas regiões habitassem. [...] Sob a inspiração do Destino manifesto –que pregava a fama, a glória e o dever messiânico que cabiam à nação americana– e em função do simultâneo aparecimento de interesses econômicos e político-estratégicos fora desse espaço, iniciaram-se, ao longo da década de 1840, as primeiras ações externas dos Estados Unidos enquanto nação imperialista”.⁴⁰

As premissas teleológicas e pragmáticas serviram de justificativa e de base legitimadora no ato dos americanos de anexarem, em 1845, a região onde atualmente se localiza o estado do Texas. Em 1848, o México cedeu outra vasta porção de terra que

³⁸ A expressão “destino manifesto” é um termo recorrente para referir ao período de expansão dos americanos nas décadas de 1840 e 1850, em especial para designar, num primeiro momento, os movimentos de ocupação dos territórios em direção ao Oceano Pacífico. Em outras ocasiões, a justificativa de que era o “destino manifesto” que levava os americanos a expandir seus domínios foi retomada e re-significada.

³⁹ APUD: Stephanson, Anders. *Manifest Destiny: American expansionism and the empire of right*. New York: Hill and Wang, 1995.

⁴⁰ Mendes, Ricardo Antonio Souza. América latina –Interpretações da origem do imperialismo norte-americano. P.185. IN: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, São Paulo, PUCSP, n.51, julho/dezembro 2005, p. 167-188.

redundou em outra significativa ampliação do território americano.⁴¹ As ações expansionistas foram justificadas com o argumento de que as terras adquiridas ou anexadas seriam como um “*wilderness*”, que necessitava do trabalho transformador do homem branco, ou civilizado, para evoluir em direção ao progresso. No imaginário americano, os habitantes de origem espanhola e fé católica eram incapazes de desbravar os aspectos naturais de seu habitat e transformá-los em riquezas. Nessa perspectiva, a atitude de tomar para si territórios que pertenceram outrora a outros povos, nativos ou colonizadores, e que tinham organizações sociais e culturas próprias era legítima porque visava à melhoria geral das novas regiões, até então em estágio de atraso, e porque havia um direito natural dos americanos sobre as terras do Novo Mundo.

1.2 Os fundamentos religiosos do imperialismo.

O processo de expansão dos Estados Unidos, também chamado de imperialismo⁴², tem parte de seus fundamentos embasados em aspectos religiosos. Essa

⁴¹ O território original das Treze Colônias foi ampliado sucessivas vezes até formar o que se conhece na atualidade por limites geográficos dos Estados Unidos. Em 1783, os americanos colheram os frutos de sua revolta contra a Coroa Inglesa e acaparraram boas quantidades de terra baixo um tratado firmado com a mãe pátria; em 1803, a Louisiana foi comprada; a Flórida, por sua vez, foi “cedida” pelos espanhóis aos americanos em troca de indenizações financeiras. A anexação do Texas e a solução da questão do Oregon, em 1846 em favor dos americanos, além da compra do Alaska, em 1867, configuraram a fase última da expansão interna, ou Continental. No século XX, os *limes* foram ampliados a partir de uma política externa pautada pela re-criação de novas fronteiras.

⁴² O termo “imperialismo” será entendido neste trabalho como o processo de dominação onde os Estados Unidos através da ação política estabeleceu, sustentou e ampliou a sua influência e a defesa de seus interesses em detrimento de outros grupos de indivíduos e nações, não exigindo como condição *sine qua non* a utilização de força armada. O bloqueio econômico imposto a Cuba desde o século passado pode ser tomado como um exemplo destituído de fardas e aparatos militares. Cabe destacar, ainda, que é necessário, embora as vezes pareça difícil, esvaziar o termo “imperialismo” de todo o caráter pejorativo e reducionista que o mesmo incorporou ao longo da sua história para otimizar o entendimento de seu *quantum* de significação social e histórica. Além disso, é necessário destacar que, embora alguns autores defendam que o termo só pode ser empregado para a história norte-americana posterior a 1898, nós o compreenderemos, em concordância com as idéias de Ricardo Antonio Souza Mendes, que a sua origem remonta a primeira metade do Século XIX. Para Mendes, na época da Doutrina do Destino Manifesto os Estados Unidos já demonstravam atitudes “imperialistas”. Para maiores informações ver, especialmente: Mendes, Ricardo Antonio Souza. América Latina –Interpretações da origem do imperialismo norte-americano. P.185. IN: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, São Paulo, PUCSP, n.51, julho/dezembro 2005, p. 167-188. Para versão de que o termo só pode empregado após 1898, veja: Winks, Robin W. O Imperialismo. IN: Woodward, C. Vann. Ensaio comparativos sobre a história americana. São Paulo: Cultrix, s.d, p.262-279. Para assuntos relacionados com a política e a economia veja: Brown, Michael B. La economia política del imperialismo. São Paulo: Zahar, 1978. Magdoff, Harry. A Era do Imperialismo. A Economia da Política Externa dos Estados Unidos. São Paulo: Hucitec, 1978. Em relação as questões

fundamentação religiosa forneceu a justificativa para a ampliação da dominação norte-americana em termos internos e para além de suas fronteiras; legitimou a idéia de predestinação do povo norte-americano; constituiu o imaginário daquele povo com imagens positivas sobre a ação benevolente de fazer o bem. A origem do processo tem suas raízes na época da colonização. Num primeiro momento, a religião foi uma das resonsáveis pela vinda dos imigrantes ingleses ao Novo Mundo, e no decorrer do período de colonização serviu de motivação para que outros grupos étnicos-religiosos também buscassem as terras do Continente Americano face a possibilidade de liberdade de culto e religião. Conforme destacava René Remond:

“após revogação do Edito de Nantes, uma corrente da emigração protestante se dirige para a América. A diversidade das opiniões políticas e das crenças religiosas não é menor. Todos aqueles que fogem da dominação de uma facção rival ou que podem temer por sua fé, desembarcam nas margens do Potomac e do Hudson. A história política e religiosa inglesa do século XVII se reflete assim por tabela na do povoamento americano. Todos os movimentos de um período particularmente fértil de agitações, concorrem para engrossar a corrente migratória”.⁴³

E mais: “essa imigração tem um caráter específico que deixará uma marca duradoura na mentalidade americana. Puritanos ou católicos, esses imigrantes obedeceram a considerações religiosas. Puseram a liberdade de crença e a liberdade de praticar a sua religião acima das vantagens de carreira e de seu bem-estar”.⁴⁴

econômicas do imperialismo ver: Radnitzky, Gerard (et.all). New York: Paragon House, 1987; Sobre os reflexos do processo nas questões linguísticas veja: Phillipson, Robert. Linguistic Imperialism. Oxford University Press, 1992. Para algumas versões mais recentes sobre o imperialismo, ver: Bandeira, Moniz, A formação do império americano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005; Lens, Sidney. A fabricação do império americano. Da Revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

⁴³ História dos Estados Unidos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961, p.10. Cabe destacar uma diferenciação necessária para o bom entendimento do aspecto religioso: os protestantes ingleses que migraram para a América do Norte eram, em sua maioria, seguidores da doutrina calvinista, conforme as idéias de *João Calvino*, que de modo muito similar a *Marthin Luthero* se revoltava contra a Igreja Católica no século XVI. As idéias de *Calvino*, assim como as de *Luthero*, se disseminaram pela Europa e deram origem a um movimento contrário ao catolicismo que imperava na época. Os seguidores de calvino se distinguem de outras doutrinas protestantes em alguns pontos: a) crença no dogma da predestinação e da graça; b) seus sacramentos se reduziam ao batismo e à eucaristia e esses se investiam, tão-somente, de seu valor de símbolo. O sistema e a doutrina de *Calvino* também incluía uma forma de governo da Igreja, o presbiterianismo, onde o poder eclesiástico estaria dividido entre pastores e leigos.

⁴⁴ Remond, René. História dos Estados Unidos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961, p.10.

O estabelecimento dos colonos em território americanos se deu a partir de três grandes grupos. São eles; a) o grupo da Nova Inglaterra; b) o grupo do sul; c) o grupo intermediário. Sobre a importância dessa divisão inicial, Remond refere que:

“ao crescer, esses estabelecimentos se individualizam e sua originalidade se define. Tres grupos principais se esboçam, distinguindo-se por suas atividades produtivas, pela forma de sua sociedade política e mesmo por seu gênero de vida. [...] O contraste mais nítido opõem o grupo mais setentrional ao das colônias meridionais. Essa diferenciação é de grande importância [...], pois ela traz em embrião o antagonismo do Norte e do Sul, cuja exasperação conduzirá à Guerra de Secessão”.⁴⁵

O grupo que se encarregou do povoamento da região *Norte* e que fundou ali as quatro colônias da Nova Inglaterra trouxe consigo os fundamentos religiosos de ordem puritana. Segundo Remond:

“povoadas na maioria por puritanos, estas colônias são aquelas onde o caráter religioso é mais nítido e marcará mais profundamente com seu traço a fisionomia moral e a vida pública. [...]. A religião aí governa não somente a vida privada, a da família como também rege a vida pública. [...] O Estado está intimamente ligado à igreja e qualquer um que se afaste da Igreja se isola *ipso facto* da sociedade civil. A intolerância se estende das crenças aos costumes, [...]. Essa coerção religiosa e moral impregna toda a sociedade de um matiz de austeridade”.⁴⁶

E mais:

“a religião preside até as coisas intelectuais, que nasceram na Nova Inglaterra mais cedo que alhures. A atividade econômica, a procura do lucro não fazem mal à vida do espírito; [...]. Esta marca posta pela religião nos primeiros estabelecimentos não desapareceu inteiramente dos Estados Unidos, pois mesmo sua política exterior se inspira muitas vezes no seu moralismo, nas considerações que regiam essas pequenas comunidades. A religião marca também a vida política”.⁴⁷

⁴⁵ Idem, op.cit, p.11.

⁴⁶ História dos Estados Unidos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961, p.12. Grifado no original.

⁴⁷ Idem, ibidem.

A orientação protestante colaborou no processo de constituição do sentido de seus antípodas, que num primeiro momento foram os índios, e posteriormente, os latinos. Nessa perspectiva, o momento do contato entre os elementos protestantes e os índios gerou, a princípio, um espaço vazio onde a não-compreensão religiosa foi suprida com uma interpretação. A hermenêutica protestante para os rituais e crenças indígenas colocou os últimos na qualidade de pagãos. A transposição do significado do paganismo indígena aos elementos de origem ibérico-americana se deu por ocasião da expansão das fronteiras dos Estados Unidos. Conforme referia Pike: “virtualmente partilhando de idênticas falhas, índios e latinos se mantiveram inalterados, em estado de natureza. E, em consequência de seu enfraquecimento moral, cultural e possivelmente racial, eles mantiveram as suas terras num permanente estado de natureza, que tornava-o convidativo ao homem civilizado para dele apoderar-se e aperfeiçoá-lo”.⁴⁸

A religião e a religiosidade impeliavam os norte-americanos a uma busca por riquezas a partir do momento que os colocava na qualidade de escolhidos, predestinados, e também quando defendia a transformação dos recursos naturais para bem estar dos homens. Os atos contrários a essas orientações eram percebidos e descritos como pagãos ou atrasados. A busca pela riqueza era abençoada, e sua obtenção a prova maior da predestinação de um indivíduo ou de uma nação.⁴⁹

⁴⁸ Pike, Frederick. *The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature.* University of Texas Press, Austin/Texas: 1995, p. 99. No original: “Sharing virtually identical flaws, Indians and Latinos left themselves unimproved, in a state of nature. And, in consequence of their moral, cultural, and possibly racial debasement, they also left the land they claimed in an unimproved state of nature, thereby, virtually inviting civilized men to seize and improve it”.

⁴⁹ A predestinação nos moldes propostos por Calvino apontava para a possibilidade de que tal “graça” estava ao alcance de todos aqueles que se julgassem escolhidos por Deus. Vale registrar que tal implicava em aceitar os postulados religiosos contidos na Doutrina de Calvino. Tal fato é interessante e estava relacionado com questões pertinentes ao processo de identificação individual e coletiva e o imaginário. Nessa perspectiva, o indivíduo aceitava que havia sido “escolhido” por deus e submetia-se a Doutrina do grupo em questão, o Calvinista. Cabe destacar, ainda, que a aceitação da “predestinação” partia do ponto de vista da *civilização*, em detrimento da *natureza* na medida em que a Doutrina Calvinista imaginava a si como ordenadora e legitimadora do Estado e lutava contra os “hereges” e “impuros”. Os primeiros contatos entre os colonos ingleses e os indígenas ao longo da colonização estavam permeados de contatos culturais embasados em pré-concepções acerca do outro a partir de uma auto-concepção. A herança do calvinismo não se limitava aos aspectos relacionados com a “predestinação”. As idéias de calvino versavam, também, sobre a questão do trabalho como um ato dignificador do ser, e por isso o seu produto – ganhos materiais e as benesses oriundas dele – não poderia ser considerado algo “ruim”. Pelo contrário, a posse e a propriedade eram “provas” da “predestinação” desde que o indivíduo fosse considerado alguém dotado de moral. E idéia de considerar os ganhos materiais como algo “bom” incluía, no prisma Calvinista, a querela da usura, tão condenada pela igreja católica. Para Calvino, a moralidade, ou não, da cobrança de juros estava na consciência de cada um. Para maiores informações, ver, especialmente: Harknes, Georgia. *Calvino e sua Tradição.* IN: Anderson,

1.3 O imperialismo à americana, a explicação econômica.

O processo de expansão imperialista das nações européias, levado a efeito no século XIX, também estava revestido de um manto de missão civilizadora, mas detinha suas características próprias, porque objetivava o estabelecimento de colônias, que com o decorrer do tempo se mostraram ultrapassadas, se comparadas com o que os americanos produziram em termos de organização do aparato dito imperialista, buscando mais estabelecer bases que protegessem suas rotas comerciais do que angariar colônias. Desse modo, apesar de não ser o objetivo principal deste trabalho, desejamos ponderar algumas questões relativas à formação do imperialismo americano e sua posterior expansão para a América Latina, com objetivo de melhorar socialmente aquela região, de civilizá-la. A partir dessas considerações, desejamos enfatizar que quando nos referimos ao termo imperialismo se deseja enfatizar, sim, a existência de relações de dominação nas quais os Estados Unidos se valeram do uso da força econômica, políticas ou repressivas para alcançar e fazer valer os seus interesses. Em nosso entendimento, que vai ao encontro do que afirmam alguns autores, não é possível priorizar os aspectos econômicos em uma explicação para a expansão americana, tampouco se poderia afirmar que as motivações estratégicas e políticas seriam o foco da questão.⁵⁰ Por mais contraditório que pareça, é necessário que se leve em consideração a interação de todos estes aspectos a partir da constituição de um imaginário político que apontava os americanos como os civilizados, e os demais habitantes da velha América na condição de inferioridade, ou, estágio de natureza não evoluída. A dicotomia entre *civilização* e *natureza*, conforme destaca Frederick Pike, é a base da formação do imaginário norte-americano e no seu estudo reside

William K. (Org.) Espírito e mensagem do protestantismo. São Paulo: Editora Imprensa Metodista, 1953, p.99/114.

⁵⁰ Entre os autores a quem referimos, e com cujas obras estamos dialogando ao longo deste trabalho, se destacam: Pike, Frederick. The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995; Said, Edward. Cultura e Imperialismo. São paulo: Companhia das Letras, 1995, p.358; Mendes, Ricardo Antonio Souza. América latina –Interpretações da origem do imperialismo norte-americano. P.185. IN: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, São Paulo, PUCSP, n.51, julho/dezembro 2005, p. 167-188; Raphael, Ray. Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos. A verdadeira história da independência norte-americana. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

a chave para o entendimento de muitas questões da história daquele povo, entre as quais o imperialismo, conforme vimos referindo.

O termo imperialismo tem sido utilizado de forma freqüente, e em alguns casos com conotações pejorativas e maniqueístas. Para que possamos escapar dessas falácias desejamos discutir a maneira pela qual se deu o desenvolvimento norte-americano, em especial àquele posterior aos anos de 1840, e que refere ao período de gênese do processo, que mais tarde seria transposto para as regiões “mais débeis” do Continente. Nessa perspectiva, deve-se apontar para o período anterior à Guerra Civil como uma fase inicial do imperialismo americano.⁵¹ E, em um segundo instante, destacar que no contexto após o término das lutas de Secessão, mais especificamente os anos entre 1870 e 1900, as condições ideais para o retorno das idéias de destino manifesto, re-significadas então em “fardo do homem branco”⁵², se consolidaram e se expandiram. Conforme destaca Frank Freider, as gerações de americanos que vieram após a Guerra Civil buscaram ser mais “científicas” do que as anteriores, mas continuaram a idolatrar os pais fundadores e os ideais da república, ou, prosseguiram no culto aos mitos. Naquele processo, a história forneceu um incentivo ao fortalecimento das instituições existentes; foi uma serva do *status quo* americano cuja tarefa consistia mais em apoiar do que explicar a América da idade áurea.⁵³ Os americanos deveriam prosseguir o seu predestinado caminho com o aval dos historiadores e cronistas.

As ditas condições ideais para o desenvolvimento do imperialismo americano foram as transformações realizadas em sua organização social, que após a guerra civil assumiu a condição de economia com base industrial exportadora. Nesse processo, a abolição da mão-de-obra escrava transformou os libertos em consumidores em potencial,

⁵¹ Mendes, Ricardo Antonio Souza. América Latina - Interpretações da origem do imperialismo norte-americano. IN: Projeto história, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História, São Paulo: PUCSP, n.51, julho-dezembro de 2005, p.185.

⁵² A expressão tem origem no poema de Rudyard Kipling, “The White Man Burden”, que foi publicado nos Estados Unidos pela McClure Magazine, em fevereiro de 1899. O poema de sete estrofes do autor invocava a superioridade da “raça branca”, em especial os norte-americanos e os ingleses, e os colocava como os responsáveis no processo de civilização dos povos “selvagens” ou “bárbaros” através da ação imperialista. A dominação, no ponto de vista de Kipling, era justa e legítima uma vez que serviria como forma de melhorar uma dada região ou povo. O imaginário do poeta revela-se através de suas palavras. A dicotomia entre civilização e natureza, presente no discurso de Kipling indicava a sua constituição. Além disso, se deve destacar a presença da idéia de “melhora social” de uma determinada área ou povo como “fardo”, tarefa que caberia de origem anglo-saxão. Por fim, mas não menos importante se deve enfatizar a participação da mídia que foi responsável pela disseminação do conteúdo expresso por Kipling.

⁵³ Freider, Frank. In: Miller, William. Nova História dos Estados Unidos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962, p.12.

mas aos olhos de muitos empresários americanos, os ex-escravos não formavam um grupo homogêneo o suficiente para ocupar os postos abertos pelas indústrias. A solução foi a adoção de políticas de imigração. Segundo afirma Claude Julien, até 1870, os imigrantes que adentraram nos Estados Unidos perfaziam o total de 8 milhões, que foram, segundo a clássica tese de Turner, “americanizados” de modo rápido pelo contato com a fronteira E, para o período de apogeu do imperialismo, entre 1870 e 1912, permitiu-se a entrada de 22,5 milhões de estrangeiros.⁵⁴ As levas de imigrantes que aportaram após 1870 provinham de outras regiões da Europa consideradas racialmente inferiores e enfrentaram maiores dificuldades na sua inserção na sociedade americana. Em números gerais, a população norte-americana em 1870 era de 38 milhões de habitantes, e em 1900 havia aumentado para 75,9 milhões.⁵⁵

O desenvolvimento norte-americano do último quartel do século XIX elevou a riqueza nacional a cifras significativas. Em 1850, os Estados Unidos possuíam uma riqueza nacional avaliada em 7 bilhões de dólares. Em 1870, os números indicavam um aumento para US\$ 28 bilhões, e, no período entre 1870 e 1900, a riqueza nacional americana chegou à casa dos US\$ 88 bilhões. Com o advento do século XX, os patamares de riqueza foram orçados em 188 bilhões de dólares.⁵⁶ Tal processo de acumulação, nas palavras de *Alonso Aguilar*, deu origem ao imperialismo americano a partir dos seguintes passos: a) um aumento desordenado na produção, combinado com uma alta competitividade de mercado interno, gerou uma concentração de capitais; b) essa acumulação de capitais deu origem à formação de grandes companhias, inicialmente na área da indústria, e mais tarde no campo bancário e de prestação de serviços; c) o desenvolvimento dessas companhias modificou, e de modo simultâneo, acirrou a competição dando lugar à formação de monopólios/trustes, que passaram a dominar vários setores da economia americana; d) os trustes, depois de se organizarem vertical e horizontalmente, expandiram suas fronteiras dando início aos grandes cartéis internacionais e suas progressivas exportações de mercadorias e inversões de capitais; e) de modo simultâneo, ou quase, o crescimento industrial associado aos bancos

⁵⁴ Julien, Claude. “O Império Americano”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p.47.

⁵⁵ Cf. Julien Claude. Op.cit., p.47.

⁵⁶ Cf. Idem, ibidem. Segundo Julien, entre 1860 e 1900, os EUA triplicaram as suas exportações, e para o ano de 1900 as mercadorias enviadas ao exterior perfaziam US\$ 1.370 milhões; e, em 1910, as cifras alcançavam US\$ 1.710 milhões. Cf. Op.cit. p.87.

deu origem a uma nova oligarquia financeira; f) os financistas do império buscavam a expansão, a obtenção de novas fontes de matérias-primas, mercados para seus produtos, áreas onde sua produção e os lucros pudessem ser otimizados e para isso ignoraram a soberania nacional de algumas nações “latinas” no afã de defender os interesses americanos.⁵⁷ Essa expansão gerou sentimentos contrários, de antiamericanismo, em várias regiões da América-Latina.⁵⁸ Para Pike, a existência de estereótipos elaborados por latinos, em que os norte-americanos eram representados como rapinadores de oportunidades, expansionistas e *yankees* imperialistas, servem de evidência para a característica de acessibilidade de que está revestido o processo de constituição de estereótipos.

Apesar de significativos os aspectos econômicos não podem ser apresentados como únicos numa explicação do imperialismo americano, sua expansão e os seus estereótipos. Nas palavras de Said, não é possível entender o imperialismo somente como acumulação mera e simples. Para esse autor, tanto o neocolonialismo, como o imperialismo: “são sustentados e talvez [!] impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação”.⁵⁹ Ainda conforme destaca Said: “Admitindo-se que o expansionismo americano é, sobretudo econômico, mesmo assim ele depende muito e caminha junto com ideologias e idéias culturais sobre os próprios Estados Unidos, incessantemente repisadas em público”.⁶⁰ Nesse sentido, a importância do desenvolvimento econômico norte-americano, através da expansão da produção, criação de novos itens de consumo, organização do trabalho deve ser pesada com atenção, porque foi pelo meio do incremento em seu setor produtivo que os americanos chegaram a uma idéia de bem estar geral. A sociedade da época do imperialismo estava repleta de coisas, bens e serviços, que visavam uma otimização da vida dos seus usuários. Tal atividade era competitiva e gerava muitos lucros, que deram origem a companhias, que por sua vez, organizaram-se e expandiram seus mercados por todo o Continente, como rezava a prédica dos pastores puritanos. Numa sociedade ávida por justificativas morais a política predatória praticada pelos trustes foi condenada porque era inaceitável que americanos espoliassem americanos. Porém, o

⁵⁷ Aguilar, Alonso. Pan-Americanism. From Monroe to the Present: a view from the other side by Alonso Aguilar. New York: Montly Review Press, 1968, p.36.

⁵⁸ Pike, Frederic. Op.cit. p. 162.

⁵⁹ Said, Edward. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.40. O grifo é nosso.

⁶⁰ Idem, op.cit, p.357.

mesmo moralismo aceitava que os trustes efetivassem a sua dominação sobre as incipientes economias da América Latina, que no imaginário coletivo da sociedade americana eram compostas por elementos refratários ao progresso e à civilização. Assim, não devemos deixar de lado os aspectos econômicos, nem tampouco apontá-los como o fator preponderante na questão da constituição do significado dos estereótipos dos norte-americanos, mas considerá-los como parte do contexto, onde a atuação da política, as questões estratégicas e os fundamentos religiosos e culturais foram essenciais para a expansão econômica. Por outro lado, segundo Lars Schoultz:

“os empresários americanos teriam descoberto os mercados e recursos da América Latina sem a ajuda governamental, mas por mais de um século o processo de integração econômica foi acelerado pela tentativa consciente de funcionários dos EUA de atar as economias da América Latina aos Estados Unidos”.⁶¹

A política de organização econômica em torno de trustes gerou uma rede de compra de favores e barganha por negócios que eram representados em cifras astronômicas. A ânsia dos grandes empresários por lucros cada vez maiores deu origem a uma concorrência predatória que beirou à desestabilização da economia americana. Porém, no primeiro quartel do século XX, a Suprema Corte dos Estados Unidos condenou a organização, formação e atuação dos trustes, em território norte-americano. Nada poderia ter feito a Suprema Corte para impedir que as grandes companhias americanas se voltassem para as regiões ibero-americanas, onde algumas já encetavam negócios.⁶² Pelo contrário, era desejo do governo americano que os “bons negócios” continuassem, mas que a espoliação de mão-de-obra, a concorrência desleal e a expansão predatória fossem limitadas às regiões mais “atrasadas”, onde nada impedia o feito, pelo menos do ponto de vista legal.

⁶¹ Estados Unidos: poder e submissão; uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: EDUSC, 2000, p.413.

⁶² As primeiras inversões de capitais americanos em regiões “latinas” datam de 1827. No final do século XIX ocorreu uma nova fase de ingresso de investimentos estrangeiros na região, que atingiu seu ápice no primeiro quartel do século XX. Para uma análise mais acurada sobre o tema dos capitais estrangeiros nas regiões ibero-americanas, com ênfase no caso brasileiro, ver, especialmente: Moura, Aristóteles. Capitais estrangeiros no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1959. Para considerações a respeito da formação e da origem dos conglomerados industriais e financeiros, vulgarmente chamados de trustes e cartéis, ver: Lewinsohn, Richard. Trustes e Cartéis. Suas origens e influências na economia mundial. Porto Alegre: Editora da Livraria do Globo, 1945.

O capital nacional, do ponto de vista dos americanos, poderia ajudar a colaborar, no desenvolvimento, no *uplift*, das sociedades latinas, ainda em estágio não-evoluído.

1.4 A instrumentalização política do imperialismo.

Em 1903, eleito presidente, *Theodore Roosevelt*, lançou uma severa advertência aos não-americanos, em especial, aos povos “latinos”, que por meio de suas constantes dissensões internas ameaçavam a paz dos bons negócios. Nas célebres palavras de Roosevelt:

“não é verdade que os Estados Unidos sintam fome de terra ou acalentem projetos em relação às outras nações do hemisfério ocidental, [...]. Este país não deseja senão ver os vizinhos estáveis, ordenados e prósperos. Qualquer país cujo povo se conduz bem pode contar com nossa cordial amizade. Se uma nação mostra que sabe agir com razoada eficiência e decência em assuntos sociais e políticos, se mantém a ordem e paga suas obrigações, não precisa temer a interferência dos Estados Unidos”.⁶³

Entretanto:

“malfeitorias crônicas, ou a impotência que resulta num afrouxamento geral dos laços da sociedade civilizada podem, na América como alhures, exigir finalmente a intervenção de uma nação civilizada e, no hemisfério ocidental, a adesão dos Estados Unidos à Doutrina de Monroe pode forçá-los, ainda que com relutância, em casos flagrantes de malfeitorias ou impotência, ao exercício de um poder de política internacional”.⁶⁴

Era o corolário de *Roosevelt* a Doutrina de *Monroe*, a extensão mais física, da política do “*rough raider*” *Theodore*, para a América Latina, que também ficou conhecido sob a égide do “big stick”, devido a uma declaração do presidente americano sobre qual seria o segredo para se progredir no relacionamento com os latinos, a qual

⁶³ Theodore Roosevelt. Mensagem anual ao Congresso dos Estados Unidos. APUD: Syrett, Harold C. (Org.) Documentos Históricos dos Estados Unidos. São Paulo: Cultrix, s.d., p.252.

⁶⁴ Idem, op.cit, p.252.

Roosevelt teria declarado: “[...]speak softly but carry a big stick”⁶⁵; algo muito semelhante a “fale mansinho e carregue consigo sempre um grande porrete”. Tal prática consistia em intervenções armadas no território alheio através da ação direta dos fuzileiros navais. Numa segunda etapa da operação, dava-se a ocupação e entronização no poder de uma elite local, de confiança ou simpática aos americanos, que deveria conduzir a elaboração de uma nova constituição, ou conduzir o processo de “pacificação”, conforme estabelecessem os Estados Unidos. Nessa fase da ocupação ocorria, via de regra, a injeção de alguns recursos americanos em áreas ditas precárias de uma dada localidade invadida, além da elaboração de uma milícia local que deveria manter a ordem após a retirada dos americanos.

As primeiras vítimas do corolário de Roosevelt foram algumas nações latinas que detinham negócios com os Estados Unidos. As proposições defendidas por Roosevelt foram incorporadas à prática da política externa americana, principalmente quando se referia aos “latinos” e suas incapacidades políticas de administração e organização. O caso da invasão e ocupação de Cuba, embora tenha sido iniciado no governo anterior ao de Roosevelt, é o mais exemplar para evidenciar a dominação americana porque permite uma análise de aspectos econômicos, políticos e militares. A dominação que foi estabelecida em 1898 foi mantida até 1941. Em que pese a importância dos aspectos econômicos envolvidos na querela cubana, é impossível tentar entendê-la sem considerar a questão da constituição do imaginário americano ante ao qual os cubanos, descendentes dos colonizadores católicos espanhóis, eram miscigenados e atrasados, e por isso necessitavam da ajuda dos mais avançados para poderem estabelecer uma forma de organização social que fosse condizente com o quadro civilizatório. A tarefa coube aos americanos. Conforme bem nos ensina Loewenheim, “nenhum Presidente americano, de Andrew Jackson a William McKinley, tinha quaisquer tendências imperialistas sérias, segundo a palavra é geralmente aceita, o mesmo acontecendo com os Ministros de Relações Exteriores norte-americanos, de Hamilton Fish a John Hay”.⁶⁶ Para Pike, a política de intervenções foi temporariamente abandonada a partir de 1934 devido ao contexto de penúria e miséria ao qual se viram lançados os Estados Unidos, e o mundo capitalista, após

⁶⁵ APUD: Aguilar, Alonso. Op.cit, p.53.

⁶⁶ Loewenheim, Francis L. Um Legado de Esperança e um Legado de Dúvida: Reflexões sobre o Papel da História e dos Historiadores na Política Externa Norte-Americana desde o século XVIII. IN: Loewenheim, Francis L. (Org.) História e Diplomacia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, p.31.

os efeitos da crise econômica de 1929.⁶⁷ O discurso da época, porém, bradava boa vizinhança com um significado. Os “latinos”, de sua parte, entenderam de maneira superestimada o discurso norte-americano. Ainda sobre as intervenções, se deve destacar que as descrições que o Departamento de Estado possuía sobre as regiões latinas eram inconsistentes, senão desprovidas de possibilidade de evidência. Em 1894, o *Birô* americano encarregado de projetos para as regiões “latinas” adotou como parâmetros de definição para aquela área, incluindo suas populações, o estudo do antropólogo *Lewis Henry Morgan*, que, anos antes, em 1877, na esteira de Charles Darwin, havia popularizado a teoria de que os homens evoluíam por estágios, que iam da selvageria, passavam por uma fase de barbarismo para, então, alcançar a redenção da civilização, essa última premissa exclusiva do ser americano. A aplicação da teoria de Morgan no primeiro projeto etnológico para a América Latina resultou numa descrição daquela região como um “*wilderness*”, um local, em geral, inóspito e selvagem, a ser civilizado e que era largamente habitado por populações aborígenes.⁶⁸

Em termos políticos, a incapacidade de organização dos demais países que compunham o Continente Americano se refletia em instabilidade, e isso interferia nos negócios. Daí a idéia de Theodore Roosevelt e seu Corolário que colocava os Estados Unidos no direito de policiar, primeiro as regiões do Mar do Caribe, o lago americano, e depois o mundo. O ato de elaborar um conjunto de proposições com base na doutrina de Monroe, como o fez Roosevelt, não foi único na história americana. A utilização de declarações que objetivavam sustentar o “direito divino” dos americanos em relação à tarefa de civilizar as terras do Continente, num primeiro momento foi uma constante no processo de expansão dos Estados Unidos.⁶⁹ Os corolários eram instrumentos políticos que

⁶⁷ Pike, Frederick. Op.Cit., p.261. No original: “the real reason for America’s temporary withdrawal from intervention as of 1934 had a little to do with hemispheric international law as codified by latin americans. It had a great deal to do with depression, witch imposed the need to economize”.

⁶⁸ Pike, Frederick. Op.cit, p.140. No original: “under the influence of Morgan’s teories, the US bureau of Ethnology, in its first project in South America conducted in 1884, concluded that area’s huge aboriginal population”.

⁶⁹ Os demais corolários que se podem considerar como significativos na história norte-americana são: o de Henry Clay, Secretário de Estado que, em 1825, estabeleceu a impossibilidade de transferência das colônias espanholas, Cuba e Porto Rico, para outra nação; o Corolário de James Polk, de 1845 que objetivava desestimular o interesse dos britânicos na região do Texas; o do presidente Ulyses Grant, que em declaração no ano de 1871 invocou a doutrina de Monroe para intimidar a Coroa espanhola no sentido de não tentar re-colonizar a República Dominicana; o do Secretário de Estado Richard Olney, que em 1895, no afã de afastar as pretensões inglesas de interferir na região da América central para resolver questões fronteiriças entre a

legitimavam as ações expansionistas ao fornecerem o substrato jurídico para tal. Em que pese a base dos corolários residir na célebre declaração de James Monroe, mais conhecida como Doutrina de Monroe, é necessário entender as influências das idéias de destino manifesto para compreender a tentativa americana de levar o seu modo de vida, dito civilizado, aos demais povos e regiões do Continente. O conteúdo da Doutrina de Monroe não pode ser menosprezado, mas considerado sob o contexto em que estava inserida a dita declaração, assim, tampouco pode ser superestimado. O amálgama dos sentidos da doutrina de Monroe e as concepções acerca do destino manifesto dos americanos são, em nosso entendimento, perspectivas que permitem compreender melhor a questão.

Os aspectos políticos e econômicos que levaram ao expansionismo americano estavam imbricados e se originaram de uma idéia generalizada de predestinação que foi constituída a partir de interpretações religiosas sobre a vinda dos americanos para o Novo Mundo, e que foram amplamente retomadas após o período da Guerra Civil, conforme discutido anteriormente. Nessa perspectiva, os americanos admitiam para si, e o comprovavam através de atos, que a sua missão era aquela que lhes fora dada por Deus: civilizar a natureza que imperava nas novas terras; levar as benesses do bem ao reino do mal; operar a vitória do criador. A capacidade ímpar dos americanos colocava-os na condição de líderes e assim estabelecia uma assimetria entre eles e os outros, ou, os não-americanos. Essa concepção assimétrica de mundo, ou, a idéia que indicava uma superioridade do elemento americano em relação aos demais habitantes do Continente foi a base do processo de constituição dos estereótipos, conforme vimos discutindo.

1.5 The Reader's Digest: levando o imaginário do americanismo ao mundo.

Em outubro de 1918, *DeWitt Wallace* estava se recuperando dos ferimentos que havia recebido nos campos de batalha da 1ª. Guerra Mundial e significativa parte de seu tempo era gasto com leituras dos mais variados tipos. Naquele período de recuperação, *DeWitt Wallace* concluiu que seria impossível para uma pessoa em condições normais de

Venezuela e a Guiana Francesa também aludia a Monroe e propunha a mediação americana qual maneira de chegar a um entendimento sem a necessidade de intervenção de potências européias. Todas as informações sobre os corolários foram extraídas de: Ayerbe, Luís Fernando. A Re-invenção da Doutrina de Monroe. IN: Anuário de Integración Latiamericana y Caribeña. La habana/Cuba: REDIALC, 2004, p.02.

vida, com seus afazeres do trabalho e do cotidiano, absorver todo o *quantum* de informação que a mídia norte-americana da época apresentava. Dessa constatação surgiu a idéia de editar uma revista que pudesse oferecer um apanhado geral das publicações existentes, de maneira resumida, mas sem extrair o sumo das mensagens, de maneira que sua leitura fosse agradável e de fácil assimilação. Nas palavras de John Heidenry:

“ao invés de fazer palavras cruzadas ou jogar xadrez, DeWitt relaxava praticando as suas técnicas de condensação nos exemplares do *Saturday Evening Post*, *Vanity Afair*, and *Scribner’s*. [...] O seu sucesso em condensar artigos enquanto retinha o seu estilo e a sua essência levaram-no a um novo curso. Ele decidiu, no retorno aos Estados Unidos, publicar uma nova brochura [revista] – que se chamaria Reader’s Digest”.⁷⁰

A concepção de *DeWitt Wallace* era própria do contexto da imprensa norte-americana dos anos de 1920, ela visava facilitar a leitura e tornar o entendimento das notícias mais ágil ao público. Contudo, *Wallace* não se rendeu ao sensacionalismo que predominava entre muitas publicações norte-americanas, que apostavam nos fatos envolvendo drogas, crimes, sexo e outras contravenções. Tal qual não adotou a fotografia em suas publicações, outra característica da imprensa sensacionalista da época.⁷¹ Em 1920, *Wallace* apresentou a sua idéia para alguns conglomerados de mídia que praticamente dominavam o mercado americano, mas não foi bem recebido e não angariou o apoio de que necessitava. Tal, porém, não foi o bastante para deter os jovens editores, que encarnando o espírito mítico do “*self made man*”, sempre tendo ao seu lado a sua inseparável

⁷⁰ *Theirs Was The Kingdom. Lila and DeWitt Wallace and the Story of the Reader’s Digest*. W.W. Norton & Company: New York, 1996, p.40. A tradução é nossa. No original: “instead of doing crossword puzzles or playing chess, DeWitt relaxed by practicing condensation techniques on the *Saturday Evening Post*, *Vanity Afair*, and *Scribner’s*. [...] His success in condensing articles while retaining both their style and their substance resolved him on a new course. He decided, on returning to the States, to publish another booklet – to be called the Reader’s Digest”.

⁷¹ O termo ‘imprensa sensacionalista’ referia aos jornais que priorizavam as matérias violentas qual maneira de aumentar suas vendas. A fotografia era o maior trunfo daqueles periódicos que por conter mais imagens do que palavras atingia as classes menos abastadas e de pouca instrução. O caso da imprensa sensacionalista de Nova York é um dos melhores exemplos. Em 26/Jun./1919, o *Capitão Joseph M. Ptterson* fundou o *Illustrated Daily News*, a publicação era um ‘*picture newspaper*’, ou, jornal onde predominavam as fotos de cenas violentas. Em pouco tempo o *Daily News* se tornou sucesso de vendas chegando a ultrapassar as vendas de publicações mais ‘sérias’ como o *Time* e outras. No afã de explorar aquele filão de mercado, *William R. Hearst*, em 1922, fundou o *New Yorker Daily Mirror*, também sucesso de vendas e um dos principais concorrentes do *Daily News*, juntamente com o *Evening Graphic*. O poder das imagens fotografadas garantiu o mercado para a imprensa sensacionalista até os anos de 1950, quando a televisão e o cinema tomaram o cenário.

companheira, Lila Acheson, buscou aporte financeiro próprio, angariando dívidas, em prol da realização do projeto.

Em fevereiro de 1922, poucos meses antes do lançamento da revista *Time*, os Estados Unidos assistiram ao lançamento do *Reader's Digest*, a princípio uma publicação voltada para as populações das zonas mais afastadas dos centros urbanos, mas que em um curto espaço de tempo atingiu as grandes cidades e consolidou sua posição no mercado editorial norte-americano.⁷² Nas palavras de Mary Anne Junqueira:

“o **Digest** foi fundado pelo Casal Roy William DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace. Ele com 52% do controle do negócio e ela com 48%. Filhos de pastores protestantes de origem presbiteriana, os dois haviam nascido nos estados do Oeste dos Estados Unidos no final do século passado. O casal procurou tornar evidente esta origem em vários exemplares da revista. O **Digest** tornou-se um sucesso absoluto nos Estados Unidos, ao tratar temas profundamente enraizados no imaginário social norte-americano: veicularam inúmeros artigos tratando do Oeste e de seus personagens lendários e também temas informados pelas idéias puritanas de temor a Deus e assistência missionária, baseados em valores morais que eles consideravam universais”.⁷³

Sobre os primórdios da circulação do *Digest* nos Estados Unidos, *Lorena Beghetto* destaca que: “As primeiras edições foram vendidas no interior do país para os fazendeiros e a classe média rural do *Oeste* [...], região e público de difícil acesso às publicações. Em pouco tempo, *Reader's Digest* alcançou todo o território norte-americano, direcionando-se para a classe média urbana e rural”.⁷⁴ Segundo essa autora, a *Revista* se destacou rapidamente no cenário americano porque interpretava a sociedade para o leitor colocando-se qual um interlocutor ao apresentar temas que louvavam os valores ditos

⁷² Para estabelecer alguns critérios: chamaremos de *Digest*, a edição original em inglês; de *Selecciones* a versão em espanhol; e, para os exemplares em português, *Seleções*. Cabe registrar que essa mesma diferenciação foi estabelecida por Junqueira, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções, Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

⁷³ Hendeinry, John. APUD: Junqueira, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções, Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p.23. Grifado no original.

⁷⁴ O pesadelo comunista ameaça o Ocidente: o anticomunismo nas *Revistas Seleções do Reader's Digest, 1946-1960*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, setor de Ciências Humanas, Letras, Filosofia e Artes da Universidade Federal do Paraná, 2004, p.21, grifado no original. Exemplar mimeo.

conservadores da sociedade americana e outros que contestavam os que a eles se opunham.⁷⁵ Para *Beghetto*, o *Digest*:

“[...] valorizava o *self made man* e estimulava o trabalho e o empreendedorismo para o caminho da riqueza e do sucesso, centralizando o discurso nas qualidades do cidadão comum norte-americano e na excelência dos Estados Unidos. Essa glorificação relacionava-se com uma auto-imagem norte-americana baseada em pressupostos religiosos de Eleição Divina e Destino Manifesto”.⁷⁶

A importância do *Digest* na qualidade de publicação que veiculava valores e princípios do americanismo aumentou o seu campo de interação levando-o à esfera internacional. Em 1938, foi lançada a edição para a Inglaterra, com o mesmo nome devido ao idioma. O passo seguinte seria a América Latina, área de influência direta dos norte-americanos, desde *Monroe* e suas repetidas re-leituras, mas que face ao contexto da Segunda Guerra Mundial, aumentava em significação. Em suas origens, o *Digest* não escapou em ser uma “extensão sensorial do contexto onde estava inserido”⁷⁷ e ao longo da década de 1920 veiculou material onde praticava a discriminação racial de negros, judeus e imigrantes em geral. No período posterior, década de 1930, mais especialmente, durante o período de ascensão do nazismo, como outras revistas pelo mundo, o *Digest* publicou mensagens que aludiam de modo positivo ao regime de *Adolf Hitler*⁷⁸ Entretanto, após o ataque japonês a *Pearl Harbor*, o periódico passou a tratar os judeus como vítimas do nazismo, e os alemães como inimigos.⁷⁹ Para *Junqueira*, o conteúdo dos textos publicados pelo *Digest* era no sentido da Ordem; da legitimação do poder instituído e suas divisões sociais.⁸⁰ Para *Erica G.D. Monteiro*, existia uma ligação muito significativa entre a agência

⁷⁵ *Idem*, op.cit, p.22.

⁷⁶ *Idem*, p.23, grifos no original.

⁷⁷ Said, Edward. 1995.

⁷⁸ *Junqueira*, Mary Anne. Ao Sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções, Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p..30. Sobre a visão positiva de *Hitler* na imprensa brasileira ver, especialmente: Dalmáz, Mateus. As imagens de Hitler e da Alemanha na Revista do Globo. Porto Alegre, EDIPURS, 2002.

⁷⁹ *Junqueira*, op.cit, p. 30.

⁸⁰ *Idem*, p. 27. Ainda no que refere a produção científica que toma o *Digest*, e, ou, as suas versões internacionais quais fontes de pesquisa se deve destacar a existência de outros trabalhos. São eles: *Raad*, *Lenita Jacira Farias*. A Revista Seleções do Reader's Digest e as campanhas de controle demográfico no interior da Guerra Fria. IN: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, UFSC/Gráfica Universitária, n.11, p.167-176, 2004; *Junqueira*, *Mary Anne*. Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções. IN: Revista Brasileira de História, São Paulo, v.21, n.42, p.323-342, 2001 *Brancato*, *Sandra*. A Política de Boa Vizinhança em Tempo de Guerra: a propaganda na

governamental norte-americana *OCIAA*, liderada pelo magnata *Nélson A. Rockefeller*, e a *Revista Seleções do Reader's Digest*, principalmente, no que referia a utilização dos espaços publicitários de *Seleções* para a divulgação da política de boa vizinhança entre os anos de 1942 e 1945.⁸¹

1.5.1 *Selecciones Del Reader's Digest* e a conquista da fronteira hispânica na década de 1940.

No final de 1940, durante a fase europeia da 2ª. Guerra Mundial, num panorama político internacional onde os Estados Unidos ainda figuravam na condição de nação não-beligerante, apesar de fornecer armas, munições e equipamentos aos países Aliados, e divulgarem uma modificação nas orientações que guiavam sua política externa, naquela época um período de “boa vizinhança” para com os latinos, ocorreu a publicação da *Revista Selecciones Del Reader's Digest*. O periódico foi lançado, inicialmente, no México, mas se expandiu de modo rápido para os demais países de língua espanhola: Argentina, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, Republica Dominicana, Uruguai e Venezuela;⁸² era o início da divulgação do americanismo e seus estereótipos através de um importante meio de comunicação impresso.

A circulação de *Selecciones* em território ibero-americano iniciou na casa dos 50.000 exemplares, mas em menos de dois meses os pedidos chegavam a 148.000; e,

Revista Seleções do Reader's Digest (1942-1945). IN: Revista da SBPH, Curitiba, n.16, p.51-70, 1999. Existe, ainda, um ensaio intitulado: Comunicação: Revista Seleções Subjetividade e Ideologia, de autoria de *Roberto Ramos*. O texto do professor *Ramos* se baseia numa concepção estruturalista com base nas idéias de *Althusser*. Exemplar mimeo. Para a história oficial da superagência criada no governo de *Franklyn Roosevelt*, e colocada a comando de *Nélson Rockefeller*, ver, especialmente: *Rowland, Donald W.* History of the Office of The Coordinator Of Inter-American Affairs. Historical Reports On War Administration. Washington/United States: Government Printing Office, 1947.

⁸¹ A Guerra como slogan: Visualizando o *Advertising Project* na propaganda comercial da Revista *Seleções do Reader's Digest* (1942-1945). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, março de 2006, exemplar mimeo.

⁸² *Junqueira, Mary Anne.* Ao Sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em *Seleções*, Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p.37.

250.000, quatro meses depois do lançamento do primeiro número.⁸³ Segundo *Mary Anne Junqueira*, uma maneira que os editores de *Selecciones* encontraram para burlar o baixo poder aquisitivo dos mexicanos foi a subvenção dos exemplares em espanhol pelos assinantes norte-americanos.⁸⁴ A indicação de que havia um quadro de deficiência econômica no México, generalizada para os demais países latinos, e que a classe média era uma instituição incipiente naquelas regiões foi obra de uma pesquisa elaborada por cidadãos norte-americanos a serviço de DeWitt Wallace. A saída indicada seria a subvenção, e tal seria próprio do contexto de aproximação entre as repúblicas americanas, essa, aliás, a tônica adotada no discurso de apelo ao público assinante nos Estados Unidos.⁸⁵

O gesto de publicar uma versão em espanhol não pode ser atribuído, tão-somente, ao ímpeto investidor do casal *Wallace*. Nas palavras de Peter Canning: “em função do sucesso que o **Digest** alcançava na Inglaterra e da visão simpática que a revista oferecia da vida norte-americana, o Departamento de Estado consultou Wallace - e pediu que ele considerasse a possibilidade de uma tradução do **Digest** para ser distribuída na América Latina de língua espanhola”.⁸⁶ Conforme destacava o editor do *Digest* para as versões em outros idiomas, Barclay Acheson:

“essa iniciativa foi à maneira mais direta de dissipar das mentes dos Latino-Americanos a velha idéia de”*Colosso do Norte*” que os agentes do *Eixo* estavam divulgando maciçamente em todas as partes. Mas, devido ao amplo sucesso que *Selecciones* obteve no mercado latino-americano, devido à benção de todas as autoridades políticas interessadas nos EUA e o apoio entusiástico dos homens de negócios Americanos, foi preciso apenas um ano após a sua primeira edição em espanhol para ela ser comprada em cada país por aproximadamente 400.000 latino-americanos”.⁸⁷

⁸³ Idem, op.cit, p.38

⁸⁴ Idem, ibidem.

⁸⁵ Canning, Peter. American dreamers. The Wallaces and the Reader’s Digest: an insider’s story. APUD: Junqueira, Mary Anne. Ao Sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções, Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. 35.

⁸⁶ Canning, Peter. APUD: Junqueira, Mary Anne. Op.cit, p.35.

⁸⁷ Carta de Barclay Acheson, Redator Internacional do Digest, Coleção Foreign Office, Reader’s Digest, 1943. IAA/FGV-RJ. APUD: Mesquita, Silvana de Queiroz Nery. A política cultural norte-americana no Brasil: o caso do OCIAA e o papel das Seleções Reader’s Digest 1940-1946. Dissertação de Mestrado apresenta ao Curso de Mestrado em História da UERJ, Rio de Janeiro, 2002, p.116. Exemplar mimeo.

A “iniciativa” a que se referia o autor da carta supracitada era, pois, a atitude do governo americano em solicitar aos editores do *Digest* uma versão em espanhol da revista para cooptar os “corações e mentes” dos bons vizinhos de origem hispânica para uma causa, dita pan-americana⁸⁸, de luta contra os estereótipos da ameaça externa, significados, então, nas imagens dos nazistas e seguidores do *Eixo*. O *Eixo do Mal* naquele contexto era representado por Berlim-Roma-Tóquio. Ainda sobre a iniciativa governamental de levar o americanismo, via *Selecciones*, para o mundo hispânico do Continente, em outro trecho da carta enviada a possíveis anunciantes de *Selecciones*, Barclay Acheson apelava para o estereótipo do inimigo externo e destacava aos possíveis anunciantes da *Revista* que:

“em toda a América Latina grandes grupos já foram efetivamente doutrinados pela economia e teoria Nazi. Eu escrevo esta carta, porque acredito fortemente que nós devemos trabalhar juntos nestas duas frentes –**The Reader’s Digest** na frente ideológica e sua companhia na frente econômica...todo dólar investido em **SELECCIONES** compra munição para ajudar a ganhar a grande batalha de IDÉIAS que nesta guerra está de mãos dadas com a batalha das armas”.⁸⁹

O editor do *Digest* seguia advertindo que era necessário conquistar, ampliar, o mercado latino, e enfatizava as possibilidades do após guerra, onde os lucros seriam

⁸⁸ O termo “pan-americanismo” tem origem na idéia de James Blayne, que apontava para uma necessidade de uma união “pan-americana” como forma de fazer frente a expansão das nações européias que rivalizavam com os Estados Unidos no comércio com as regiões “americanas”. O encontro de 1889 foi idealizado, em 1881, pelo então secretário de estado *James Blayne*, que pela primeira vez na história se valeu do termo ‘*Pan-Americanismo*’ para referir ao relacionamento entre os Estados Unidos e as recém independentes repúblicas das Américas Central e do Sul. A proposta de *Blayne* incluía uma reunião entre os representantes políticos dos países que integravam o Continente Americano. A proposta teve origem no contexto da ascensão industrial da Inglaterra e da Alemanha, que competiam por mercados com os Estados Unidos e por isso, segundo *Blayne*, era necessário um acordo entre em termos ‘*Pan-Americanos*’ que reduzisse sensivelmente as tarifas de importações e exportações. O sumo da proposta aponta para a evidência de que os Estados Unidos buscaram, através das negociações e a utilização da força das palavras, propor uma nova forma de relacionamento com as repúblicas contíguas justo no momento em que as ameaças externas se projetavam sobre os mercados americanos no Continente. Como veremos adiante, no século XX, mais precisamente nas décadas de 1930 e 1940 o termo ‘*Pan-Americanismo*’ reapareceu no contexto conhecido como ‘*boa vizinhança*’, e novamente em oposição a ameaça exterior e ligado a questões de intercâmbio de bens e capitais entre as nações, ditas americanas numa ótica liberalista. Para maiores informações sobre o termo, ver: Aguilar, Alonso. *Pan-Americanism. From Monroe to the Present*. New York and London: Monthly Review Press, 1968, especialmente o capítulo 4, “From ‘Big Stick’ to ‘Philosophy of Liberty’”, p.43-60; Martínéz, Ricardo A., *El Panamericanismo, doctrina y práctica imperialista*. Sem editora: Buenos Aires, 1957.

⁸⁹ APUD: Junqueira, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções, Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p. p.37. Grifado no original.

maiores; falava com uma clareza ímpar em atrelar os mercados latinos a esfera americana.⁹⁰

Conforme destacava Acheson:

“agora é o momento em que a propaganda tanto institucional como de produtos na América Latina é a coisa mais importante que o negócio Americano pode fazer –quase sem considerar qualquer lucro ou disponibilidade de bens. Assim, de todas as maneiras, vamos usar nossos ganhos da guerra para preservar e desenvolver o mercado latino-americano que iremos precisar tão desesperadamente quando a guerra acabar. [...] Nunca foi tão importante manter o nome dos produtos americanos e das instituições [...] diante do público Latino-Americano”.⁹¹

A comunhão de interesses de empresários americanos, que anunciavam na *Revista*, ou viriam a se utilizar daquele meio de comunicação para a divulgação de seus produtos ou serviços, e do governo era materializada através das matérias e anúncios de *Selecciones*. Nas palavras de *Junqueira*:

“a revista apresentava, desde 1922, o *american way of life*, como uma forma universal de viver. Nos anos da Segunda Guerra Mundial, o Departamento de Estado se utilizou, de meio de comunicação como o **Digest** e do cinema de Hollywood, a fim de fazer propaganda norte-americana fora do país. No final dos anos 40 e nos anos 50, instalou-se a cooperação do **Digest** com o serviço secreto, a *Central Intelligence Agency* – *CIA*. A agência acreditava que várias publicações influentes na Europa estavam sob o controle de *comunistas*. Solicitou então ao **Digest** cooperação para combater o que julgava ser um *mal*”.⁹²

O ato de representar o “*american way of life*” a partir de sua primeira edição traçou uma marca indelével ao nome *Digest*. A expansão da publicação acompanhou as orientações da política externa americana, e no decurso da Segunda Guerra Mundial, colaborou na constituição das imagens dos estereótipos do nazismo, do japonês agressor e traidor, que deveriam ser vencidos com base na união das nações Aliadas, ou, mais especificamente, em termos de relações interamericanas deveria se traduzir em união das

⁹⁰ Idem, *Ibidem*.

⁹¹ **APUD**: Mesquita, Silvana de Queiroz Nery. *Op.cit*, p.130. Grifado no original.

⁹² Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América latina em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970. Tese de Doutorado [em História Social] apresentada a USP, São Paulo, 1998, p.35-36. As palavras ‘comunistas’ e ‘mal’ são grifos meus, os demais referem ao original.

Repúblicas Americanas, democráticas ou não, sob a bandeira do velho, e re-significado, Pan-Americanismo. È o que se pode cotejar na mensagem intitulada: “En Prol de la Unidad Americana”; de autoria de *Vasconcelos Torres*, articulista do periódico brasileiro “*Diário da Manhã*”, que foi publicada por *Selecciones*. Segundo a matéria:

“la Revista *Selecciones del Reader’s Digest* adelanta indudablemente una campaña cultural nunca hecha hasta ahora en América. Bolívar hablaba de un equilibrio americano, diverso del europeo, al cual afectan las antiguas disensiones y ódios de raza que originan constantes luchas.” ¿ No será mediante la propaganda de la cultura como se consiga una aproximación? Esta fuera de duda que la cultura es fonte de paz, y todo lo que es paz comporta aproximación. Revista como *Selecciones del Reader’s Digest* divulgan la cultura y cimentan la unidad americana.”⁹³

A “boa vizinhança”, em que pese o cunho apelativo e simpático do termo, e o extenso programa de divulgação de seu significado através dos meios de comunicação, em especial *Selecciones*, não significou modificação na maneira pela qual os americanos compreendiam os seus vizinhos latinos, a não ser em raras exceções personificadas em movimentos de defesa liderados por minorias em geral compostas por intelectuais, ou de atos políticos programados pelos governos dos Estados Unidos e autoridades locais da América Latina, em que se encenava uma aproximação de fato. A América não estava dividida por muros, ou cercas, mas carecia de um senso de Pan-Americanismo. Naquela época, o *Tio Sam* tinha “primos pobres e atrasados”, mas que face ao contexto da Segunda Guerra se tornaram “bons vizinhos”. A idéia de um “espírito pan-americano” foi empresa bem arquitetada. A ação política do governo americano se encarregou de incentivar toda e qualquer produção que aludisse ao tema, de *cartoons* a cinema, e de sua parte buscou ao máximo a criação de um novo “*way of life*”, com base em valores, a princípio, comuns a todas as repúblicas do Continente. Os intelectuais da época foram chamados para colaborar, e o fizeram.⁹⁴

⁹³ Revista *Selecciones del Reader’s Digest*, noviembre de 1941, 1ª. Capa.

⁹⁴ Pike, Frederick. Op.cit, p. 273. Para maiores informações sobre o envolvimento dos artistas e intelectuais americanos no cenário político-cultural da época da boa vizinhança, ver, em especial, o capítulo 8, da obra citada. Conforme destaca Pike, o conhecido artista americano, Waldo Frank, famoso por suas apologias da boa vizinhança, foi convidado pelo próprio vice-presidente americano, Henry Wallace, para colaborar na construção de um novo “*way of life*”; uma nova idéia de união das repúblicas americanas através um espírito interamericano, ou, pan-americanista, p.273.

Entretanto, apesar dos esforços do governo a sociedade americana nunca se interessou muito pela questão da aproximação com seus irmãos ibero-americanos originada com o contexto de pós-depressão, a que muitos insistiam em chamar de boa vizinhança. Os “latinos” é que deram uma dimensão desproporcional ao termo, esperaram favores demais de uma outra nação. Os americanos, por sua vez, nunca tencionaram transformar sua política externa, mas, sim, adequaram o discurso ao contexto. Nesse sentido, na impossibilidade econômica de praticar o intervencionismo armado, se deu voz a boa vizinhança.

A publicação de *Selecciones* recebeu um forte apoio dos empresários norte-americanos que se prontificaram a subvencionar os exemplares da revista através da contratação de espaços publicitários para a divulgação de seus produtos. No primeiro número de *Selecciones* para a América Latina os editores da revista enfatizavam aos leitores que:

“ la sección de anuncios de *Selecciones del Reader's Digest* no ocupará en ningún número más de una cuarta parte del total de páginas de la revista. En los anuncios que aparecen en ella se hallarán representadas las principales casas exportadoras e importadoras. [...] Al contratar anticipadamente el espacio que deseaban ocupar en la sección de anuncios, las casas anunciantes nos han capacitado para ofrecer *Selecciones Del Reader's Digest* a precio extraordinariamente reducido, lo qual se asegura a la revista muy extensa circulación, desde este, su primer número”⁹⁵.

A versão original do *Digest*, que circulava nos Estados Unidos não possuía espaço para anúncios e por isso não dependia dos rendimentos oriundos da propaganda. A inserção de um espaço para publicidade na versão em espanhol é evidência da necessidade de angariar investimentos que custeassem a empresa, e também da intenção dos empresários americanos em atrelar o comércio das repúblicas latinas à sua esfera de influência. Segundo afirma Junqueira, a prática de não publicar anúncios permitiu ao *Digest* escapar dos efeitos da crise de 1929, ocasião em que muitas publicações deixaram de circular.⁹⁶ As peças publicitárias veiculadas em *Selecciones* a partir de dezembro de 1940 buscavam enfatizar os avanços das indústrias norte-americanas e consubstanciavam o pan-

⁹⁵ *Revista Selecciones del Reader's Digest*, diciembre de 1940. Os exemplares de *Selecciones* utilizados neste trabalho foram consultados na Biblioteca Pública de São Paulo –Mário de Andrade.

⁹⁶ Junqueira, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções, Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p.26.

americanismo através de mensagens que exaltavam a união “das Américas”. É interessante notar que, mesmo numa análise geral, a quantidade de anúncios que mencionam o termo é significativa. Tal orientação propiciava a criação de uma simbolização política da pretensa união pan-americana porque utilizava imagens e slogans que aludiam ao intento.⁹⁷

Em relação aos artigos e resenhas veiculados em *Selecciones*, deve-se destacar que seguia as orientações da matriz americana. Desse modo, cada exemplar continha uma média de 30 artigos e uma ou duas resenhas de obras consideradas “sucesso de público e crítica”. A tônica das resenhas, e da revista em geral, não pode ser analisada somente por seu conteúdo literário porque os fatores contextuais são de suma importância para o seu entendimento. Os artigos eram extraídos de outros periódicos e condensados pelos editores do *Digest*. A eficácia do método de condensar artigos, qual maneira de facilitar a sua leitura, deu destaque ao *Digest* desde o princípio de sua circulação.

1.5.2 A conquista da América portuguesa: 1942, *Seleções* invade o Brasil.

Em fevereiro de 1942, o público brasileiro teve a oportunidade de assinar a *Revista Seleções do Reader's Digest*, a versão em língua portuguesa de uma conhecida publicação da época, *Selecciones*, que os brasileiros vinham lendo na ausência de um similar em idioma pátrio.⁹⁸ O contexto da época era favorável às idéias e influências vindas dos Estados Unidos, país que era admirado por muitos, e visto com reservas por outros. Como bem nos ensina Mary Anne Junqueira:

⁹⁷ Os anúncios veiculados em *Selecciones*, especialmente, aqueles que referem ao período da Segunda Guerra Mundial formam um excelente *corpus* documental para pesquisa. O seu conteúdo é significativo e contém inúmeras alusões aos estereótipos e ao mito do *american way of life*. Entretanto, nesta pesquisa limitaremos nossa análise aos artigos assinados veiculados em *Selecciones*, além das resenhas publicadas no periódico. Sobre a publicidade de guerra veiculada na edição brasileira, *Seleções*, ver, especialmente: Scherer, Charles Jr. Uma guerra de propagandas: a penetração da cultura norte-americana, no Brasil, através dos anúncios veiculados na *Revista Seleções do Reader's Digest* (fev./1942 a Jul./1944). Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História da PUCRS/2001.

⁹⁸ Os exemplares de *Selecciones* eram distribuídos, no Brasil, pelo Sr. Fernando Chinaglia. Informação obtida na contra-capa do exemplar de *Selecciones del Reader's Digest* de dezembro de 1940. Cabe registrar que o mesmo cidadão, Fernando Chinaglia procedia a distribuição dos exemplares de *Selecciones*, a versão em espanhol, desde o início daquela publicação.

“[...] quando **Seleções** entrou no Brasil em 1942, havia um território fértil para recebê-la: a inter-relação entre a sociedade e os meios de comunicação havia construído uma atmosfera cultural, na qual modelos culturais norte-americanos haviam penetrado no ambiente e estavam relacionados à modernidade”.⁹⁹

A primeira edição contou com 150.000 exemplares, e quatro meses depois chegava a 300.000 a sua tiragem. Os editores americanos do *Digest* comemoravam o sucesso. O Departamento de Estado, ainda mais. A elaboração do periódico era responsabilidade da matriz americana, localizada em *Plisantville*, no Estado de *Nova York*, que após a finalização de cada tiragem procedia ao respectivo envio para o seu distribuidor, no caso brasileiro, o Sr. *Fernando Chinaglia*, sediado no Rio de Janeiro. A distribuição era um dos pontos fortes de *Seleções*, pois, desde 1942 alcançava os territórios mais distantes do Brasil, chegando até mesmo ao Acre e outras localidades do interior, bem como as principais cidades do centro do país. Esse processo de distribuição da *Revista Seleções*, feito a partir de seu “agente geral” –*Fernando Chinaglia*–, atingia a mais de quinze estados brasileiros, sendo que o periódico só foi editado e impresso no Brasil na década de 1950. Até essa data, os exemplares de *Seleções*, foram elaborados em duas localidades diferentes: no período de fevereiro de 1942, até fevereiro de 1945- Nova York/Estados Unidos; e, entre março de 1945, até março de 1950 –Havana/Cuba.

A *Revista Seleções* apresentava uma visão positiva dos Estados Unidos ao destacar aquele país como modelo de *civilização*. A América Latina, por sua vez, era representada de forma negativa por *Seleções*, a ponto de consubstanciar o estereótipo do latino atrasado. Os territórios abaixo do *Rio Grande* eram associados ao termo *wilderness*, profundamente enraizado no imaginário social norte-americano e que sugere um ambiente inóspito, a ser civilizado.¹⁰⁰ Os males que apresentava a região latina, na indicação de *Seleções*, poderiam ser solucionados desde que os latinos adotassem o modelo americano, em especial o do período relativo ao século 19, quando os Estados Unidos se tornaram uma nação industrializada.¹⁰¹ A oposição entre *Civilização*, os Estados Unidos, e a *Natureza*, representada pelos latinos e seus territórios remete às origens da formação dos estereótipos,

⁹⁹ Ao Sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em *Seleções*, Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p.43, grifado no original.

¹⁰⁰ Junqueira, Mary Anne. Representações políticas do território latino-americano na Revista *Seleções*. IN: Revista Brasileira de História, v.21, n.42, São Paulo, 2001, p.04 e 11.

¹⁰¹ Junqueira, Mary Anne. Op.cit, p.12

conforme destaca *Pike* em sua obra. Os exemplares da *Revista Seleções* consubstanciaram tais aspectos através de suas matérias, anúncios e resenhas. Em que pese a colaboração de *Seleções* na constituição do estereótipo do atraso dos latinos ela fez extremo sucesso também em terras brasileiras e não deve ser entendida como uma publicação totalmente exógena ao contexto social e histórico da época apesar de retratado os territórios ao Sul do Rio Grande qual um imenso *wilderness*. Conforme destaca Junqueira, uma significativa parcela da historiografia tem atribuído o início da publicação aos desígnios imperialistas dos norte-americanos.¹⁰²

A partir dessas considerações vamos analisar, a partir do próximo capítulo e nos subsequentes, o processo de constituição da imagem dos antípodas do *american way of life* nas matérias de *Selecciones* que elegemos para este trabalho. Nesse sentido o capítulo seguinte tratará do caso do estereótipo dos “latinos”, significados, como vimos antes, no imaginário norte-americano como “atrasados”, mas que face aos interesses políticos envolvidos no contexto foram imaginados por *Selecciones* de maneira especial. E depois, respectivamente, analisaremos o caso do estereótipo do japonês, do nazismo e do comunismo.

A análise quantitativa dos exemplares de *Selecciones* entre dez./1940 e dez./1950 esta exposta a seguir num quadro que elaboramos com a finalidade de permitir a “visualização” do número de matérias que a revista publicou sobre cada caso específico. Cabe registrar que a quantificação é apenas uma ferramenta para a realização deste trabalho, e não o seu embasamento principal.

Distribuição das matérias.

	1940	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	Total
“Latinos”	0	13	11	15	15	17	14	16	15	14	14	144
Alemães	04	39	43	38	46	52	17	11	06	08	07	241

¹⁰² Junqueira, Mary Anne. Representações políticas do território latino-americano na *Revista Seleções*. IN: Revista Brasileira de História, v.21, n.42, São Paulo, 2001, p.14.

	1940	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950	Total
Japoneses	0	9	24	32	29	37	6	5	7	6	5	160
Comunistas	0	5	5	1	2	8	25	32	39	34	38	189

Capítulo II

2 Re-significando o sentido do Imperialismo.

O avanço tecnológico e os níveis de renda e riqueza que os Estados Unidos alcançaram durante a década de 1920 foram históricos na construção daquela nação. As experiências adquiridas com a Primeira Guerra Mundial deram aos norte-americanos uma série de vantagens em relação aos demais países. A economia saiu fortalecida do conflito na medida em que os lucros obtidos pelas empresas privadas permitiram que essas acumulassem recursos próprios e fugissem dos empréstimos bancários. Tal fato significou uma mudança na economia interna norte-americana: a liderança, nos anos de 1920, pertenceu aos empresários ligados a *Wall Street*, a base do Partido Republicano. As grandes empresas ingressaram no mundo dos negócios de títulos e ações e passaram a dominar o cenário interno. Os lucros auferidos remetiam à casa dos milhões de dólares, e parte desse montante era re-investido pelas companhias em pesquisas para o desenvolvimento de novos produtos e técnicas.¹⁰³ O resultado foi a criação de uma série de itens novos que passaram a ser alvo de cobiça e desejo de todos aqueles que se encontravam inseridos no ‘*american way of life*’, que adquiriu muito de seu sentido de sociedade de consumo durante a próspera década de 1920.

A idéia formada no imaginário norte-americano a partir dos avanços alcançados indicava para a possibilidade de tais benesses serem estendidas aos demais países da América Latina, numa tentativa de melhorá-los socialmente, ao passo que em termos de política interna se partiu para uma “caça aos vermelhos”, ou, bolcheviques.¹⁰⁴

¹⁰³ Para as cifras relativas ao crescimento dos lucros das empresas privadas norte-americanas durante a década de 1920, ver, especialmente: Miller, William. Nova História dos Estados Unidos. Belo Horizonte: Itatiaia, capítulo XII, ‘O impulso messiânico’, p.289/312. Os números relativos ao crescimento geral dos Estados Unidos se podem cotejar em: Allen, Frederick Lewis. *The Big Change. America transforms Itself 1900-1950*. New York: Bantam Books, 1952. Outras informações referentes a números e cifras sobre o crescimento econômico podem ser obtidas em: Adams, Willi Paul. *Los Estados Unidos de América*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 1984, especialmente o capítulo 5.

¹⁰⁴ Sobre a intensa perseguição a elementos, ditos, de orientação bolchevique ou comunista durante a década de 1920 ver, entre outros: Rémond, René. *História dos Estados Unidos*. São Paulo; DIFEL, 1961, especialmente o capítulo IV, “Isolacionismo e Imperialismo”, p.97; Pike, Frederick B. *The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature*. University of Texas Press, Austin/Texas:

Entretanto, a ânsia por lucros cada vez maiores constituiu o sentido do estereótipo do ‘*yankee imperialista*’, que apenas desejava explorar os recursos naturais do exterior em benefício próprio.¹⁰⁵ O exacerbar desses sentimentos antiamericanos entre os países vizinhos do Continente ao longo dos anos de 1920 preocupava ao governo dos Estados Unidos. A solução seria uma modificação na orientação da política externa norte-americana nas suas formas de relacionamento com a América Latina. Tal empresa, porém, não seria de fácil execução.

2.1 As origens da *boa vizinhança* e a transformação do *latino atrasado* em *bom vizinho*.

A mudança no relacionamento com as nações da América Latina tem sido estudada e relacionada de modo freqüente com o governo de Franklyn Dellano Roosevelt, que assumiu a presidência dos Estados Unidos em 1933 e intensificou a mudança na forma de lidar com os demais países do Continente. Entretanto, a conhecida ‘política da boa vizinhança’ tem suas raízes no final da década de 1920, mais precisamente, em 1928, no decorrer da administração de Herbert Hoover. Nas palavras de Jean-Baptiste Duroselle:

“todo se deriva de la conferencia de La Habana, en 1928. Ésta había mostrado con claridad la amplitud que la fobia antiyanqui había alcanzado y lo cerca que se estaba de una ruptura total. [...] Lo esencial era restablecer la confianza. Era una política de largo alcance, porque cuando la confianza ha sido destruida por actos, las palabras no bastan para restablecerla.¹⁰⁶

1995; Purdy, Sean. O Século Americano. IN: Leandro Karnal [ET.al]. História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007, p.173 e ss.

¹⁰⁵ Conforme assinalamos no capítulo anterior, o processo de constituição de estereótipos não é exclusivo de um só grupo de pessoas, classes ou Estados, ele é, a princípio, acessível a todos. Em relação a significação de sentimentos anti-americanos é necessário destacar que tal não se limitou aos anos de 1920, já ao longo do século XIX, os norte-americanos angariam para si uma série de estereótipos devido ao modo de suas empresas privadas, amparadas pelo governo, estabelecerem os negócios com outras nações e povos. A título de exemplo se pode registrar os sentimentos contrários aos Estados Unidos, alimentados por parte das populações nativas do Havai, em 1890, em face da política interna norte-americana de taxaço do açúcar oriundo daquelas localidades. Para incentivar os produtores locais de açúcar, o governo estabeleceu uma dura taxaço ao produto vindo do exterior, o que gerou uma quebra nas vendas dos produtores havaianos e, por conseguinte, na economia daquela região que se baseava no cultivo de plantations de açúcar. Para uma discussão mais detalhada ver: *Miller, William. op.cit.*

¹⁰⁶ Política exterior de los Estados Unidos. De *Wilson a Roosevelt: 1913-1945*. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura econômica, 1965, p.241/242. Os grifos são nossos.

A concepção da idéia de uma modificação na forma de relacionamento com os países da América Latina, segundo Durossele, se deveu muito a Henry Stimson, Secretário de Estado do presidente Hoover.¹⁰⁷ O intento não se limitou somente ao discurso, e ao longo de sua administração *Hoover* não se valeu da intervenção armada como *modus operandi* na solução das desavenças com os demais países do Continente Americano, apesar de manter a ocupação militar de algumas localidades da América Central. O grande empecilho para uma maior aproximação, ou, para um melhor entendimento mútuo eram as questões econômicas que eram conduzidas a partir de um imaginário constituído com base em concepções que opunham *civilização versus natureza*. As taxações criadas nos Estados Unidos para o ingresso de produtos oriundos do estrangeiro tornavam o comércio impraticável para os exportadores. A iniciativa de Henry Stimson apontada por *Durossele* como fruto de sua ‘visão política’ é considerada, por Frederick Pike, a partir do *locus* de análise do imaginário. Para Pike, Stimson concebia os habitantes da América Latina como atrasados, ainda em estado de *natureza*, mas passíveis de ser guiados em direção a *civilização*. A ‘visão’ política de que era necessário reconstituir o sentido do estereótipo do *yankee imperialista* em ‘bom vizinho’ somente se concretizou no contexto da década de 1930, durante a *Grande Depressão*, e veio a se consolidar em união de fato e de direito durante os anos da *Segunda Guerra Mundial*, quando por ocasião do combate das “nações livres das Américas” contra o expansionismo nazista e japonês e, mais tarde, contra o comunismo. Naquele processo, como pretendemos evidenciar através da análise dos exemplares da Revista *Selecciones del Reader’s Digest* entre 1940 e 1950, a imprensa escrita em especial e outros meios de comunicação em geral exerceram papel fundamental.

2.1.2 Boa Vizinhança contra ismos externos ao Continente Americano: os primeiros passos.

¹⁰⁷ Durossele, Jean-Baptiste. Política exterior de los Estados Unidos. De *Wilson a Roosevelt*: 1913-1945. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura económica, 1965, p.241. Vale lembrar que, na administração de Franklyn D. Roosevelt, o cargo de Secretário da Guerra coube a Henry Stimson. Outros autores também concordam com a visão de que foi na administração de Herbert Hoover que se lançaram as bases da ‘boa vizinhança’, entre eles: Allen, Frederick Lewis. *The Big Change. Americas transforms Itsel 1900-1950*. new York: Batm Books, 1952; Aguilar, Alonso. *Pan-Americanism. From Monroe to the Present*. New York and London: Monthly Rewiew Press, 1968; Pike, Frederick B. *The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature*. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995.

A década de 1930 foi significativa para a nova forma de relacionamento dos Estados Unidos com a América Latina devida em parte a política da ‘*boa vizinhança*’ do governo norte-americano, que deu seguimento a orientação adotada por Herbert Hoover, conforme assinalamos antes, e não se valeu do uso da força na solução de questões envolvendo as demais repúblicas do Continente. Porém, a contribuição da ciência não se pode desconsiderar. O contexto da ‘*Grande Depressão*’ propiciou um ambiente favorável para a re-significação do sentido do estereótipo do latino atrasado. As idéias do antropólogo Franz Boas de que todas as culturas tinham iguais virtudes adquiriram adeptos nos Estados Unidos, e, principalmente, nos círculos da intelectualidade ibero-americana daquela época. Nas palavras de *Pike*:

“o pluralismo cultural cruzou a fronteira. [...] a nova geração de latino-americanos encontrou conforto nas convicções de Boas sobre a igualdade entre as diferentes culturas e suas especulações sobre o poder da mestiçagem [...] Intelectuais inspirados pela teoria de Boas abraçaram o novo otimismo sobre o futuro do seu Continente incluindo o brasileiro Gilberto freire, [...], os mexicanos Manuel Gamaio e José Vasconcelos, e também um robusto contingente de pensadores americanistas chilenos”.¹⁰⁸

Ao longo dos nos de 1920 os norte-americanos admitiram a falência de suas tentativas de melhorar socialmente algumas localidades da América Central. A década seguinte, 1930, propiciou uma nova concepção de cultura, em total oposição ao evolucionismo darwiniano. Para *Pike*: “o pluralismo cultural consubstanciou outro elemento que viabilizava a política da boa vizinhança, qual seja o abandono da idéia de melhorar socialmente a América Latina. A interação dessas convicções possibilitou a expansão da aceitação americana da não-intervenção, o elemento chave da Boa Vizinhança”.¹⁰⁹

¹⁰⁸ *Pike, Frederick*. The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995; p.265/266.No original: “[...] cultural pluralism crossed the border. [...] a new generation of Latin Americans found comfort in Boas’s conviction of equality among different cultures and his speculation that mestizaje actually might [...]. Intellectuals inspired by Boas’s theories to embrace a new optimism about their continent future included Brazil’s Gilberto Freyre, [...], Mexico’s Manuel Gamio and José Vasconcelos, and also a robust contingent of Andean American thinkers”.

¹⁰⁹ *Pike, Frederick*. The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995; p.266. No original: “cultural pluralism in the United States

A constituição de um sentido positivo para o termo ‘boa vizinhança’, no campo econômico e comercial, entre 1933 e 1939, foi mais difícil. Apesar do reconhecimento da não-intervenção como necessário no relacionamento político com as repúblicas do Continente, e de uma admissão da sua incapacidade de melhorar a região, os Estados Unidos assistiram a uma drástica competição nas suas relações Continentais, aliada a um forte receio dos ‘bons vizinhos’. O comércio exterior com as nações ibero-americanas no período posterior à crise de 1929 foi muito afetado, e ao longo da década de 1930 os Estados Unidos perderam espaço para uma nação europeia que despontava no cenário mundial: a Alemanha nazista.¹¹⁰ A intensificação dos negócios entre o regime de *Adolf Hitler* e os governos e a iniciativa privada dos países ibero-americanos foi facilitada pelo fato dos alemães não condicionarem o ato de trocas comerciais a utilização de moeda corrente como forma de pagamento. A re-organização da economia alemã, em 1934, introduziu no mercado mundial uma moeda meramente contábil: o ‘*marco compensado*’.¹¹¹ Naquele sistema, quem desejasse vender para a Alemanha de *Hitler* deveria se mostrar disposto a comprar produtos oriundos de suas indústrias, fato que tornava as transações muito atrativas para os governos ibero-americanos, ansiosos por vender seus produtos e carentes de moeda internacional para efetuar as trocas. Os Estados Unidos, por sua vez, mesmo apregoando a política da boa vizinhança não abriam mão do pagamento, em espécie, das trocas comerciais feitas entre as nações, fossem bons vizinhos ou não. Apesar das dificuldades e da competição estrangeira, a administração de *Roosevelt* expandiu as negociações com os países da América Latina tendo como écran o aumento da ameaça externa do *Eixo*. Conforme refere Sean Purdy:

“Roosevelt assinou vários acordos comerciais com os países latino-americanos e os investimentos dos Estados Unidos na região triplicaram entre 1934 e 1941, aumentando a sua influência política por meio do

complemented another of the developments that helped make possible the Good Neighbor approach to Latin America”.

¹¹⁰ No capítulo 4 deste trabalho analisamos a questão da constituição do sentido da ‘ameaça nazista’ nas matérias de *Selecciones del Reader’s Digest* entre 1940 e 1945, além de sua *re-significação* em nação aliada na luta contra outro estereótipo, o *comunismo*, no contexto da *guerra fria*.

¹¹¹ Para uma análise mais detalhada do comércio de compensação, ver, especialmente: Menezes, Albene Miriam F. Alemanha e Brasil: o Comércio de Compensação nos Anos de 30. IN: Brancato, Sandra M. L. & Menezes, Albene Miriam F. Anais do Simpósio Cone Sul no contexto internacional. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

controle econômico. Preocupado com a crescente possibilidade de guerra na Europa e na Ásia, Roosevelt também aumentou relações formais com os militares latino-americanos e montou os primeiros esquemas de ajuda financeira na área de desenvolvimento social e cultural, visando o apoio dos países latino-americanos no caso de guerra”.¹¹²

A Conferência Inter-Americana, ocorrida em 1933, foi um marco na política externa dos Estados Unidos na medida em que pela primeira vez, desde 1889, ocasião da primeira reunião de líderes políticos dos países do Continente, os Estados Unidos reconheceram que os países da América Latina tinham, sim, o direito de autogoverno livre de intervenções militares. A pressão dos líderes políticos ibero-americanos para que se abandonasse o uso da força militar como elemento solucionador de desavenças oriundas, em sua maioria, da área comercial, deu resultado. Contudo, não se pode considerar a questão somente do ponto de vista da ‘boa vontade’ dos norte-americanos. Em que pese o ato volitivo da aproximação, é preciso levar em conta, também, outros aspectos. Entre eles o econômico, que conforme refere Pike, foi decisivo na tomada de decisão em relação ao fim das intervenções armadas. A falência econômica impedia as aventuras militares no exterior.¹¹³ Além disso, as inúmeras tentativas de ‘melhorar socialmente’ as regiões abaixo do *Rio Grande* colaboraram no abandono da prática das intervenções na medida em que o insucesso daquelas ações militares gerava questionamentos em relação à sua eficácia; o poder do mito era questionado em face de sua comprovada falibilidade. Entretanto, não se deve minimizar a importância das decisões tomadas em 1933, especialmente a criação do mecanismo de consultas entre os representantes das repúblicas do Continente quando fosse necessário. Além disso, a reunião de Buenos Aires deu aos líderes políticos da América Latina uma vitória que a muito perseguiram: a admissão, por parte dos Estados Unidos, que não haveria seguimento à prática das intervenções militares, o ‘*big stick*’ havia sido abandonado.

¹¹² O século Americano. P.214/215. IN: Leandro Karnal... [et al]. História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

¹¹³ Pike, Frederick. The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995; p.261.No original: “the real reason for America’s temporary withdrawal from intervention as of 1934 had a little to do with hemispheric international law as codified by latin americans. It had a great deal to do with depression, witch imposed the need to economize”.

As reuniões entre os líderes das repúblicas americanas durante a década de 1930 foram importantes para o processo de re-significação mútua de sentidos para os estereótipos do *yankee imperialista* e do *latino atrasado* em oposição à *ameaça externa* que se projetava contra ambos. Houve outras conferências ao longo da década de 1930 que acrescentaram uma série de medidas e decisões políticas conjuntas a ser tomadas pelos países do bloco *Pan-Americano*. A complexidade e a extensão de um estudo aprofundado delas não caberiam neste trabalho, além de não ser nosso principal objetivo. Entretanto, deve-se atentar para a sua importância no processo de aproximação entre as ditas nações americanas, na medida em que elas foram consubstanciadas com outras medidas, também de caráter político que consolidaram a constituição de um sentido positivo para o imaginário da ‘boa vizinhança’, do ‘pan-americanismo’, e, em especial, para a significação de ‘inimigos comuns’, ou, ‘ameaças externas’. Em 1942, na reunião do Rio de Janeiro, as repúblicas do Continente Americano que até então haviam se colocado numa posição de neutralidade em relação ao conflito mundial tomaram a decisão em conjunto de romper relações diplomáticas com os países do *Eixo* porque uma das cláusulas contratadas entre elas havia sido violada. O ataque japonês a base norte-americana de *Pearl Harbor*, no Havaí, ocasionou o acionamento do sistema interamericano de defesa. As nações americanas, sob a liderança dos Estados Unidos, passaram a lutar contra a *ameaça externa* personificada nos agentes do *Eixo*. Naquele processo, como veremos adiante, a revista *Selecciones del Reader's Digest* exerceu um papel importantíssimo na significação de um sentido positivo para o imaginário da boa vizinhança e do pan-americanismo, como, também, na criação de uma imagem negativa, mas suscetível de re-significação, dos inimigos a ser combatidos. E mais: com o fim da segunda Guerra Mundial se imaginou o ‘novo’ mal a ser evitado, o comunismo, e tal era dever de todas as nações democráticas e capitalistas, entre as quais, a Alemanha e o Japão, os ex-inimigos e os países da América Latina.

2.1.3 A re-significação dos estereótipos através da ação de uma agência governamental: o OCIAA e a América Latina, 1940/1945.

A aproximação com as várias repúblicas que compunham a América Latina dificultava a ação política do governo norte-americano de intensificar a sua presença naquelas regiões na medida em que as decisões tomadas nas Conferências Inter-Americanas eram burocratizadas e demoravam a surtir efeito. O esforço para re-significar a imagem de um país disposto a colaborar com os demais ‘bons vizinhos’ deveria se intensificar. A solução encontrada pelo presidente Franklyn Roosevelt foi a criação de uma agência governamental para cuidar do assunto. Em agosto de 1940, foi criado o *Office for Coordinator of Commercial and cultural Relations between the Américas*, que um ano mais tarde passou a se chamar: *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*.¹¹⁴ A direção da nova organização ficou a cargo de Néelson Rockefeller, um dos herdeiros das empresas petrolíferas *Standard Oil*, com negócios espalhados por toda a América Latina, mas alguém que conhecia a realidade da exploração de recursos localizados naquela região devido ao seu envolvimento com os negócios. A composição do *OCIAA* contava com outros profissionais ligados ao ramo empresarial dos Estados Unidos. Conforme Colby & Dennett:

“além de assistentes do grupo financeiro Rockefeller, as principais posições do CIAA estavam nas mãos de capitães de indústria, como o financista e produtor cinematográfico John Hay Whitney, o rei do algodão do Texas Will Clayton (que trabalhava com a Divisão de Mercadorias e Matérias-Primas do CIAA) e o gerente de exportações da Otis Elevators, Percy Douglas. O conhecimento em negócios vinha não apenas para dentro do CIAA, mas fluía dele também”.¹¹⁵

A organização interna do *Office* compreendia várias seções denominadas “Divisões”. Sobre o sistema organizacional da agência, Érica G. D. Monteiro refere que:

¹¹⁴ A referida agência do governo norte-americana é citação obrigatória nos trabalhos que tomam as relações entre os Estados Unidos e a América Latina no decurso da II.a Guerra. Para a ‘história oficial’ daquele órgão ver: Rowland, Donald W. *History of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs – Historical Report on War Administration*. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1947, exemplar mimeo. Se deve registrar que ao longo deste trabalho alternaremos a utilização da sigla OCIAA com a palavra Office, grifada em itálico para referir a supracitada agência. Outros trabalhos que consideram estudos em relação ao OCIAA são: Moura, Gérson. *O Tio Sam chega ao Brasil. A penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1991; Tota, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; Mesquita, Silvana Queiroz Nery. *A política cultural norte-americana no Brasil: o caso do OCIAA e o papel das Seleções Reader’s Digest, 1940-1946*. Rio de Janeiro; dissertação de mestrado apresentada a UERJ, em 2002;

¹¹⁵ Colby, Gerard & Dennett, Charlotte. *Seja feita a Vossa Vontade: Néelson Rockefeller e o evangelismo na Idade do petróleo*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p.144.

“o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA)* era formado por quatro divisões [...] a de comunicações, que envolvia as seções de rádio, cinema, imprensa, viagens e esportes [...] a de comércio e finanças, que incluía transportes, exportações [...] a de saúde, que tinha como foco programas sanitários e a divisão de relações culturais, que lidava com arte, música, literatura, publicações, intercâmbios e educação”.¹¹⁶

Para Colby & Denett, o *Office*:

“expandira as instalações de transmissões em ondas curtas para a América Latina. Distribuía transcrições e gravações cuidadosamente selecionada para emissoras de rádio de a América Latina retransmitirem. Convenceu Hollywood a negar material para cinemas que exibissem filmes ou cinejornais italianos e alemães. O *CIAA* preencheu o vazio de notícias com propaganda própria, produzindo noticiários, desenhos animados políticos e filmes com o lado róseo da cultura americana e de governos latino-americanos. A divisão de imprensa de Rockefeller era outro grande sucesso. A cada mês saturava a América Latina com notícias e reportagens leves, concentrando-se em 1.200 donos de jornais que dependiam de carregamentos de escasso papel de imprensa subsidiado pelo *CIAA* e levado por navios americanos”.¹¹⁷

A importância da agência liderada por Rockefeller na re-significação do sentido negativo da imagem que os ibero-americanos tinham em relação aos Estados Unidos foi decisiva para a boa vizinhança. As ações do *Office* surtiram efeito nos vários campos em que foram aplicadas, com destaques para o econômico e o cultural. Na área econômica, o *Office* assimilou os excedentes de produção das repúblicas e passou a coordenar a compra e o envio de matérias-primas extraídas na América Latina para as indústrias norte-americanas. Em relação às políticas culturais, a agência de Rockefeller se superou. A concepção de que a propaganda em jornais e revistas ibero-americanas dos produtos e serviços das empresas era uma excelente ‘ferramenta’ para a tarefa de conquistar

¹¹⁶ A guerra com slogan: visualizando o *Advertising Project* na propaganda comercial da *Revista Seleções do Reader's Digest* (1942-1945). Rio de Janeiro: dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História Social, 2006, p.45. Exemplar mimeo. A extensão do sistema organizacional do OCIAA era complexa e uma análise pormenorizada não caberia em nossa discussão e também não é o nosso objetivo. A melhor fonte para entender a significativa rede de escritórios e divisões que compreendia o *Office* é a obra supracitada de *Donald W. Rowland*.

¹¹⁷ Colby, Gerard & Dennett, Charlotte. *Seja feita a Vossa Vontade: Nelson Rockefeller e o evangelismo na Idade do petróleo*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p.141/142. Grifado no original.

os mercados daquela região levou Rockefeller a instar amigos empresários e o governo dos Estados Unidos para que aumentassem a carga de investimentos em anúncios.¹¹⁸ E mais: o *Office* conseguiu introduzir nesses anúncios uma série de “slogans” que incitavam a boa vizinhança, a união pan-americana e a defesa da democracia. A imprensa escrita, falada e representada nas telas não deu prosseguimento ao imaginário do atraso dos ibero-americanos.¹¹⁹ A direção tomada foi oposta. A ‘boa vizinhança’ constituiu um sentido relacionado a não-intervenção norte-americana e também permitiu aos Estados Unidos afastarem da mentes de seus vizinhos as imagens significadas em torno da política externa de administrações anteriores, notadamente a do ‘big stick’, e a da ‘diplomacia do dólar’.¹²⁰

2.1.4 A guerra fria e o fim da política de Boa Vizinhança.

A influência do *Office* durou o tempo de sua existência, e essa o tempo da Segunda Guerra Mundial. Com o fim do conflito, o *OCIAA* foi desmantelado e muito de suas informações e experiências na América Latina foi repassado para a nova organização encarregada de serviços secretos e inteligência, a *Central Intelligence Agency*, ou *CIA*.¹²¹ A atitude do governo dos Estados Unidos refletia, em parte, a perda de interesse na região da América Latina face ao contexto de encerramento das hostilidades e futura re-abertura dos canais de comércio em termos mundiais. As matérias-primas fornecidas em abundância

¹¹⁸Rockefeller obteve do governo norte-americano a garantia de que todos os gastos efetuados pelas companhias privadas americana em publicidade nos jornais e revistas indicados pelo Office seriam passíveis de dedução no imposto de renda, além de considerados como colaboração ao esforço de guerra e de preservação de futuros mercados. Para as cifras relativas aos gastos das empresas com publicidade durante a Segunda Guerra Mundial ver: Rowland, Donald W. *History of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs – Historical Report on War Administration*. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1947, p.21 e ss.

¹¹⁹ Analisamos a questão da ideologia norte-americana e a propaganda de guerra utilizando os exemplares de *Seleções do Reader's Digest* e nos deparamos com uma série de slogans e símbolos nos anúncios de produtos, e em todos os casos era nítida a exaltação da política externa norte-americana da época. Para tanto, ver, especialmente: Scherer Júnior, Charles. *Texto e Contexto: a Revista Seleções do Reader's Digest e a difusão da ideologia norte-americana, no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, 1942/1945*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGH da PUCRS, Porto Alegre, 2004.

¹²⁰ Sobre a ‘Diplomacia do Dólar’, ver, especialmente: Vladimirov, L. *A Diplomacia do Dólar. A guerra Hispano-Americana de 1898*. [s.l]: Vitória, 1960; Offner, Arnold A. *The origins of the Second World War. American foreign policy and world politics, 1917-1941*. New York: Praeger Publishers, 1975, especialmente o capítulo 3, “Politics and the Diplomacy of the Dollar”.

¹²¹ É necessário registrar que o antigo Office of Strategic Services (OSS) foi a agência da qual a CIA surgiu, porém foram indiscutíveis as colaborações oriundas do OCIAA na constituição daquela.

pelas nações ibero-americanas não eram mais vitais, e em sua maioria já eram passíveis de obtenção através de processos laboratoriais. Nas palavras de Alonso Aguilar:

“a Política de Boa Vizinhança não era o que precisamente as pessoas supunham ou desejavam que fosse –o fim do imperialismo- mas também nunca foi uma expressão vazia. Ela foi um passo adiante e distante do comportamento agressivo que dizia respeito aos Estados Unidos, comportamento que havia culminado em intervenções armadas no México, América central e no Caribe. Ela constituiu uma vitória para as forças democráticas do continente”.¹²²

O processo de constituição de um sentido positivo para o estereótipo do imperialismo e do atraso dos ibero-americanos ocorrido ao longo dos anos de 1930 e início de 1940 foi motivado em grande parte, e conforme vimos antes, pela depressão oriunda da crise de 1929, que forneceu um contexto favorável para o questionamento da alegada supremacia e capacidade dos norte-americanos em melhorar socialmente outras regiões ou povos criando um ambiente que *Pike* chamou de “*pluralismo cultural*”. O desenrolar das ações agressivas por parte dos países que integravam o *Eixo* produziu, por sua vez, reflexões em relação à paridade das culturas. Nas palavras de *Pike*: “durante o curso da Segunda Guerra, o pluralismo cultural perdeu muito de seu caráter atrativo para os americanos. Como eles podiam defender conceitos de equivalência moral entre culturas e povos diferentes quando se viam ante ao poderoso combate contra a Alemanha de Hitler e Japão do Imperador Hirohito?”.¹²³ A melhora nos níveis de renda interna dos norte-americanos durante os anos do conflito mundial trouxe de volta a idéia de que o capitalismo havia superado a crise. Em que pese a importância dos fatores econômicos naquele contexto outros aspectos devem também reter a atenção da análise. Deve-se levar em

¹²² Pan-Americanism. From Monroe to the Present. New York and London: Monthly Review Press, 1968, p.69. A tradução é nossa. No original: “the Good Neighbor Policy was not precisely what many people desired or supposed it to be –the end of imperialism- but neither was it merely an empty phrase. It was a step forward as far as the aggressive behavior of the United States was concerned, behavior which had culminated in armed interventions in Mexico, Central America, and the Caribbean. It was a constituted a victory for the democratic forces of the continent”.

¹²³ *Pike, Frederick*. The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995; p.290. A tradução é nossa. No original: “during the course of World War II, cultural pluralism lost much of its attractiveness to Americans. How could they embrace concepts of the moral equivalence of disparate cultures and different peoples when locked in a mighty struggle with Hitler’s Germany and Emperor Hirohito’s Japan?”.

consideração a interação dos fatores econômicos, políticos e culturais agindo no processo de constituição do imaginário, conforme vimos referindo.

Nessa perspectiva, a modificação em relação a percepção dos norte-americanos no final da Segunda Guerra Mundial adquire um sentido amplo e passível de ser analisado. O abandono da política da boa vizinhança na administração de Harry Truman representou o re-surgimento de um velho inimigo: a “ameaça comunista”. Naquele contexto, as re-significações dos estereótipos do *american way of life* são mais perceptíveis porque envolve, de modo simultâneo, a transmutação dos sentidos de vários antípodas: os antigos inimigos do Eixo estavam adquirindo uma imagem “democrática” numa Europa em disputa, o antigo aliado russo mostrava o seu poder de estereótipo tentando ampliar as suas influências políticas e ideológicas não só o para o Velho, mas também o Novo Mundo enquanto que os ‘bons vizinhos’ voltaram à esfera de influência da *Doutrina de Monroe*, sob a ótica do corolário de Truman àquela *Doutrina*. Sobre o fato, refere William Miller:

“só o terror comum levara os Aliados ocidentais a travar juntos uma guerra contra a Alemanha, a partir de setembro de 1939 [...] e só um inimigo comum os ligara aos comunistas contra o Eixo, dois anos depois. Dissipado esse terror, vacilante o inimigo, os membros da ‘Grande Aliança’ logo se desavieram. A URSS foi, naturalmente, a pedra de toque das dificuldades. O comunismo separava a Rússia das nações livres do Ocidente”.¹²⁴

Nas palavras de Aguilar:

“os dias de New Deal e Boa Vizinhança estavam acabados. A velha Doutrina de Monroe retornou, mas com um novo nome e fisionomia. Doravante, se chamaria Doutrina de Truman, e os seus principais objetivos internacionais seriam: exercer pressão sobre a União Soviética e obstruir a sua reconstrução; [...] estender a dominação dos Estados Unidos no Oriente Médio, África, Ásia e América Latina [...]. Os Estados Unidos passaram a empregar o Plano Marshall na Europa e o Sistema Inter-Americano na América Latina como seus instrumentos”.¹²⁵

¹²⁴ Nova história dos Estados Unidos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962, p.375.

¹²⁵ Pan-Americanism. From Monroe to the Present. New York and London: Monthly Review Press, 1968, p.81. A tradução é nossa. No original: “The days of the New Deal and the Good Neighbor Policy were over. The old Monroe Doctrine came to the fore again, but with a new name and physiognomy. Henceforth, it was to be called the Truman Doctrine, and its principal international objectives would be [...] to bring a pressure on the Union Sovietic and obstruct its reconstruction [...] to extend United States domination in the Middle

E mais:

“após 1945, estava claro que o curso da situação internacional não corria favoravelmente para a América Latina. Na Conferência de Chapultepec, um encontro especial de Ministros de Relações Exteriores chamado para discutir problemas de guerra e paz, a delegação dos Estados Unidos, chefiada pelo Secretário de Estado *Stettinius* [...], pressionou para obter uma grande cooperação militar e aumentar a dependência. Enquanto os países ao Sul do Rio Grande tinham esperança de consolidar o modesto desenvolvimento industrial atingido durante a guerra [...] os Estados Unidos compareceram a reunião com o seu chamado Plano Clayton”.¹²⁶

Em relação ao Plano Clayton, Aguilar refere que: “sob esse Plano, os Estados Unidos tentaram fazer valer a tese que defendia a liberdade irrestrita de comércio como significado para o retorno a ‘normalidade’ do passado, tal equivaleria a dizer, uma situação por meio da qual as grandes potências industriais, especialmente os Estados Unidos, retomariam os seus velhos mercados e expandiriam a sua influência por toda a parte”.¹²⁷ O *Plano Clayton* foi adotado por decisão dos representantes dos países americanos durante a Conferência Mundial das Nações Unidas para o Comércio e Emprego, realizada em 1947, em Havana, Cuba.¹²⁸

A intensa consulta entre os representantes dos países americanos após a Segunda Guerra foi uma caminhada para a transformação da esfera de ação dos Estados Unidos de um nível continental para mundial. A *Doutrina de Monroe* reivindicou para os

East, Africa, Asia and Latin America [...]. The united States was to employ the Marshall Plan in Europe and the Inter-American System in Latin America as its main instruments”.

¹²⁶ Idem, op.cit, p.80-81. A tradução é nossa. No original: “after 1945, it was clear that the course of the international situation would not run favorably for Latin America. At the 1945 Chapultepec Conference, a special meeting of Ministers of Foreign Affairs called to discuss problems of war and peace, the United States delegation, headed by Secretary of State Stettinius [...], brought pressure to bear to obtain greater military cooperation and increased dependence. While the countries south of the Rio Grande hoped to consolidate the modest industrial development they had achieved during the war [...] the United States appeared at the conference with the so-called Clayton Plan”.

¹²⁷ Pan-Americanism. From Monroe to the Present. New York and London: Monthly Review Press, 1968, p.81. A tradução é nossa. No original: “under this plan, the United States tried to push through the thesis of unrestricted freedom of trade which signified a return to the ‘normalcy’ of the past; that is to say, to a situation whereby the great industrial countries, especially the United States, would recapture their old markets and expand their influence everywhere”.

¹²⁸ Cf. Aguilar, Alonso. Op.cit, p.81.

Estados Unidos a exclusividade em relação às demais regiões do Continente se opondo a pretensão das nações européias de ali se fixarem ou tentar manter preponderância, o corolário de Truman, por sua vez, passo a passo, estendeu o raio de ação norte-americana em termos globais e também em franca oposição a uma ‘ameaça externa’. Em 1947, no Rio de Janeiro, os Estados Unidos assumiram um compromisso multilateral, e tal implicava em contradizer uma máxima norte-americana que remontava ao imaginário político do tempo da independência, de não proceder daquela maneira quando tal pudesse implicar negativamente no futuro da nação, principalmente, se o caso envolvesse a entrada em uma guerra. Abandonando a máxima, pactuaram com as demais repúblicas do Continente que a defesa seria feita em conjunto, e que uma agressão contra uma dos membros seria considerada em termos coletivos. O *Tratado Inter-Americano de Assistência Recíproca*, doravante, chamado de *TIAR*, instrumentalizou a política de Truman para a América Latina. Nas palavras de Aguilar:

“mais sério para toda a América Latina não foi o que teve lugar em Havana, em 1947, mas os acordos adotados no Rio de Janeiro no mesmo ano. Naquele tempo, a ‘ameaça comunista’ serviu para manter a tensão internacional no sentido de justificar o aberto suporte aos numerosos governos antipopulares, para enterrar o New Deal, para manter abertas as fábricas de armamentos [...], e para fortalecer os grupos mais conservadores nos Estados Unidos e em outros países”.¹²⁹

A opinião de Alonso Aguilar é incisiva em relação às implicações oriundas da aceitação por parte das repúblicas ibero-americanas das cláusulas contidas no *TIAR*. Nas palavras do autor:

“nunca desde o tempo de Blayne e o ‘Destino Manifesto’, durante o tempo de Wilson e a 1ª. Guerra Mundial, ou através dos anos de luta contra o fascismo uma decisão teve tão graves implicações como aquelas que foram adotadas no Rio em 1947. O Tratado Inter-Americano de Assistência Recíproca não foi somente o primeiro tratado militar assinado na América em tempo de paz; ele foi um instrumento planejado para solapar a soberania latino-americana, para submeter as mais importantes

¹²⁹ Pan-Americanism. From Monroe to the Present. New York and London: Monthly Review Press, 1968, p.82. A tradução é nossa. No original: “but most serious of all for Latin America was not what took place in Havana in 1947, but the agreements adopted at Rio de Janeiro the same year. Up to that time, the ‘Communist threat’ had served to maintain international tension in order to justify open support of numerous anti-popular governments, to bury the New Deal, to keep open the armaments factories [...], and to strengthen the most conservative groups in the United States and other countries”.

decisões nacionais ao voto de outros países, [...] através da alegação que o avanço dos países socialistas e os movimentos de libertação eram a pior ameaça que o mundo já vira surgir depois da guerra”.¹³⁰

A questão, se analisada do ponto de vista da segurança nacional dos Estados Unidos, poderia ser considerada, segundo afirmava Margaret Daly Hayes, da seguinte maneira:

“o interesse fundamental dos Estados Unidos é defender suas fronteiras contra inimigos hostis. Nenhuma nação latino-americana atacará os Estados Unidos. Isto é claro. No entanto, é histórica a preocupação dos Estados Unidos em prevenir que uma força externa ao hemisfério nele estabeleça uma base de poder ou de influência na região. O uso de territórios com fins militares por parte da União Soviética no hemisfério é uma clara e intolerável ameaça a segurança dos Estados Unidos”.¹³¹

O estabelecimento de um acordo multilateral de segurança e defesa logo após o término da Segunda Guerra Mundial não fazia sentido, segundo o argumento de Dexter Perkins:

“um ataque físico direto a qualquer um dos estados latino-americanos era um dos perigos menos prováveis de acontecer; e mesmo que ocorresse [...] o encargo de repeli-lo caberia quase que inteiramente aos Estados Unidos. [...] O que era muito mais de temer do que uma invasão era a subversão, e isso envolvia tanto os interesses ideológicos quanto os econômicos”.¹³²

As afirmações de Dexter Perkins em relação ao ponto de vista diplomático daquilo que nós consideramos como o processo de constituição dos estereótipos do

¹³⁰ Pan-Americanism. From Monroe to the Present. New York and London: Monthly Review Press, 1968, p.83/84. A tradução é nossa. No original: “not even at the time of Blayne and ‘manifest destiny’, during the time of Wilson and World War I, or throughout the years of struggle against Fascism was a decision with such grave implications reached as that adopted in Rio in 1947. The Inter-American Treaty of Reciprocal Assistance was not only the first military treaty signed in America in peacetime [...] it was also an instrument intended to undermine Latin-American sovereignty, to submit the most important national decisions to the vote of other countries, [...] by alleging that the advance of Socialist countries and of libertation movements was the worst threat to the world that had arise out of the war”.

¹³¹ Latin America and the U.S. National Interest. A basis for U.S. Foreign Policy. Colorado: Westview Press, 1984, p.7. A tradução é nossa. No original: “the United States [...] most fundamental interest is in securing its borders against hostile enemies. No Latin American country is going to attack the United States. That is clear. However, it has been the United States historical concern to prevent powers from outside the hemisphere from establishing a base of power or influence within the region”

¹³² A Diplomacia de uma Nova Era. Principais acontecimentos na política dos Estados Unidos desde 1945. Rio de Janeiro: Record, 1968, p.154. Os grifos são nossos.

american way of life são significativas não só porque evidenciam a importância dos aspectos a que se propõem, mas, também porque refuta o primado do econômico. Para esse autor, o volume de investimentos dos Estados Unidos na América Latina nunca foi tão alto quanto no período após a Segunda Guerra Mundial, fato que teria oportunizado aos adeptos da explicação econômica encontrar naquele contexto uma série de evidências do alegado, primado do econômico.¹³³ Entretanto, ao tentar ‘redimir’ o capital americano do estereótipo de imperialista, Perkins se valia do termo ‘lenda’ para referir o antípoda, o que evidencia a limitação do enfoque diplomático para a explicação do processo de constituição dos estereótipos. É claro que o objetivo daquele autor não era o mesmo que o desta pesquisa, mas é interessante salientar o detalhe. Nas palavras de Perkins: “existe uma ‘lenda’, não necessariamente restrita a América Latina de que o capitalismo norte-americano é uma ameaça para o desenvolvimento de outros países. Eu digo ‘lenda’, porque a exportação de capital norte-americano para países estrangeiros tem feito mais bem do que mal”.¹³⁴ Além disso, se pode notar nas palavras do autor uma concepção de que existia uma ‘missão’ na ação financeira dos Estados Unidos e essa era no sentido de ‘fazer o bem’ ao estrangeiro através da exportação de capitais e investimentos. Nunca houve uma ‘lenda’ sobre o imperialismo expansionista, mas sim existiu o estereótipo do “gringo”, do “yankee imperialista” constituído pelos ibero-americanos e que os Estados Unidos tentaram, ao longo do período da política da boa vizinhança, por medidas políticas, econômicas e culturais re-significar, período em que os ibero-americanos, por sua vez, foram retratados com aspectos positivos em detrimento de seu antes, alegado, “atraso”.

A ampliação das relações de dominação dos Estados Unidos em relação às nações contíguas do Continente prosseguiu ao longo de 1948 com a reunião de *Bogotá*. Sobre aquele encontro Aguilar refere:

“enquanto os homens de negócios e as autoridades governamentais continuavam a clamar por um Plano Marshall para a América Latina, os Estados Unidos enviaram o General Marshall em pessoa como chairman de sua delegação [...] o objetivo de Marshall em Bogotá era o mesmo dos Estados Unidos [...] *conter a expansão do socialismo*, bloquear suas

¹³³ Cf. A Diplomacia de uma Nova Era. Principais acontecimentos na política dos Estados Unidos desde 1945. Rio de Janeiro: Record, 1968, p.154 e ss.

¹³⁴ A Diplomacia de uma Nova Era. Principais acontecimentos na política dos Estados Unidos desde 1945. Rio de Janeiro: Record, 1968, p.155. Os grifos são nossos.

potenciais forças, [...], *inventar um perigo eminente a 'Civilização Cristã', e incorporar outros países na estratégia anticomunista*".¹³⁵

As decisões acordadas em Bogotá introduziram um novo elemento nas relações entre os Estados Unidos e os demais ibero-americanos no contexto da guerra fria: a forma democrática de governo como algo intocável querendo significar liberdade e em total oposição ao comunismo. Daquela maneira, um ataque contra uma instituição governamental de orientação democrática –passeatas, protestos ou até comícios- seria considerado um ato de agressão contra todos os países do Continente e passível de punição, *missão* que estava a cargo dos Estados Unidos. Por meio de uma cláusula contratual aceita por todos os representantes dos governos do Continente Americano se adotou a democracia como forma privilegiada de governo, ainda que algumas repúblicas ibero-americanas insistissem em “ditaduras” simpáticas ou não ao comunismo.

O processo de constituição de sentidos e suas inerentes re-significações não podem ser compreendidos somente a partir da análise dos fatores contextuais de ordem política ou econômica. Tal posicionamento seria incorrer naquilo de John Thompson chamou de “falácia do contextualismo”.¹³⁶ No caso dos estereótipos do *american way of life*, especialmente, os meios de comunicação tiveram uma função importante porque foi, também, através da mídia que se constituiu o significado das ameaças externas que tem sido recriado de modo constante ao longo da história dos Estados Unidos, e em especial, como veremos, ao longo dos anos de 1940 a 1950. A partir dessas considerações passaremos, a seguir, a evidenciar a participação da revista *Selecciones del Reader's Digest* nesse processo.

2.2 A constituição de um sentido para a democracia e a significação da ameaça externa comum aos “americanos”.

¹³⁵ Pan-Americanism. From Monroe to the Present. New York and London: Monthly Review Press, 1968, p.87. A tradução e os grifos são nossos. No original: “inasmuch as businessmen and even numerous government officials kept calling for a Marshall Plan for Latin American, the United States hastened to send General George Marshall himself as chairman of its delegation [...] Marshall's objective in Bogotá was essentially the same as that of the United States everywhere at the time [...] to halt the spread of socialism, to block it as a potential force, [...], to invent an imminent danger to 'Christian civilization', and to incorporate other countries into the overall anti-Communist strategy”.

¹³⁶ Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na Era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

A tarefa de apresentar aos leitores da edição em língua espanhola da *Revista Selecciones* uma imagem positiva dos Estados Unidos e sua disposição em cooperar no processo de transformação e melhoria social da América Latina sob os auspícios da ‘*Política da Boa Vizinhança*’ incluíam a disseminação da idéia de que os norte-americanos tinham uma concepção também positiva em relação aos habitantes e as regiões localizadas além do *Rio Grande*, a última fronteira dos Estados Unidos.

A partir de uma série de medidas políticas, o governo norte-americano em parceria com a iniciativa privada passou a incentivar e financiar campanhas e projetos que objetivavam destacar não o caráter atrasado dos ibero-americanos, mas o seu progresso em direção à “democracia” e à “civilização” porque auxiliados pela mão e pelas finanças norte-americanas. Nesse processo, a participação da imprensa em geral, e da *Revista Selecciones* em especial, foi significativa. Tal é o que podemos cotejar na matéria “Costa Rica: Ejemplo de Democracia”.¹³⁷ Nas palavras do autor:

“en una visita que tuve la suerte de hacer a Costa Rica se me reveló esta nación como uno de los países más encantadores del mundo y una de las democracias ,as puras que aún existen en este conturbado planeta: singular república que carece de Ejército, cuyo Presidente gana un sueldo mensual equivalente a 268 dólares y que está habitada por gentes industriosas, de ejemplar honradez, de sencillas y morigeradas costumbres...”¹³⁸

Revelando certo determinismo geográfico, o autor prosseguia afirmando que: “el propio clima de Costa Rica, com sus días templados y sus noches frescas todo el año, promueve y favorece la vida apacible y ordenada. Sus privilegiados moradores ignoran la postración inseparable de las grandes altitudes y el enervamiento propio del calor tórrido y húmedo de los llanos”.¹³⁹

O seguimento da argumentação do autor contribuía para constituir o sentido de um governo democrático como legítimo e justo ante ao público leitor. Conforme destacava Gunther:

¹³⁷ Gunther, John. *Selecciones del Reader's Digest*, febrero de 1941, p.67/69. Conforme informavam os editores do *Digest*, a matéria foi publicada originalmente no periódico “*Current History and Fórum*”.

¹³⁸ Gunther, John. Costa Rica: Ejemplo de Democracia. *Selecciones del Reader's Digest*, febrero de 1941, p.67. Os grifos são nossos.

¹³⁹ Idem, op.cit, p.68.

“cada cuatro años celebran los costarricenses elecciones ordenadas y libres de toda coacción que tuerza la voluntad popular. El voto és obligatorio. No puede reelegirse al presidente en funciones, el cual, en todo momento, responde de sus actos al Congreso. La prensa ejerce su ministerio de órgano libre de opinión con absoluta y enérgica independencia. Se respetan con escrupuloso celo constitucional las libertades públicas y los derechos ciudadanos. No existen presos políticos”.¹⁴⁰

A constituição de uma imagem positiva para o estereótipo do latino incapaz de se autogovernar operava uma re-significação no seu sentido ao mesmo tempo em que ocultava uma série de aspectos relativos à Costa Rica, entre os quais o fato de que aquela nação era geograficamente muito pequena, sua população constituída por uma maioria branca, e dominada pelo capital estrangeiro, com notada liderança do truste alimentício norte-americano ‘*United Fruit Corporation*’.¹⁴¹ A exploração econômica exercida pelo capital estrangeiro fez com que se desenvolvesse uma série de melhorias na estrutura industrial, agrícola e de transportes daquele país. Além disso, o exemplo tomado de empréstimo da democracia da Costa Rica era sugerido como alternativa universal ao contexto de expansão nazista e ameaça externa à segurança do Continente. Conforme enfatizava Gunther:

“la influencia alemana se hizo sentir, en otra época, en Costa Rica, debido a que eran alemanes los dueños de la quinta parte de los cafetales del país; pero esa influencia disminuye a ojos vistas. El gobierno del Dr. Calderón Guardia, por otra parte, há tomado enérgicas medidas para contrarrestar los efectos de la labor de propaganda de los nazis y frustrar los desígnios de la *Quinta Columna*”.¹⁴²

E prosseguia:

¹⁴⁰ Gunther, John. Costa Rica: Ejemplo de Democracia. *Selecciones del Reader's Digest*, febrero de 1941, p.67. Os grifos são nossos.

¹⁴¹ Para uma análise mais específica sobre as formas de organização e penetração econômica das companhias estrangeiras nas Repúblicas do Continente Americano e no mundo ver, especialmente: Lewinshon, Richard. *Trustes e Cartéis. Suas origens e influências na economia mundial*. Editora da Livraria do Globo: Porto Alegre, 1945. Sobre a dominação da *United Fruit Corporation* ver: *Lewinshon, Richard*, op.cit, p.96 e ss.

¹⁴² *Gunther, John*. Costa Rica: Ejemplo de Democracia. *Selecciones del Reader's Digest*, febrero de 1941, p.69. Grifado no original.

“por todos los medios a su alcance, los costarricenses se esfuerzan en conservar las libertades que han hecho de su país un altísimo ejemplo de noble y próspera ciudadanía. Y, para prez y honra suya, han demostrado hasta hoy, del modo más cabal, edificante y digno de universal aplauso, que saben guardar incólumes y aplicar con notable éxito los sagrados principios de la democracia”.¹⁴³

O mesmo autor apresentava aos leitores, ainda no ano de 1941, a sua versão para um país governado pelos ideais antidemocráticos no artigo: “El problema del Canal de Panamá”.¹⁴⁴ Conforme John Gunther:

*“por una ironía del destino, el único jefe de Estado que, en ambas Américas, siente simpatías por el régimen totalitario es, precisamente, aquel cuya nación se extiende a los dos lados del Canal de Panamá, o sea, del nudo vital de la defensa de nuestro Continente. Antes de ocupar la Presidencia de Panamá, el doctor Arnulfo Arias desempeñó por largo tiempo el puesto de Ministro de Panamá en Roma y en Berlín. [...] Dá-se al doctor Arias el título de cudillo nazional.”*¹⁴⁵

Sobre a chegada de Arias ao poder no Panamá, referia Gunther:

“subió a la presidencia [...] en 1940, y tanto en el discurso que pronunció en su toma de posesión como en otras manifestaciones posteriores, dejó constancia fidedigna de sus inclinaciones fascistas. [...] impuso en Panamá una nueva constitución que lo erigía en un dictador de hecho. En ella se concedía al Gobierno (es decir, al doctor Arias) la potestad de crear monopólios y de explotar la propiedad particular. Organizase a los jóvenes panameños de uno y otro sexo en sociedades cortadas por el patrón de Jugend (juventud) de Hitler”.¹⁴⁶

As palavras de *Arias*, por ocasião de sua posse na presidência do Panamá afirmavam que: “el concepto de libertad como derecho inalienable e ilimitado del individuo debe ceder ante al concepto moderno de libertad condicionada por las exigencias

¹⁴³ Idem, op.cit, p.69. Os grifos são nossos.

¹⁴⁴ Gunther, John. El problema Del Canal de Panamá. *Selecciones del Reader's Digest*, diciembre de 1941, p.45/48. Os grifos são nossos.

¹⁴⁵ Gunther, John. El problema Del Canal de Panamá. *Selecciones del Reader's Digest*, diciembre de 1941, p.45. Os grifos são nossos.

¹⁴⁶ Idem, op.cit, p.45-46. Os grifos são nossos.

sociales de la comunidad. El concepto demagógico de que todos los hombres son libres e iguales carece de fundamento biológico”.¹⁴⁷ O claro ataque à declaração universal dos direitos dos homens, e a própria constituição dos Estados Unidos não deixava dúvida de que o ditador panamenho estava contra os interesses pan-americanos, ditos comuns a todos os habitantes do Continente face ao contexto de beligerância. Segundo Gunther:

“Arias adoptó inmediatamente la política que pudiéramos llamar de ‘alfilerazos’ respecto de los Estados Unidos. Cada vez que un funcionario norteamericano distinguido asistía a algún acto oficial, podía dar por seguro que se le iba a asignar uno de los últimos puestos. Cuando alguno de los almirantes del *Tío Sam* iba a ofrecer sus respetos al Ministro de Estado de Panamá, que habla correctamente el inglés, el Ministro insistía en sostener la conversación en castellano. Regateos y cominerías dilataban maliciosamente las negociaciones para la concesión de bases aéreas, etc”.¹⁴⁸

E mais: “cuando visité al doctor Arias, me manifestó que Panamá era, y continuaria siendo, ‘*estrictamente neutral*’ en el conflicto europeo, declaración que venía a ser, indirectamente, una bofetada a los Estados Unidos: ‘Hemos salido ya de la tutela extranjera’ declaró”.¹⁴⁹

Entretanto, a possibilidade de que o Panamá sofresse represálias era também considerada pelo autor. Conforme Gunther:

“claro es que los Estados Unidos pueden hacer sentir el peso de su poderío en Panamá en cualquier momento. El primer cliente de Panamá es el ejército norteamericano. Ese pequeño país, cuya población no excede de la de Minneapolis, vive casi de la nómina anual de 50.000.000 de dólares del personal militar y civil que sirve en la faja de 16 kilómetros de ancho que comprende la Zona del Canal. Con sólo prohibir a ese personal que pisara suelo panameño, los Estados Unidos harían sucumbir de hambre a la República en un mes. Pero los Estados Unidos vacilarían mucho antes de apelar a ese recurso extremo”.¹⁵⁰

¹⁴⁷ Idem, ibidem, p.45.

¹⁴⁸ Gunther, John. El problema del Canal de Panamá. *Selecciones del Reader's Digest*, diciembre de 1941, p.45. Grifado no original.

¹⁴⁹ Idem, op.cit, p.46. Grifado no original.

¹⁵⁰ Gunther, John. El problema del Canal de Panamá. *Selecciones del Reader's Digest*, diciembre de 1941, p.46. Os grifos são nossos.

Os motivos, segundo o autor, para a não adoção de medidas restritivas ao Panamá por parte do governo dos Estados Unidos tinham uma justificativa: “el doctor Ariás ha dado marcha atrás visiblemente en estos últimos meses y ha manifestado, por último, que los Estados Unidos podrán construir bases aéreas donde les plazca, ya que se le han ofrecido a Panamá garantías plenas de ‘una adecuada compensación’ y de la devolución de las bases cuando termine la guerra europea”.¹⁵¹ A segurança do hemisfério deveria estar a cargo dos Estados Unidos.

O período da Segunda Guerra Mundial foi palco de uma série de medidas políticas do Estado norte-americano com o fito de atenuar, ou, se possível eliminar a influência que os países beligerantes do Eixo vinham exercendo em relação as ‘*outras*’ repúblicas do Continente Americano. A ameaça externa de uma invasão nazista a América do Sul era imaginada para os leitores, e, em outra alusão ao imaginário da *Doutrina de Monroe*, os Estados Unidos se apresentavam como os guardiões da segurança do Continente contra a ameaça europeia; preocupados com a segurança dos ‘*bons vizinhos*’. Conforme Frederick Sondern Jr:

“Se proyecta un ejército de extraordinaria movilidad que pueda atacar de modo rápido y efectivo a cualquier invasor, lo mismo en la América del Norte que en la del Sur. *Un ejército no podría trasladarse de los Estados Unidos con la celeridad necesaria para impedir un desembarco por sorpresa de tropas alemanas, pongamos por caso, en el Brasil; pero sí debe estar organizado de tal manera que pueda presentarse en le lugar de tal invasión y aniquilar los contingentes de la vanguardia alemana antes que reciban refuerzos de la otra orilla del Atlántico.*”¹⁵²

E, em oposição à força inimiga e como maneira de consubstanciar o significado da ameaça externa a ser expurgada pelos ‘*bons vizinhos*’, Sondern Jr, prosseguia: “a los autores de la guerra fulminante es menester combatirlos también con fulminat

¹⁵¹ Gunther, John. El problema del Canal de Panamá. *Selecciones del Reader's Digest*, diciembre de 1941, p.46. Os grifos são nossos.

¹⁵² El Tio Sam y la Guerra Relámpago. *Selecciones del Reader's Digest*, Enero de 1941, p.70. Os grifos são nossos. O original deste artigo foi publicado na Revista *Curent History and Fórum*, conforme informação dos editores de *Selecciones*.

celeridad y ímpetu”.¹⁵³ O vaticínio final invocava a idéia de supremacia militar a ser exercida pelos norte-americanos no decorrer do combate contra os nazistas e apresentava o uso da força como legítima porque utilizada contra uma ‘*ameaça externa*’ que pairava sobre todas as repúblicas do Continente. Nas palavras do autor:

el ejército alemán empleó seis años en perfeccionar sus *Panzer Divisionen*. El de Estados Unidos necesitará menos tiempo. [...]. Antes de tres o cuatro años contarán los Estados Unidos con la mayor potencia ofensiva de que disponga fuerza militar alguna en el mundo”.¹⁵⁴

O estreitamento de relações entre as Repúblicas do Continente Americano sob a égide do Pan-Americanismo durante a década de 1940 implicava não só na constituição de um sentido para a democracia e segurança hemisférica através das projeções feitas em relação à ameaça externa, mas, também, exigia que se salientasse o quão positivo era a percepção dos ibero-americanos ante ao contexto político da época. Nas palavras de Deen Clark:

“Henry Bonnefil no es caso excepcional [...] antes bien, es caso representativo del modo como aprovechan su premanencia en los Estados Unidos los doscientos o más jóvenes latinoamericanos que disfrutan de las becas de la Oficina del Coordinador de Assuntos Interamericanos [OCIAA]. Objeto de estas becas, creadas hace dos años, por iniciativa de la industria norteamericana, es dar práctica a la política de Buena Vencidad”.¹⁵⁵

A iniciativa de ‘abrir as portas’ da comunidade norte-americana aos outros países do Continente tinham um objetivo, conforme Clark:

“estas relaciones hacen que el latinoamericano y el norteamericano aprendan a ayurdarse y a respetarse mutuamente, y a darse cuenta de los muchos problemas comunes que sólo podrán resolver mediante la mútua

¹⁵³ El Tio Sam y la Guerra Relámpago. *Selecciones del Reader's Digest*, enero de 1941, p.70. Os grifos são nossos.

¹⁵⁴ Sondern Jr., Federick. *El Tio Sam y la Guerra Relámpago. Selecciones del Reader's Digest*, enero de 1941, p. 75. Grifado no original.

¹⁵⁵ Intercambio que aprovecha a toda la América. *Selecciones del Reader's Digest*, Julio de 1944, p.40. Os grifos são nossos.

comprensión y una colaboración acerada. En nuestro continente, el *Panamericanismo*, es la base sólida del patriotismo de buena ley”.¹⁵⁶

2.2.1 O progresso do Continente Americano a partir da interação entre os *bons vizinhos*.

A expectativa de constituir o sentido de uma união entre os países do Continente Americano, sob a liderança dos Estados Unidos, e tornar a *ameaça externa* nazista como uma realidade passível de atingir a todos, não obstante a sua localização no Continente, não se limitava aos aspectos relativos à democracia, defesa militar e intercambio cultural, mas, também referia as questões inerentes ao livre comércio e à circulação de capitais entre as ‘Américas’. Tal pode ser evidenciado no artigo veiculado em *Selecciones* com o título de: “Arbitraje Comercial para América”.¹⁵⁷ Nas palavras de seu autor, o empresário norte-americano Cornelius Vanderbilt:

“las disputas comerciales entre los norteamericanos e latinoamericanos han sido uno de los principales obstáculos con que la unidad panamericana ha tropezado. Agravadas por las diferencias de idioma y de costumbres, han causado mala voluntad, disminución de compras y ventas, y, lo que es peor, acusaciones mutuas de falta de honradez y buena fe”.¹⁵⁸

O passado de *desavenças comerciais* teria seu fim com a adoção, por ambas as partes, de uma instância superior que estivesse apta para dirimir os desacertos entre os comerciantes norte-americanos e os seus ‘bons vizinhos’ da América Central e do Sul. Nas palavras de Vanderbilt:

¹⁵⁶ Deen, Clark. Op.cit, p.42. Grifado no original.

¹⁵⁷ Whitney, Cornelius Vanderbilt. *Selecciones del Reader's Digest*, Junio de 1941, p.73/76. Conforme informavam os editores do *Digest*, o original desta matéria foi publicado no Jornal “*La Prensa*”, de Baranquilla, Colômbia.

¹⁵⁸ Idem, op.cit., p.73.

“afortunadamente, un tribunal particular de arbitraje ha venido a remediar tan deplorable situación. Llámase *Comisión Interamericana de Arbitraje Comercial*; celebra sus sesiones en cualquier lugar del Nuevo Mundo, según convenga; presta sus servicios a todo el que los pide; no tiene abogados ni jurados especiales, y casi no cuesta nada a los disputantes”.¹⁵⁹

Esse ordenamento nas formas de comerciar entre os habitantes das Américas se mostrava necessário face ao clima de ameaça vinda do exterior, de fora do Continente Americano. Segundo o autor:

“a causa sobre todo de la guerra europea actual, el comercio interamericano tuvo en 1940 un aumento de 300.000.000 de dólares, el cual llevó a más de mil millones de dólares el comercio total deste año. Esto da importancia especial a la Comisión antes mencionada, y al arbitraje en general. *Ni debe olvidarse que la intrusión y las maquinaciones nacis en Suramérica son una amenaza a que debe hacerse frente por medio de la solidaridad americana*, la cual exige que se eviten o se mitiguen en lo sumo posible las disputas entre los países del Nuevo Mundo”.¹⁶⁰

Preconizando união pan-americana contra um inimigo que se vinha constituindo, o autor finalizava asseverando que:

“cada semana aumenta el número de la arbitrajes comerciales interamericanas. Los comerciantes van aprendiendo por la experiencia cuáles son las causas principales de desavencia y como pueden evitarse. Hoy es de suma importancia que América se baste a sy misma enquanto sea posible, y para dicho es preciso que los países americanos se sirvan un de los otros, minorando el número de desavencias [...]. el arbitraje comercial no sólo produce ganancias y evita pérdidas pecuniárias, sino que, fomentando y conservando la concórdia ayuda a la realización del noble ideal que se sintetiza en la espresiva frase ‘*la política de buen vecino*’ ”.¹⁶¹

A ajuda dos norte-americanos não se limitava a organizar o comércio em termos jurídicos com base na igualdade de direitos entre os ‘*americanos*’. O capital e o empreendedorismo do ‘*bom vizinho do norte*’ também estavam agindo no sentido de

¹⁵⁹ Idem, op.cit., p.73/74. Grifado no original.

¹⁶⁰ *Whitney, Cornelius Vanderbilt*. Arbitraje Comercial para a América. Selecciones del Reader’s Digest, Junio de 1941, p.74. Os grifos são nossos.

¹⁶¹ Idem, op.cit, p.75. Grifado no original.

transformar a região da América do Sul, e tal se fazia com base em representações que invocavam, não o atraso ou a incapacidade dos ‘*latinos*’, mas, sim as suas qualidades e a originalidade da cultura ibérica na América através da valorização de seus habitantes. Como evidencia o artigo: “El Primer ‘Cinco y Diez’ del Brasil”.¹⁶² Nas palavras do autor: “la tienda mayor y más floreciente de Rio de Janeiro se llama ‘*Lojas Americanas*’. Su dueño, y de otras diez establecidas en distintos lugares del Brasil, es James E. Marshall, norteamericano nacido en Wilkes-Barre, Pensilvania”.¹⁶³ Conforme destacava Crow:

“me agrada hablar de este muchacho de Wilkes-Barre que se ha convertido en el primer comerciante de detalle de la América del Sur, porque *estoy cansado de oír decir que los hombres de negocios norteamericanos, debido a falta de adaptabilidad, no tienen éxito en la América Latina donde las gentes son orgullosas, se dan fácilmente por ofendidas y muestran gran apego a sus costumbres y a las tradiciones heredadas de sus mayores*”.¹⁶⁴

E prosseguia:

“la verdad del caso es que hay actualmente en la América del Sur muchos comerciantes norteamericanos que, habiendo sabido ver la ocasión de emprender negocios, la han aprovechado, con ventaja para ellos y para los demás. *Tales ciudadanos, embajadores de la buena voluntad, son los únicos que pueden neutralizar, con sus diarias actividades, la propaganda nazi contra los Estados Unidos*”.¹⁶⁵

O imaginário que se desejava reconstituir em relação às possibilidades que se encerravam na intensificação das trocas comerciais e de capital entre os norteamericanos e seus ‘bons vizinhos’ não apresentava nenhuma conotação de exploração. Pelo contrário, se buscava exaltar as possibilidades de melhora social oportunizadas pela

¹⁶² Crow, Carl. El Primer ‘Cinco y Diez’ del Brasil. *Selecciones del Reader’s Digest*, marzo de 1941, p.36/38. O original desta matéria foi publicado no periódico mexicano “La Prensa”. Sobre o autor, em nota de rodapé, informavam os editores do *Digest* que: “Carl Crow viaja actualmente por la América del Sur a fin de informarse de primera mano de cómo viven los latinoamericanos, cuál es su sentir acerca de los Estados Unidos y cómo se puede cimentar la amistad entre todos los hombres nacidos en este Continente”, op.cit, pp.36. Os grifos são nossos.

¹⁶³ Crow, Carl. Op.cit, p.36. Grifado no original.

¹⁶⁴ Idem, ibidem. Os grifos são nossos.

¹⁶⁵ Crow, Carl. El Primer ‘Cinco y Diez’ del Brasil. *Selecciones Del Reader’s Digest*, marzo de 1941, p. 36. Os grifos são nossos.

intensificação do consumo. Destacando uma mudança nos hábitos das jovens brasileiras em direção a uma compreensão do significado do ‘*american way of life*’, o autor informava:

“*en Rio de Janeiro estaba germinando una revolución debida a que las muchachas habían visto las películas de Hollywood y sabido que hay otras cosas en la vida además de sentarse en el hogar y aguardar al joven que se quiera casar con ellas. Por eso, pese a las dudas de sus padres, Jim logró conseguir unas cuantas muchachas dispuestas a trabajar detrás del mostrador*”.¹⁶⁶

A interação entre os ‘*bons vizinhos*’ que trabalhavam para Jim Marshall estava sendo frutuosa a ponto de propiciar o combate aos interesses do *Eixo* na América Latina e até mesmo a miscigenação entre brasileiros e norte-americanos. Revelando inserção no contexto do “pluralismo cultural”, Crow afirmava:

“la modesta contribución de Marshall al desarrollo industrial del Brasil, ha afectado muy poco las importaciones de los Estados Unidos [...] pero los fabricantes alemanes e japoneses han recibido golpes y van a recibir muchos más. [...] Y conforme las tiendas aumentaron de tamaño y en número, Marshal mandó buscar a los Estados Unidos, para que lo ayudaran, buen número de jóvenes solteros. Los que saben de la belleza de las muchachas brasileñas, pueden suponer que hubo casamientos. Y no pasará mucho tiempo sin que los hijos de estos matrimonios, viajen hacia el Norte”.¹⁶⁷

A expectativa de dar um sentido positivo para a expansão comercial e industrial dos norte-americanos em terras da América Latina e de significar as benesses “civilizatórias” que poderiam advir daquele processo também era o tema do artigo de Desmond Holdridge.¹⁶⁸ Conforme as palavras do autor:

¹⁶⁶ Idem, op.cit, p. 36. Os grifos são nossos.

¹⁶⁷ Crow, Carl. El Primer ‘*Cinco y Diez*’ del Brasil. *Selecciones Del Reaeder’s Digest*, marzo de 1941, p. 37-38. Os grifos são nossos.

¹⁶⁸ El caucho vuelve al suelo natal. *Selecciones del Reader’s Digest*, junio de 1941, p.59/64. Pelas informações acrescentadas por parte dos editores do *Digest* é possível tomar ciência de que o original deste artigo que aqui trazemos em excertos foi publicado no Jornal ‘*La Tribuna*’, da cidade de São José, Costa Rica. A política de condensar artigos de publicações oriundas de países da América Latina era uma proposta do *Digest*, e também do *OCIAA*, a agência governamental dos Estados Unidos, a comando do milionário norte-americano Nelson Rockefeller. Em ambos os casos, *Selecciones* e *OCIAA*, a mediação de aspectos originários do *american way of life* para as Repúblicas da América Latina foi maior que o movimento contrário. Sobre o autor, informava o *Digest*: “[...] explorador y escritor, está viajando por el interior de Suramérica, adonde fué enviado por la revista *World Letters*, la cual distribuye a las escuelas los informes que recibe de él. En

“hace doce años, Henry Ford anunció que tenía la intención de establecer en el Brasil plantaciones para la producción del caucho que necesitaba en sus grandes fabricas de automóviles. [...] El plán despertó algún interés y curiosidade durante un corto tiempo, y luego se olvidó. Pero ahora la capacidad del Mundo Nuevo de producir él mismo caucho que necesita ha adquirido importancia capital y preocupa a los gobiernos americanos [...]”.

A parceria entre o governo brasileiro e John Ford deu origem na época à ‘cidade’ denominada “Fordlândia”, onde o investidor norte-americano inverteu imensas quantias de dinheiro para instalar as benfeitorias necessárias para a extração e o cultivo da borracha. Porém, devido ao tipo de solo e as condições geográfico-climáticas daquela região que estavam tornando o preço final do produto ainda bruto muito alto para os patamares da década de 1930 John Ford chegou à conclusão de que seria preciso mudar o local das plantações, e, por conseguinte de todas as benfeitorias já construídas. Tal não se mostrava na época, segundo Holdridge, um grande problema:

“se escogió un nuevo sitio en una meseta que se halla como a 135 kilómetros de Fordlândia, aguas abajo. El Gobierno del Brasil cooperó dando un terreno de 63 kilómetros de largo y 50 de fondo, a lo largo del río, en cambio de una parte de Fordlândia de igual superficie. El nuevo sitio, llamado Belterra, tiene una extensión de 284.800 hectáres. En lo que quedó de Fordlândia se tiene ahora un centro de investigación experimental”.¹⁶⁹

A colaboração entre os dois ‘bons vizinhos’ se mostrava como modelo a ser seguido por outras nações da América Latina e se apresentava esvaziada de qualquer relação de dominação, nas palavras do autor:

“las plantaciones serán de gran provecho para el Brasil y contribuirán a la realización del ideal panamericano de que el Nuevo Mundo sea capaz

expediciones anteriores a Suramérica, Holdridge vivió entre los indios de varias tribus, levantó el plano de comarcas poco conocidas y viajó por regiones remotas del Brasil y Venezuela, allegando datos para el Museo de Brooklyn. En 1939 fué miembro de la Comisión Angloamericana que estudió la posibilidad de fundar colonias de refugiados en la Guayana Inglesa. Ha escrito cuatro libros basados en su observación de la vida suramericana, entre ellos End of the River (El fin del río), novela que se publicó el año pasado”, op.cit, pp. 59. Grifado no original.

¹⁶⁹ El caucho vuelve al suelo natal. *Selecciones del Reader's Digest*, junio de 1941, p.63.

de bastarse a si mismo en lo sumo posible. Los Estados Unidos están invirtiendo capital en el Brasil para producir algo que ellos necesitan y al mismo tiempo aumentar la prosperidad de esa república. Ambos países sacarán provecho, sin que ninguno de los pierda nada”.¹⁷⁰

2.3 Selecciones del Reader's Digest, América Latina e a ameaça externa comunista.

O fim do conflito mundial em 1945 originou a re-significação da ameaça externa necessária e intrínseca ao *american way of life*. Os velhos inimigos, Alemanha e Japão, estavam vencidos e a caminho da democratização para futuramente serem os bastiões daquele regime, respectivamente na Europa e na Ásia. A América Latina, por sua vez, também deveria seguir tal exemplo e dar combate ao “renovado” antípoda, o comunismo, porque estava ameaçada como o restante do Continente. Conforme destacava Michael Scully:

“en verde nulo de montañas, [...], está la diminuta Costa Rica. Sus 800.000 habitantes ocupan un territorio de unos 50.000 kilómetros cuadrados y tienen dos fuentes tradicionales de orgullo: el buen café y el buen gobierno. Es una tranquila nación donde jamás se esperaría uno encontrar acontecimientos violentos de importancia mundial. Y sin embargo, Costa Rica ha tenido el primer gobierno de las Américas fatalmente infiltrado de comunismo. Perdió 1.400 vidas en una guerra civil que sembró el caos económico, y sería hoy un baluarte comunista a una hora del Canal de Panamá, a no haber sido por un hombre [...] José Figueres”.¹⁷¹

A exponencial liderança de Figueres foi responsável pela volta do regime democrático de governo baseado em uma constituição e o fim da “espoliação” do povo através do entesouramento particular das riquezas públicas. A luta do líder costa-riquenho contra o comunismo era imaginada para os leitores a partir da narrativa do autor:

¹⁷⁰ Holdridge, Desmond. Op.cit, p.64. Os grifos são nossos.

¹⁷¹ La guerra de Figueres contra el mal gobierno. *Selecciones del Reader's Digest*, julio de 1950, p.93. Os grifos são nossos. O original deste artigo foi publicado no periódico *The Christian Science Monitor*, conforme informavam os editores de *Selecciones*. Vale o registro de que o capítulo 5 deste trabalho é dedicado exclusivamente a análise da constituição do estereótipo do comunismo e onde poderemos aprofundar as análises a respeito. A constituição do estereótipo do inimigo externo comunista será analisada em detalhes no último capítulo deste trabalho, dedicado somente àquele antípoda, aqui, neste tópico desejamos apenas salientar que a ameaça externa também estava pondo em risco o Continente.

“un nuevo régimen, elegido por sus promesas de de progreso social, se había vuelto demagógico y venal. Los fondos públicos se esfumaban misteriosamente, las leyes tergiversaban para dar canonjias económicas a los favoritos, el nuevo sistema de seguro social aprovechaba principalmente al partido del gobierno. Todo esto estaba reñido con la tradición de Costa Rica. La voz de Figueres se destacó entre las crecientes protestas que de ahí apoco minaron la popularidad del gobierno”¹⁷².

O comunismo, nas palavras do líder da Costa Rica nada oferecia aos povos de origem ibérica que habitavam o Continente Americano, segundo Figueres: “el comunismo no ofrece hálago político alguno para los latinoamericanos, que somos individualistas y amantes de la libertad. Su único hálago és económico. Su estragtegia consiste en incitar a los muchos pobres a una lucha de classes contra los pocos ricos”¹⁷³. A solução para conter o avanço do comunismo era, segundo a opinião do líder político da Costa Rica, o aumento dos índices de riqueza para as classes menos abastadas, e tal poderia ser feito através de um governo democrático com orientações liberais. Conforme Scully:

“el porvenir de la libertad y la democracia en el Continiente dependen de aquellos que como Pepe Figueres, proyectan la mentalidad moderna sobre la lucha social y comprenden que la mejor manera de servir sus propios intereses es crear la abundancia para todos”¹⁷⁴.

A significação de uma imagem do comunismo como uma forma de “mentalidade atrasada” era feita através da associação dos termos “liberdade” e “democracia” com a expressão “mentalidade moderna”. Dessa maneira, Sculy sugeria aos leitores de *Selecciones* a oposição entre as duas formas de governo e organização social que estavam a disposição dos “latinos”. Entretanto, o autor enfatizava em seu artigo que a “lucha de clases” defendida pelo comunismo resultaria numa sociedade pobre, que não garantiria os direitos e a liberdades de seus cidadãos porque era uma “mentalidade atrasada”. A democracia, por sua vez, poderia assegurar uma sociedade de “abundancia” onde a plenitude da cidadania estaria garantida.

¹⁷² Scully, Michael. La guerra de Figueres contra el mal gobierno. *Selecciones del Reader's Digest*, julio de 1950, p.93. Os grifos são nossos.

¹⁷³ Figueres, José. APUD: Scully, Michael. Op.cit, p.96. Os grifos são nossos.

¹⁷⁴ Scully, Michael. La guerra de Figueres contra el mal gobierno. *Selecciones del Reader's Digest*, julio de 1950, p.98. Os grifos são nossos.

A comemoração de uma década de mediação propiciou a *Selecciones* a oportunidade de apresentar aos seus leitores um balanço da interação nas ‘Américas’. Nas palavras dos editores: “*en sólo una década las repúblicas de nuestro continente han avanzado un siglo entero*”.¹⁷⁵ O progresso alcançado por toda a América Latina em dez anos, 1940-1950, era descrito para os leitores de *Selecciones* a partir de caso específico ligado a um país da região, qual seja a criação de um centro de educação tecnológica no México. O exemplo tomado do caso mexicano, como veremos a seguir, era generalizado para todas as demais repúblicas e tinha um duplo objetivo. Por um lado, constituir o estereótipo do ‘bom latino’, e por outro, significar ainda mais o comunismo como a ameaça externa. Nas palavras do autor:

“a corta distancia al sur de Monterrey, en México, [...] , se alzan hoy nueve hermosos edificios de una nueva ciudad universitaria donde 1400 jóvenes se preparan para convertirse en los ingenieros y los técnicos que necesitan las industrias nacionales, cuyo número se ha duplicado y cuya diversidad se ha cuadruplicado de 1940 a esta parte. Es éste el Instituto Tecnológico de Monterrey. [...] con la guerra y el consiguiente entorpecimiento de las importaciones, México se vio en la presición de fabricar más bienes de consumo. Paralelamente con el desarrollo de las industrias creció la urgencia de contar con los hombres capaces de manejarlas”.¹⁷⁶

E prosseguia:

“el Tecnológico es símbolo de una revolución de nuevo estilo que está reconstruyendo a la América Latina desde México hasta el extremo meridional del Chile, y que es quizá el hecho más prometedor del mundo entero hoy día. Bien pueden los extranjeros abandonar a la idea cinematográfica que se han formado de que la América Latina es una tierra de peones aletargados, de lánguidas guitarras y general indolencia. En diez años de periodismo especializado en asuntos latinoamericanos he

¹⁷⁵ Scully, Michael. Diez Años de Progreso en América Latina. *Selecciones del Reader's Digest*, diciembre de 1950, p.35. Este artigo foi condensado a partir de seu original que foi publicado no periódico ‘*La Prensa*’, de Nova York.

¹⁷⁶ Scully, Michael. Diez Años de Progreso en América Latina. *Selecciones del Reader's Digest*, diciembre de 1950, p.35.

visto este continente avanzar un siglo entero. Hoy día es la región del mundo que evoluciona más rápidamente”.¹⁷⁷

E ainda:

“no se trata simplemente de una tardía revolución industrial. [...] la vieja organización feudal de unos pocos terratenientes ricos y una gran masa paupérrima se derrumba ante el empuje de una compleja sociedad moderna en la cual el industrial emula con el propietario de tierras, en tanto que una potente clase media va cerrando la brecha que separa a los ricos de los pobres. Un espíritu de optimismo y una más clara visión del porvenir alientan a los hombres”.

Destacando o fortalecimento econômico em oposição ao inimigo externo, Scully asseverava:

“lo que está ocurriendo en América Latina tiene transcendencia mundial. Puede significar el surgir de fuertes naciones modernas y un nuevo desplazamiento del poderío mundial hacia este lado del Atlántico. La clase media de propietarios industriales y el obrerismo bien remunerado representan una valla más eficaz contra el comunismo internacional que medra con la miseria de las masas. El aumento de producción y salarios en la América Latina significa también mayor prosperidad para los Estados Unidos”.¹⁷⁸

O autor ao longo de sua matéria fazia uma verdadeira ‘tour’ pelas várias nações ibero-americanas sempre destacando os aspectos em que, segundo ele, se podia cotejar a ‘melhora’ por influência do contato com os Estados Unidos. Havia, ainda, algumas semelhanças no processo de ‘evolução’ das nações contíguas aos Estados Unidos no Continente. Palavras de Scully:

“los conocedores de la historia de los Estados Unidos observan un notable paralelismo entre el desarrollo de este país y el actual fenómeno latinoamericano. [...]. Sin embargo, lo importante es que está operando un histórico movimiento ascensional. Así como la expansión norteamericana [...] también las circunstancias actuales han dado a la América Latina los medios y el ímpetu necesarios para resolver sus problemas y marchar a

¹⁷⁷ Idem, op.cit., p.36. Os grifos são nossos.

¹⁷⁸ Scully, Michael. Diez Años de Progreso en América Latina. *Selecciones del Reader's Digest*, diciembre de 1950, p.36. Os grifos são nossos.

tono con el mundo moderno. Y eso es lo que está haciendo, precisamente”.¹⁷⁹

Para o autor:

“la America Latina muy probablemente es en actualidad la región más optimista y progresista del mundo. Pero el desarrollo de America Latina tien un significado infinitamente más valioso que el que se mide en términos de riqueza material. La industrialización ha hecho surgir una poderosa fuerza [...]. Por primera vez se está creando un equilibrio político al mismo tiempo que surge uan poderosa clase de electores capaces de pensar por sí mismos”.¹⁸⁰

Por último, mas não sem menos importância referia Scully:

“este es el hecho más importante del fenómeno latinoamericano [...] el crecimiento de una vigorosa clase media que tiene el anhelo y la oportunidad de mejorar de suerte, de educar a sus hijos, de ser dueña de su parcela de tierra. Sólo el amplio cimientto de una población así puede sustentar el edificio de una democracia pujante. [...] Ahí está la clave. Ahí está la nueva esperanza de la América Latina”.¹⁸¹

O extenso artigo de Michael Sculy era uma dos muitos que *Selecciones* publicou na época da guerra fria com o objetivo de significar a imagem do comunismo como forma de organização social e política inadequada para a América Latina, e outras partes do mundo.¹⁸² O “avanço” que as nações “latinas” vinham atingindo tornava a região, nas palavras de Sculy, uma das mais “otimistas” e “progressistas” do mundo. Tal se dava, segundo o autor, pelo fortalecimento das bases econômicas capitalistas que estavam gerando mais “riquezas” aos habitantes e, assim, afastando a possibilidade de um aumento

¹⁷⁹ Scully, Michael. Diez Años de Progreso en América Latina. *Selecciones del Reader's Digest*, diciembre de 1950, p.42/43. Os grifos são nossos.

¹⁸⁰ Scully, Michael. Diez Años de Progreso en América Latina. *Selecciones del Reader's Digest*, diciembre de 1950, p.44. Os grifos são nossos.

¹⁸¹ Idem, ibidem, op.cit, p.44. Os grifos são nossos.

¹⁸² Conforme veremos no seguimento deste trabalho, o comunismo era, na visão dos articulistas que tinham suas matérias publicadas em *Selecciones*, indesejado também para os alemães e japoneses no período posterior ao fim da Segunda Guerra Mundial. A democracia deveria ser o caminho a ser seguido como alternativa ao modelo comunista.

da influência do comunismo naquelas localidades. A oposição entre “civilização” e “natureza” não era tão direta, mas pode ser observada a partir daquilo que o autor destacava como resultado de uma ou de outra forma de política de organização da sociedade. Nesse sentido, o comunismo somente poderia gerar sociedades pobres e sem direitos, ou, “atrasadas”. Enquanto que o regime democrático na qualidade de uma “mentalidade moderna” teria condições de criar uma forma “civilizada” de organização social.

A edição comemorativa dos dez anos de *Selecciones del Reader's Digest* continha uma série de matérias especiais que visavam destacar a melhora social, ‘uplift’, da região relacionando as modificações com o contexto de expansão do comunismo. A contracapa trazia a palavra de Alberto Lleras que argumentava sobre o ‘progresso’ da região ibero-americana entre os anos de 1930 e 1950 em oposição ao comunismo e em simbiose com os norte-americanos. Referia Lleras:

“del 30 al 50 el avance de las naciones latinoamericanas toma una velocidad sorprendente que hoy tal vez no tiene par en ninguna otra parte del globo. [...] Algunos estados, como Russia, han sufrido transformaciones radicales en el mismo tiempo. Es dudoso que ellas beneficien tan generalmente a sus pobladores, sin contar, desde luego, factores esenciales para nuestro concepto de progreso, como el grado de respeto por los derechos de la persona humana. También del 30 al 50 el desarrollo de los Estados Unidos es casi fabuloso”.¹⁸³

Um dos responsáveis pela ‘evolução’ da região ibero-americana era, segundo Lleras, a imprensa e os meios de comunicação. O sentido dos argumentos do autor indicava não só o seu espanto com o crescimento da região, mas revelava, também, o imaginário constituído em relação às imagens de civilização e natureza. Palavras do autor:

“las comunicaciones no son la causa, sino uno de los agentes de esta revolución latinoamericana. La revolución reside en el aumento en masa de las oportunidades para pueblos que no las tuvieron por cuatro siglos. [...] Es un continente entero sacudido por una ambición justa y que tiene todas las posibilidades de alcanzarla. Por eso la gran crisis de

¹⁸³ Despertar de la América Latina. *Selecciones del Reader's Digest*, diciembre de 1950, contracapa e pg.54. Segundo informações dos editores, Alberto Lleras era Secretário Geral da Organização de Estudos Americanos.

crecimiento de la América Latina no tendrá ni la desesperación ni la violencia del ominoso despertar asiático”.¹⁸⁴

2.4 Inferências parciais.

O caso do estereótipo dos “latinos” possuiu características próprias porque ao longo de dez anos, entre 1940 e 1950, como vimos ele não sofreu modificações em seu sentido tendo sempre sido associado a aspectos positivos porque democráticos e liberais. Nesse sentido, os “latinos” foram imaginados pelos articulistas de *Selecciones* tendo em vista os seus aspectos ditos “civilizados”, ou, o seu vir a ser de “civilização”. E mais: a América Latina, conforme referimos, foi representada como o “palco perfeito” para a ação de um “complô”, que poderia ser nazista, japonês ou comunista. Inobstante a origem da “ameaça”, os Estados Unidos detinham a imagem do “salvador” que protegeria o Continente de uma “invasão externa”. No próximo capítulo analisaremos o caso da constituição do antípoda do “japonismo” e as suas re-significações. Nos capítulos posteriores, 4 e 5, teremos oportunidade de analisar mais detidamente os casos específicos da constituição dos estereótipos do nazismo e do comunismo.

¹⁸⁴ Lleras, Alberto. Despertar de la América Latina. *Selecciones del Reader's Digest*, diciembre de 1950, pg.54

Capítulo III

3 As relações entre Estados Unidos e Japão: do entre guerras ao enfrentamento; significações e re-significações.

As relações entre os Estados Unidos e o Japão, até a metade da década de 1940, nunca configuraram uma aliança. Pelo contrário, as duas nações ao longo dos séculos XIX e XX competiram de forma acirrada nos campos político, comercial, diplomático, militar e industrial. O fim da 1ª. Guerra Mundial de certa forma representou um saldo favorável a expansão do Japão que assumiu várias possessões que antes pertenciam aos alemães, incluindo uma série de ilhas próximas a territórios norte-americanos. Conforme destaca Duroselle:

“[...] la crisis norteamericano-japonesa era mucho más grave. Las cláusulas del Tratado de Versalhes sobre la ocupación de Chantung, la ocupación por los japoneses de los archipiélagos alemanes, de los que formaba parte la isla de Jaluir, a 2.000 millas a sudoeste de Hawai, irritaban en alto grado a los norteamericanos. En Saipán, la flota japonesa estaba a unas cuantas horas de Guam. Los japoneses poseían Yap, por donde pasaba un cable norteamericano (en un principio alemán). Las islas Marshall, se encontraban en la ruta marítima de las Hawai a las Filipinas. Por último, los japoneses seguían ocupando la Siberia Oriental y Sakalín”¹⁸⁵.

O protesto norte-americano era no sentido de que os japoneses poderiam extrair intensa vantagem do posicionamento estratégico de suas novas possessões, e, a partir da fortificação e militarização daqueles lugares, implementarem uma ampliação de sua dominação no Extremo Oriente e em outras localidades do Pacífico. O contexto da época era marcado por uma necessidade norte-americana de manter as suas negociações com as regiões do Extremo Oriente em geral, e em especial, com a China nos termos da “política de portas abertas”.¹⁸⁶ A situação interna dos Estados Unidos, seriamente afetado

¹⁸⁵ Duroselle, Jean-Baptiste. Política exterior de los Estados Unidos. De Wilson a Roosevelt (1913-1945). México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965, p.180/181. O Tratado de Versalhes dava aos japoneses o direito de explorarem a região de Chantung, o que ia de encontro aos designios norte-americanos de predominância naquela região.

¹⁸⁶ A “política de portas abertas” defendida pelos Estados Unidos no seu relacionamento com as regiões da Ásia, especialmente com a China foi a maneira que os norte-americanos encontraram para defender os seus

pela desorganização do comércio em níveis mundiais, fazia com que o anseio popular por um período de paz, e de maior produção e comércio aumentasse. O anseio de ampla parcela da sociedade norte-americana por paz e não intromissão em outra guerra foi respaldada pelo governo que decidiu impor uma limitação na tonelagem total da marinha norte-americana, princípios que seriam aplicados, também, à Inglaterra, grande rival comercial dos Estados Unidos e para o Japão.¹⁸⁷ O *Acordo de Washington*, assinado por várias nações, entre as quais o Japão e os Estados Unidos, estabeleceu a diminuição drástica nas forças navais dos pactuantes. A contra partida norte-americana para o cumprimento do *Acordo* se mostrou efetiva através da desativação de quase 60% de sua frota marítima, as imposições de diminuição de efetivos atingiram depois às tropas regulares do exército dos Estados Unidos. A querela da expansão japonesa na China foi resolvida através de acordo diplomático sobre o qual Duroselle refere:

“trás una larga negociación, el 26 de febrero de 1922, se firmo el ‘tratado de las Nueve Potências’ sobre China. Este tratdo garantizaba la soberanía, la indepencia y integridad de China. Su artículo 3º era praticamente la aceptación internacional de la doctrina norteamericana de la ‘Porta Abierta’. Las ‘esferas de influencia’ eran explicitamente condenadas. También muy hábilmente, Hughes hizo que Elihu Root incorporara al tratado una frase [...] por el cual el Japón se comprometía a no buscar ‘derechos ni privilegios especiales’ en China”.¹⁸⁸

Na segunda metade da década de 1920, os Estados Unidos atingiram um nível de crescimento econômico jamais visto até então. Tal deveria ser uma evidência de

interesses ante a dominação da Ásia por várias nações do Ocidente, entre as quais figuravam a Alemanha, a Inglaterra, a França, a Holanda entre outras. Vale registrar que o japonês também se mostrava uma ameaça aos interesses norte-americanos na medida em que também disputava áreas de privilégios com as nações ocidentais. Duas visões interessantes sobre o processo de expansão ocidental nas regiões asiáticas podem ser obtidas em obras que partem de pontos de vistas opostos. Nesse sentido, o ponto de vista de um asiático sobre a ampliação do poder ocidental pode ser cotejado em: Pannikar, K. M. *A dominação ocidental na Ásia*. [...]: Saga, 1966; ao passo que uma visão ocidental sobre o tema pode ser obtida em: Chesneaux, Jean. *A Ásia Oriental nos séculos XIX e XX*. São Paulo: pioneira, 1976. Nessa obra, Chesneaux tece algumas críticas ao estudo de Pannikar que referimos antes, principalmente, em relação aos critérios estabelecidos para análise.

¹⁸⁷ Para maiores informações sobre os números máximos estabelecidos para a tonelagem da marinha americana na década de 1920, ver, especialmente: Duroselle, Jean-Baptiste. *Op.cit*, p.180/181.

¹⁸⁸ *Duroselle, Jean-Baptiste. Política exterior de los Estados Unidos. De Wilson a Roosevelt (1913-1945). México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965, p.186/187.*

que o anseio popular por um afastamento dos conflitos bélicos estava correto e sua consequência havia sido a significativa melhoria dos níveis de renda e do crescimento interno. A mera observação das cifras e dos números relativos ao crescimento dos Estados Unidos ao longo da década de 1920 pode levar a conclusão enganosa de que todos os norte-americanos gozaram de oportunidades iguais de acesso à riqueza. Entretanto, o contexto interno da época era marcado pela exacerbação dos sentimentos, ditos, americanistas, que faziam aflorar as manifestações atávicas de um passado branco e protestante. E, simultâneo ao processo de culto ao mito se desenvolvia a projeção do significado dos seus antípodas. Nesse sentido, ao longo dos anos de 1920 as melhores oportunidades foram “oferecidas” àqueles considerados ‘100% americanos’, em detrimento dos imigrantes, negros e outras minorias étnicas e religiosas.¹⁸⁹ No afã de proteger o mercado de trabalho no sentido de que a ele tivessem acesso prioritário os cidadãos norte-americanos foi aprovado em 1924, o *Johnson Act*, que proibia totalmente a entrada de imigrantes japoneses e chineses, além de considerar os que já estavam radicados nos Estados Unidos como ‘*inelegible to citizenship*’.¹⁹⁰ A paranóia xenófoba, para William Miller, tinha uma origem:

“a oposição renitente à imigração proveio de líderes operários, que alegavam estar os mercados de trabalho saturados e os salários reduzidos por causa dos imigrantes[...]. Os próprios operários americanos alimentavam ao lado de uma grande parcela do resto da comunidade, generalizado sentimento de xenofobia, que fez dos Estados Unidos antes uma cratera de antagonismos raciais e

¹⁸⁹ Sobre a questão do progresso econômico dos Estados Unidos na década de 1920, e outras, ver, especialmente: Allen, Frederick Lewis. *The Big Change. América transforms itself, 1900-1950*. New York: Bantam Books, 1952. Um estudo interessante que abrange somente a década de 1920 pode ser cotejado em: Fear, Jaqueline. & McNeil, Helen. *Os anos de 1920*. IN: Bradbury, Malcom. & Temperley, Howard. *Introdução aos estudos americanos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [s.d], p.246-275. Para considerações sobre a questão da imigração, ver, entre outros: Barnes, Harry Elmer & Ruedi, Oreen M. *The American way Of Life. Our Institutional patterns and social problems*. New York: Prentice-Hall, 1942, especialmente o capítulo IX “Human migrations and our immigration problem; Burchell, R.A. & Gray, R.J. *A experiência do imigrante*. IN: Bradbury, Malcom. & temperley, Howard. *Op.cit*, p.166-192; Adams, Willi Paul. *Los Estados Unidos de América*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 1979, especialmente o capítulo 3 “La emigracion a América en los siglos XIX y XX”.

¹⁹⁰ Duroselle, Jean-Baptiste. *Política exterior de los Estados Unidos. De Wilson a Roosevelt (1913-1945)*. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965, p.188/189. Grifado no original. Conforme informava o autor, entre o período de 1907 e 1924, até a data de aprovação do *Johnson Act*, a imigração estrangeira era regulada pelo *Gentlemen’s Agreement*, que estabelecia cotas para imigrantes, mas não tolhia por completo os seus direitos. O posicionamento norte-americano foi contestado pela embaixada japonesa, mas não surtiu efeito; *Duroselle, Jean-Baptiste*. *Op.cit*, p.189.

religiosos do que um cadinho onde se fundiriam diferenças de raças e credos. À borda dessa cratera de divergências, postavam-se os americanos 100%. Desiludidos pelo ‘Grande Pânico Vermelho’ de jamais conseguirem transformar os estrangeiros em ‘bons cidadãos’”.¹⁹¹

O período de crescimento elevado dos níveis de vida dos norte-americanos durou até a crise de 1929, o temporal que abalou as estruturas econômicas do mundo capitalista. Mas antes da chegada dos tempos ruins da crise, os Estados Unidos praticaram o *Big Business* com maestria a ponto de elaborar uma política externa baseada na utilização de seu poder financeiro: a “*Diplomacia do Dólar*”. A prática consistia em considerar a possibilidade, ou não, de empresas e governo norte-americano inverterem somas financeiras em determinados países a partir da disposição desses em favorecer as cláusulas comerciais para com os Estados Unidos; a negativa de favorecimento implicaria numa completa cessação de inversões de dólares, públicos e privados, numa dada região até que uma disposição em contrário fosse apresentada. Um dos países que estavam impedidos de obter empréstimos norte-americanos era o Japão devido ao processo de militarização pelo qual estava passando.

O início da expansão japonesa com a invasão da Manchúria, em 1931, não foi vista com bons olhos pela comunidade internacional, tampouco pelos Estados Unidos. O motivo eram os laços comerciais que os norte-americanos tinham estabelecido com alguns países asiáticos e que movimentavam vastas somas de divisas governamentais e privadas. A ação imperialista japonesa atrapalhava a política norte-americana para aquela região, tal qual havia ocorrido na década anterior. Os japoneses depois da invasão e tomada da Manchúria estabeleceram ali um Estado fantoche, e rebatizaram a região com o nome de *Mandchukuo*. A principal motivação para a expansão japonesa era a falta de matérias primas consideradas vitais na implementação de uma máquina militar. O Japão carecia de recursos naturais e buscava compensar esta necessidade com o uso da força.¹⁹² O passo

¹⁹¹ Miller, William. Nova história dos Estados Unidos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962, p.319. Vale destacar a menção ao “grande pânico vermelho” referia ao estereótipo do comunista, do qual trataremos, aqui, no capítulo 5.

¹⁹² O processo de desenvolvimento da indústria no Japão foi levado a efeito a partir da iniciativa do Estado, que posteriormente repassou a iniciativa privada o controle das empresas. Entretanto, a industrialização evidenciou a carência extrema do Japão no que referia ao recursos naturais. O petróleo, o carvão e outros

seguinte, em 1937, foi a invasão da China, país com quem os Estados Unidos mantinham relações em vários assuntos. A grande diferença entre o ataque à região da Manchúria e a invasão da China foi o nível de força mobilizada. Os japoneses bombardearam inúmeras aldeias e cidades chinesas causando incontáveis baixas, sendo que a grande maioria era civil; homens, mulheres e crianças. As imagens do bombardeio a Xangai mostravam os japoneses despejando suas bombas sobre as ruas da cidade enquanto que a população, desorientada e em pânico, procurava abrigo em locais seguros. O presidente Franklyn D. Roosevelt fez um pronunciamento condenando o ato japonês, atitude semelhante foi tomada pela Liga das Nações. A contrapartida japonesa foi a retirada total de seus representantes daquela sociedade, e o prosseguimento das atrocidades e do avanço por sobre o território chinês. O aumento da ameaça de uma dominação total do Japão por regiões do Oceano Pacífico em geral, e em especial o conflito Sino-Japonês assustava a alguns líderes norte-americanos, mas não modificava o posicionamento da população em relação ao isolamento dos conflitos bélicos. Conforme Duroselle:

“de 1937 a 1940, la reacción norteamericana ante a esta guerra había sido sobre todo platónica y fundada en la condenación moral, en la línea de la doctrina de Hoover. Se contentaron con anunciar, el 26 de junio de 1939, que el tratado de comercio norteamericano-japonés dejaría de tener efecto en un plazo de seis meses. era una decisión modesta, pero interesnte a la luz de los acontecimientos ulteriores. En efecto, durante los dos años siguientes, los Estados Unidos, cuyos planes estratégicos suponían, en caso de guerra, que el esfuerzo principal se dirigiera a Europa, no utilizaron contra Japón sino uno medio de acción: la presión económica”¹⁹³

A posição contrária da população norte-americana ante ao fato do ingresso do seu país em outra guerra, sentimento/atitude descrito em termos de ‘isolacionismo’ pode ser mais aprofundada a partir do entendimento de algumas questões pertinentes a

minerais essenciais para a indústria moderna tinham que ser importados. Nesse sentido, não é errado falar que o Japão é um país rico em riquezas, porém pobre em recursos naturais. Para alguns conceitos da área da geografia econômica ver: Paterson, J.H. Terra, Trabalho e Recursos. Uma introdução à Geografia Econômica. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

¹⁹³ Duroselle, Jean-Baptiste. Política exterior de los Estados Unidos. De Wilson a Roosevelt (1913-1945). México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965, p.334/335.

constituição do imaginário norte-americano e suas várias fases. No contexto da década de 1930, os norte-americanos passavam por um período onde a experiência obtida com as várias tentativas de melhorar socialmente algumas regiões do Continente americano, em especial países da América central, teve resultados extremamente negativos, donde se gerou uma percepção de que não era possível ‘ensinar’ o *american way of life* para outras nações ou povos, e seria necessário desenvolver uma forma de aceitação e reconhecimento dos valores intrínsecos a cada cultura. A esse intrincado processo de constituição de um imaginário baseado na plenitude de todas as culturas, Frederick Pike, chamou de “pluralismo cultural”.¹⁹⁴ E tal processo não fazia exceções entre etnias; buscava destacar o valor do negro, do índio, do latino, e até mesmo do japonês, esse, aliás, um tanto parecido com o elemento indígena, diferindo ‘apenas’ na cor: o índio era ‘pele vermelha’; o japonês ‘amarelo’. A guerra levada ao território norte-americano pelos japoneses em 1941 colaborou na re-significação desse sentimento de valorização em relação aos elementos oriundos daquela cultura.

3.1 A década de 1940, e o enfrentamento entre os Estados Unidos e o Japão.

O início da Segunda Guerra Mundial, e a consequente declaração de neutralidade japonesa no conflito europeu manteve as relações entre os norte-americanos e japoneses em relativa normalidade. O governo norte-americano, por sua vez, buscava aumentar as maneiras de pressionar os japoneses a sustar seu expansionismo nas regiões da Ásia, entre as quais a aprovação do *National Defense Act*, em junho de 1940, que permitia a limitação de exportação de itens considerados vitais na defesa nacional. Mas o petróleo, a sucata de metal e, principalmente, a gasolina, vendida pelas companhias norte-americanas, ainda estavam chegando aos estoques japoneses. O endurecimento das represálias, conforme *Duroselle* ocorreu no decorrer do ano de 1941, segundo tal autor:

“el 21 de Julio, los fondos japoneses en los Estados Unidos fueron ‘congelados’, lo que permitía al gobierno dosificar las compras

¹⁹⁴ Pike, Frederick. *The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature.* University of Texas Press, Austin/Texas: 1995.

japonesas a su antojo; las importaciones de seda fueron muy reducidas; la exportación de petróleo se limitó a cantidades ‘normales’ (impidiendo constituir reservas); la exportación de gasolina con alto grado de octana necesaria para la aviación estaba completamente prohibida. La administración de la operación fue confiada a una comisión de juristas en la que el Departamento de Estado estaba representado por *Dean Acheson*”.¹⁹⁵

Os meses que passaram até ataque a Pearl Harbor foram marcados por tentativas vãs de estabelecimento de uma paz negociada entre os Estados Unidos e o Japão e envolviam assuntos relativos a presença dos japoneses nas áreas da China, bem como a desocupação de algumas possessões, os norte-americanos, de sua parte, deveriam retirar o embargo ás importações japonesas além de liberarem os ativos que haviam sido ‘congelados’. Sobre os últimos meses de tratativas entre as duas potências antes do enfrentamento, refere Duroselle:

“[...] el fracaso de las negociaciones había hecho triunfar el partido de la guerra. Trancurrirán tres meses antes de que ésta estalle efectivamente, tres meses en el curso de los cuales se desarrolló febrilmente una de las discusiones diplomáticas más importantes de la historia del mundo; tres meses en el curso de los cuales los japoneses acabaron de bruñir sus armas de guerra; mientras que los norteamericanos se esforzaban desesperadamente por colmar su retraso; tres meses que terminaron con un ataque previsto, pero en un sitio imprevisto, en Pearl Harbor, la gran base norteamericana de las islas Hawai”.¹⁹⁶

A população não precisou ser convencida pelo governo de que a guerra era inevitável. Ela foi informada pelos japoneses do fato e, ante ao ataque, reagiu e se engajou

¹⁹⁵ Duroselle, Jean-Baptiste. Política exterior de los Estados Unidos. De Wilson a Roosevelt (1913-1945). México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965, p.339/340. O grifo é nosso. O referido funcionário do Departamento de Estado do governo norte-americano, *Dean Acheson*, era irmão de Lilla Acheson, esposa de De Witte Wallace, o casal dono do *Digest*, responsável pela publicação, a partir de dezembro de 1940 da versão em espanhol de seu periódico, *Selecciones del Reader's Digest*, e depois de fevereiro de 1942, de *Seleções*, a sua versão em língua portuguesa.

¹⁹⁶ Duroselle, Jean-Baptiste. Política exterior de los Estados Unidos. De Wilson a Roosevelt (1913-1945). México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965, p.342. A análise e a discussão na íntegra da querela das últimas negociações entre os Estados Unidos e o Japão, em especial aquelas que antecederam aos dias do ataque a Pearl Harbor não cabem aqui neste tópico de nosso trabalho, mas podem ser apreciadas na obra de Duroselle, que vimos citando até o presente momento.

com todas as suas forças. O Isolacionismo foi abandonado. As idéias que apontavam para a necessidade de se dar valor aos vários tipos de cultura sofreram sérios questionamentos. Traçando uma correlação com estereótipos do passado norte-americano, Pike destaca:

“durante o curso da Segunda Guerra Mundial, o pluralismo cultural perdeu muito de seu atrativo para os norte-americanos. Como eles poderiam defender concepções de equivalência moral em relação a diferentes culturas e povos quando assistiam a um poderoso combate com a Alemanha de Hitler e Japão do Imperador Hirohito? Progressivamente, a marcha da guerra persuadia as emoções colocando os *japoneses* na *mesma categoria* em que os *homens de fronteira* colocaram os *índios* e os *imperialistas* do fim do século XIX colocaram os *filipinos*”.¹⁹⁷

Para muitos norte-americanos a guerra com o imperialismo japonês passou a significar o embate entre um “*mal exterior*” e uma “*civilização branca*”.¹⁹⁸ Conforme Miller:

“Pearl Harbor uniu a nação mais solidamente do que qualquer acontecimento da história. E num país dado a extremos, a maior mácula no espírito de tolerância, durante a guerra, foi a mais negra de todas. Ao irromper a luta 126.000 pessoas de ascendência japonesa viviam nos Estados Unidos; dois terços deles eram niseis, ou seja, cidadãos nascidos no país. Logo em seguida a Pearl Harbor, 112.000 dessas criaturas foram retiradas em massa dos seus lares, pelo Departamento da Guerra, privadas de seus bens e encurraladas em campos de prisioneiros, enquanto perdurou a conflagração”.¹⁹⁹

¹⁹⁷Pike, Frederick. *The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature.* University of Texas Press, Austin/Texas: 1995, p.290. A tradução e os grifos são nossos. No original “During the curse of World War II, pluralism lost much of its attractiveness to Americans. How could they embrace concepts of the moral equivalence of disparate cultures and different peoples when locked in a might struggle with Hitler’s Germany and Emperor Hirohito’s Japan? [...] Increasingly, these caught up in war induced emotions placed the Japanese in the same category that frontiersmen had placed Indians and that turn-of-the-century imperialists had placed Filipinos”.

¹⁹⁸ Expressão atribuída a William Halsey, APUD: Pike, Frederick, op.cit, p.290. Cabe destacar que William F Halsey era vice-almirante da marinha norte-americana e foi um dos encarregados de organizar o primeiro contra-ataque direto ao território japonês após Pearl Harbor através do envio de uma esquadrilha de bombardeiros, B-25, lançados de um porta-aviões, para atacar Tóquio, o grupo de pilotos ficou famoso principalmente na figura de seu comandante, coronel Doolittle.

¹⁹⁹ Miller, William. *Nova história dos Estados Unidos.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1962, p.355.

Na opinião de Miller: “Essa violência contra os direitos de cidadania de norte-americanos, exercida pelo seu próprio governo, constituiu medida de pura histeria, porque nenhuma prova de quebra de lealdade foi previamente apresentada, ou descoberta a partir de então”.²⁰⁰ Para Tânia Quintanero:

“o chamado ‘perigo amarelo’ tinha sido esgrimido por alguns países, desde muito antes, para restringir a entrada de trabalhadores asiáticos, foi a partir de Pearl Harbor que os imigrantes japoneses foram alvo de uma repressão sistemática e concentrada em todo o Continente. Os instrumentos utilizados para neutralizar seus interesses envolveram bloqueio comercial, intervenção em empresas, e extradição de indivíduos a campos de confinamento nos Estados Unidos”.²⁰¹

Nas palavras de Willi Paul Adams:

“en marzo [...] fue creada la War Relocation Authority, encargada de organizar los campamentos donde habían de ser internados los evacuados japoneses. Más de 110.000 japoneses, muchos de ellos nacidos en América, fueron reunidos y llevados a estos

²⁰⁰ Idem, *ibidem*. Além da imprensa escrita, outros meios de comunicação deram sua contribuição na criação de um ambiente hostil aos japoneses radicados nos Estados Unidos. O cinema não ficou atrás. Conforme Tom Engelhardt: “después de Pearl harbor, Hollywood tardó solamente nueve meses em llevar a las salas de cine las primeras secuencias de un enemigo japonés astuto, selvaje y asesino[...]”; IN: *El fin de la cultura de la Victoria. Estados Unidos, la guerra fría y el desencanto de una generación*. Barcelona: Paidós, 1997, p.56. E mais: “en su retrato de los japoneses, los productores hollywoodienses no secundaron el deseo de los miembros liberales de la Office of War Information u OWI (Oficina de Información de la Guerra) de imprimir a la guerra un sesgo más ideológico que racial. Apesar de las advertencias de la OWI a los estudios cinematográficos para que no mostraran al enemigo como ‘japonecitos traicioneros y dientes de conejo’ y esbozaran algún personaje japonés ‘antifacista’, el oriental era uniformemente exhibido como un enemigo brutal, traicionero y subhumano. En esto la industria del cine no hizo sino reflejar el sentir popular”; *op.cit*, p.69. Para uma análise da política governamental norte-americana de controle da produção cinematográfica, ver: Smith, Julian. *Looking Away: Hollywood and Vietnam*. New York: Charles Scribner’s Sons, 1975. Uma visão antropológica do cinema pode ser cotejada em: Powdermaker, Hortense. *Hollywood: El mundo del cine visto por una antropóloga*. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1955. A influência exercida na cultura brasileira, por sua vez, pode ser contemplada em: De Cicco, Cláudio. *Hollywood na cultura brasileira*. São Paulo: Convívio, 1979; Meneguello, Cristina. *Poeira de estrelas. O cinema hollywoodiano na mídia brasileira nas décadas de 40 e 50*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1996. Os interessados em cotejar um ponto de vista onde a influência exercida pelo cinema norte-americano é considerada “prejudicial” a partir de um ponto de vista um tanto maniqueísta deve consultar: Alves, Júlia Falivene. *A invasão cultural norte-americana*. São Paulo: Moderna, 1988.

²⁰¹ Plantando nos campos do inimigo: japoneses no Brasil na Segunda Guerra Mundial. IN: *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XXXII, n.2, p.155-169, dezembro de 2006, p.156. Grifado no original.

campamentos, situados en regiones desérticas de Arkansas, Utah, Arizona y otros estados”.²⁰²

Sobre as condições de vida a que foram submetidos os japoneses por ocasião do internamento nos campos, Adams referia que:

“en ellos las condiciones de vida distaban mucho de ser satisfactorias y por el alambre de espino y los guardianes armados que los custodiaban recordaban a los campos de concentración. Una consecuencia de esta evacuación fue la pérdida de bienes muebles e inmuebles valorados en 400 millones de dólares. El hecho de que quase 12.000 internados se ofrecieran como voluntários y fueran aceptados por las fuerzas armadas no influyó para nada en la actitud oficial”.²⁰³

A sociedade norte-americana se engajou por total na nova luta de sua nação. A imprensa escrita, por sua vez, também colaborou. Como veremos no seguimento deste trabalho, a revista *Selecciones del Reader's Digest* veiculou farto material contrário aos atos japoneses onde se destacava os meios “vis e traiçoeiros” de seu ataque apelando para o imaginário do pan-americanismo e conclamando a população do Continente a reagir contra a agressão e combater o inimigo comum. A guerra contra o antípoda japonês esteve situada também nas águas do Oceano Pacífico e foi marcada por derrotas e vitórias que constituem o imaginário daquela sociedade. Sobre os primeiros movimentos da expansão nipônica após o ataque a *Pearl Harbor* refere Duroselle:

“el apogeo de la conquista japonesa se sitúa alrededor del mes de abril de 1942. Los japoneses habian establecido al Sur una línea de bases en Nueva Guinea y Nueva Bretaña. Apresuradamente los norteamericanos, a partir del 14 de marzo, habían enviado unos 30

²⁰² Los Estados Unidos de América. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 1984, p.338/339. Segundo o autor, a época da Segunda Guerra Mundial foi um período de relativas melhorias para as minorias raciais nos Estados Unidos. As ofertas de emprego apareciam com maior frequência e as exigências, face ao contexto de guerra, eram menores ou quase nulas por parte dos empregadores. Para maiores informações sobre esse assunto ver, especialmente, o capítulo 7 da obra em questão, “De la guerra mundial a la sociedad de la abundancia, 1941-1961”.

²⁰³ Los Estados Unidos de América. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 1984, p. 339.

mil hombres a Nueva Caledonia [...]. A fines de abril, una flota relativamente importante navegó por esos parajes”.²⁰⁴

O período imediato ao apogeu da expansão referida por *Duroselle* conheceu algumas vitórias norte-americanas consideradas vitais para a manutenção do combate naquela região, mas nem por isso significou um período onde o inimigo havia deixado de atacar. Conforme destacava *Miller*:

“após o desastre de Midway, em junho de 1942, os japoneses haviam se consolado, apoderando-se das ilhas Aleutas, de Attu e de Kiska, arrebataada aos Estados Unidos. Parecia, [...], que o Alaska estava à beira da condenação, e Seattle ameaçada de um ataque, proveniente do Norte. Homens e equipamentos, necessários noutros lugares foram transportados rapidamente para o Alaska”.²⁰⁵

A organização política da guerra foi a chave para a campanha longa e bem orquestrada dos Aliados, é interessante notar que a decisão de considerar o nazismo como “inimigo número 1” estava posta antes dos acontecimentos de Pearl Harbor, e foi reafirmada pelos norte-americanos após o revés.²⁰⁶ A Conferência de Arcádia, ou a série de encontros que receberam essa nomenclatura foi uma peça política significativa para a condução da guerra. As decisões tomadas durante o período de 22 de dezembro de 1941 e

²⁰⁴ Duroselle, Jean-Baptiste. Política exterior de los Estados Unidos. De Wilson a Roosevelt (1913-1945). México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965, p.370. Os pequenos detalhes das batalhas que ocorreram ao longo dos anos de enfrentamento entre os Estados Unidos e o Japão não são o interesse deste trabalho. Alguns bons argumentos podem ser encontrados em: *Perilous memories: the Asia-Pacific War(s)*/ Edited by T. Fujitani, Geoffrey M. White, Lisa Yoneyama. Durham and London: Duke University Press, 2001. Outros aspectos referentes ao conflito sino-americano podem ser obtidos em: Iriye, Akira. *Power and Culture. The Japanese-American war, 1941-1945*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 1981; Miller, William. *Nova história dos Estados Unidos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962. Uma ótima descrição dos sentimentos norte-americanos e o cotidiano daquela sociedade desde o período do início até o final da Segunda Guerra Mundial se pode obter em: Perrett, Geoffrey. *Days of sadness, years of triumph. The american people 1939-1945*. Baltimore/Mariland: Penguin Books Inc., 1973.

²⁰⁵ Miller, William. *Nova história dos Estados Unidos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962, p.371.

²⁰⁶ Em que pese à reafirmação da Alemanha nazista como o inimigo prioritário, o cinema norte-americano deu prioridade ao inimigo japonês. Nas palavras de Engelhardt: “Aunque durante la Segunda Guerra Mundial el frente europeo fue prioritario, em la pantalla dicha prioridad quedó claramente invertida. Ya fuera or aire; mar o tierra, la Segunda Guerra Mundial fue inicialmente una guerra cinematográfica en un solo frente; a saber, contra los japoneses”, op.cit, p.68. Sobre a “demonização” do inimigo japonês pelas películas de Hollywood, fato que contrariava a orientação do Pentágono e do Office of War Information (OWI) e que foi seguida pela maioria dos periódicos, ver especialmente: Engelhardt, Tom. *El fin de la cultura de la Victoria*. Estados Unidos, la guerra fría y el desencanto de una generación. Barcelona: Paidós, 1997, p. 56 e ss.

janeiro de 1942 foram inúmeras, entre as quais se devem destacar a organização de um comando conjunto composto de membros da armada norte-americana e inglesa, para que juntos decidissem os atos de combate e seus assuntos pertinentes: o *Combined Chiefs of Staff*. Em Arcádia foi elaborada a célebre *Declaração das Nações Unidas*, que a partir de 1º. De Janeiro de 1942 constitui-se de um documento do qual foram signatárias 26 nações, bem como se reafirmou a necessidade de dar prioridade ao combate no front do inimigo nazi-fascista, para num segundo momento atacar o front japonês. Tal não significou que os enfrentamentos com os japoneses estivessem relegados de todo a um segundo plano, a marinha norte-americana em nenhum momento deu trégua ao inimigo japonês. A campanha no Pacífico foi organizada de maneira a ser intensificada por ocasião do enfraquecimento da máquina militar nazista. Nesse sentido, o aumento das operações contra os japoneses ocorreu a partir de 1943, e culminou em agosto de 1945 com a utilização da força atômica. Ao longo de 1943 e 1944, as tropas norte-americanas se ocuparam de reconquistar uma série de pequenas ilhas e atóis tomados pelos japoneses em seu período de expansão, as batalhas que travaram naqueles campos foram responsáveis pela morte de centenas de milhares de soldado norte-americanos e japoneses. Os relatos de crueldade, maus tratos em campos de prisioneiros e execuções em massa ainda constituem a lembrança de muitos ex-combatentes de ambos os lados.²⁰⁷ A importância política da *Conferência de Arcádia* foi significativa também porque definiu a forma pela qual seria ordenada a produção de guerra, que ficou a cargo dos norte-americanos, além de selar o pacto de apoio Aliado ao general *Chiang Kai Chek*, para que suas tropas continuassem a levar a guerra aos japoneses na China.

A fase última das batalhas contra o inimigo japonês ocorreu em 1945, em especial após maio daquele ano, ocasião da rendição incondicional da Alemanha, fato que liberou uma imensa massa de força humana e militar que passou a ser dirigida contra o Japão. A concepção dos aliados indicava que os japoneses teriam que aceitar como os nazistas, uma rendição sem condições, não importava qual seria o preço para tal. A negativa japonesa se apresentou aos norte-americanos como a oportunidade de evidenciar o

²⁰⁷ Um relato interessante e atual sobre as lembranças da “Guerra do Pacífico” pode ser encontrado em: *Perilous memories: the Asia-Pacific War(s)*/ Edited by T. Fujitani, Geoffrey M. White, Lisa Yoneyama. Durham and London: Duke University Press, 2001. Outros aspectos referentes ao conflito sino-americano podem ser obtidos em: Iriye, Akira. *Power and Culture. The Japanese-American war, 1941-1945*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 1981.

poder atômico. Em agosto de 1945, *Hiroshima* e *Nagasaki* foram bombardeadas. Em setembro, a bordo do navio *Missouri* foi assinada a rendição incondicional do Japão; estava encerrada a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, não se pode deixar de considerar os fatos, e nesse sentido se deve destacar a ofensiva dos russos, que a paralelamente ao lançamento das bombas atômicas norte-americanas colaborou na rendição do império japonês. Além disso, omitir a discussão da contribuição soviética na derrota japonesa significa obliterar os fatos e esquecer das implicações do avanço soviético na Ásia, entre as quais se pode mencionar a retomada dos confrontos entre os chineses republicanos liderados por *Chang Kay Chek* e os comunistas chineses. Os desdobramentos políticos da ofensiva soviética foram significativos para a história. O regime liderado pelo estereotipado Joseph Stalin, a Rússia, entrou em guerra contra o Japão e participou de operações militares contra o império japonês em prol do estabelecimento ou da manutenção de sua influência na região asiática com vistas ao período posterior do conflito e futura derrota japonesa.

3.1.2 Ocupação: o pós-guerra e a americanização do Japão.

O período posterior a rendição significou para os japoneses a ocupação de seu território por tropas norte-americanas lideradas pelo General *Douglas MacArthur*, e a respectiva americanização de sua sociedade. A presença ocidental aumentou significativamente no Japão durante a ocupação norte-americana. Conforme refere Pike:

“com a sua vitória na Segunda Guerra Mundial, os americanos readquiriram a fé na sua missão de salvar todos aqueles que eram estrangeiros. Não só os índios americanos poderiam, de uma vez por todas, ser Americanizados, mas também o japonês. Em sua ocupação do Japão, presidida inicialmente pelo General *Douglas MacArthur*, os americanos se lançaram a resocializar e Americanizar as pessoas selvagens, e eles tinham poucas dúvidas sobre a sua capacidade para fazê-lo”.²⁰⁸

²⁰⁸ Pike, *Frederick*. The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995, p.303. A tradução é nossa. No original: “with their triumph in World War II, Americans reacquired faith in their mission to uplift those who were alien. Not only could American Indians at last, once and for all, be Americanized, but so also could the japanese. In their

Em relação à influência exercida pelos Estados Unidos sobre a sociedade japonesa durante a ocupação, referia Ward: “a natureza atual do governo japonês, a lei, a política externa, a educação, a tecnologia, a saúde pública, o gosto, os valores, a fala, e até a dieta e o vestir foram profundamente afetados pela derrota e pela experiência nacional durante os 6 anos e 8 meses (set./1945 a abr./1952) em que os americanos dominaram militarmente e controlaram a ocupação do Japão”.²⁰⁹ Para o autor, a ocupação do Japão foi única e em nada se parecia com o caso Europeu. Nas palavras de Robert E. Ward:

“a ocupação Aliada do Japão diferia do correlato europeu pelo fato de que o controle e o suporte da operação eram quase que exclusivo dos norte-americanos. Possuía um só comandante, o General MacArthur, não existiam zonas de nacionais com autoridades autônomas [...]; e não havia significativa participação em níveis internacionais de nenhum aliado dos norte-americanos dos tempos da guerra”.²¹⁰

A principal meta dos norte-americanos no início do período de ocupação foi a “desmilitarização” do Japão. Após essa etapa seguiu-se a “democratização” do país. Nesse sentido, o abandono dos ideais militaristas deveria ser consubstanciado pela inserção japonesa no rol das nações democráticas. Em relação ao primeiro aspecto, a

occupation of japan, presided over initially by Gen. Douglas MacArthur, Americans set out to resocialize and Americanized an ostensibly savage people, and they entertained little doubt about their ability to do so”.

²⁰⁹ The Legacy of the Occupation. IN: Passin, Herbert. The United States and Japan. Englewood Cliffs/ New Jersey: Prentice-Hall Inc., s.d., p.29. A tradução é nossa. No original: “The nature of present-day Japanese government, law, foreign policy, education, technology, public health, taste, values, speech, and even diet and dress have all been profoundly affected by defeat and the national experience during the six years and eight months (September 2, 1945- April 28, 1952) that an American-dominated military Occupation controlled Japan”. O planejamento da ocupação foi feito com antecedência. Segundo Akira Iriye, os planos foram traçados pelos líderes norte-americanos entre junho/julho de 1945 e já previam o predomínio dos Estados Unidos na ocupação do Japão. Para maiores informações ver: Power and Culture. The Japanese-American war, 1941-1945. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 1981, p.256 e ss.

²¹⁰ The Legacy of the Occupation. IN: Passin, Herbert. The United States and Japan. Englewood Cliffs/ New Jersey: Prentice-Hall Inc., s.d., p.30. A tradução é nossa. No original: “the Allied Occupation of Japan differed from its European counterparts in the fact that it was almost exclusively an American controlled and staffed operation. There was but a single commander, General MacArthur; there were no national zones with autonomous authority [...]; and there was no really meaningful participation at the international level by any of the United States wartime allies”.

“desmilitarização”, a intenção era a de impedir que o Japão voltasse a representar uma *ameaça* aos Estados Unidos e à paz mundial. Quanto à “democratização”, se buscava instalar na região da Ásia um país personificando o “regime democrático” ante a expansão do “comunismo”. A ofensiva soviética proporcionou ao regime comunista a ampliação de seu poder na região da Ásia tornando a ameaça vermelha uma “realidade” no cenário oriental.²¹¹ Conforme enfatizava William Miller:

“por quase cinquenta anos, o Japão tivera suas vistas voltadas para toda a Ásia. [...] O total colapso do Japão, na Segunda Guerra Mundial, deixou a Ásia[...] ‘fora de qualquer controle’. Ninguém possuía mais incentivos ou maiores oportunidades para reduzi-la à ‘ordem’ do que os comunistas. [...] A teoria revolucionária comunista conferiu alcance, flexibilidade, ímpeto e continuidade à política tradicional russa, ou seja, a de segurança através da expansão”.²¹²

Para Ward:

“a derrota do Japão resultou na emergência da URSS como potência dominante local na Ásia oriental. [...] Sob tais circunstâncias os Estados Unidos aguardava com urgência por um aliado local forte o suficiente para prover alguma assistência no sentido de prevenir a *comunização* de toda a região.”²¹³

O processo de inserção do Japão no *american way of life* estava relacionado com a retomada dos temores, por parte dos norte-americanos, em relação ao avanço da Rússia na Ásia. Nessa perspectiva, o estereótipo do “japonês imperialista” foi re-

²¹¹ Outros autores que apontam para esse direcionamento, entre os quais se destacam: Iriye, Akira. *Power and culture. The Japanese-American war, 1941-1945*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 1981; Engelhardt, Tom. *El fin de la cultura de la victoria. Estados Unidos, la guerra fría y el desencanto de una generación*. Barcelona, Buenos Aires y México: Paidós, 1997.

²¹² Nova História dos Estados Unidos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962, p.382/383.

²¹³ Ward, Robert E. *The Legacy of the Occupation*. IN: Passin, Herbert. *The United States and Japan*. Englewood Cliffs/ New Jersey: Prentice-Hall Inc., s.d., p.31. E tradução e os grifos são nossos. Vale destacar que a palavra ‘communization’ era utilizada em clara oposição a ‘americanização’. Entretanto, o trocadilho perde um pouco do efeito devido a tradução. No original: “the defeat of Japan resulted in the emergence of the U.R.S.S. as the dominant local power in Eastern Asia. [...] Under these circumstances the United States stood in desperate need of a Far Eastern ally strong enough to provide some local assistance in the task of preventing the communization of the entire area.

significado em *possível aliado* na medida em que o comunismo *reassumia* a condição de *inimigo externo*, a *ameaça* a ser combatida. A adoção de uma nova Constituição, em 1946, com orientação democrática e apoio do Imperador Hirohito acelerou o processo. A atitude dos Estados Unidos de manter a posição do Imperador, de não acusá-lo como um criminoso de guerra e submetê-lo à desonra, obteve uma repercussão positiva porque reconheceu a força contida na imagem do monarca e sua significância para o imaginário social daquela nação.²¹⁴

A intensificação da presença comunista na Ásia aumentava a importância do Japão como aliado especial face à debilidade de outras nações da região para exercer a tarefa de conter a *expansão vermelha*. Conforme destacava Ward:

“somente o Japão, nosso recentemente derrotado e ainda desconfiado inimigo possuía o tipo de desenvolvimento necessário para um aliado local. Então a *embaraçosa* decisão foi tomada e, a partir de janeiro de 1948, a política americana para o Japão foi lançada em uma mudança de 180°. *Após 29 meses do fim da guerra no Pacífico, o Japão, antes nosso mais poderoso inimigo se transformava no mais importante aliado na Ásia*”.²¹⁵

A autoridade norte-americana após 1948 foi sendo gradativamente devolvida aos nacionais locais. Sob a égide da Doutrina de Truman, e de maneira análoga ao esquecimento dos aspectos atrasados dos povos latinos na época da política de boa vizinhança, os Estados Unidos relevaram as rivalidades e as agressões trocadas ao longo de quase cinco anos com o Japão, 1941 a 1945, e transmutaram o sentido de *inimigo*, para *aliado*. Como veremos adiante, *Selecciones del Reader's Digest* acompanhou esse processo

²¹⁴ Sobre as discussões em torno da manutenção, ou não, da figura do Imperador na sociedade japonesa após a derrota para os norte-americanos, ver, especialmente: Iriye, Akira. *Power and Culture. The Japanese-American war, 1941-1945*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 1981. Para um panorama da influência norte-americana nos aspectos políticos do Japão, ver: Maxon, Yale Candee. *Control of Japanese foreign policy*. Austin: Califórnia University Press, 1957; e ainda; Brifte, Reinhard. *Japans foreign policy*. [s.l]: Royal Institute Press, 1990.

²¹⁵ Ward, Robert E. *The Legacy of the Occupation*. IN: Passin, Herbert. *The United States and Japan*. Englewood Cliffs/ New Jersey: Prentice-Hall Inc., s.d., p.31. A tradução e os grifos são nossos. No original: “Only Japan, our recently defeated and still mistrusted enemy, possessed the sort of developmental potential that we need in a local ally. So the embarrassing decision was made and, by January of 1948, American policy toward Japan was well launched upon a 180-degree shift. Within twenty-nine months of the end of the war in Pacific, Japan, until then our most dangerous enemy, was in the process of becoming our most important ally in Asia”.

veiculando matérias onde as “associações permanentes” feitas em relação ao Japão e ao japoneses deixaram de ter um cunho negativo e passaram à exaltação do aliado nipônico.

A orientação da autoridade norte-americana que comandava a ocupação do Japão no sentido de “desmilitarizar” aquela sociedade nos moldes propostos por Harry Truman, para que o Japão nunca mais “*voltasse a ser uma ameaça para os Estados Unidos ou a para paz e a segurança do mundo*”²¹⁶ foi expressa através da elaboração de um artigo específico da Constituição japonesa de 1946. O artigo IX daquela Carta Magna afirmava:

“aspirando sinceramente a uma paz internacional baseada na justiça e na ordem, o povo japonês renuncia para sempre à guerra como um direito da nação e ao trato ou uso da força como meio de decidir disputas internacionais. No sentido de alcançar o intento do parágrafo supracitado, as forças armadas de mar, do ar e de terra, bem como, qualquer potencial de guerra, nunca será mantida. O direito do Estado a beligerância nunca será reconhecido”.²¹⁷

O intento de proibir o Japão de possuir um exército regular visava tornar impossível outra expansão militar passível de ameaçar a paz internacional e a própria segurança dos Estados Unidos. Entretanto, o receio norte-americano desapareceu na medida em que outro estereótipo aumentava em importância. A expansão comunista na Ásia dissipou qualquer alternativa que não fosse rearmar o Japão e torná-lo um bastião da democracia e uma força pronta para a reação contra um “avanço vermelho”. O artigo

²¹⁶ **APUD:** Ward, Robert E. *The Legacy of the Occupation*. IN: Passin, Herbert. *The United States and Japan*. Englewood Cliffs/ New Jersey: Prentice-Hall Inc., s.d., p.30. A tradução e os grifos são nossos. No original: “...become a menace to the United States or to the peace and the security of the world”. É interessante notar a idéia de que cabia aos Estados Unidos garantir a paz não só de suas fronteiras ou dos limites do Continente Americano, mas, sim, de todo o mundo. A Doutrina de Truman ampliou o imaginário da conhecida Doutrina de Monroe no sentido de reivindicar para os Estados Unidos o direito de policiar muito além de suas zonas continentais. Além disso, a ênfase na idéia de uma ameaça vinda de fora que pode de alguma maneira desestabilizar o american way of life também é um detalhe interessante a ser notado nas palavras do político norte-americano.

²¹⁷ **APUD:** Ward, Robert E. *The Legacy of the Occupation*. IN: Passin, Herbert. *The United States and Japan*. Englewood Cliffs/ New Jersey: Prentice-Hall Inc., s.d., p.45. A tradução é nossa. No original: “aspiring sincerely to an international peace based on justice and order, the Japanese people forever renounce war as a sovereign right of the nation and the threat or use of force as means of settling international disputes. In order to accomplish the aim of the preceding paragraph, land, sea and air forces, as well as other war potential, will never be maintained. The right of belligerency of the state will not be recognized”.

“perigo amarelo” perdeu importância e potencialidade, adotou o regime democrático e passou a ser aliado e ponta de lança contra o “perigo vermelho”. Nas palavras de Ward:

“tão drástica mudança na política americana inevitavelmente acarretou um corolário de modificações na política de ocupação. [...] a antiga preocupação com o desarmamento do Japão –que tinha seu expoente máximo na inserção do Artigo IX, pelos autores norte-americanos, na nova Constituição japonesa que providenciava a permanente desmilitarização- entre 1950 e 1953 deu lugar, gradualmente, a uma ferrenha preocupação em persuadir o Japão ao rearmamento. Se bem que embaraço, é indubitavelmente verdadeiro que nas explosivas circunstâncias do leste asiático um aliado com algum potencial militar, por mais que limitado, seria muito mais útil do que um desarmado e pacifista”.²¹⁸

O fim da dominação imperial-militarista do Japão face a sua derrota na Segunda Guerra Mundial ocasionou uma série de movimentos políticos regionais com o fito de obter a independência das antigas metrópoles que exploravam muitas localidades da Ásia. Em muitas regiões os partidos comunistas lideraram as lutas e os protestos contra o retorno à antiga condição de colônias de nações européias ocasionando constantes atritos na região.²¹⁹ A expansão da influência política dos comunistas foi representada pelos norte-americanos como o re-surgimento do “complô” para a dominação universal, e tal exigia a atuação de uma “força maior” que pudesse combater aquele “novo mal”. A Doutrina de Truman advogou o poder de polícia global para os Estados Unidos e ampliou o raio de ação política possibilitando a re-significação do sentido de fronteira e da noção do antípoda a ser combatido. Naquele contexto, o ex-inimigo japonês era o aliado especial dos Estados Unidos na Ásia contra o comunismo e a sua “cortina de bambu”, tal qual a Alemanha o foi em relação à cortina de ferro.

²¹⁸ Idem, op.cit, p.31/32. A tradução é nossa. No original: “So massive a shift in American policy inevitably entailed corollary changes in Occupation policy. [...], the earlier preoccupation with disarming Japan –which had reached its ultimate expression with the insertion into Japan’s new American-written Constitution of Article IX, providing for permanent demilitarization – between 1950 and 1953 gradually gave way to an equally fervent concern for persuading Japan to rearm. Although embarrassing, its was undoubtedly true that in the explosive circumstances of Eastern Asia an ally with some militay potential, however limited, would be far more useful than a disarmed and pacifist one”.

²¹⁹ Para uma análise de maior estofa sobre a história da Ásia ver: Pannikar, K.M. A dominação Ocidental na Ásia. [s.l.]: Saga, 1966; Chesneaux, Jean. A Ásia Oriental nos séculos XIX e XX. São Paulo: Pioneira, 1976.

3.2 Selecciones e a constituição do sentido do estereótipo da ameaça nipônica.

O estereótipo do japonês expansionista se constituiu ao longo das décadas de 1920 e 1930, e mais especialmente, nos primeiros anos de 1940, quando a agressão direta ao território norte-americano o tornou um inimigo de fato. Nessa perspectiva, as primeiras representações negativas do estereótipo do imperialismo nipônico relatavam as suas agressões na região da Ásia. Como no caso da matéria intitulada: “Guerrillas industriales de China”²²⁰; onde a percepção do periodista indicava que a atitude do Japão estava causando contratempos e sofrimentos as populações locais das áreas invadidas. A descrição do agressor que expandia seus domínios dava conta que os japoneses tinham se apoderado de parte do parque industrial da China por ocasião da invasão, mas havia uma maneira de resistir. Nas palavras de Bertram B. Foley:

“hay em China un nuevo grito de guerra. La palabra ‘gung-ho’, que significa ‘trabajemos unidos’, suena en todo el ámbito de la nación; y con eco tan poderoso, que no alcanzan apagarlo el retumbar de los cañones ni el estrépito marcial de las columnas invasoras. [...] ‘gung-ho’, [...] es la respuesta que da todo un pueblo a la invasión y al bloqueo. Es el lema de esas militantes cooperativas que han formado las ‘guerrillas industriales de China’ con el fin de pertrechar a las fuerzas que luchan por China”.²²¹

E prosseguia:

“al penetrar en el país, los japoneses quedaron dueños de la región más industrializada. De hecho, las fábricas que hay en ella representan no menos de las nueve décimas partes del número total que hay en China. Entre los 60 millones de personas que, huyendo del invasor, buscaron refugio en las provincias interiores, habia multitud de obreros y mecánicos. A ninguno de ellos los era dable encontrar trabajo en su oficio, porque la región a la cual acabaron de llevarlos las vicisitudes de la guerra carecía por completo de establecimientos fabriles”.²²²

²²⁰ Foley, Bertam B. Guerrillas industriales de China. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, abril de 1941, p.05-09. Segundo os editores, o original desta matéria foi publicado no periódico “*Survey Graphic*”.

²²¹ Idem, op.cit, p.05.

²²² Foley, Bertam B. Guerrillas industriales de China. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, abril de 1941, p.05.

Em virtude do contexto de não-intervenção que os Estados Unidos adotaram, e que consideramos de maneira mais detalhada anteriormente, as representações do antípoda nipônico veiculadas na *Revista Selecciones* antes da declaração de guerra não só apontavam o seu potencial de ameaça, ainda que em termos estritamente comerciais, como também buscavam questionar as capacidades inventivas da cultura japonesa. Tal é o que podemos constatar no artigo de Ernest Hauser, que inicialmente perguntava:

“¿Son los japoneses unos meros imitadores de la civilización occidental, hábiles en el calco e insuperables en la copia, pero desprovistos de originalidad y fuerza creadora, o están, por el contrario dotados de fecunda y poderosa inventiva? ¿Constituye el Japón, en realidad, una amenaza para los Estados Unidos[...]?”²²³

Para Hauser, a habilidade dos japoneses em copiar produtos e fabricá-los por preços inferiores a partir de outras matérias primas era uma marca indelével do povo do sol nascente. Conforme informava o autor: “En el año de 1935, época cenital y culminante de su campaña de exportación, mandaran relojes a Suiza, estilográficas de oro al Austria, espaguetis a Italia y perfumes a Francia”.²²⁴ Entretanto, existiam muitas virtudes e habilidades que os japoneses estavam desenvolvendo. Segundo Hauser:

“se equivoca de medio a medio quien sólo conceda a los japoneses facultades puramente imitativas. Es un hecho evidente que creditado un extraordinario talento de invención. Para demostrarlo basta con echar una ojeada a su máquina de escribir, verdadero prodigio de la mecánica. [...]. Todos los años se conceden en el Imperio unas 20.000 patentes, muchas de las cuales se aplican inmediatamente en las industrias del país. Los hombres de ciencia del Japón han perfeccionado ya varios sucedáneos de ciertas materias primas que empezaban a escasear con motivo de la guerra de China”.²²⁵

²²³ Hauser, Ernest O. ¿Tienen inventiva los japoneses? IN: *Selecciones del Reader's Digest*, maio de 1941, p.64. Os grifos são nossos.

²²⁴ Idem, op.cit, p.65.

²²⁵ Hauser, Ernest O. ¿Tienen inventiva los japoneses? IN: *Selecciones del Reader's Digest*, maio de 1941, p.67.

Conforme destacava o autor: “todo indica que los japoneses pasarán para un ritmo acelerado de sua antigua y superficial imitación de la vida occidental a una activa competencia en originalidad e inventiva”.²²⁶ As considerações de Hauser estavam inseridas e relacionadas ao contexto da política externa norte-americana do período, que ainda não concebia o Japão como um *inimigo*, mas pesava a sua potencialidade de *ameaça* aos interesses dos Estados Unidos. O destaque destinado a oposição entre a “civilização ocidental” e “os japoneses” indicava que os últimos não estavam incluídos na mesma categoria de nações “civilizadas”. Tal orientação, como veremos, sofreu drásticas modificações após Pearl Harbor, o caráter *ameaçador* das percepções dos articulistas de *Selecciones* cedeu lugar a descrições de um inimigo “cruel” e “bárbaro” que deveria ser vencido porque havia arquitetado um “complô” para a dominação mundial.

A mobilização do sentido para significar as assimetrias que marcavam o mito do *american way of life* e o estereótipo do japonês pode ser percebida também através de pequenos excertos publicados em alguns exemplares de *Selecciones*. Como no caso do pequeno texto intitulado “Japonerías”, que percebia a capacidade nipônica da seguinte maneira:

“cuando los norteamericanos empezaron a boicotear las mercancías ‘Made in Japan’, los japoneses le cambiaron el nombre a una de sus poblaciones por el ‘USA’ y, estampando en los artículos fabricados en ella, cepillos de dientes, por ejemplo, un ‘Made in USA’ que quedara muy visible, añadieron el obligatorio ‘Japan’ en letras pequeñísimas. Con esto, más de un comprador quedaba burlado”.²²⁷

A expansão japonesa estava orientada para a dominação de territórios próximos de sua costa de litoral e cercanias com o fito de angariar zonas ricas em matérias-primas essenciais a sua industrialização. O custo do expansionismo, segundo James R. Young, seria o aumento dos sentimentos anti-bélicos entre a população e um desejo de retirada dos japoneses do conflito devido as penúrias impostas pela guerra contra a China. A expansão das fronteiras era um processo que não agradava ao povo japonês e não trazia, como no caso norte-americano, riquezas e prosperidade. Conforme o autor:

²²⁶ Hauser, Ernest O. Op.cit, *Selecciones del Reader’s Digest*, maio de 1941, p.67.

²²⁷ *Selecciones del Reader’s Digest*, janeiro de 1941.

“Tóquio, cuya población es de 6.500.000 almas, dispone sólo 54.552 litros de leche por día, o sea, cosa de un litro por cada 135 habitantes. La importación de chocolate se há suspendido. Las especiarías, los aceites y condimentos a que tan aficionados son los japoneses, brillan por su ausencia, de igual modo que el vino, el cual no sirven ya [...]”.²²⁸

O racionamento atingia a todos: “en la actualidad es preciso ir provisto de boleta de racionamiento hasta para comprar algodón o vendas para un enfermo. Ambos escasean en los hospitales, que tropiezan, además, con dificultades bastante serias por la escasez de yodo, quinina y anestésicos”.²²⁹ O Estado coordenava os anseios do povo e controlava de perto a situação para evitar demonstrações contrárias à guerra, ou, a política oficial. Os direitos civis e as liberdades, próprias de uma democracia não se encontravam no totalitarismo japonês. Nas palavras de Young:

“los agentes de la policía política , que andan siempre vestidos de paisano, detienen a toda persona de quien se sospeche que sea contraria a las disposiciones oficiales. Censurar cualquiera de ellas en un banquete o en una conversación con amigos, lo expone a uno a dar con los huesos en la comisaría. Entre los varios de miles de presos políticos, hay 1.200 catedráticos”.²³⁰

Os esforços que a população civil vinha fazendo para suportar o racionamento imposto pelo governo japonês estavam em seu limite, a situação era degradante e tendia a piorar, um comerciante norte-americano que depois de trinta anos de trabalho no Japão regressava aos Estados Unidos e relatava ao Departamento de Estado a situação nos seguintes termos:

“la situación interna del Japón es de desconcerto rayano en irritación. La escacez será peor cada día. En la campaña antiextranjera emprendida por el Gobierno, ha de verse un esfuerzo para distraer la opinión pública y evitar en lo posible que

²²⁸ Young, James R. El Japón por dentro. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, setembro de 1941, p.34.

²²⁹ Idem, op.cit, p.35.

²³⁰ Young, James R. El Japón por dentro. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, setembro de 1941, p.37.

repare en lo bajo nivel de vida. La pregunta *¿Y para qué hemos de seguir en esta guerra? Se oye dondequiera en el Japón*".²³¹

Na opinião de Young, o futuro do Japão ia na direção de uma solução das questões bélicas, segundo ele: “la escasez que reina em el Japón no traerá um derrumbe inmediato ni llegará a convertirse en hambre; augura sí, o cabe dudarlo, *días muy difíciles y creciente tibieza del espíritu nacional para todo lo que se relacione con la guerra*”.²³² A percepção do autor indicava que o derrotismo e o descontentamento da população fariam com que o militares abandonassem o processo de expansão que estava em andamento desde o início da década de 1930. A guerra contra a China, que era justificada pelo governo como necessária para o “bem” do Japão, se mostrava uma causa vã para o povo. A descrição de Yuong enfatizava as privações impostas ao povo, mas também destacava a incapacidade do império em ordenar a sua máquina administrativa para os assuntos do tempo de guerra. Em contrapartida, o governo japonês, conforme Young buscava projetar nos elementos estrangeiros uma imagem que significasse algum tipo de ameaça, mas apesar de sua mobilização a população seguia descontente com a guerra.

Vale registrar que as matérias relativas ao estereótipo do japonês ao longo do período que antecedeu a declaração de guerra com os Estados Unidos projetavam a imagem daquele antípoda em termos de uma “ameaça comercial” e não mencionavam nenhum tipo de “complô” japonês para dominar o Continente Americano. Entretanto, os articulistas de *Selecciones* imaginavam a “expansão imperial” na Ásia descrevendo para os leitores as formas “violentas” e “arbitrárias” de que se valiam os japoneses para estabelecer a sua “dominação”. Além disso, a ênfase destinada aos argumentos que de alguma maneira desqualificavam os japoneses era nítida.

3.2.1 O inimigo declarado.

A guerra declarada aos Estados Unidos em dezembro de 1941, através do ataque à base norte-americana de *Pearl Harbor* modificou a percepção, ou, redirecionou o sentido do estereótipo de *ameaça* para uma condição de *inimigo*. È o que podemos perceber

²³¹ Young, James R. El Japón por dentro. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, setembro de 1941, p.37. Grifado no original

²³² Idem, op.cit, p.37. O grifo é nosso.

na matéria de Roy Cromley, intitulada: “*Cual és la real fuerza de Japón*”.²³³ O autor enfatizava que era através do saque e da pilhagem que os japoneses mantinham a sua mobilização para a guerra, uma realidade que não poupava nem aos civis. Conforme destacava Cromley:

“la principal razón pela cual el Japón consigue mantenerse és mucho simples, más de tal naturaleza que nosotros, norteamericanos, acostumbrados como estamos al respecho por los derechos individuales, nó podemos percibir con facilidad. Lo que sucede és que el ejército japonés toma para si todo lo que necesita. En el Japón, nada és mas importante que el ejército[...] En la ansia de vencer a cualquier costo, el ejército trata al pueblo [...] como a lo enemigo”.²³⁴

E prosseguia:

“de los territorios conquistados conseguiu el Japón lo suministro más abundante para su arsenal de guerra[...] hace diversos años que el invasor barre a la China en busca de metales que se pueda aprovechar. Personas que presenciaron a la captura de Hong-Kong hablan que allí ocurrió la pillaje sistemática de todo lo cobre e metales que encontraba disponible en la isla, así como a las maquinas y generos alimenticios. Cuando termino la hostilidad, innumerables cargueros izaban áncora, con buena y farta carga en sus depósitos. Tal sucedió también en consecuencia de la invasión de las Indias Orientales Holandesas y Filipinas”.²³⁵

Sobre as intenções expansionistas dos japoneses e o que eles esperavam em relação a uma atitude por parte dos norte-americanos, refere o autor que:

“los líderes japoneses están convencidos que los Estados Unidos precisaran de uno, dos o três años hasta alcanzar el nivel de producción bélica que tiene o Japón a más de una década. [...] Cuando los Estados Unidos lograr la movilización industrial

²³³ Cromley, Roy. *Cual és la real fuerza de Japón*. IN: *Selecciones del Reader's digest*, abril de 1943, p.46/50. O grifo é nosso.

²³⁴ Idem, op.cit, p.46.

²³⁵ Cromley, Roy. *Cual és la real fuerza de Japón*. IN: *Selecciones del Reader's digest*, abril de 1943, p.48-49.

deseada, los japoneses logran ya estar muy bien instalados e entrenchados en los territorios recientemente invadidos que las Naciones Unidas no podrán expulsarlos de allí”.²³⁶

A imagem de uma ameaça que havia se transformado em cruel agressor capaz dos piores atos para alcançar os seus objetivos se constituía mais com o passar da guerra. Segundo informavam os editores do *Digest*: “Poco menos que milagrosa fué la manera pela cual los norteamericanos lograron cerrar la puerta del Alaska a los japoneses”.²³⁷ Tal era a orientação dos argumentos de William Clemens:

“fue poco menos do que por milagro que los japoneses no lograron infiltrarse em Alaska em junio de 1942. Sus intenciones, ao saltar de paracaídas, no era quedarse em ellas, mas establecer allí un fondeadero para lançar su asalto al continente americano. Pero tiveram que desviarse de su ruta, poner los pelos de punta, e voltarse para lo Oeste. Esas pequeñas islas, Attu, Agattu e Kiska, fueran solam o que conseguiran los japoneses con sus ataques en massa guiados segundo las taticas de ‘pinzas’”.²³⁸

Segundo destacava Clemens: “[...] por una uña negra que se salvó el Alaska, cuya perdida seria fatal a toda la America. Sin eso, los japoneses estarían hoy a pulverizar la costa del Pacífico con sus bombas de demolición”.²³⁹ A incursão japonesa logrou êxito em conquistar três pequenas ilhas, onde se entrincheiraram e guardaram posição. Em relação ao tipo de combate que se estava levando ao inimigo, Clemens informava:

“los norteamericanos ya descargaran más de médio mijjon de quilos de explosivos sobre los japoneses – más do que los alemanes dejaron caer en Coventry; reduciran a mota las instalaciones del enemigo en tierra; hundieron los barcos de suministros; explotaran en el aire con sus bombardeos. Pero los japoneses siguen allá, y no será facil expulsarlos”.²⁴⁰

²³⁶ Cromley, Roy. Cual és la real fuerza de Japón. IN: *Selecciones del Reader's digest*, abril de 1943, p.50.

²³⁷ Nota introdutória da matéria que se segue e citamos, *Selecciones del Reader's Digest*, junho de 1943, p.54. O grifo é nosso.

²³⁸ Clemens, Williams. La escalera de asalto de las Aleutas. *Selecciones del Reader's Digest*, junho de 1943, p.54.

²³⁹ Idem, op.cit, p.55.

²⁴⁰ Idem, ibidem, p.56.

O autor se valia de palavras de um oficial do exército dos Estados Unidos para referir a forma de vencer os japoneses, segundo o informe anônimo: “*nó seremos capaces de botar los japoneses fuera de la isla de Kiska a fuerza de bombas. Tenemos que desembarcar allí e dar caza a los japoneses, arrancarlos de sus fortificaciones como se arranca la suciedad de la piel*”.²⁴¹ Na concepção de Clemens a situação era difícil, porém:

“[...] los norteamericanos saben donde estón acuartelados, donde esconden sus suministros, donde está alojada sú aviación. Marcan, cuidadosamente, en sus mapas cada nuevo cañón antiaéreo que dispara contra sus aviones. Sea cual sea el día y la hora, siempre que los objetivos estean visibles, bombardeian, hacen en pedazos y fotografan a todo lo que está arriba de la tierra”.²⁴²

O argumento de Clemens se valia da ênfase ao “complô” do estereótipo do japonês e sua “intenção” de estabelecer o seu domínio no Continente Americano. A atuação das forças armadas dos Estados Unidos, conforme destacava o autor, “salvou” o Continente das “garras” do agressor. O articulista imaginava para os leitores de *Selecciones* uma trama onde o embate entre as forças do “bem” e do “mal” cada lado com seus representantes e respectivos interesses bem definidos. Além disso, para Clemens, a atitude japonesa justificava o uso da força porque a causa –proteção do Continente- era legítima. O “complô maquinado” pelas forças do Eixo, em especial o Japão, poderia ser derrotado; havia um “salvador”.

O inimigo cruel, que não poupava a vida de mulheres, crianças e civis pode ser cotejado, também, na matéria de Robert Lateine, intitulada: “Lo ultimo avión que saliu de Birmania”.²⁴³ O relato de Lateine dava conta do avanço japonês na Birmânia e das condições em que se executou a retirada das tropas aliadas. Segundo narra o autor:

²⁴¹ Clemens, Williams. La escalera de asalto a las Aleutas. *Selecciones del Reder's Digest*, junho de 1943, p.57. O grifo é nosso.

²⁴² Clemens, Williams. La escalera de asalto a las Aleutas. *Selecciones del Reder's Digest*, junho de 1943, p.57.

²⁴³ Lateine, Robert. Lo ultimo avión que saliu de Birmânia. *Selecciones del Reader's Digest*, fevereiro de 1943, p.43/46.

“en el polvoriento aeródromo de Myitkyina [...] el punto terminal del ferrocarril Norte de Birmania los japoneses se aproximan más y más. [...] El camino que lleva al campo de aviación estaba lleno de refugiados –ingleses, norteamericanos, anglo-birmaneses, en t n misero estado, desgredados y sucios, que nunca olvidarei de aquél cuadro. Muchos er n sobrevivientes de familias barridas por los ataques aéreos de los japoneses; muchos habian sido atacados muchas veces y sobrevivido, pero, ahora, no tienen mas fuerza”.²⁴⁴

E proseguia:

“cuando los ingleses y las fuerzas del general Stilwell se retiraron, *una nueva ola de p nico barriu al Norte de Birmania [...] aviones japoneses de combate y bombardeo caeron en ataque al campo.* Los refugiados corian aterrorizados en todas a las direcciones. No habia salida; durante vinte minutos, *los japoneses, friamente, metodicamente, ca ron sobre los heridos, mujeres y niños que en confusión buscavan escaparse de la barbarie*”.²⁴⁵

As coloca es de Lateine iam além da associa o do estereótipo do japon s aos termos “inumanos” e “selvagens”. O articulista se valia do significado incorporado a palavra “barbárie” para excluir àquele estereótipo da categoria de “civiliza o” e constituir o seu sentido de “ameaça/mal” a ser combatido porque “impiedoso”, “frio e metódico”.

A constitui o da imagem de um inimigo comparável aos ‘bárbaros’ da Idade Média de modo simultâneo, expurgava a uns e legitimava a outros; destacava os atos cruéis dos japoneses e tornava justa a utiliza o de práticas semelhantes no combate àquele inimigo. O processo é interessante na medida em que se utilizava uma expressão já significada no imaginário coletivo - *bárbaros*-, ou seus derivativos, *barbárie*, *barbarismo*, etc., para dar sentido ao estereótipo do inimigo comum aos Aliados, os japoneses. Nesse sentido também convergiam os argumentos apresentados na matéria: “Lo que sufr  en las prisiones japonesas”; de autoria de J.B. Powell.²⁴⁶ Segundo informavam os editores do *Digest*, na cl ssica nota introdutória: “En consecuencia de las barbaries medievais cometidas por los carceleros japoneses de Xangai, J.B. Powell perdió ambos los pi s,

²⁴⁴ Idem, op.cit, p.43.

²⁴⁵ Lateine, Robert. Lo ultimo avión que saliu de Birm nia. *Selecciones del Reader’s Digest*, fevereiro de 1943, p.45-46. Os grifos são nossos.

²⁴⁶ Powell, J.B. Lo que sufrí en las prisiones japonesas. *Selecciones del Raeder’s Digest*, março de 1943, p.30/33.

debido a la gangrena, y en los tres meses en que fue sometido a las privaciones del carcel, su peso cayó de 70 para 40 kilos”. Conforme o relato de Powell:

“en la mañana de 20 de diciembre de 1941, media docena de japoneses a paisana vaniran a my cuarto em el Hotel Metrople, em Xangay, no me causo extrañeza aquello, pués lãs redaciones de *The China Weekly Review* y *The China Press* ya habían sido cerradas por los japoneses. Después de efectuar una búsqueda en my cuarto, meteran my papeles en una bolsa, y olvidar a acompañarlos al cuartel general para el interrogatorio. Los agentes me conduciran a *Bridge House*, un edificio que los japonese habian secretamente transformado en prisión. Fue llevado a una celda donde permaneci dos meses y donde quedei inválido”.²⁴⁷

Sobre o cárcere, referia o autor:

“aproximadamente 40 personas bibian amontonadas en um espacio con poco más de diez metros. Los prisioneros se mantenian sentados em el suelo, em filas cerradas. En su mayoría eran chinos, pero entre ellos estaba *Rudolph Mayer*, Hermano del productor de cine de *Hollywood*”.²⁴⁸

E relação aos maus tratos, Powell informava:

“los prisioneros chinos eran golpeados con frecuencia. Durante la noche podríamos escuchar los gritos de algún pobre desgraciado en otra celda. [...] Frecuentemente, las mujjeres chinas eran llevadas al interrogatorio. Varias veces voltavan ensangrentadas y exhaustas[...] encuentre entre nosotros innumerables prisioneros japoneses – soldados, castigados por las borracheras, y anticuos empleados de empresas estrangeras, eran tratados como los demás”.²⁴⁹

Finalizando o seu relato, Powell destacava:

²⁴⁷ Powell, J.B. Lo que sufrí en las prisiones japonesas. *Selecciones del Raeder's Digest*, março de 1943, p.30. Grifado no original.

²⁴⁸ Powell, J.B. Lo que sufrí en las prisiones japonesas. *Selecciones del Raeder's Digest*, março de 1943, p.30-31. Grifado no original.

²⁴⁹ Idem, op.cit, p.32.

“en junio, gracias a la presión ejercida por los amigos y periodistas de America, me dejaron partir, junto con otros norteamericanos, en cambio de japoneses que se encontraban en los Estados Unidos. Con más diez días de cárcel, [...] yo no estari acá para darles muestra, de modo breve, de los modos inhumanos y estupidos con que són tratados, por nuestros enemigos, aquellos que tiveran el infortunio de quedar en sus garras”.²⁵⁰

3.2.2 O “bom” japonês e o contexto da Guerra fria.

A constituição de um sentido positivo para o estereótipo do Japão “imperialista” significou a sua inserção no mundo *americanizado* na qualidade de aliado contra o comunismo que se expandia na região asiática. Nesse sentido, as “associações permanentes” feitas pelos articulistas de *Selecciones del Reader's Digest*, especialmente, a partir de 1946, em relação ao Japão e sua sociedade deixaram de estar relacionadas com o “barbarismo”, a “ditadura”, o “militarismo”, etc. A nova constituição da imagem do Japão indicava a sua potencialidade e disposição em assimilar um *new way of life*.

O final das hostilidades com o inimigo japonês veio com o ataque atômico às cidades de Hiroshima e Nagasaki perpetrado em agosto de 1945. A idéia que o fim da guerra devolveria a paz e restabeleceria a ordem mundial incluía a expectativa de democratização das áreas ocupadas pelos Aliados, e tal foi o que se operou em relação com o Japão, em especial nos anos imediatos a ocupação norte-americana. Conforme argumentava Henry May Jr, na matéria intitulada: “*El primer año del nuevo Japón*”;²⁵¹ o processo poderia ser lento devido aos sentimentos ainda recentes dos enfrentamentos entre as duas nações, mas seria possível. Nas palavras do autor:

²⁵⁰ Idem. Op.cit, p.33.

²⁵¹ *Selecciones del Reader's Digest*, setembro de 1946, p. 19/22. O grifo é nosso. As informações acrescentadas pelos editores do *Digest* davam conta que essa matéria havia sido condensada a partir do original publicado no periódico “*Harper's*”.

“los americanos aglomeranse en la murada cuando su buque aproximase del Japón. Entonces, piensan ellos, ¿Esto és el país donde llaman y entrenáramse los hombres que tamaña resistencia ofrecieran en la selva de Saipã, y que bucearan sus aviones en llamas sobre las cubiertas de los portaaviones? Todos hacen conjeturas sobre los huéspedes indeseables. Y todos fican sorprendidos con que lo destapan”²⁵².

E prosseguia:

“cuando alguien desembarca en la gran base naval de Toquio, logo encontrase con el amistoso anuncio de una gran compañía de taxis [...] ‘Alo, caballero, hace una alegre visita a Iocosuca, contamos con tu preferencia. Encontrase rodeado por una muchedumbre de chicos con ojos brillantes que gritan [...] ‘¿Alo, Joe, chocolatina? Cigarillos?’ En las cercanías, hombres de la marina japonesa, sumisos, limpan el terreno de su antícua base, sometida ahora a una nueva administración. Nadie entende esta transformación súbita, de la ferocidad a la mas abyecta rendición de la historia”²⁵³.

A reação da sociedade japonesa ante a ocupação de seu país pelos Estados Unidos gerava uma série de preocupações entre os militares norte-americanos. Porém, segundo informava May Jr:

“la campaña oficial ‘sea gentil con el conquistador’ és más eficiente en Japón do que cualquier otro país. Los japoneses están habituados a creer en lo que escuchan e la actual afirmativa es de que los norteamericanos san buenos. Hasta la hora esta campaña tiene sido benefícosa a los vencedores. [...] Los intereses comerciales tienen contribuido también para incentivar las manifestaciones de cordialidad con los norteamericanos”²⁵⁴.

Entretanto, existia um valor simbólico naquilo que os Estados Unidos representavam para os derrotados japoneses, a imagem dos norte-americanos estava associada a alguns aspectos significativos que, na opinião do autor, vinham constituindo o

²⁵² May Jr., Henry. El primer año del nuevo Japón. *Selecciones del Reader's Digest*, setembro de 1946, p. 19.

²⁵³ Idem, p.19.

²⁵⁴ Idem, op.cit., p.32. Os grifos são nossos.

imaginário da sociedade japonesa há algum tempo: “otra especie de pro-americanidad es proveniente de la franca admiración por lo poderío y la riqueza de los Estados Unidos. Hace duas generaciones que esto pais representa, para los japoneses modernos y ambiciosos, la última palabra en progreso material”.²⁵⁵

A “admiração” de uma parcela da sociedade japonesa pelos conquistadores não implicava em ausência de sentimentos de incerteza em relação ao tipo de tratamento que os norte-americanos dispensariam durante a ocupação. Conforme destaca May Jr:

“los japoneses esperaban una repetición de las atrocidades y los raptos verificados en Nanquin. Las tropas que llegaban a Quioto [...] encontraban las tiendas cerradas y las mujeres atrancadas. Aos pocos, los japoneses percibiranse de que los norteamericanos raramente molestaban las personas, trataban los chicos con cariño y estaban más interesadoss en recuerdos que venganza”.²⁵⁶

Para finalizar, May Jr, enfatizava: “lo argumento más solido en favor de la colaboración, y superior a cualquiera reacción contraria a la actual ocupación, és la supervivencia de lo sentimiento liberal, pro-occidente, que resiste”.²⁵⁷

O processo de constituição de um sentido positivo para a imagem do aliado japonês incluía a veiculação de artigos onde as “associações permanentes” estavam ligadas aos conceitos de liberdade, democracia, entre outros. Nesse sentido, a partir de 1946 até o ano de 1950, a Revista *Selecciones del Reader's Digest* publicou várias matérias que retratavam o Japão como nação simpática a ocupação; ciente dos motivos de sua derrota e sabedora de seu caminho. O caso analisado antes chamava a atenção já no início porque opunha um “novo” Japão, que era simpático aos norte-americanos e deles esperava algum tipo de ajuda, a um modelo “velho”, que sabidamente era o da época da expansão e da guerra. O aspecto “novo” vinha associado ao contato com os norte-americanos e teleologizava o futuro japonês como bastião do liberalismo e da democracia na região da

²⁵⁵ May Jr., Henry. El primer año del nuevo Japón. *Selecciones del Reader's Digest*, setembro de 1946, p. 33. os grifos são nossos.

²⁵⁶ El primer año del nuevo Japón. *Selecciones del Reader's Digest*, setembro de 1946, p. 33. os grifos são nossos.

²⁵⁷ El primer año del nuevo Japón. *Selecciones del Reader's Digest*, setembro de 1946, p. 33. os grifos são nossos.

Ásia. O aspecto “velho”, apesar de não estar textualmente mencionado remetia, de maneira associativa, ao passado bélico e militarista do império japonês. Nessa perspectiva, o “novo”, o vir a ser japonês continha uma conotação esperançosa senão positiva porque permitia a utilização de elementos do “velho” para a constituição de significado, dito, “novo”. Um exemplo claro dessa re-significação do “velho” em “novo” foi o caso da imagem simbólica do Imperador, antes o líder que ordenava a morte aos americanos e no contexto de 1946 o incentivador da aliança com os vencedores e propagandista da democracia.

A transformação política do Japão em nação aliada aos Estados Unidos, e democráticos por “assimilação” ainda que forçosa, foi tema de *Selecciones*. Tal se pode cotejar na matéria de Roger N. Baldwin: “Como nasce la democracia em el Japón”.²⁵⁸ O entusiasmado relato do autor dava conta que:

“la actuación de las autoridades norteamericanas en Japón, [...], constitui una de las más revolucionárias realizaciones de toda la historia. Cuando las fuerzas armadas de los Estados Unidos retirarensse del Japón, establecido el tratado de paz, los yankees podrán ter obrado casi un milagro en el sector de las relaciones humanas. Jamás otro ejército conquistador transformó enemigos en amigos, aliciando la cooperación ardiente de los vencidos para rornarse en democracia una autocracia militar”.²⁵⁹

E prosseguia:

“jamás otro conquistador después de cargar con los enormes gastos, entendió retirarse sin un níquel de indemnización o garantías de privilegios especiales. En Japón renovei my fe en la capacidad de la democracia para conducir las naciones por el camiño de la libertad, por lo tanto el pais ya esta listo para transformarse en una de las más grandes democracias del globo, alaido espiritual en la batalla por la democracia universal”.²⁶⁰

²⁵⁸ *Selecciones del Reader's Digest*, junho de 1948, p.76/80. Segundo informavam os editores, a referida matéria foi condensada a partir do original publicado no periódico “*Current Events*”.

²⁵⁹ Baldwin, Roger N. Como nasce la democracia en Japón. *Selecciones del Reader's Digest*, junho de 1948, p. 76. Os grifos são nossos.

²⁶⁰ Baldwin, Roger N. Op.cit, p. 76. Os grifos são nossos.

Os motivos da renovação da fé do autor na tarefa norte-americana de melhorar socialmente uma determinada região do globo tinham seus motivos. Segundo Baldwin:

“los japoneses son optimos alumnos [...] parecen hechos de encomenda para las fuerzas de ocupación. La capacidad que demuestran para alentar nuevos ideales, una vez que los antiguos tengan fracasado, hace con que suya conversión a la democracia parezca mucho natural. Los japoneses esfuerzanse visiblemente en ser democraticos. El comunismo esta progresando poco, en vista de la fe en la salvación democratica”.²⁶¹

Sobre a importância do Japão como aliado na luta contra o comunismo e suas escaramuças referia Baldwin:

“donde triunfa la democracia genuina, el comunismo fracasa. [...] Los comunistas de fuera del Japón, en el continente asiatico, mantienen una incesante campaña propagandistica contra los americanos. Dos estaciones de radio e varios periodicos bibem a alegar que los yanques estan apenas fundando otra colonia para los imperialistas. La propaganda no produz efecto evidente”.²⁶²

A lista de feitos dos norte-americanos na sua tentativa de melhorar socialmente o Japão, conforme Baldwin era longa. Palavras do autor:

“el Japón esta desarmado y desmilitarizado. La constitución renuncia a la guerra; los militaristas fueron expulsos de los cargos publicos y particulares. El imperador, otrora divino, ahora és un símbolo sin autoridad política. La religión official, de carater político, perdió su situación privilegiada. Los fidalgos tuvieron sus privilegios cazados. La constitución és una de las más democraticas del globo. Acaba con el poder centralizado, asegura la autonomia local, garantiza los derechos civiles e políticos de todos”.²⁶³

²⁶¹ Idem, op.cit, p.77.

²⁶² Baldwin, Roger N. Como nasce la democracia en Japón. *Selecciones del Reader's Digest*, junho de 1948, p.77/78.

²⁶³ Baldwin, Roger N. Como nasce la democracia en Japón. *Selecciones del Reader's Digest*, junho de 1948, p.80.

E finalizava: “fué asegurado al pueblo japonés la libertad de religión, expresión, pensamiento, reunión y asociación. Todo esto lo pone a una gran distancia del antiguo Japón. El Japón es una colmena de energías canalizadas. La democracia [...] es la nueva fe que lo anima”.²⁶⁴

3.3 Inferências parciais.

Ao longo da segunda parte deste capítulo buscamos destacar que o processo de constituição do sentido do estereótipo do japonês sofreu re-significações que estavam relacionadas ao contexto social e histórico das matérias extraídas de *Selecciones* e citadas ao longo do texto. As primeiras percepções dos articulistas imaginavam um Japão “ameaçador” em termos comerciais, que rivalizava com os Estados Unidos na briga pelos mercados das repúblicas “latinas”. A expansão militar japonesa, na opinião dos articulistas de *Selecciones*, estava limitada a região da Ásia e não havia a imaginação de um “complô” japonês com fins de dominação mundial.

A re-significação do sentido do estereótipo do japonês veio com a guerra. No período posterior a dezembro de 1941, os articulistas de *Selecciones* passaram a imaginar um antípoda “ameaçador” que punha em risco a integridade política do Continente Americano, e do mundo. A constituição de um imaginário do “complô” para a dominação mundial colocou o estereótipo do japonês na categoria dos seres “não-civilizados”, “selvagens”, “bárbaros”, entre outras. O “retorno a Era dourada”, ou, aos tempos de paz e segurança somente seria possível através da atuação de um “salvador”, os Estados Unidos, a quem caberia a “missão” de levar a “civilização” onde imperava a “natureza” e a “barbárie”. A duração do sentido negativo significado em torno do estereótipo do japonês durou o tempo da conflagração, em seu lugar foi constituído um outro antípoda: o comunismo.

O término da Segunda Guerra Mundial com a vitória dos Estados Unidos sobre o Japão deu margem para outra transmutação no sentido do estereótipo do japonês, conforme vimos referindo. As “associações permanentes” do período do após-guerra não

²⁶⁴ Idem, op.cit, p.80.

destacavam mais o “complô” dos “selvagens”, ou a “barbárie” japonesa que ameaçava a segurança do Continente Americano e do mundo. Pelo contrário, os articulistas de *Selecciones*, a partir de 1946, passaram a imaginar para os leitores um Japão “derrotado”, submetido a “boa vontade” dos “conquistadores”. Os japoneses passaram, na visão dos articulistas, a “admirar” os norte-americanos e se mostravam “ótimos alunos” no aprendizado do *american way of life*, especialmente dos aspectos democráticos daquele complexo mito. A etapa seguinte, a partir de 1948, foi marcada por “associações permanentes” do estereótipo do japonês a aspectos positivos que o colocavam na condição de nação “aliada” dos Estados Unidos. E mais: após 1948, o Japão passou a ser descrito como mais uma nação simpática aos ideais democráticos que estava “cercada” pela ameaça de uma dominação comunista.

Capítulo IV

4 A Alemanha nazista e os Estados Unidos: percepções e significações para o estereótipo do nazismo.

Os Estados Unidos e o caso da expansão nazista não fugiram ao contexto da época, ao passo que *Hitler* quebrava, um por um, os Acordos e Tratados dos quais a Alemanha havia sido signatária, *Roosevelt* conduzia os norte-americanos na reconstrução do país e no fortalecimento da economia interna. A Alemanha de Hitler resolveu grande parte dos seus problemas de falta de postos de trabalho a partir da organização e ascensão do *N.S.D.A.P* ao poder, Hitler e sua política armamentista absorveram significativa parcela das massas de trabalhadores. Nos Estados Unidos, um dos fatores que permitiram a absorção de mão de obra ociosa foi às obras públicas implementadas como parte do ‘*New Deal*’. Além do reaquecimento da produção interna de bens e serviços, os norte-americanos, como os alemães da década de 1930, buscavam uma saída para o caos gerado pela crise de 1929.²⁶⁵

A campanha pelo controle do poder político que levou o partido nazista à dominação da sociedade alemã tinha suas origens na década de 1920. A derrota sofrida no conflito mundial de 1914-1918 colocou a Alemanha sob as cláusulas do Tratado de Versalhes, de 1919, enquanto que a sua sociedade se debatia em convulsões políticas e sociais internas. O “vazio” de poder ocasionado pela desestruturação política originada pela derrota permitiu que vários grupos e partidos disputassem o controle da Alemanha. Para Antonio Ramos Oliveira, a expansão do movimento comunista em todas as regiões da Europa, e em especial na Alemanha, produziu um contexto específico, segundo o autor:

“la burguesía europea, amenazada por las revoluciones después de la guerra de 1914-1918, se había espantado y padecía de una enfermedad extraña, que podemos llamar miedo retrospectivo. Angustiada por el

²⁶⁵ Não é nossa intenção elaborar uma história comparativa entre os Estados Unidos e a Alemanha na década de 1930, mas é interessante observar que cada país buscou um tipo de solução que achava mais adequada para o seu caso na ânsia de fazer fente a crise econômica. Em relação a história do movimento nacional-socialista na Alemanha a bibliografia é imensa. Algumas obras, porém merecem destaque, como no caso de: Shirer, William L. *The rise and fall of the Third Reich. A history of nazi Germany*. New York: Simon&Schuster, 1966; Fest, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981; Barnett, Correlli (Org.). *Os Generais de Hitler*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991; Cornwell, John. *Os cientistas de Hitler. Ciência, Guerra e o Pacto com o demônio*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

peligro que había corrido la propiedad privada en 1918-1920, siguió viendo alzarse sobre la Europa [...]el espectro del comunismo derrotado. Los ultraconservadores vivían en perpetua zozobra. El temor les impedía pensar; eran una clase social matirizada por espantosas alucinaciones. En suma, la reacción europea soñaba con el día de la venganza, el día en que pudiera reanudar la guerra contra la Unión Soviética. Esas atormentadas criaturas acabaron viendo un bolchevique en todo en el que no era anticomunista militante”.²⁶⁶

O contexto da década de 1920 seguiu marcado por lutas entre os simpatizantes do comunismo, os representantes da social-democracia e, também, os nacional-socialistas, ou “nazis”. Nesse sentido, as respectivas facções buscavam exaltar os seus propósitos em detrimento das idéias alheias. Para tanto, a constituição de estereótipos foi aplicada, por ambos os partidos, de maneira indiscriminada. O nacional-socialismo alemão adquiriu grande parte de seu apoio através da criação de um estereótipo a ser combatido, no caso o comunismo personificado nos bolchevistas. A imagem do combate ao comunismo serviu de justificativa para o fortalecimento do partido nazista e foi usada para legitimar uma série de atos políticos que tolhiam as liberdades civis. Para Oliveira, Hitler se valeu da imagem da “ameaça comunista” como uma “mágica contraseña” que lhe deu acesso ao poder.²⁶⁷ E mais na concepção de Oliveira, as atitudes de Hitler eram aprovadas pela comunidade europeia e, também, pelos norte-americanos. Palavras do autor:

“Hitler tenía perfecta conciencia del valor internacional de la carta antibolchevista y iba a seguir jugando contra toda la Europa, como lo había jugado contra todos los partidos alemanes. Su triunfo estaba asegurado sí la juega bien, porque él no era sólo un héroe para el pueblo alemán; lo era también para la burguesía de Europa y América”.

²⁶⁶ Historia social y política de Alemania, 1800-1950. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1952, p.262. Os grifos são nossos. Uma visão interessante do movimento de ascensão dos nazistas ao longo da década de 1930/40 pode ser conferida no documentário de Rees, Laurence & Remme, Tilman; Nazis a warning from history. Londres: British Broadcasting Co., 1998. Sobre o contexto alemão da época os autores afirmam: “a política estava polarizada. Os conservadores e os socialistas tornaram-se radicais frente à crise. Com toda a Alemanha em tumulto na primavera de 1919, o descontentamento geral levou a um golpe na cidade de Munique: a Räterepublik. Isso culminou, em abril de 1919, na fundação da República Soviética de Munique, uma tentativa de criar um governo nos padrões soviéticos naquela cidade, apenas 18 meses depois da vitória dos bolcheviques na União Soviética”.

²⁶⁷ Historia social y política de Alemania. 1800-1950. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1952, p.262.

Em termos econômicos, a principal tentativa de reorganizar os fundamentos foi à introdução do “*Neuen Plan*”, ou, Novo Plano. Tal iniciativa estabelecia uma saída para a falta de capitais da Alemanha através da intensificação das trocas entre os nazistas e os seus parceiros comerciais. Para algumas nações da América Latina, também atingidas pela crise mundial, o comércio de compensação com a Alemanha se mostrou como uma alternativa para a insuficiência de divisas próprias para o comércio externo.²⁶⁸ A inflamada oratória de Hitler pregava aos alemães de todas as regiões da Europa um *pan-germanismo*, exigia para si não só um espaço vital, *Lebensraum*, onde pudesse extrair as matérias-primas necessárias para o desenvolvimento de seu *Reich*, mas, também, uma fatia do comércio mundial em tempos de crise. A projeção da Alemanha na competição por mercados tornou a busca mais acirrada. Conforme destacamos no segundo capítulo deste trabalho, ao longo da década de 1930, a Alemanha nazista aumentou a sua participação comercial na América Latina a níveis não vistos até então, chegando a igualar, e alguns casos superar, as cifras norte-americanas. A percepção de que a Alemanha de Hitler se constituía em uma *ameaça* comercial para os Estados Unidos no Continente diferia da idéia de que, na Europa, o líder nazista representava uma alternativa ao comunismo porque contrário ao fortalecimento e expansão daquele regime.

A anexação da Áustria pela Alemanha nazista, ou, o *Anschluss*, em 1938, não produziu grande repercussão em terras norte-americanas.²⁶⁹ A ampliação do *espaço vital*

²⁶⁸ A reorganização da economia alemã nos anos de 1930 sob os auspícios do Novo Plano implementou a modalidade de comércio conhecida como “comércio de compensação”. Para uma análise mais detalhada ver, especialmente: Menezes, Albene Miriam F. Alemanha e Brasil: o Comércio de Compensação nos Anos de 30. IN: Brancato, Sandra M. L. & Menezes, Albene Miriam F. Anais do Simpósio Cone Sul no contexto internacional. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. A década de 1930 foi marcada pela crise que a sucedeu, em 1929, e obrigou os países do bloco capitalista a elaborarem políticas econômicas alternativas em tempos de recessão. Nesse sentido, cada nação se pautou em orientação própria, porém o que todas elas tinham em comum era a insuficiência de reservas em espécie para saldar suas importações e exportações. Do ponto de vista econômico, o Novo Plano aplicado a Alemanha na década de 1930 deve ser atribuído a liderança nazista e contou com a colaboração dos setores bancário e financeiro da época. Um nome se deve destacar na elaboração das finanças do reich nazista: Hjalmar Schacht, o “banqueiro de Hitler”. Entretanto, a nova organização econômica não se limitava a orientação do fluxo cambial do comércio exterior. Em relação a melhora da economia interna da Alemanha, Hitler lançou um amplo programa de construções de obras públicas, especialmente rodovias e outras benfeitorias, além de ampliar em larga escala a produção de armamentos para as suas unidades também com o fito de aumentar a oferta de empregos e o aumento da renda dos trabalhadores.

²⁶⁹ O autor *Jean-baptiste Duroselle* também destacava a pouca ressonância do *Anschluss* em terras americanas. Os primeiros movimentos de anexação de territórios feitos tanto pelo Japão na região da Ásia quanto pela Alemanha na Europa não sutiram grandes repercussões na sociedade e no governo dos Estados Unidos devido ao período comumente chamado de “isolacionismo”. Para maiores informações ver: Perrett, Geoffrey. Days of sadness, years of triumph. The american people 1939-1945. Baltimore: Penguin Books Inc, 1973,

que os nazistas defendiam estava se desenhando. O passo seguinte foi à obtenção de mais territórios na região da Tchecoslováquia, os sudetos eram compostos de populações alemãs, e por isso deveria ser incorporados ao *Reich*. A ameaça de iniciar uma guerra na Europa e a necessidade de combater o bolchevismo eram alguns dos argumentos de *Adolf Hitler*, para que as demais nações reconhecessem tal direito dos nazistas em ampliar, mais uma vez, a sua esfera de ação e exploração. Para *Neville Chamberlain*, primeiro ministro inglês, as negociações com *Hitler* poderiam ser frutíferas na medida em que o ditador alemão dava mostras de que os territórios dos Sudetos seriam os últimos a ser reclamados, e na medida em que o regime Nacional-Socialista alemão fazia frente à dita “ameaça bolchevista”. Em meados de 1938, o representante da Inglaterra, *Chamberlain*, da França, *Daladier*, e da Itália viajaram para a Alemanha com o fito de negociar com *Hitler*.

A reação norte-americana se deu através de palavras de *Roosevelt*: “el gobierno de los Estados Unidos no tiene intereses en Europa y no asumirá ninguna obligación en las presentes negociaciones”. No final de setembro de 1938, foi assinado o *Pacto de Munique*, que cedia ao *Reich* nazista uma significativa parte do território da Tcheco-Eslováquia. O primeiro ministro inglês, *Neville Chamberlain*, após a assinatura do *Pacto de Munique* retornou a Inglaterra brandindo um papelucho com assinatura de *Adolf Hitler* concordando em que não haveria mais tomadas de territórios na Europa e pronunciou a célebre frase: “*peace in our time!*”.

A máquina nazista não tencionava parar porque algumas nações estavam assustadas, a promessa feita em Munique durou pouco. Conforme Miller:

“na primavera de 1939, [...], Hitler apoderou-se de Praga e do resto da Tcheco-Eslováquia; e no dia 23 de agosto, assinou o seu notório pacto de não-agressão com Stalin, o que lhe deixou as mãos livres para atacar a Polônia, sem recear represálias de parte da Rússia. A invasão alemã da Polônia principiou o início de setembro de 1939”.²⁷⁰

especialmente a parte XII do capítulo 1, “Isolation and rediscovery of Latin America”. Outras informações sobre o posicionamento dos membros do governo em relação ao “isolacionismo” podem ser encontradas em: Sherwood, Robert E. *Roosevelt y Hopkins, una historia íntima. Del “New Deal” a Pearl Harbor*. Barcelona: Los Libros de Nuestro Tiempo, 1950; Miller, William. *Nova história dos Estados Unidos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962; Durossele, Jean Baptiste. *Política exterior de los Estados Unidos 1913-1945*. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965; Adams, Willi Paul. *Los Estados Unidos de América*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1979.

²⁷⁰ *Miller, William*. *Nova história dos Estados Unidos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962, p.344.

A Alemanha nazista e a Rússia de Stalin partilharam as terras da Polónia conforme melhor lhes aprouve, mas a expansão nazista não terminou ali. Nas palavras de Miller:

“a guerra de imposturas chegou ao seu fim espetacular a 9 de abril de 1940, quando Hitler, [...], dominou a Dinamarca e todos os principais portos da Noruega e da Suécia, no Mar do Norte. [...] O choque deste triunfo derrubou Chamberlain, a 10 de maio de 1940, quando ele passou o cargo de primeiro ministro a Winston Churchill. No mesmo dia, as forças de Hitler dividiram a Holanda ao meio e a dominaram em noventa e seis horas. A Bélgica rendeu-se antes do fim de maio, e a França antes de encerrar-se o mês de junho. [...] *A conquista esmagadora da França por Hitler convenceu a maioria do povo americano de que o perigo era iminente.*”²⁷¹

Em que pese à orientação de isolamento que os norte-americanos tinham adotado, e estavam praticando até o fim da década de 1930, o presidente Roosevelt, em janeiro de 1939 começava a dar mostras de que era necessário mudar o posicionamento dos Estados Unidos no sentido de seguir a sua missão de guardião das democracias e se desvencilhar das leis que impediam o re-armamento. Em discurso ao congresso ele declarou:

“las tormentas desencadenadas en el extranjero [...] ponen en cuestión directamente três instituciones indispensables para los norteamericanos [...] La primera es la religión. Es ala fuente de otras dos, la democracia y la buena fé internacional. Hay que deducir de esto, por una parte, que la legislación de neutralidad puede ser perjudicial y, por otra, qu hay que aumentar las fuerzas del país y de las democracias”²⁷²

A discussão não teve o resultado esperado por Roosevelt e a revisão das leis de neutralidade só foram levadas a efeito com sucesso em novembro de 1941, quando os seus termos e dispositivos foram modificados pelo Congresso passando a valer a lei do ‘*cash and carry*’ ou ‘pague e leve/carregue’. Por efeito dessa modificação os Estados

²⁷¹ Miller, William. Nova história dos Estados Unidos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962, p.345. O grifo é nosso.

²⁷² Presidente Franklyn D. Roosevelt em discurso ao Congresso dos Estados Unidos, em 04 de janeiro de 1939. APUD: Duroselle, Jean-Baptiste. Política exterior de los Estados Unidos. De Wilson a Roosevelt (1913-1945). México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965, p.289. Sobre o período “isolacionista” ver, especialmente:

Unidos poderiam vender, e escolher para quem não vender os equipamentos e artigos militares que sua indústria produzia. Sobre o novo panorama norte-americano refere *Duroselle*:

“[...] la nueva ley de neutralidad[...] suprimia el embargo sobre las armas y municiones y extendía a esas categorías de mercancías la cláusula *cash an carry*, ya existente para los demás productos. Francia e Inglaterra pagarían al contado o con créditos a corto plazo (res meses), y asegurarían el transporte. Naturalmente, no era cuestión nominalmente de esos países; pero como tenían una amplia superioridad naval, esto equivalía a no suprimir sino las expediciones a Alemania”.²⁷³

4.1 A efetivação da inimidade: a guerra contra o nazismo.

A entrada da Alemanha nazista na guerra contra os Estados Unidos ocorreu alguns dias depois do ataque japonês a *Pearl Harbor*, numa atitude “inesperada” para o governo norte-americano. As relações comerciais entre os dois países estavam solidificadas e inúmeras empresas norte-americanas mantinham intercâmbios de patentes de produtos e intensas trocas com empresas do Reich alemão. Entretanto, a guerra foi declarada. Nas palavras de *Duroselle*:

“el 8 de diciembre, por unanimidad menos un representante, el Congreso reconoció que existía un estado de guerra. Stimson quería que se declarara la guerra a Alemania. Hitler se adelantó a este gesto declarando la guerra a los Estados Unidos el 11 de diciembre, para mostrar su fidelidad al pacto tripartita. [...] Esto le evitó hasta el último momento dar combate al último reducto de los aislacionistas”.²⁷⁴

O início das hostilidades entre os Estados Unidos e a Alemanha nazista ocorreu ainda em 1941, quando por ocasião de ataques de submarinos contra a costa norte-americana. A ação fazia parte do plano de *Hitler* de levar a guerra até os cidadãos e territórios dos Estados Unidos. Para tanto, a *Kriegsmarine*, a marinha de guerra alemã, foi

²⁷³ *Duroselle, Jean-Baptiste*. Política exterior de los Estados Unidos. De Wilson a Roosevelt (1913-1945). México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965, p.294. Grifado no original.

²⁷⁴ *Duroselle, Jean-Baptiste*. Política exterior de los Estados Unidos. De Wilson a Roosevelt (1913-1945). México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965, p.345.

encarregada de organizar os ataques aos barcos mercantes que navegavam em águas norte-americanas e por aquela costa de mar. A navegação de cabotagem ainda não estava organizada em forma de comboios, o que facilitava sobremaneira a atuação dos submarinos alemães. A insistência do Almirante *King*, chefe das forças navais norte-americanas, no sentido de manter a organização da navegação sem alterações apesar da guerra permitiu aos alemães um período de sucessos nos ataques aos navios mercantes norte-americanos. Em julho de 1942, por ordem do Almirante *King*, os comboios passaram a ser a única forma de deslocamento de navios entre portos, fato que dificultou a ação dos submarinos. O problema não atingiu somente os mares dos Estados Unidos, a América Latina e sua imensa faixa costeira foram palco da atuação dos submarinos nazistas que afundaram uma série de navios mercantes e outras embarcações. Nas palavras de Miller:

“em 1940 e 1941, os britânicos, os aliados e os países neutros amigos viram suas marinhas mercantes destruídas, num total de oito e meio milhões de toneladas, por submarinos sempre prontos para a devastação [...] a guerra no mar, em 1942, custou muito mais do que em qualquer ano anterior, e foi somente em julho de 1943 que os Aliados conseguiram mudar o curso dos ataques das matilhas de submarinos”.²⁷⁵

A guerra direta aos navios e embarcações norte-americanas não foi a única maneira que Hitler utilizou para atacar o território dos Estados Unidos: a sabotagem também fazia parte dos planos nazistas.²⁷⁶ As batalhas onde os norte-americanos enfrentaram as tropas do Reich nazista foram noticiadas e representadas nas telas dos cinemas e nas matérias dos periódicos. A imprensa em geral, e a norte-americana em

²⁷⁵ Miller, *William*. Nova história dos Estados Unidos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962, p.358. Para esse autor: “As rotas do Atlântico eram essenciais ao abastecimento da Grã-Bretanha; as do Ártico, da Islândia até a frígida Murmansk, representavam canais importantes a serviço dos empréstimos e arrendamentos feitos à Rússia; as do Mar das Antilhas constituíam linhas vitais através das quais o petróleo da América do Sul era transportado para abastecer a [...] esquadra do Pacífico. Os submarinos enxameavam nessas águas de importância capital”, op.cit, p.358/359.

²⁷⁶ A ideia de que os Estados Unidos poderiam ter sido alvo de sabotadores nazistas é o tema principal de um interessante documentário: “Cuando Hitler Invadió la América”. [s.l.]: Nugus Martin Production, 1997. Nessa produção são mostradas imagens dos integrantes do grupo de sabotadores nazistas enviados aos Estados Unidos para atacar as indústrias bélicas que mantinham as forças Aliadas supridas na luta contra o nazismo na Europa. A ação foi batizada “Operação Pastorius”, em homenagem ao fundador da primeira colônia alemã nos Estados Unidos, mas fracassou em seu intento devido a vigilância que exerciam as autoridades norte-americanas. Os “sabotadores” foram presos e julgados por uma corte militar, em Washington, e sentenciados à morte por atentarem contra a segurança dos Estados Unidos.

especial obteve bons índices de vendagem durante os anos do conflito mundial. As reportagens buscavam mostrar a legitimidade e a justiça da causa pela qual lutavam as forças aliadas enfatizando, para tanto, não só as qualidades próprias, mas, especialmente, os defeitos dos adversários.

As decisões tomadas na Conferência de Arcádia colocavam o nazismo na condição de inimigo número 1, deveria ser combatido com prioridade sendo que os demais colaboradores, os italianos e japoneses seriam derrotados após a queda do III Reich alemão. O nazismo foi derrotado por uma série de motivos, entre os quais se deve destacar a intensificação da produção de materiais e artigos bélicos pelos norte-americanos, que superava a produção alemã e sustentava as linhas aliadas, incluindo os russos, na luta contra as hostes de Hitler. Além disso, a ousada tática utilizada pelos Aliados de invasões ao Continente ocupado por Hitler foi decisiva para a derrota dos nazistas e a libertação da Europa. Com o sucesso obtido na invasão da Itália em 1943, e a rendição das tropas de Musollini, os planos da Conferência de Arcádia sofreram algumas modificações. A nova configuração do governo italiano buscou, imediatamente, a paz com os Aliados, esvaziando o tríplice pacto e colaborando no início do assalto a Europa dominada pelo nazismo. A querela originada pela queda da Itália se dava em relação aos termos de sua rendição, e somente em fins de setembro de 1943 os italianos aceitaram a rendição incondicional. Conforme Duroselle: “fue necesaria una nueva negociación para obtener de los italianos, el 20 de septiembre, la firma del ‘armisticio largo’. Por último, el 13 de octubre, una reivindicación italiana, la de la ‘cobelligerancia’ con los aliados contra a Alemania, fue admitida e Italia declaró la guerra a Alemania”.²⁷⁷

A partir de 1943, *Hitler* sofreu com a invasão de sua fortaleza europeia e o colapso veio com o sucessivo avanço dos exércitos aliados que desembarcaram em duas localidades da Sicília e passaram a empurrar as tropas nazistas em direção aos territórios continentais da Itália. A estratégia aliada envolvia basicamente tropas inglesas e norte-

²⁷⁷ Duroselle, *Jean-Baptiste*. Política exterior de los Estados Unidos. De Wilson a Roosevelt (1913-1945). México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965, p.391. A negociação anterior a referida por Duroselle dizia respeito aos encontros em agosto de 1943, que antecederam a derrota da Itália e traçaram seu futuro, o nome do encontro era “Conferência Quadrant”, antes dela se realizou a “Conferência Trident”, ambas reuniam os representantes e, ou chefes de Estados das nações Aliadas envolvidas diretamente no conflito. Para maiores informações sobre esses encontros, ver, especialmente, *Duroselle, Jean-Baptiste*, op.cit, parte XIII, p.347-393.

americanas. O sucesso do plano, apesar das baixas aliadas, foi o advento da derrota terrestre da Alemanha nazista em seus domínios ocidentais. A campanha aliada na região da Sicília obrigou a *Hitler* a abrir mão de áreas antes conquistadas e lhe custou o apoio dos fascistas italianos, que ao primeiro estampido das armas aliadas renderam armas.

A invasão da Normandia, em 06 de junho de 1944, deu força a retomada do continente Europeu que estava nas mãos do Reich Nazista. Após os sucessos iniciais da campanha, que deu margem a especulações de uma conquista da capital alemã, Berlim, o coração político do *Reich* e último esconderijo de *Hitler* antes de dezembro de 1944, os aliados passaram a lutar com a resistência nazista já debilitada moral e logisticamente. Contudo, a organização tática dos exércitos alemães obrigou os aliados a uma série de encarniçados combates onde as baixas foram significativas para ambos os lados. Porém, apesar das tentativas de resistir ao ataque dos exércitos aliados, os alemães foram empurrados de volta ao seu território, e, em maio de 1945 capitularam. Em que pese a ação dos aliados na libertação da Europa não se pode esquecer a contribuição dos russos, que desde 1941 lutavam com os nazistas e impuseram a eles uma série de derrotas que enfraqueceram moral e logisticamente o exército alemão. No próximo capítulo teremos a oportunidade de analisar o caso soviético e a significação de sua imagem como grande ameaça ao *american way of life*.

4.1.2 A re-significação do estereótipo; a derrota nazista e o após guerra.

A rendição incondicional do regime nazista, em maio de 1945, oportunizou o seu desmantelamento e a posterior punição dos envolvidos em crimes de guerra. A Alemanha foi ocupada por tropas das forças Aliadas, incluindo os russos, e dividida em zonas de ocupação. O fim da Segunda Guerra Mundial deu origem a guerra fria, contexto onde o embate transmutou da luta entre a democracia e o nazismo para a batalha entre a democracia e o comunismo, o estereótipo do antípoda nazista foi re-significado em ‘bom alemão’ porque democrático e partidário do *american way of life*, enquanto que o ex-aliado russo re-adquiriu a sua condição de antípoda porque contrário aos princípios da democracia, do livre comércio, da propriedade privada, entre outros. A revista *Selecciones del Reader's Digest* teve intensa participação nesse processo como veremos ainda neste

trabalho. A aliança entre os Estados Unidos e os russos, por sua vez, nunca foi privilegiada pela imprensa, as ações das tropas sempre foram descritas de modo independente, a colaboração durante os anos da Segunda Guerra não era motivo de propaganda ainda que visassem inimigos comuns: o nazismo e o Império japonês.

A eliminação da ameaça nazista foi suprida no imaginário norte-americano com o re-despontar do ‘perigo vermelho’ qual a ‘ameaça amarela’ foi cooptada para a causa do *american way of life* e tornou-se um bastião daquela ideologia na região asiática. Nas palavras de Pike: “para confrontar os seus inimigos fascistas, simbolizados como a grandiosa e eterna ameaça bárbara à civilização, os americanos elevaram a sua capacidade científica e industrial, assim como as suas habilidades organizacionais a novos patamares. Com isso adquiriram poderes sem precedentes”.²⁷⁸

A divisão da Alemanha em zonas de ocupação havia sido decidida antes da derrota final. Em fevereiro de 1945, na região Criméia, na cidade de Yalta, os líderes aliados se reuniram para traçar os planos da ocupação do Reich nazista que naquele contexto era dado como em vias de uma derrota final. Nas palavras de Oliveira:

“las naciones que luchaban contra Aia, seguras ya de la victoria militar, se afanaban por resolver de antemano los ingentes problemas de la paz por venir. Uno de los pasos más trascendentales en ese sentido fué el que dieron los aliados con la reunión de Yalta, celebrada del 4 al 11 de febrero de 1945. En esta hermosa ciudad rusa de la Crimea se congregaron Stalin, Roosevelt y Churchill, acompañados e sus estados mayores civiles y militares”.²⁷⁹

E prosseguia:

“*acuerdo de suma transcendencia fué el de reservar al ejército rojo de modo exclusivo y total la conquista de Berlín. Decidióse también establecer en la Europa oriental y en los Balcanes gobiernos democráticos y representativos elegidos libremente por los pueblos. La*

²⁷⁸ Pike, Frederick. *The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature.* University of Texas Press, Austin/Texas: 1995, p.293. A tradução é minha. No original: “To confront their Facist foes, symbolized as the greatest threat that barbarism had ever posed to civilization, Americans had had to raise industrial and scientific capacity and organizacional skills to new lwThereby they acquired unprecedented power”.

²⁷⁹ Oliveira, Antonio Ramos. *História social y política de Alemania 1800-1950.* México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1952, p.300.

*Unión Soviética se comprometió no menos solemnemente que las demás potencias representadas a imponer ese objetivo”.*²⁸⁰

A cooperação entre os norte-americanos e os soviéticos ainda gerava, apesar das tensões, algum tipo de esperança de coexistência entre as partes. Um dos que acreditavam em tal possibilidade era o presidente Roosevelt, que em seu retorno de Yalta declarou: “venho da Criméia com a crença firme de que iniciamos bem nossa marcha pela estrada da paz mundial (...) *chegamos à unidade de pensamento e a uma forma de nos entendermos*”.²⁸¹

As “conquistas” obtidas pelos russos na Conferência de Yalta através das concessões que lhes fizeram os aliados geraram receio em parte dos líderes políticos da Inglaterra e dos Estados Unidos que eram contrários a qualquer forma de concessão que pudesse vir a fortalecer o comunismo de Stalin. No caso norte-americano, a morte de Franklyn Roosevelt, em 12 de abril de 1945, conduziu ao poder o seu vice, Harry S. Truman. A partir daquele contexto a política externa dos Estados Unidos para com a Rússia mudou de orientação. Ao invés de “ceder” poder aos russos, os norte-americanos passaram a “conter” toda e qualquer possibilidade de uma expansão soviética. É interessante notar que a ascensão de Truman por si só não trouxe consigo a modificação imediata por vontade única do novo presidente. No quadro de políticos que estavam de alguma forma trabalhando para o governo dos Estados Unidos existia uma série de colaboradores que através de suas argumentações e descrições contribuíram para a adoção de uma política externa específica que impedisse o “domínio soviético” da Europa. Conforme relatou ao presidente Truman o embaixador norte-americano em Moscou, Averell Harriman, a expansão do comunismo no velho mundo poderia ser comparada a uma “*invasão bárbara da Europa*”.²⁸²

O encerramento das hostilidades entre os Estados Unidos e a Alemanha nazista em maio de 1945, foi, em nosso entendimento o início da guerra fria. As desavenças

²⁸⁰ Idem, op.cit, p.300. O grifo é nosso.

²⁸¹ APUD: Barros, Edgar Luiz de. A guerra fria. A aliança entre russos e americanos. São Paulo: Atual, 1986, p.14. O grifo é nosso.

²⁸² APUD: Barros, Edgar Luiz de. A guerra fria. A aliança entre russos e americanos. São Paulo: Atual, 1986, p.15. O grifo é nosso.

políticas que surgiram após 1945 somente deram prosseguimento a competição entre as duas potências mundiais. No final de 1945, os Estados Unidos e a Inglaterra se lançaram numa corrida pela captura dos cientistas que haviam trabalhado para o nazismo, em especial, aqueles que tinham desenvolvido a tecnologia da propulsão a jato para aviões, e, também a equipe que desenvolveu a tecnologia dos mísseis balísticos, conhecidos como as bombas voadoras V1 e V2. A operação foi denominada “Paperclip” e atingiu seus objetivos com a captura e posterior envio aos Estados Unidos de alguns dos mais célebres cientistas nazistas.²⁸³ Entre os quais se destacava Werner Von Braun, ex-major das SS, e responsável pela tecnologia da propulsão dos foguetes, e toda a sua equipe que passaram a dar aulas no Massachusetts Instituto of Tecnology (MIT) e em outras renomadas universidades norte-americanas. Além disso, os norte-americanos levaram para seu território significativa parcela das instalações e dos equipamentos e planos que encontraram em Nordhausen, local onde Von Braun mantinha sua “fábrica” de bombas V1 e V2, sustentadas com o trabalho escravo de milhares de judeus prisioneiros do Reich. A importância destinada pelos norte-americanos aos projetos que haviam sido desenvolvidos por Von Braun permitiu que esse e sua equipe não sofressem nenhum tipo de sanção pelos crimes de guerra que cometeram com o maior apoio dos Estados Unidos face ao re-despontar da “ameaça vermelha”.²⁸⁴

4.2 Selecciones e o estereótipo do *complô* nazista e sua expansão para o Continente

Americano.

A expectativa de constituir, significar, o nazismo e os seus seguidores como uma ameaça aos habitantes do Continente Americano apesar da distância que os separava da Europa. Esse é o tom da matéria intitulada: “El Gibraltar del Alaska”.²⁸⁵ Nas palavras dos autores:

²⁸³ Para maiores informações sobre essa interessante investida dos aliados, ver, especialmente: Bower, Tom. *The Paperclip Conspiracy: the battle for the spoils and secrets of Nazi-Germany*. London: Paldin Grafton Books, 1967.

²⁸⁴ Para maiores informações, ver, especialmente: Bower, Tom. *The Paperclip Conspiracy: the hunt for the nazi scientists*. Boston/Massachusetts: Little Brown & Co., 1987.

²⁸⁵ Corey Ford & Alastair McBain. El Gibraltar del Alaska. **IN:** *Selecciones del Reader's Digest*, março de 1941, p.14-18. Os originais dessa matéria foram publicados na revista *Collier's* nos anos de 1940, conforme informavam os editores do *Digest*.

“Alaska hierve hoy com uma actividad que no había visto desde los tiempos febriles del descubrimiento del oro. Grandes máquinas quebrantan y desmenuzám el suelo helado para formar enormes aterrizaderos. El humo azul de las árboles talados en la selva e incendiados se melza con las nubes de polvo levantadas por camiones gigantescos cargados de acero para la construcción de hangares y depósitos de municiones. Al pie de picos nevados se erigen grandes cuarteles”.²⁸⁶

E, em tom interrogativo, questionavam o porque de tanta movimentação nas fronteiras geladas do Alaska: “¿Cual és la causa de esta agitación?”.²⁸⁷ Conforme informavam, a proximidade de algumas instalações militares de *outras* nações era o fato gerador do incômodo e da desconfiança norte-americana. Segundo *Ford e McBain*:

“entre Alaska y la Rússia Soviética no median sino 90 kilómetros de agua. Dominando todo el estrecho de Bering está la bien protegida *base naval soviética* del cabo Oriental, al Sur de la cual se halla la bahía de Providencia, con una base naval y una de aviación perfectamente equipadas, a menos de 160 kilómetros de las costas de los Estados Unidos. Un poco más al Sur hay por lo menos otras doce estaciones de aviación. En estas islas Komandorskie, a 450 kilómetros de las Aleutias, hay una *base* principal de *submarinos*, donde varios oficiales *alemanes* ayudan a adiestrar las tripulaciones. Y cerca de punta de Kamchartka se halla la enorme *base naval japonesa* de la isla de Paramoshiri, que dista sólo 1125 kilómetros del territorio *norteamericano*”.²⁸⁸

Em relação aos sentimentos dos norte-americanos sobre a proximidade de tantas instalações militares autores enfatizavam:

“quizá estas *bases rusas y japonesas* hayan sido establecidas por cada uno de los dos países para defenderse del outro o para atacarlo. Quizá el *pacto nazijaponés* no amenace las posesiones *norteamericanas* del Noroeste del continente. Quizá no exista peligro en el hecho de que sus nuevas vías marirmas septentrionales y su línea aérea *Stalin*, cuyos aviones comerciales vuelan diariamente a una distancia de solo 156 kilómetros del territorio de los Estados Unidos, hayan convertido a *Russia* en la potencia militar más importante de las cercanías del polo”.²⁸⁹

²⁸⁶ Ford, Corey & Mcbain, Alastair. Op.cit, p.14.

²⁸⁷ Idem, ibidem.

²⁸⁸ Ford, Corey & Mcbain, Alastair. El Gibraltar del Alaska. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, março de 1941, p.14. Os grifos são nossos.

²⁸⁹ Ford, Corey & Mcbain, Alastair. Op.cit, p. 14. Os grifos são nossos.

As possibilidades aventadas pelos autores iam mais além, segundo eles:

“sin embargo, el ejército y la armada de los Estados Unidos no quieren correr riesgo: quieren precaverse. *Un ataque aunado rusojaponés por Alaska, mientras que, Hitler atacara por el Atlántico*, no sería más imposible que las muchas otras cosas imposibles que han ocurrido durante los últimos doce meses”.²⁹⁰

É interessante notar o alinhamento do conteúdo da matéria em questão e a orientação da política externa norte-americana de isolamento, que apesar de fornecer armas para os ingleses ainda não considerava os russos, alemães ou japoneses como inimigos, mas, sim, pesava a potencialidade daqueles estereótipos no que referia ao quesito “ameaça externa”. Nessa perspectiva, a possibilidade de um coadunar de forças entre os três elementos “não-americanos” citados na matéria –russos, alemães e japoneses- deveria ser combatida, segundo os autores, com o fortalecimento do aparato militar dos Estados Unidos ante a “ameaça externa” a uma porção de seu território. A argumentação dos autores não se valia de termos pejorativos para significação dos estereótipos e também não incitava ao ataque, mas denotava receio do “mal que vem de fora” e legitimava os atos defensivos. O temor de uma invasão por uma potência estrangeira *obrigava* os norte-americanos a se prevenirem contra todas as ameaças, inobstante fosse *amarela, vermelha* ou com *suástica* no braço.

Os modos sub-reptícios de infiltração e espionagem dos partidários do Eixo, também constituíam uma ameaça a ser considerada. Tal é o que se pode cotejar na matéria intitulada: “El radio em el espionaje”²⁹¹. A matéria era precedida de uma pequena introdução, ou sinopse, no topo da página, que dizia: “El Tio Sam persigue implacablemente a los espías que, valiéndose de estaciones clandestinas de radio, transmiten informaciones al extranjero y reciben ordenes secretas”²⁹². A *ameaça externa*, significada nos elementos partidários do totalitarismo nazista que se organizava para estender a sua dominação, era apontada como universal na medida em que estava atingindo

²⁹⁰ Idem, ibidem. Os grifos são nossos.

²⁹¹ El radio en el espionaje. Donal E. Keyboe y John F. Daly. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, dezembro de 1940, p.43-46. A citada *FS* foi condensada a partir do original publicado pelo periódico “The American Magazine”.

²⁹² El radio em el espionaje. *Selecciones del Reader's Digest*, dezembro de 1940, p.43.

os países do Continente Americano, ainda não envolvidos diretamente no conflito mundial no contexto de 1940, mas sendo englobados nele através de atos subversivos atribuídos aos espíões da *quinta columna*. A solução apontada seria o combate das organizações de subversivos tanto pelas autoridades quanto pelos cidadãos. A matéria “El radio en el espionaje” é extensa e se referia aos modos pelos quais os norte-americanos estavam enfrentando o problema da infiltração de espíões, *terroristas*, em seu território com propósito de sabotagem e obtenção de informações em geral, e, em especial, a questão das transmissões de rádio ilegais. Conforme o relato dos autores da matéria:

“en la estación de radio que com propósitos de vigilancia tiene la Comisión Nacional de Comunicaciones en la ciudad norteamericana de Baltimore, escuchaba un grupo de técnicos las transmisiones efectuadas por las difusoras comerciales, las ordenes dadas por la policía a sus automóviles de patrulla y las conversaciones entre aficionados. *De pronto llegó a los auriculares de uno de los escuchas un ruido de señales extrañas y confusas*”.²⁹³

O misterioso sinal, depois de aplicadas as tecnologias americanas de identificação de sinais de rádio, foi desvelado. Conforme a matéria:

“basta con que se tomara una doble marcación radiogoniométrica para determinar que la estación transmissora estaba situada en Europa. El técnico volvió a respirar con tranquilidad: se trataría probablemente de alguna estación beligerante que procuraba ponerse al habla com um submarino”.²⁹⁴

Entretanto:

“un momento después el aludido funcionario saltaba de sorpresa em su asiento: ! alguien estaba contestando el mensaje misterioso em la misma clave! [...] y se descubrió que la respuesta partia de alguna estación secreta situada dentro de los mismos Estados Unidos. Bastaron tres dias para que los expertos investigadores de la Comisión descubrieram que las señales procedían de una oficina situada em uma ciudad del Este del país. Al entrar allí de improviso, sorprendieron a un extranjero que manipulaba un transmisor radiotelegráfico portátil”.²⁹⁵

²⁹³ El radio en el espionaje. *Selecciones del Reader's Digest*, dezembro de 1940, p.43. O grifo é nosso.

²⁹⁴ Idem, *ibidem*.

²⁹⁵ El radio em espionaje. *Selecciones del Reader's Digest*, dezembro de 1940, p. 43.

Adentrando ao artigo, os autores revelavam:

“la indagación puso em claro que el individuo, que se hacía pasar por viajante de comércio, entrevistaba a otros extranjeros residentes cerca de astilleros y fabricas de municiones. *Una vez descifrados, los mensajes resultaron ser órdenes firmadas por alto personaje de una potencia totalitaria, y dirigidas a los agentes de una quinta columna organizada en los Estados Unidos*”.²⁹⁶

A ação desenvolvida pelos agentes encarregados de obter informações e organizar sabotagens era perpetrada de várias maneiras. Em um dos casos narrados pelos autores consta que:

“en otra ocasión un telegrafista de un apostadero de guardacostas de la Flórida oyó un despacho cifrado que le llamó la atención. Obrando de acuerdo con otros radiotelegrafistas del cuerpo descubrió que la estación transmisora cambiava con frecuencia de ubicación. La pista los llevó a Miami y luego a la Habana”.²⁹⁷

O campo de interação da ameaça nazista, segundo informavam os autores, ultrapassava os limites geográficos dos Estados Unidos e englobava os demais países não-beligerantes do *Novo Mundo*. Segundo os autores: “*los mensajes aludidos eran ordenes dirigidas a los agentes de la Gestapo (policia secreta alemana) en el Brasil, el Uruguay y Colombia, para coordinar las actividades de las quintas columnas de la América Latina con las establecidas en los Estados Unidos*”.²⁹⁸

A constante re-criação de estereótipos que se apresentam qual uma ameaça ao *american way of life* é um fator constitutivo e constituinte do modo de vida americano; uma maneira de manter coesa a nação através da necessidade de manutenção do próprio *onthos* do povo, conforme assinalamos anteriormente. Nessa perspectiva, tais operações podem ser consideradas como ideológicas porque permeadas de relações de poder. Cabe registrar que, no contexto da década de 1940, os interesses econômicos e políticos dos Estados Unidos se voltaram para as regiões de colonização ibérica da América dando

²⁹⁶ Idem, ibidem. O grifo é nosso.

²⁹⁷ Idem, p.45.

²⁹⁸ El radio em el espionaje. *Selecciones del Reader's Digest*, dezembro de 1940, p.45. O grifo é nosso.

prosseguimento a um processo histórico que remonta ao fim do século XIX, porém com uma característica própria, qual seja, a tentativa de criar um, dito, modo de vida comum a todos os países do *Novo Mundo* sob a égide do pan-americanismo. A solução para eliminar uma possível expansão das relações de poder da Alemanha nazista na América passava pela unificação de todos os países sob a bandeira do pan-americanismo. A partir de uma união idealizada se projetava os seus contrários, a *ameaça*, que ainda não era um inimigo de direito, mas de certa forma oculto se impunha como passível de atingir a qualquer localidade do Continente; era comum a todos. A tarefa era dupla, por um lado salientar uma necessidade premente de união e aceitação de uma liderança que significava também proteção e por outro a significação de um contrário que deveria ter o sentido de *ameaça*. Para tanto, a mediação operada pela *Revista Selecciones* foi fundamental porque transcendia o seu contexto de produção e trazia em suas páginas inúmeras mensagens que consubstanciavam a constituição do sentido da *ameaça* nazista; que constituíam o significado do *outro*, e, de modo simultâneo, davam sentido ao *american way of life*.

4.2.1 A expansão na Europa e a possibilidade de uma dominação nazista.

Em janeiro de 1941, o periódico veiculava a matéria intitulada: “la estrategia del *terror*”; de autoria de Edmund Taylor.²⁹⁹ O artigo foi escrito por um correspondente de guerra, que através de sua narrativa informava aos leitores o teor das relações de dominação que as hostes de Hitler estavam estabelecendo nas regiões que os nazistas tinham invadido na Europa, dava ênfase às maneiras de operação dos nazistas nas localidades conquistadas. Segundo asseverava o autor:

“a poco de haber comenzado, detuvieron en París a varias personas empleadas por Alemania para que hiciesen de *plañideras*. Su oficio consistía en exhibirse, vestidas de rigorosísimo luto y aparentando

²⁹⁹ La Estrategia de Terror. Edmond Taylor. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, janeiro de 1941, p.14-19. O grifo é nosso. Sobre as credenciais do autor para versar sobre o assunto em questão, os editores de *Selecciones* destacavam que: “en su calidad de corresponsal del diario *Tribune* de Chicago, Edmond Taylor vió de cerca la revolución de Hitler y la purga de sangre que siguió a ella, la invasión de Áustria por Alemania y la guerra civil española. Durante el actual conflicto, acompañó a las tropas francesas durante tres meses como corresponsal de guerra. Cuando cayó París en poder del enemigo, huyó a los Estados Unidos embarcándose en un buque de carga”. Op.cit., pp. 14. Grifado no original.

aflicción incontenible, en el Metro, los ómnibus y otros vehículos. Esta técnica aparatosa, encaminada a deprimir el ánimo de los franceses, es una muestra de la ofensiva psicológica llevada a cabo por Hitler con diabólica ingeniosidad, poniendo en juego muy diversos pero rigurosamente coordinados medios, fin común a todos los cuales es abatir el ánimo del adversario”.³⁰⁰

E prosseguia, em tom de advertência, revelando que:

“la certera eficacia de la estrategia del terror utilizada por los nazis como agente que se anticipa a la acción bélica y prepara terreno para ella es algo de lo cual no nos habíamos dado completa cuenta hasta hora. Al dejar caer hojas sueltas en las ciudades alemanas, los ingleses empleaban en esta propaganda argumentos dirigidos a la razón. La propaganda de los nazis en Francia era más cruelmente realista: atenta a herir únicamente la sensibilidad, valíase de la fructuosa técnica del anuncio, que consiste en presentar repetidamente, bajo formas diferentes, la misma idea”.³⁰¹

Segundo Taylor, os nazistas utilizavam técnicas terroristas que objetivavam instalar o pânico e a desinformação entre os militares e cidadãos comuns nas regiões que seriam invadidas no decurso da guerra. A ação terrorista que a precedia a invasão era, nas palavras de Taylor, uma teoria na qual Hitler acreditava. Sobre isso, referia o autor que:

“es teoría de Hitler que la violencia, empleada al parecer a capricho y sin motivo que la justifique, resulta en fin de cuentas económica. [...] En el mismo frente de guerra, Hitler se desintendió de los preceptos clásicos de la estrategia a fin de causar en el enemigo la impresión de que tenía que habérselas con una fuerza irresistible. No hubo medio de esparrar terror que no empleara; [...]”.³⁰²

Conforme destacava o autor, o próprio Hitler teria descrito os seus objetivos da seguinte maneira:

“nuestra táctica há consistir em acabar com el enemigo aniquilándolo interiormente; en vencerlo haciendo que sea él mismo quien se derrote...La confusión de ideas, los impulsos contradictorios, la irresolución, el pánico: he ahí nuestras armas”.³⁰³

³⁰⁰ Edmond Taylor. La estrategia del terror. *Selecciones del Reader's Digest*, janeiro de 1941, p. 14.

³⁰¹ Idem, op.cit, p.14.

³⁰² Taylor, Edmond. La estrategia del terror. *Selecciones del Reader's Digest*, janeiro de 1941, p.17

³⁰³ Taylor, Edmond. La estratégia del terror. *Selecciones del Reader's Digest*, janeiro de 1941, p. 19.

Escrevendo de forma clara contra os partidários dos nazistas que estavam estabelecidos em território norte-americano e obrando em prol de sua causa tirânica, o autor referia que:

“los alemanes, que sostienen en los Estados Unidos, al igual que dondequiera, su guerra psicológica, se proponen con ella, en lo que a los Estados Unidos respecta, estorbar todo plan de preparación militar y detener cualquier passo que implique intervención en la contienda europea. Para conseguirlo, procuram semear la duda, fomentar la discordia. Y lo están haciendo muy eficazmente”.³⁰⁴

A ameaça externa, significada em torno do nazismo e seus sectários, foi uma constante em *Selecciones*. Ainda no exemplar de janeiro de 1941, existem outras matérias que aludem ao fato. Entre elas se destaca a mensagem: “La roca inmovible de Albión”.³⁰⁵ Na matéria, o autor descreve a Inglaterra do início da década de 1940, ocasião em que os nazistas começavam a estender suas ameaças aos territórios além do Canal da Mancha. Conforme asseverava H.M. Tomlison, a Inglaterra, estava sob inerente ameaça. Para o autor:

“nos hallamos frente a una revolución contra todas las cosas santificadas de larga tradición y sin las cuales no puede existir la vida en común. El honor, en la lengua del enemigo, puede significar lo mismo que traición; y un altar puede servirle de mesa de juego. Este frenesí devastador que se ha adueñado de los hombres no se inspira en la ansia de libertad, sino que nace de los más bajos instintos de la especie”.³⁰⁶

O *inimigo externo*, segundo o autor, ameaçava dominar o mundo em geral, e em especial, a Inglaterra e não media esforços para atingir seus objetivos. O teor de

³⁰⁴ Idem, ibidem.

³⁰⁵ Tomlinson, H.M. La roca inmovible de Albión. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, janeiro de 1941, p.47-53. O original desta condensação apresentada pela *Revista Selecciones del Reader's Digest* em janeiro de 1941, foi originalmente publicada, em outubro de 1940, no periódico norte-americano “*The Atlantic Monthly*”. Sobre o autor, referiam os editores do Digest: “A pocos hombres les hubiera dado reproducir el ambiente de la Inglaterra, en estos días azarosos, con tanta energía y emoción como lo hace en este artículo H.M. Tomlison. [...] Y no si piense que esto famoso novelista y ensayista vive recluso en su torre de marfil”. Op.cit, pp. 47.

³⁰⁶ Tomlinson, H.M. La roca inmovible de Albión. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, janeiro de 1941, p.49.

barbárie no estabelecimento das relações de dominação das hostes de Hitler apontava para uma batalha entre o **mal**, O *Eixo*, e o **bem**. Nas palavras de *Tolimson*:

“por mi, lo confeso, la guerra es un nefando ultraje a los foros de la inteligencia. Pero, por otra parte, declaro que los nazis han lanzado un reto definitivo a la humanidad. Si triunfan, se borrarán las fronteras que separan el **bien** del **mal**, lo justo de lo injusto. La esclavitud física es toleravel, la espiritual, no. La herencia intelectual del Renacimiento; los cimentos mismos del Cristianismo perdurarán por obra y gracia de nuestra resistencia , o perecerán para siempre [...]”³⁰⁷

As clivagens internas da sociedade no que referia à sua divisão por sexo, homens e mulheres, também era destacada nas matérias de *Selecciones* que constituíam o estereótipo da dominação nazista. Em dezembro de 1940, na edição de lançamento da *Revista* em terras de idioma hispânico, o periódico veiculou, sob a consagrada fórmula da condensação, o artigo intitulado: “*La Dama Fuehrer*”³⁰⁸, de autoria de Peter Engelman. Segundo o articulista, a Alemanha de Hitler estava estendendo as suas articulações políticas nos círculos internacionais através de apoio a organizações que atuavam em *outros* países. O Partido Nazista, segundo o articulista, incluía uma seção especial para os assuntos femininos que supostamente estaria a cargo de *Gertrud Scholtz Klink*. Conforme informava Engelman:

“frau Gertrud Scholtz Klink ejerce mayor autoridad que cualquiera outra mujer del mundo. Tiene dominio absoluto sobre 30.000.000 de mujeres alemanas, y está imponiendo rapidamente su yugo a otros 20.000.000 de mujeres que se ven hoy obligadas a vivir bajo a svástica. Tiene agentes de quinta columna em todas lãs ciudades importantes del mundo. Como Goering, Himmler y Hess, se cuenta entre ‘los diez poderosos’ de Alemania.”³⁰⁹

E prosseguia informando que *Frau Klink* havia tentado infiltrar, com sucesso, suas comandadas em terras inglesas e no Continente Americano. Nas palavras de *Engelman*:

³⁰⁷ Idem, *ibidem*.

³⁰⁸ *Selecciones del Reader's Digest*, dezembro de 1940, p.19-22. O original desta matéria foi publicado, em outubro de 1940, na revista “*The Living Age*”, e condensado pelos editores do *Digest* para posterior publicação.

³⁰⁹ *La Dama Fuehrer*. *Selecciones*, dezembro de 1940, p.19.

“en un mapa que frau Klink tiene en su oficina, toda a América Latina está llena de alfileres rojos, a manera de señales, los cuales marcan también a Chicago, Los Angeles, Baltimore, Filadélfia y Nueva York. Cada alfiler indica um lugar donde se han establecido centros femininos. Veinticuatro horas después que los názis invadieron a Dinamarca y Noruega, se enviaron instrucciones a las mujeres de la ‘quinta columna’ (espías, traidoras, propagandistas secretas, etc.) de esas naciones, en cuanto al modo de organizar las mujeres del país”.³¹⁰

Engelman, em tom lacônico finalizava o seu artigo destacando que a mesma receita aplicada ao caso da Dinamarca e da Noruega seria posto em prática nas demais aonde o Reich viesse a estabelecer a sua dominação. Segundo ele: “*el plan está preparado para todo el mundo*”.³¹¹

É interessante notar que na imaginação dos articulistas de *Selecciones* existia um “complô” nazista para a dominação da América Latina e do mundo através da ação da “quinta-coluna”, sem que houvesse um estado oficial de guerra contra a Alemanha. Nessa perspectiva, o potencial de ameaça significado em torno da imagem do estereótipo do nazismo era maior do que o do japonês. Além disso, a imaginação de que o triunfo total da dominação nazista significaria a vitória do “mal” sobre o “bem” constituía uma imagem de oposição. A essa associação era acrescentada a afirmação de que o “desafio” lançado pelos nazistas, caso obtivesse sucesso, implicaria na extinção das bases da “humanidade” e da “cristandade”. Tal fato colocava o antípoda nazista numa categoria de “natureza”. O “complô” nazista se opunha a tudo que representava a “civilização”.

4.2.2 A re-significação: Alemanha; o baluarte da democracia ante a expansão do comunismo.

O fim da Segunda Guerra Mundial marcou o encerramento das hostilidades armadas entre os Aliados e os totalitarismos alemão, japonês e italiano, mas não determinou o estabelecimento do fim do antagonismo entre os Estados Unidos e a Rússia, pelo contrário, trouxe a tona os velhos receios, concepções e medos. Um breve exemplo pode ser um excerto, na verdade uma piada veiculada na Revista *Selecciones*:

³¹⁰ Idem, *Selecciones del Reader's Digest*, Diciembre de 1940, p.22.

³¹¹ Idem, *ibidem*. O grifo é nosso.

“dos pescadores alemanes estaban probando suerte en las orillas del Rio Spree, cercano a la frontera de Checoslovaquia. El pescador de la orilla correspondiente a la zona norteamericana sacaba pescado tras pescado mientras que el de orilla de la zona russa no había logrado ni siquiera una mordida. Finalmente gritó irritado al otro:

- ¿Qué demonios haces tú para sacar tantos cuando yo no saco ninguno?
- No hago nada especial – contestó el de la orilla norteamericana- lo que pasa es que en este lado los peces no tienen miedo de abrir la boca”.³¹²

Com a divisão da Alemanha, o embate entre os Estados Unidos e os russos voltou à baila com força total. Naquele processo, a Alemanha desempenhou um papel importante, ela foi o baluarte da democracia na Europa, o estereótipo do nazismo deixou de significar para dar lugar ao comunismo. Porém, para que o espírito da democracia florescesse ali outra vez seria necessária, por parte dos ocupantes a diferenciação entre justiça e vingança. Tal é o que se pode cotejar na matéria de Louis P. Lochner, intitulada: “*Absurdos de la política de desnazificación*”.³¹³ Segundo o autor, a política de julgamento e privações aos membros e colaboradores do partido nazista continha aspectos absurdos, que não condiziam com a idéia de fortalecer a democracia como exemplo a ser seguido. Segundo Lochner:

“un gesto magnânimo de perdón y olvido para com todos los que han sido juzgados – exceptuando por supuesto a los culpables de crímenes y a los agitadores- contribuirá a granjear para los Estados Unidos el respecto de los alemanes y a que se agrupen bajo su bandera los que están dispuestos a abrazar la causa de la verdadera democracia”.³¹⁴

O processo de constituição dos estereótipos se revela interessante quando se analisa o caso pela imprensa, as suas sutilezas se revelam significativas na medida em que indicam, ou denotam as mutações operadas no sentido dos antípodas. O nazista deu lugar ao democrático alemão, apoiado e sustentado pelos norte-americanos, enquanto que o comunismo passou a categoria de *ameaça* mundial. A idéia de fortalecer a área da

³¹² *Selecciones del Reader's Digest*, setiembre de 1949, p.22. Os editores de *Selecciones* atribuíam a piada a uma contribuição enviada por um leitor de nome *Robert Wadsworth*.

³¹³ *Selecciones del Reader's Digest*, setembro de 1948, p.68/74.

³¹⁴ *Absurdos de la política de desnazificación*. *Louis P. Lochner*. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, setembro de 1948, p.74.

Alemanha ocupada pelos aliados ocidentais para que nessas zonas produtivas se alicerçasse a economia de outras regiões da Europa fazendo com que elas aderissem ao rol das nações democráticas num futuro próximo objetivava desfalcara a expansão comunista legitimando a democracia. A mera atitude de punir os alemães através do desmantelamento de seu parque industrial sob a alegação de que no passado fora produtor de bens utilizados na guerra não seria suficiente. Era imperativo que se apoiasse o renascimento das bases de um governo democrático em solo alemão inclusive nas questões relativas à industrialização e à livre produção e circulação de bens, ao estilo liberal. Esse é o tom que denota a matéria de O. K. Armstrong.³¹⁵ Segundo o autor:

“el programa de desmantelamiento industrial es moralmente injusto, económicamente insensato, políticamente desastroso y debiera haberse abandonado hace mucho tiempo para proteger los intereses del pueblo estadounidense. Van a ser necesarios muchos años para reparar los daños causados por esta política vengativa, pero el Congreso de los Estados Unidos podría suspender por resolución directa el desmantelamiento de fábricas”.³¹⁶

Para Armstrong:

“uno de los mas trágicos efectos de la política de desmantelamiento es él de empujar al pueblo alemán hacia el campo comunista. Los alemanes han mostrado hasta ahora gran resistencia al comunismo. Solamente un siete por ciento del electorado votó en favor del partido comunista en la Alemania Occidental. Los obreros sindicados han ser necesariamente la espina dorsal de todo regimiento democrático alemán. La invalidación de sus ya restringidos medios de vida ha enemistado a muchos de ellos con la forma norteamericana de gobierno”.³¹⁷

Essa mesma expectativa de condenação das retaliações a que estava sendo submetida a Alemanha com o objetivo de fortalecimento dos ideais democráticos dos cidadãos alemães e sua subsequente adesão ao bloco aliado pode ser cotejada na matéria intitulada: “Es tiempo de hacer algo por Alemania”. Conforme destacava:

³¹⁵ Quién paga por la destrucción de Alemania. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, outubro de 1948, p.64/69.

³¹⁶ Idem, op.cit, p.69.

³¹⁷ Idem, ibidem, p.68.

“los resultados de esta política de esterilidad y destrucción son obvios. Millares de hombres y muchachos ociosos merodean las zonas occidentales buscando resíduos de comida o maquinando alguna maldad con que sustituir los ingresos del trabajo productivo.[...]. Las naciones vencedoras y sus ejércitos no tienen derecho político ni moral de destruir los medios de vida del pueblo vencido”.³¹⁸

Para o autor: “esta aplicación de la *justicia norteamericana* llena de amargura a los alemanes”.³¹⁹ Conforme enfatizava:

“el estancamiento material y su decadencia moral son pruebas concluyentes de que una política de venganza no produce sino odio; que es terreno abonado para conflictos nuevos y que no puede echar los cimientos de una paz duradera. Ya es hora de sustituir aquella política por otra de cooperación basada en la justicia”.

A importância de sustentar o desenvolvimento nas áreas da Alemanha ocupada se dava na medida em que o comunismo expandia as suas ‘anexações’ de novas nações para a sua órbita, era mister para os aliados em geral, e em especial para os norte-americanos que a parte por eles ocupada aderisse aos ideais democráticos, e não a órbita soviética. Para tanto, a partir da decretação do bloqueio de Berlim pelos soviéticos, os norte-americanos e aliados passaram a abastecer, por via aérea, a parte ocidental de Berlim com víveres de primeira necessidade. Esse é o caso da matéria de Karl Delzer.³²⁰ Conforme os editores do *Digest*, os leitores estavam prestes a ler um: “vivido relato del assombroso esfuerzo hecho por la aviación aliada para socorrer a dos millones de alemanes sitiados”.³²¹ Nas palavras de Delzer:

“recientemente volé una noche a Berlin en uno de los aviones del abastecimiento aéreo. En unas pocas horas vi descender de las nubes, a despecho de la lluvia, como medio millón de kilos de víveres y hulla

³¹⁸ Es tiempo de hacer algo por Alemania. **IN:** *Selecciones del Reader's Digest*, junho de 1948, p.120.

³¹⁹ *Idem*, op.cit, p.121.

³²⁰ Los que rompen el bloqueo de Berlin. *Selecciones del Reader's Digest*, julho de 1949, p.51/56.

³²¹ **N.A.** Esta citação é a nota introdutória que os editores do *Reader's Digest* costumavam apresentar no início de cada matéria, ela estava sempre situada em destaque, em parte específica da página, que poderia ser no topo, abaixo ou centralizada. A ‘nota introdutória’ trazia uma rápida informação daquilo que o leitor encontraria no texto principal se apresentando como um resumo da matéria, ela chamava atenção pela forma com que os editores apresentavam a sua grafia, sempre em destaque através da utilização de diferentes recursos de estilo: negrito, itálico ou ambos, além do tom dramático em alguns casos.

destinados a dar alimento e calor a esta ciudad maltrecha y aturrida. *Vi a varios mozos norteamericanos realizar con alborozo lo imposible, a fin de dar de comer a sus enemigos de sólo hace tres años*”.³²²

E, em tom dramático assevera: “*hoy en dia el enemigo es el hambre, y sus aliados son los russos*”.³²³

A expectativa de retorno em relação ao esforço que estava sendo feito para ajudar o povo alemão sob a ocupação norte-americana e aliada se concretizava na medida em que os territórios ocupados recebiam os auxílios vitais para uma retomada em suas rotinas. Nas palavras de *Delzer*, a cidade de Berlim: “[...] culpa a los rusos y les está muy agradecida a los norteamericanos”.³²⁴ A prova maior de que os alemães dos territórios ocupados caminhavam na direção dos ideais e princípios democráticos, e em oposição a uma dominação comunista, era o resultado das eleições. Conforme asseverava *Delzer*: “Em diciembre de año pasado ocurrió elecciones libres em *Berlin*, el 85 por ciento de los electores autorizados votaran y el 99 por ciento de los votos fueram *contra el comunismo*”.³²⁵

A inversão nos sentidos dos estereótipos se concretizou na medida em que os alemães das zonas ocupadas passaram à categoria de aliados porque praticantes da democracia, enquanto os ex-aliados russos foram significados como a ameaça comunista que pairava sobre as nações livres, ou, democráticas. Nesse processo, o bom aliado alemão era também um combatente do *russian way of life*. È o que se pode cotejar na matéria de *O. K. Armstrong*, intitulada: “*El alemán a quien más temen los rusos*”.³²⁶ O enredo da história girava em torno de *Rainer Hildebrandt*, um cidadão de Berlim, da parte ocupada pelos norte-americanos, que organizou uma rede de transmissão de rádio para “levar a verdade” aos compatriotas da zona soviética informando-lhes o significado da égide comunista. Conforme o autor da matéria: “En la noche del 6 de agosto de 1948, los consejeros rusos

³²² Delzer, Karl. Los que rompen el bloqueo de Berlin. **IN**: *Selecciones del Reader's Digest*, julho de 1949, p.51. O grifo é nosso.

³²³ Delzer, Karl. Los que rompen el bloqueo de Berlin. *Selecciones del Reader's Digest*, julho de 1949 p.51. O grifo é nosso.

³²⁴ Delzer, Karl. Los que rompen el bloqueo de Berlin. *Selecciones del Reader's Digest*, julho de 1949, p.54.

³²⁵ Idem, op.cit, p.54. Os grifos são nossos.

³²⁶ *Selecciones del Reader's Digest*, abril de 1950, p.63/67. O grifo é nosso.

que estaban escuchando las radiodifusiones procedentes de la zona norteamericana de Berlin se quedaron atónitos al oír que un alemán decía”.³²⁷ Palavras de Hildebrandt:

“compatriotas de la zona soviética[...] Nos estamos orgnizando para ayudarlos! *Tenemos el plan de radiodifundir todas las semanas la verdad respecto a las condiciones existentes bajo la tiranía comunista.* Esta noche presentamos a dos jóvenes que escaparon de un campo de concentración soviético”.³²⁸

O relato dos libertos apontava para uma realidade conhecida principalmente nos últimos anos da *Segunda Guerra Mundial* por ocasião da libertação dos campos de concentração onde milhões de prisioneiros do *Reich* nazista foram assassinados; tais práticas, nas zonas ocupadas pelos comunistas não haviam sido abolidas. Conforme destacava Armstrong:

“*más de una docena de los antiguos campos de concentración de los nazis están ahora en plena actividad*[...] en el de Sachsenhausen, cerca de Berlín, el más grande de todos, hay 10.000 confinados[...] *Buchenwald, orgullo de la Gestapo, és ahora orgullo de la MVD.* [...] personas han sido mandadas a trabajar en las minas de uranio y en los proyectos de la *bomba atómica*”.³²⁹

As informações sobre as condições de vida nas zonas ocupadas colhidas pelos integrantes da rede que se auto-intitulava os “*defensores da humanidade*” foram apresentadas aos aliados norte-americanos e, segundo afirmava *Armstrong*, comprovaram ser: “[...] de gran efectividad contra el comunismo”.³³⁰ O trabalho havia sido árduo no sentido de coletar o máximo de dados sobre a dominação comunista que se expandia, e revelava aspectos nefastos. Segundo o autor:

“el grupo tiene un archivo del programa soviético para la eliminación de ciertas classes. La lista comprende a todos que estaban en el servicio diplomático, a todos los dueños de propiedad cuyo valor exceda de cierto limite, a todos los ‘capitalistas’ y a un gran número de ‘intelectuales’. Los

³²⁷ *Selecciones del Reader's Digest*, abril de 1950, p.63.

³²⁸ *Selecciones del Reader's Digest*, abril de 1950, p.63.

³²⁹ *Selecciones del Reader's Digest*, abril de 1950, p.64. Os grifos são nossos.

³³⁰ *Selecciones del Reader's Digest*, abril de 1950, p.66.

archivos del grupo presentan en detalle el patrón de la ‘justicia’ comunista. Allí figura la historia del profesor que nó aprobo las ideas de Lenin – cinco años de prisión; la de la madre cuyos hijos encontraran una pistola oxidada entre un montón de mampostería – tres años de trabajo en una mina de carbón; la del maquinista cuyo tren se descarriló porque lo obrigaron a manejarlo sin frenos adecuados – 25 años de prisión”.³³¹

A parceria entre os aliados alemães e norte-americanos na luta contra a *ameaça comunista* era sem precedentes, Armstrong, citando um funcionário de alto-escalão do governo dos Estados Unidos, afirmava:

“el grupo del doctor Hildebrandt [...] há organizado um maravilloso sistema de información que cubre toda la zona soviética de Alemania como una red. Este movimiento secreto constituye hoy la major fuerza opuesta a la agresión comunista en la Europa central”.³³²

Em relação as queixas oriundas das autoridades soviéticas que pediam uma punição para os responsáveis pelas transmissões destacava Armstrong que: “en Berlín los oficiales rusos acudieron presurosos y indignados al cuartel general norteamericano a pdeir castigo para los que habían hablado por la rádio. Fríamente se les informó [...] ‘*En una democracia es permitido decir la verdad*’”.³³³

As descrições de Delzer e Armstrong colaboravam na constituição de um sentido positivo para a imagem do estereótipo do alemão, nunca do nazismo, ao descrevê-lo como uma sociedade “democrática”, e que se opunha ao comunismo. Além disso, os articulistas de *Selecciones* enfatizavam que a “ajuda” dos norte-americanos para o “reerguimento” da economia e da sociedade alemã do pós-guerra permitiria a criação de “melhores” condições de vida. Tal era feito a partir da ênfase no fato de que a pobreza era o cenário mais apropriado para a expansão do comunismo. A “missão” dos Estados Unidos era a de propiciar um “uplift”, ou melhora social, daquela região devastada, quase que em estado de “natureza”, em seu “retorno a época dourada”, ou “civilizada”. Além disso, os articulistas se valiam do significado constituído em torno do estereótipo do nazismo para transpô-lo ao renovado antípoda do comunismo. Nesse sentido a significação das atrocidades cometidas nos campos de concentração nazista durante a Segunda Guerra

³³¹ *Selecciones del Reader's Digest*, abril de 1950, p.65.

³³² *Selecciones del Reader's Digest*, abril de 1950, p.64.

³³³ *Selecciones del Reader's Digest*, abril de 1950, p.64. O grifo é nosso.

Mundial era projetada na imagem do comunismo na medida em que os últimos se valiam das mesmas práticas “bárbaras” dos primeiros.

4.3 Inferências parciais.

O estereótipo do nazismo teve sua imagem associada aos aspectos da “natureza” em oposição à “civilização” antes da declaração de guerra com os Estados Unidos. Nesse sentido, o antípoda nazista diferia de seu equivalente japonês porque a sua potencialidade de ameaça era mais latente. Nessa perspectiva, desde os primeiros exemplares de *Selecciones* os articulistas enfatizaram a existência de um “complô” nazista que poderia “atacar” de maneira “sub-reptícia” o Continente Americano através da ação de sabotadores ou da “quinta coluna”. O destaque destinado ao caráter “global” das intenções do “complô” de dominação nazista consubstanciava o processo de constituição de uma imagem negativa para aquele estereótipo. O período decorrido entre dezembro de 1940 e dezembro de 1945 foi marcado por uma permanência no significado incorporado ao antípoda nazista.

O contexto posterior ao fim da Segunda Guerra Mundial representou um período onde ocorreu uma transposição do sentido do estereótipo atribuído ao “alemão”. O passado nazista foi esquecido aos poucos face à ascensão do antípoda do comunismo; o grande adversário do *american way of life*. Os articulistas de *Selecciones* colaboraram imaginando na Alemanha um aliado dos “ideais democráticos”. Mais do que isso, “contrária” ao comunismo. Vale lembrar que o Japão passou por um processo semelhante, como referimos no capítulo anterior. A imagem dos japoneses e dos alemães foi descrita de maneira positiva na medida em que aqueles povos se “aproximavam” dos “ideais democráticos”. E mais do que isso: face ao “alinhamento” político do Japão e da Alemanha aos países do bloco ocidental em detrimento do regime comunista tais nações passaram a ser imaginadas, pelos articulistas de *Selecciones*, como países que estavam a mercê do “complô” comunista para a dominação mundial. O argumento comparativo entre os estereótipos do período posterior a dezembro de 1945 pode ir um pouco mais longe se lembrarmos que, no capítulo dois deste trabalho, a América Ibérica também foi descrita em

termos de uma “ameaça comunista”. O estereótipo do “complô” comunista segundo a imaginação dos articulistas de *Selecciones* é o assunto do próximo capítulo.

Capítulo V

5 A origem das percepções sobre o comunismo.

O regime de Stalin havia assumido o compromisso de apoiar a criação de Estados democráticos nos países libertados da Europa Oriental na Conferência de Yalta, e angariado uma série de conquistas que permitiam a ampliação de sua esfera de influência política e econômica naquela região com o total apoio e consentimentos dos aliados em geral, e em especial, dos Estados Unidos. O descumprimento do que havia sido pactuado por parte dos soviéticos através das tentativas de expansão de sua dominação e da interferência política nos países libertados do Leste da Europa deu margem a questionamentos sobre a possibilidade de uma co-existência entre os regimes democráticos e parlamentaristas dos Aliados e o comunismo.³³⁴

Após a morte de Roosevelt, em abril de 1945, quem assumiu o comando da nação norte-americana foi o então vice-presidente Harry Truman. A modificação não se limitou à troca de presidente. A nova orientação política para o relacionamento com a Rússia e tudo aquilo que significasse comunismo acompanhou a mudança administrativa. Ao longo de alguns meses, entre outubro de 1945 e fevereiro de 1946, como veremos adiante, a política externa norte-americana passou por uma mudança de 180°. As concessões feitas aos soviéticos na Conferência de Yalta foram submetidas a revisões e desaprovações por parte dos Estados Unidos. E, de modo gradual, se abandonou a “aliança” com os Russos rumando para uma futura política de “contenção” do comunismo em todo o mundo. O imaginário da Doutrina de Monroe foi geograficamente re-significado. A *ameaça externa* perdeu as “cores” amareladas e readquiriu o tom avermelhado atribuído ao comunismo, o aliado contingente na luta contra o nazismo e imperialismo japonês.

A caminhada para uma reconsideração da percepção norte-americana em relação aos comunistas foi trilhada especialmente pelos políticos num primeiro momento e depois pelos cidadãos. O clima de euforia gerado após o dia da vitória final, V-J Day, ocasião da rendição incondicional do Japão deu ao povo norte-americano motivos para

³³⁴ Para maiores considerações sobre o descumprimento do pacto pelos soviéticos ver, entre outros: Perkins, Dexter. *A Diplomacia de uma nova Era*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968.

comemorações.³³⁵ O contexto imediato do após guerra trouxe mais preocupações econômicas ao povo norte-americano do que propriamente os assuntos políticos. Os intelectuais que no passado dos anos de 1930 apoiaram de alguma maneira os movimentos ditos alternativos, de cunho nazista ou comunista, deram as costas a tais orientações e passaram a professar a fé no *american way of life*. Nas palavras de Howard Temperley & Malcolm Bradbury, o contexto imediato ao fim da guerra implicava em uma outra realidade para a nação norte-americana:

“as angústias que a preocupavam não eram mais as econômicas e sim atômicas [...] havia começado uma nova era de política de poder. A América experimentava [...], uma afluência sem precedente, fazendo a Depressão parecer uma aberração histórica, criando a crença de que havia acabado a divisão ideológica na Nação[...] Mas o mundo no qual ela atuava agora havia mudado também [...] era um mundo em modernização, pós-colonial, de alinhamentos políticos modificados, esferas de influência alteradas, expectativas intensificadas”.³³⁶

E prosseguia:

“naquele mundo, os Estados Unidos representavam um dos dois princípios modernizadores essenciais – o bem sucedido modo ‘americano’ de capitalismo, individualismo, instituições livres, mercado livre, enfrentando, numa postura de crescente confronto, o modo ‘comunista’ de coletivismo socialista e da economia controlada. As questões americanas, [...], eram mundiais e a influência americana era ampla. [...] sua política, sua ciência e sua arte, assim como sua economia e sua cultura de massa, propagavam-se através de outros países”.³³⁷

³³⁵ Um relato interessante sobre o contexto de comemorações e expectativas do após guerra pode ser cotejado em: Perrett, Geoffrey. *Days of Sadness, Years of Triumph. The American people 1939-1945*. Baltimore/Mariland: Penguin Books Inc., 1974; Adams, Willi Paul. *Los Estados Unidos de América*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1984, especialmente o capítulo 7: “De la guerra mundial a la sociedad de la abundancia, 1941-1961”.

³³⁶ Guerra e Guerra Fria. IN: Temperley, Howard & Bradbury. *Introdução aos estudos americanos*. Rio de Janeiro: Forense, [sd], p. 305. O mesmo autor também afirma que devido a guerra os escritores que: “[...] haviam estado inclinados para a esquerda nos anos de 1930 se tornavam, agora, leais correspondentes de guerra ligados à causa da democracia americana”, op.cit, p. 312. Para Temperley & Bardbury, os anos de 1930 podem ser considerados a “era do comunismo”, op.cit, p.317. Entre os “intelectuais” que referimos destaca-se Max Eastman, que ao longo dos anos de 1930 foi simpático ao comunismo e mudou a sua visão daquele movimento na década seguinte. Além disso, na segunda parte deste capítulo teremos oportunidade de analisar mais detalhadamente a “visão” de Eastman sobre o comunismo.

³³⁷ Temperley, Howard & Bradbury, Malcolm. *Guerra e Guerra Fria*. IN: Temperley, Howard & Bradbury. *Introdução aos estudos americanos*. Rio de Janeiro: Forense, [sd], p. 305.

A classe política norte-americana foi a que mais expressou a divisão que ainda restava em relação a manutenção de um relacionamento, ou não, com a Rússia. O presidente Truman e seus assessores diretos não exitavam em mostrar suas dúvidas quanto a tal possibilidade. E tampouco admitiam opiniões contrárias nos cargos mais expressivos do comando da nação.³³⁸ As percepções, entretanto, não tiveram sempre o mesmo cunho negativo até mesmo entre aqueles que condenavam o comunismo. Houve a simpatia ou a esperança nutrida por Franklyn Roosevelt de que seria possível concatenar a existência e o entendimento da democracia e do capitalismo dos Estados Unidos e o regime comunista da Rússia. E houve também a posição de seu sucessor, Harry Truman, que não imaginava possibilidade para uma co-existência na mesma intensidade que um dia havia sido pensada por Roosevelt. As declarações de alguns políticos que serviram ao governo norte-americano também evidenciavam os dois momentos. O caso do embaixador dos Estados Unidos em Moscou, Averell Harriman é um claro exemplo. O mesmo diplomata que em dezembro de 1945 relatou ao presidente Truman os fatos do contexto soviético, e de seu prisma de discurso comparou a expansão do comunismo a uma “*invasão bárbara da Europa*”,³³⁹ termo muito utilizado para aludir ao nazismo e as hostes do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial, nutria, em fins de 1944, esperanças de um entendimento com os soviéticos.³⁴⁰

³³⁸ Um caso típico de demissão causada por “simpatia” a uma intensificação do relacionamento dos Estados Unidos com a Rússia foi a demissão do Secretário do Comércio, Henry Wallace, que após várias tentativas de instar a Truman por meio de cartas não se deu por satisfeito e proferiu um discurso, em setembro de 1946, no Madison Square Garden que lhe custou o cargo. APUD: Perkis, Dexter. A diplomacia de uma nova Era. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968, p.40. Conforme Frederick B. Pike, Henry Wallace sofreu uma derrota acachapante nas eleições de 1948, ocasião em que concorria a presidente pelo Partido progressista porque o apoio dado a sua candidatura, em parte, era oriunda de organizações ditas comunistas. Para maiores informações veja: United States and Latin América. Myths and stereotypes of civilization and nature. Austin/Texas: University of Texas Press, 1992, p.301 e ss. Para Howard Temperley & Malcolm Bradbury, o imaginário da “ameaça interna” se agravou entre 1947 e 1950. Para maiores informações, ver, especialmente: Guerra e Guerra Fria. IN: Temperley, Howard & Bradbury. Introdução aos estudos americanos. Rio de Janeiro: Forense, [sd], p.318. É interessante notar que, ao longo dos de 1950, a “ameaça interna”, que apontava para a infiltração do comunismo em todos os setores do governo norte-americano deu margem ao Macarthismo e as perseguições aos cidadãos dos Estados Unidos apontados como “comunistas”. As demissões em massa atingiram as repartições e secretarias do governo, além de outros setores da sociedade. A simples acusação de simpatia ou envolvimento com o “comunismo” servia para tornar legítima e justa a condenação ao ostracismo social do *american way of life*.

³³⁹ APUD: Barros, Edgar Luiz de. A guerra fria. A aliança entre russos e americanos. São Paulo: Atual Editora, 1986, p.15, o grifo é nosso.

³⁴⁰ APUD: Perkins, Dexter. A diplomacia de uma nova Era. Rio de Janeiro: Record, 1968, p.18.

A mídia impressa dos Estados Unidos também deu a sua contribuição para a reconstituição da imagem do comunismo como a nova/velha *ameaça externa*; a imagem do mal a ser combatido. A revista *Selecciones del Reader's Digest*, por sua vez, carregou nas tintas ao imaginar para os leitores ibero-americanos a *ameaça* que pairava sobre todos. Mais adiante teremos oportunidade de mais detidamente a participação de *Selecciones* no processo, antes, porém, devemos considerar alguns fatos importantes do contexto de ruptura da aliança soviético-americana.

5.1 Da “cortina de ferro” a Doutrina de Truman.

No primeiro ano após o término da 2a. Guerra mundial ocorreu a reunião dos representantes mundiais na Conferência de São Francisco, com todas as atenções voltadas para a nova entidade que deveria regular a paz mundial: a Organização das Nações Unidas (ONU).³⁴¹ Os Estados Unidos, de sua parte, depositavam grandes esperanças na efetividade futura da nova organização. Entretanto, os interesses conflitantes e as assimetrias das percepções mútuas entre os norte-americanos e os soviéticos imperaram e a cisão democracia x socialismo, capitalismo x comunismo veio à tona com toda a força reprimida pelos anos de “aliança” não desejada, mas contingente para vencer o Eixo. A importância da ONU para o contexto da época não pode ser desconsiderada e seu relativo “fracasso” tinha suas razões. Segundo Perkins:

“os que consideram esse organismo inútil estão errados quanto os que o julgam a solução universal para a humanidade. O direito de veto concedido as grandes potências no Conselho de Segurança, veto aparentemente tão desejado pelos Estados Unidos quanto pela União Soviética, prejudicou seriamente a nova organização como um órgão que visa a *garantia* da paz”.³⁴²

Além disso, as questões de poder e a busca pela satisfação de interesses políticos próprios levaram os Estados Unidos e a União Soviética a mobilizar todos os

³⁴¹ Sobre a história da ONU, ver, entre outros: Mello, Valerie de Campo. Et. Al. Reformas na ONU. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2005; Ribeiro, Manuel de Almeida. A Organização das Nações Unidas. Lisboa: Almedina, 1998; Hernández Sandoca, Elena. La Organización de las Naciones Unidas. Barcelona: Planeta, 1977.

³⁴² Perkins, Dexter. A diplomacia de uma nova Era. Rio de Janeiro: Record, 1968, p.24. Grifado no original.

recursos possíveis. Do lado soviético, Stalin dispunha do “apoio obtido” nos países sob a influência de seu regime, enquanto que no bloco ocidental, os Estados Unidos exerciam destacada liderança e contavam com apoio de inúmeras nações, entre as quais se destacam as repúblicas Ibero-Americanas, que desde a assinatura da Ata de Chapultepec, em 1945, se encontravam sob a sua “proteção”. A disputa pelo poder acirrou a divisão em blocos segmentados ideologicamente.

Em março de 1946, na cidade norte-americana de Fulton, no estado do Missouri, o ex - primeiro ministro Winston Churchill, a convite do presidente Truman, discursou a um público de universitários e intelectuais e celebrizou uma expressão muito conhecida no imaginário da guerra fria: a “cortina de ferro”. As palavras de Churchill soam ainda nos dias atuais e invocam consigo todo um imaginário referente ao embate entre o *american way of life* e o seu maior rival o *soviet way of life*.³⁴³ Na concepção de Edgar Luiz de Barros:

“esta verdadeira arregimentação do Ocidente para a Guerra Fria teve, [...], enorme repercussão. A expressão ‘cortina de ferro’, empregada pela primeira vez por Joseph Goebbels em 1944, imediatamente se consagrou e nunca mais saiu do vocabulário corrente ocidental. Churchill, concitando os Estados Unidos a conservarem sua superioridade em armas nucleares e a apoiarem os ‘povos oprimidos’ da Europa Oriental em sua resistência ao comunismo, estava consciente do pânico que seu discurso provocaria. A imagem de hordas vermelhas prontas a cair sobre os povos livres do Ocidente apresentou-se diante da imaginação de europeus e norte-americanos”.³⁴⁴

³⁴³ Quanto a questão de que o aludido “soviet way of life” foi o maior antípoda dos norte-americanos, ou a “ameaça mais temida” por significar uma oposição radical a forma pela qual os norte-americanos viam o mundo ver, especialmente: Pike, Frederick B. *United States and Latin América. Myths and stereotypes of civilization and nature*. Austin/Texas: University of Texas Press, 1992; Perkins, Dexter, *A Diplomacia de uma nova Era*. Rio de Janeiro: Record, 1968.

³⁴⁴ A Guerra Fria. A aliança entre russos e americanos. São Paulo: Atual, 1984, p. 20. Segundo afirmava Winston Churchill: “uma sombra desceu no cenário até há pouco iluminado pelas vitórias aliadas. Ninguém sabe o que a Rússia Soviética e sua organização internacional comunista pretende fazer no futuro imediato, ou quais são os seus limites, se é que os há, para as suas tendências expansionistas e proselitistas [...] . De Stétin, no Báltico, a Trieste, no Adriático, uma cortina de ferro desceu sobre o continente. Atrás daquela linha todas as capitais de antigos Estados do Centro e do Leste Europeu, Varsóvia, Berlim, Praga, Viena, Budapeste, Belgrado, Bucareste e Sofia, todas elas formosas cidades, e suas populações vivem no que se poderia chamar de esfera soviética e todas estão sujeitas, de uma forma ou de outra, não apenas à influência soviética, mas em crescente medida ao controle de Moscou”; **APUD**: Barros, Edgar Luiz de. *Op.cit*, p.19/20.

As colocações de Edgar L. de Barros em relação a importância do discurso de Churchill para o imaginário da Guerra Fria são significativas porque apontam aquilo que Armando de Miguel chamou de “o poder das palavras”. A evocação de Churchill da imagem de uma “cortina de ferro” que “caía sobre a Europa Oriental” isolando aquela região das possíveis benesses que o restante do mundo ocidental poderia lhe oferecer foi fecunda. Entretanto, devemos discordar do efeito causal que o discurso de Churchill teria produzido em relação ao comportamento coletivo da sociedade norte-americana que Barros apontou como “imediato”. O efeito das palavras de Churchill por ocasião de seu discurso em Fulton não produziu um resultado imediato devido a força das palavras e das expressões utilizadas pelo orador, mas sim porque o imaginário do público espectador estava familiarizado com o sentido incorporado no termo “comunismo”. O discurso de Churchill contribuiu para o processo de reconstituição do antípoda da *ameaça soviética* na medida em que foi pronunciado num contexto que podia oferecer uma significação para tanto. Nesse sentido, tomaremos as palavras de Churchill como uma “incitação” ao anticomunismo, porém, rejeitamos que a significação para o termo possa ter sido produzida por apenas uma manifestação. Como se sabe, a distinção básica que embasa a percepção dos norte-americanos, conforme bem nos ensina Frederick B. Pike, está relacionada a duas categorias: civilização e natureza. Sendo que os americanos partiam do pressuposto que eram civilizados e, a partir dessa premissa, projetavam nos grupos de indivíduos e nos lugares considerados não-americanos a categoria de natureza e suas possíveis variantes que poderiam ser selvagens, perigosas, passíveis de civilização ou não. A *ameaça comunista* destacada por Churchill em 1946 já havia sido significada no imaginário norte-americano ao longo dos anos de 1920. Ainda que tivesse passado por um período de descrédito face ao contexto de “pluralismo cultural” da primeira metade dos anos de 1930, permaneceu latente numa aliança contingente até que os antagonismos se agravaram no pós Segunda Guerra Mundial.

O ano de 1946 foi pródigo em fatos que acirraram as disputas entre os Estados Unidos e a União Soviética e cada dia a população participava mais do processo através da mídia que veiculava os fatos de um cotidiano marcado por greves sindicais e enfrentamento entre a população e as forças policiais. A percepção de que tais atos eram impróprios a seres civilizados atribuía as agitações a elementos alheios à cultura norte-

americana e, assim, se projetava a imagem de uma *ameaça interna*. Tal posicionamento colaborava na exploração de um sentimento coletivo de aversão, e por que não dizer, de medo. A *ameaça interna*, tal qual aquela que *vinha de fora*, serviu para unificar os sentimentos daquilo que se apontava como o *american way of life*, uma sociedade de abundância, ao menos na aparência, e que estava ciente de que tinha uma missão. É interessante notar que o contexto político norte-americano da época deu margem para a reeleição do democrata Harry Truman, porém os republicanos levaram a melhor nas representações do Congresso. Nesse sentido, a orientação dada pelo presidente enfrentou oposições em alguns casos especialmente nas questões que abrangiam a ampliação do envolvimento político, econômico e militar dos Estados Unidos em novas alianças.³⁴⁵

A oficialização de uma política literalmente anticomunista veio com a Doutrina de Truman, no início de 1947. Vale o registro de que a referida “doutrina” nunca foi exposta em uma planilha ou em uma carta oficial ou coisa do gênero. Ela teve origem num discurso proferido pelo presidente Truman, do qual veremos alguns excertos a seguir, e teve a contribuição de uma série de personagens políticos e de intelectuais entre os quais se destacavam George Kenan e John Maynard Keynes. As colocações de Kenan apontavam para a necessidade política dos Estados Unidos de enfrentar o comunismo a partir de uma idéia de contenção de sua influência. Keynes, por sua vez, relacionava a expansão do comunismo com a miséria e a falta de perspectivas a que estavam sendo submetidos muitos países especialmente aqueles situados no Leste da Europa. A receita seria o fortalecimento econômico da Europa a partir de ações políticas com vistas a sua cooptação ao bloco ocidental, democrático e capitalista. Os norte-americanos teriam que apostar nos aspectos *civilizados* dos povos europeus para derrotar a *natureza* comunista. Segundo Louis Morton: “a chamada Doutrina Truman, fixou as bases ideológicas da luta, um mundo dividido entre nações livres e oprimidas, com os estados Unidos comprometidos na luta ao lado da liberdade”.³⁴⁶

³⁴⁵ Entre os autores se destacam, entre outros: Allen, Frederick Lewis. *The big change. América transforms itself 1900-1950*. New York: Bantam Books Inc., 1952; Parenti, Michael. *A cruzada anticomunista*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1970; Perrett, Geoffrey. *Days of Sadness, Years of Triumph. The American people 1939-1945*. Baltimore/Mariland: Penguin Books Inc., 1974; Temperley, Howard & Bradbury. *Introdução aos estudos americanos*. Rio de Janeiro: Forense, [sd].

³⁴⁶ A Guerra Fria e a cultura norte-americana. IN: Lowenheim, Francis L. *História e Diplomacia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, p.153.

A influência das questões externas na constituição do estereótipo do comunismo não se limitou à sua possível expansão no Ocidente. A possibilidade de que o comunismo ascendesse ao poder na Grécia e na Turquia levou o presidente Harry Truman a solicitar ao Congresso dos Estados Unidos a permissão para intervir. Palavras de Truman:

“a gravidade da situação que hoje se depara ao mundo exige meu comparecimento perante uma sessão conjunta do Congresso. *A política externa e a segurança deste país estão envolvidas. Os Estados Unidos receberam do governo grego um apelo urgente de assistência financeira e econômica [...]. A própria existência do Estado Grego é hoje ameaçada pelas atividades terroristas de vários milhares de homens armados, dirigidos por comunistas*”.³⁴⁷

E prosseguia:

“a vizinha da Grécia, a Turquia, também merece nossa atenção. [...] *Um dos objetivos da política exterior dos Estados Unidos é a criação de condições em que nós e outras nações possamos arquitetar um modo de vida livre da coerção. Esta foi uma questão fundamental na guerra com a Alemanha e o Japão. Vencemos países que procuravam impor a sua vontade e seu estilo de vida a outras nações*”.³⁴⁸

E mais:

“*não realizaremos nossos objetivos se não estivermos dispostos a ajudar povos livres a manter suas instituições livres e sua integridade nacional contra movimentos agressivos que procuram impor-lhes regimes totalitários. Isto não é mais que um franco reconhecimento de que os regimes totalitários impostos aos povos livres, por agressão direta ou indireta, solapam os fundamentos da paz internacional e, por conseguinte, a segurança dos Estados Unidos*”.³⁴⁹

E destacando as características que diferenciavam os norte-americanos dos russos Truman acrescentava:

³⁴⁷ Discurso de Harry Truman ao Congresso dos Estados Unidos, em 12 de março de 1947. APUD: Syrett, Harold C. (Org.) Documentos históricos dos Estados Unidos. São Paulo: Cultrix, 1988, p.315. Os grifos são nossos.

³⁴⁸ Idem, op.cit, p.316. Os grifos são nossos.

³⁴⁹ Idem, p.317. Os grifos são nossos.

“um dos modos de vida se baseia na vontade da maioria e distingui-se pelas instituições livres, pelo governo representativo, pelas eleições livres, pelas garantias de liberdade individual, pela liberdade da palavra e de religião, pela libertação da opressão política. O segundo modo de vida baseia-se na vontade da minoria, imposta pela força à maioria. Escora-se no terror e na opressão, no controle da imprensa e do rádio, em eleições fixas e na supressão das liberdades pessoais”.³⁵⁰

Para finalizar asseverava Truman que:

“as sementes dos regimes totalitários nutrem-se da miséria e da necessidade. Espalham-se e germinam no solo mau da pobreza e da luta. E atingem o pleno crescimento quando morre a esperança de um povo por uma vida melhor. Precisamos manter viva essa esperança. Os povos livres do mundo olham para nós em busca de apoio na manutenção das suas liberdades. Se fraquejarmos em nossa liderança, poderemos por em perigo a paz no mundo – e poremos seguramente em perigo o bem-estar de nossa nação”.³⁵¹

A partir de seu discurso ao Congresso dos Estados Unidos em 12 de março de 1947 seguiu um período de modificações que transformaram a orientação da política externa norte-americana em seu relacionamento com os russos. Uma das modificações mais significativas foi a nomeação de um novo Secretário de Estado, E. Marshall, que por sua vez, nomeou a Dean G. Acheson para o cargo de subsecretário de Estado.³⁵² A nova configuração política dos principais cargos do governo norte-americano bem como o de seu grupo de colaboradores denotava a nova orientação da política externa dos Estados Unidos para com o seu “maior rival”: o comunismo. A partir do discurso de Truman houve outros passos em direção da contenção da expansão do comunismo na Europa e na Ásia que também devem ser considerados no processo de constituição daquele estereótipo que consideraremos a seguir.

5.1.2 O Plano Marshall e a OTAN: passos em direção ao estereótipo do inimigo soviético.

³⁵⁰ APUD: Syrett, Harold C. (Org.) Documentos históricos dos Estados Unidos. São Paulo: Cultrix, 1988, p.317. Os grifos são nossos.

³⁵¹ Idem, op.cit, p.318. Os grifos são nossos.

³⁵² APUD: Perkins, Dexter. A Diplomacia de uma nova Era. Rio de Janeiro: Record, 1968, p.48. Cabe o registro que o referido Dean G. Acheson era irmão de Lilla Acheson Wallace, co-fundadora do Digest em 1922 e esposa de DeWitt Wallace.

A ajuda norte-americana aos países “ameaçados” pela expansão comunista na Europa foi viabilizada através do conhecido Plano Marshall, que a partir de junho de 1947 injetou milhares de dólares na recuperação do sistema econômico e produtivo de vários países europeus além de levar ajuda humanitária em forma de víveres e remédios a muitas localidades. Nas palavras de Morton:

“[...] o Plano Marshall foi o resultado de semanas e meses de estudo cuidadosos e minuciosos feitos pela Equipe de Planejamento Político, dirigida por Kennan. Quando George Marshall, Ministro das Relações Exteriores, apresentou pela primeira vez, a idéia de um programa de ajuda econômica norte-americana em grande escala para a Europa assolada pela guerra, na aula inaugural da Universidade de Harvard em junho de 1947, tinha em mente uma ajuda norte-americana para a Europa inteira, incluindo as áreas controladas pelos comunistas”.³⁵³

O aprofundamento da cisão ideológica e a luta pela afirmação de áreas de influência levaram os Estados Unidos e a União Soviética ao desenvolvimento de alianças políticas, econômicas e militares. A ampliação do “poder de polícia” dos Estados Unidos movida pelo imaginário da “missão a ser cumprida” em prol de um *uplift* mundial onde a defesa da liberdade e da democracia servia de justificativa ante a uma *ameaça* que se expandia fez com que os norte-americanos assumissem compromissos na Europa, e no Oriente. A Doutrina de Monroe foi relida sob a ótica de Truman dando a origem à “contenção” em 1947, e em 1949, deu margem à criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte, a OTAN. Um organismo de defesa, coordenado pelos Estados Unidos e com participação da ONU, que estava incumbido de fortalecer militarmente os países signatários para protegê-los daquilo que Averell Harriman chamou de “invasão bárbara da Europa”. Conforme Syrett, o pacto: “provia a ajuda mútua e a resistência coletiva à

³⁵³ Morton, Louis. A Guerra Fria e a cultura norte-americana. IN: Lowenheim, Francis L. História e Diplomacia. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, p.154. E mais: “logo se tornou evidente que a União Soviética se recusaria a cooperar com qualquer programa de recuperação desse tipo, de modo que o Plano Marshall passou a ter efeito de fortalecer as democracias européias (e o novo Estado alemão ocidental) contra possíveis incursões comunistas e, destarte, tornou-se uma poderosa contribuição para a política de contenção. Não pode haver muita dúvida que o Plano Marshall proporcionou a base da extraordinária recuperação européia e de que também, foi, em grande parte, responsável pelo desenvolvimento de considerável integração econômica”.

agressão. Um ataque armado contra a qualquer uma das partes seria considerado um ataque a todas elas”.³⁵⁴

A atitude dos soviéticos após a decretação do Plano Marshall, em 1947, e mais especificamente após o início das inversões de dólares do referido plano, em 1948, foi de tentar organizar os seus próprios órgãos de normatização política e suporte financeiro aos seus aliados do bloco oriental. Dessa tentativa surgiram o Cominform e o Comecom, que respondiam, respectivamente, pela organização política dos partidos comunistas e suas representações internacionais, e pelo apoio econômico de Moscou aos seus países “satélites”.

5.1.3 O inimigo comunista ataca na Ásia, a Guerra da Coréia.

Em fins de junho de 1950, as forças armadas da Coréia do Norte invadiram a Coréia do Sul.³⁵⁵ A divisão dos dois países havia sido pactuada entre os então *aliados* norte-americanos e soviéticos e a linha imaginária do Paralelo 38° foi adotada como marco divisório e fronteira física e política. A separação ideológica não estava ausente. A Coréia do Sul, apoiada pelos Estados Unidos e liderada por Singman Rees, rivaliza com a vizinha do Norte, suportada pelos comunistas. Naquela ocasião a guerra fria deixou de ser realmente “fria” e passou a um embate direto entre dois regimes políticos antagônicos. A

³⁵⁴ Syrett, Harold C. (Org.) Documentos históricos dos Estados Unidos. São Paulo: Cultrix, 1988, p.322/323. Cabe destacar a semelhança do conteúdo da cláusula de “defesa mútua e resistência coletiva” em caso de uma “agressão” vinda de fora do pacto da OTAN com a cláusula pactuada com as nações Ibero-Americanas, em 1947, por ocasião da assinatura do Tratado Inter-Americano de Assistência Recíproca, o TIAR. Naquela ocasião o pactuado atrelou as repúblicas “latinas” à esfera de influência militar dos Estados Unidos em face de uma possível “ameaça externa”, a saber, o comunismo.

³⁵⁵ A data exata da invasão não é idêntica em todos os autores que abordam a questão da Guerra da Coréia. Para alguns o dia 24 de junho de 1950 foi o dia da invasão, outros, porém, afirmam que a invasão se deu em 25 daquele mês. O apoio militar dos norte-coreanos consistia em amplo equipamento bélico de origem soviética ou chinesa e que variava desde carros de combate até artilharia pesada. O montante de 10 divisões de exército atravessou a linha do paralelo 38 e adentrou de forma significativa no território dos sul-coreanos.

expansão do comunismo, que havia sido motivo de intensa preocupação para os norte-americanos em relação à Europa mostrou a sua face agressora na Ásia, onde a China comunista tinha completado a sua revolução de modo vitorioso e a aliança de seu líder, Mao Tse Tung, com Stalin locupletava a paranóia de uma *dominação vermelha* no Oriente. O equilíbrio obtido pelos russos no ano anterior ao efetuar a finalização de sua bomba atômica modificou a realidade de superioridade nuclear norte-americana e também colaborou para o fortalecimento do comunismo no mundo. O cenário político da Ásia por ocasião da invasão da Coréia do Sul levou o presidente dos Estados Unidos a um pronunciamento a sua nação. Palavras de Truman:

“na Coréia, as forças do governo, armadas para impedir as incursões de fronteira e preservar a segurança interna, foram atacadas por forças invasoras da Coréia do Norte.[...]. Em tais circunstancias, ordenei às forças armadas e navais dos Estados Unidos que dessem às tropas do governo coreano cobertura e apoio. *O ataque á Coréia torna manifesto, fora de qualquer dúvida, que o comunismo passou além do uso da subversão para conquistar nações independentes e empregará agora a invasão armada e a guerra*”.³⁵⁶

A ação norte-americana sob a bandeira da ONU na Coréia mobilizou de imediato as forças localizadas no Japão. A idéia indicava que a tarefa não seria difícil, era uma questão de mostrar aos inimigos norte-coreanos o poderio militar dos Estados Unidos e esperar a sua rendição. A liderança foi dada ao General Douglas McArthur, que estava comandando a ocupação do Japão. Entretanto, o culto a vitória sofreu as suas primeiras decepções na guerra da Coréia. Os contingentes norte-americanos equipados com material que remontavam ao tempo da Segunda Guerra Mundial, sem armas capazes de enfrentar os blindados soviéticos pilotados por norte-coreanos e com uma força essencialmente de infantaria sofreram duras derrotas ante ao exército inimigo. Nas palavras de Tom Engelhardt: “sin embargo, fue en Corea donde la cultura de la victoria sufrió la emboscada más grave, por su carácter inexplicable; pues allí las estadísticas de la masacre perdieron su cualidad predictiva – y una masacre sin victoria tenía muy mal cariz”.³⁵⁷

³⁵⁶ APUD: Syrett. Harold C. (Org.) Documentos Históricos dos Estados Unidos. São Paulo: Cultrix, 1988, p. 323. Os grifos são nossos.

³⁵⁷ El fin de la cultura de la victoria. Estados Unidos la guerra fría y el desencanto de una generación. Barcelona/Buenos Aires: PAIDÓS, 1995, p.85. O avanço das forças da ONU colocou em prontidão a China,

A situação de derrota experimentada pelos contingentes norte-americanos na retirada forçada pelo avanço dos norte-coreanos foi revertida com uma manobra de invasão ao território da Coreia do Norte idealizada pelo general McArthur que consistiu em desembarcar os seus fuzileiros dentro da fronteira inimiga para forçar o seu recuo das áreas invadidas tendo em vista a necessidade de defesa própria. A estratégia foi bem sucedida e obrigou os norte-coreanos a recuarem do território da Coreia do Sul. O desembarque na cidade portuária da Coreia do Norte, Inchon, em 15 de setembro de 1950, foi precedido de intenso bombardeio que gerou muita destruição e pesadas baixas entre os civis. Após o êxito inicial da campanha, McArthur deu seguimento à manobra e passou a perseguir o exército norte-coreano em seu próprio território.

A importância da guerra da Coreia no processo de constituição da imagem do comunismo como o principal antípoda do *american way of life* foi fundamental. O início do conflito, aos olhos da sociedade norte-americana, soava como uma agressão. A ação de um país que estava sob a influência soviética contra outro que possuía o apoio norte-americano e lutava por sua “liberdade” tornava legítima a reação. O imaginário da expansão comunista colocando a segurança nacional norte-americana foi respaldado pelos fatos e assumiu proporções de um clima de medo ou fobia social. A ameaça externa deixou de ser apenas ameaça e mostrou sua face de inimigo. A postura dos Estados Unidos ante ao cenário político internacional de compromissos de defesa mútua com várias nações fora do seu continente o levaram a um conflito na Ásia onde o seu despreparo ficou evidente e a sua extensa ficha de vitórias foi maculada por derrotas impostas por um inimigo considerado “inferior”. Além disso, a guerra da Coreia abriu margens para que alguns políticos norte-americanos atacassem a administração de Truman com acusações variadas.

país que desde o ano anterior, 1949, estava sob a liderança de Mao Tse Tung aliado aos russos por um “pacto de amizade”. O regime de Stalin havia aprovado a atitude de seu governo títere da Coreia do Norte no que referia a invasão da Coreia do Sul, e suportou-o com armas e equipamentos, além de conselheiros e especialistas militares. A China, por sua vez, que havia imposto uma acachapante derrota aos interesses norte-americanos ao expulsar Chang kai Chek de seu território em direção a Taiwan em 1949, também colaborava na causa “antiimperialista” da Coreia do Norte. A possível aliança entre a Coreia do Norte, que após a invasão sofreu inúmeras derrotas, e os chineses foi considerada “pouco provável” ou até mesmo “impossível” entre os políticos e militares dos Estados Unidos. Porém, o inesperado ocorreu. Em 1950, quase um milhão de soldados do chamado “Exército Popular da China” invadiram o território norte-coreano para lhes dar suporte e apoio na luta contra os “inimigos imperialistas do ocidente”. O apoio dos comunistas chineses ocasionou outra série de derrotas às tropas da ONU em geral, e em especial as norte-americanas que se viram ante a necessidade de retiradas e sujeição a períodos de fome sob uma temperatura de cerca de 25º negativos.

Entre elas a que apontava para a existência de uma “conspiração”, ou, ameaça interna que colocava em risco os Estados Unidos de dentro para fora. A temporada de caça aos comunistas dentro das instituições e repartições do governo gerou a demissão de milhares de funcionários sob a acusação de “atos subversivos” contra os Estados Unidos. A *ameaça interna* e o *perigo externo*, juntos, foram o pão de cada dia da sociedade norte-americana após 1950.

5.1.4 As origens da aliança entre os Estados Unidos e a União Soviética.

A influência do “pluralismo cultural” fez que parte da sociedade norte-americana dos anos de 1930 tentasse compreender o mundo de uma maneira diferente. As críticas ao falido sistema democrático-capitalista se acirraram e a divisão ideológica segmentou ainda mais o país. Ao longo daquela década, muitos acontecimentos evidenciavam a disposição dos norte-americanos em reconhecer o valor intrínseco de outras culturas e sistemas político-econômicos. Entre eles se destacavam o reconhecimento da Rússia por parte do Governo dos Estados Unidos em 1933, a liberdade de organização dada aos partidos comunistas e nazistas em terras norte-americanas e, também, a busca por uma nova forma de relacionamento com as Repúblicas Ibero-Americanas, sempre consideradas “atrasadas” em termos de imaginário, mas que se tornaram passíveis de uma “nova visão” sob o nome de “política da boa vizinhança”. Entretanto, o encantamento com as possibilidades de um porvir comunista se esvaiu com o passar da década de 1930. Nas palavras de Howard Temperley e Malcolm Bradbury:

“durante os anos 1930, muitos intelectuais haviam estado na esquerda e alinhados com um futuro radical, geralmente situado entre o radicalismo progressista americano e o internacionalismo revolucionário. Mas a efetividade do *New Deal*, as revelações sobre os expurgos de Stalin e, finalmente, a assinatura do pacto nazi-soviético em 1939 enfraqueceram as simpatias comunistas”.³⁵⁸

³⁵⁸ Guerra e Guerra Fria. IN: Temperley, Howard & Bradbury. Introdução aos estudos americanos. Rio de Janeiro: Forense, [sd], p. 311. Grifado no original. Para uma introdução a política soviética veja: Armstrong, John A. Ideology, politics and government in teh Soviet Union: na introducton. New York: Frederick A. Praeger, 1962. Sobre os expurgos de Stalin na década de 1930 ver, especialmente: Conquest, Robert. The great terror. Stalin’s purge of the Thirties. Toronto/Ontário: The Macmillan Company: 1969. Para informações sobre as origens do sistema autocrático do governo russo ver: Schapiro, Leonard. The origins of

O início dos anos de 1940, segundo Temperley & Bradbury se caracterizou por uma época: “voltada para dentro, preocupada com temores econômicos, desemprego, a necessidade de sanar a divisão ideológica interna e afirmar os valores da identidade americana”.³⁵⁹ A cisão político-ideológica não dizia respeito somente à oposição tradicional entre os democratas e os republicanos, mas referia, também, aos sentimentos favoráveis, ou não, a entrada no conflito que se desenrolava na Europa. Naquele contexto, o ataque japonês a Pearl Harbor serviu de elemento unificador que tornou legítima e justa a união. E não só isso; ele suscitou o imaginário da *ameaça externa* e deu fim ao imaginário geográfico que depositava na vastidão dos oceanos que separam os Estados Unidos de outras partes do mundo como uma barreira intransponível. Concordam com essa idéia Temperley & Bradbury quando afirmam que:

“o que tornou os americanos tão surpresos e irritados não foi o fato de Pearl Harbor ter surgido totalmente sem aviso ou, tanto quanto podiam ver, sem provocação [...] foi que nada nem remotamente parecido com aquilo havia acontecido antes. Desde a fundação da república, eles haviam acreditado que sua geografia oferecia uma barreira contra agressores em potencial”.³⁶⁰

A entrada na guerra mobilizou o sentido de missão no imaginário norte-americano, e tal implicou em uma modificação de sua orientação política sem que tal possa ter algum tipo de conotação de causalidade. A prática de “esferas de influências”, pertinente ao contexto do “pluralismo cultural”, foi abandonada em prol de uma maior atividade no campo político. O que parece ser, a uma primeira vista, uma simples reorientação de pressupostos políticos esconde o real sentido das dimensões imaginárias que possuía. Após Pearl harbor, os Estados Unidos assumiram para si a tarefa de conduzir o mundo em direção a liberdade e na luta contra os regimes totalitários, num primeiro momento, e posteriormente, na “cruzada anticomunista” do após Segunda Guerra Mundial. Vencido o *perigo amarelo* e o nazismo despontou, outra vez, a *ameaça comunista*. A

the communist autocracy. Political opposition in the soviet state. First phase 1917-1922. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1977.

³⁵⁹ Guerra e Guerra Fria. IN: Temperley, Howard & Bradbury. Introdução aos estudos americanos. Rio de Janeiro: Forense, [sd], p. 304/305.

³⁶⁰ Idem, op.cit, p.309.

política da “contenção” praticada a partir de 1947, e que serviu para fazer frente ao aumento da influência comunista na Europa estava diretamente ligada a forma pela se concebia e se representava os soviéticos. O “complô” para a dominação mundial não era mais dos japoneses ou dos nazistas, mas sim do antigo aliado, a Rússia. A “ameaça comunista” pairava sobre todos: japoneses, alemães e “latinos”.

Os sentimentos anticomunistas moldaram as ações políticas do governo norte-americano concomitantemente³⁶¹ ao fim da Segunda Guerra Mundial e variaram de uma simples tentativa de “acalmar” a situação cedendo espaço para a influência soviética, tal qual procedido na Conferência de Yalta, até a “contenção” de toda e qualquer possibilidade de expansão do comunismo. Para Michael Parenti, o “anticomunismo” tem raízes históricas nos Estados Unidos.³⁶² Nós acrescentaríamos que as percepções em relação ao “outro”, o “não-americano”, apontadas por Frederick B. Pike, em termos de uma oposição entre Civilização e Natureza, e que discutimos de modo mais apropriado no capítulo 1 deste trabalho, não se limitam ao caso do “ismo” relativo aos soviéticos e seu sistema. Não é demais lembrar que ao longo dos séculos 17 e 18, os ingleses foram considerados a grande “ameaça externa”. Tal quais os índios foram tratados como os primeiros “comunistas” da historiografia norte-americana, os precursores do imaginário da *ameaça interna*, que viviam em regime “comunal” desconhecedores da noção de propriedade privada e foram descritos como “peles vermelhas”, selvagens, etc. A aceitação da condição de *civilização* para si por parte dos norte-americanos tornava, por conseguinte, os “não-americanos” parte da *natureza*; os *mitos* e seus *estereótipos* coexistiam lado a lado numa relação necessária.

5.2 Selecciones del Reader's Digest e as imagens do comunismo antes da Segunda Guerra Mundial.

³⁶¹ O termo é aqui utilizado em função do exposto no capítulo anterior onde destacamos a corrida entre soviéticos e os Aliados no sentido de se apoderar das tecnologias militares desenvolvidas pelos nazistas bem como dos cientistas que as desenvolveram. O “Sputinik” soviético tinha sua origem nas pranchetas dos cientistas alemães que trabalhavam para o Major da SS, Werner Von Braun, o mesmo especialista em propulsão de foguetes que conduziu os norte-americanos a Lua nos anos de 1960. E mais: os dois primeiros aviões a jato de soviéticos e norte-americanos, os “Mig” e os “Sabres” são meras cópias melhoradas do Me-262 alemão. Maiores informações em: Cornwell, John. Os cientistas de Hitler. Ciência, Guerra e o Pacto com o Demônio. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

³⁶² A cruzada anti-comunista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p.66 e ss.

A percepção do comunismo e seus substantivos como *ameaças* ao *american way of life* contavam com a imaginação de ex-integrantes da esquerda norte-americana que tinham mudado de opinião e se mostravam dispostos a *colaborar*. Nas palavras dos editores de *Selecciones*, em nota introdutória, era informado aos leitores: “conspicuo ex socialista analiza características del hombre que el socialismo ha desconocido”.³⁶³ Palavras de Max Eastman, o ex-militante em questão:

“la palabra ‘socialismo’ nació hará cosa de un siglo, durante animada plática acerca de las ideas de Robert Owen. Era éste un bondoso caballero inglés, que pasó a los Estados Unidos en 1825, y compró, a orillas de Wabach, en Indiana, una población entera y extensos terrenos, con el objecto de invitar a ‘las personas industriosas y bien dispuestas de todas as naciones’ a que congregaran allí, *para llevar una vida de paz y cooperación, conforme lo dispuesto por la misma naturaleza*”.³⁶⁴

A diferenciação estabelecida no enunciado do título do artigo de Max Eastman dava um indicativo do imaginário em que estava inserida tal produção. A oposição entre as “coisas dos homens”, civilizados, e aquelas que deveriam ser consideradas “inumanas”, onde se incluía o socialismo, era reforçada com a ênfase na forma “natural” e “cooperativa” da organização de Owen. A falência da “comunidade”, aproximadamente dois depois de sua fundação era explicada por Eastman: “las mil personas que sobre poco más o menos la poblaban empezaron a descuidarse en lo cumplimiento de sus respectivas obligaciones, a tratar de sacar ventaja unas de otras, a darse a la murmurización y la maledicencia en grado mayor aún que lo corriente, si esto es imaginable”.³⁶⁵

A negação do individualismo e do espírito de competição aliado a incapacidade administrativa caracterizava a empreitada de Owen. Mais do que isso, segundo Eastman: “la idea fundamental de Owen, a saber, que al regirse los negocios por

³⁶³ Nota introdutória ao artigo de Max Eastman: El socialismo no es para el hombre. *Selecciones del Reader's Digest*, agosto de 1941, p.81-88. Sobre o autor os editores informavam que: “Max Eastman pertenció al grupo juvenil y exaltado que fundó en Nueva York, en 1913, el seminario comunista *The Mases*. Fué por muchos años sobresaliente expositor de la doctrina socialista. A más de haber enseñado Filosofía en la Universidad de Columbia, ha escrito no menos de una docena de obras que abarcan sorprendente variedad de géneros [...] poesía, novela, crítica literaria, filosofía política, humorismo”. APUD: op.cit, pp.81. Grifado no original.

³⁶⁴ El socialismo no es para el hombre. *Selecciones del Reader's Digest*, agosto de 1941, p.81.

³⁶⁵ Idem, op.cit, 82.

princípios cooperativos , reinarían dondequiera la amistad y la concordia. Ha dado [...] origen a sinnúmero de variaciones sobre el mismo tema principal [...] *sindicalismo, comunismo, socialismo gremial, bolchevismo, anarquismo*”.³⁶⁶

As “derivações” da idéia socialista apontadas por Eastman tinham nomes específicos e personagens que foram “responsáveis” por suas re-interpretações. Nesse sentido, Eastman colocava Karl Marx como um dos que se apropriou das idéias originais de Owen e, a partir delas, traçou os seus próprios argumentos e conclusões a respeito de sua aplicabilidade e limitações. A teoria marxista, formulada, segundo Eastman, com base nas idéias de Owen, serviu aos revolucionários que, a partir de 1917, lideraram o movimento de libertação da dominação monarquia Czarista. Conforme asseverava o autor:

“en octubre de 1917, cuando se supo que el Gobierno de Kerensky había caído, Lenin, que hasta entonces andaba oculto, se presentó ante el Soviet de Trabajadores y Soldados de Petrogrado. Cuando las prolongadas y tumultuosas aclamaciones con que acogieron su presencia hubieron cesado, dijo así ‘procederemos ahora a constituir la sociedad socialista’”.³⁶⁷

O resultado do movimento “revolucionário” de Lênin, segundo Eastman, tinha suas razões:

“el propio partido revolucionários probados en el que confiaba Lenin para socializar las industrias y crear una sociedad libérrima convirtióse en núcleo de pandilla vengativa e pugnaz, en verdadera tribu guerreante, pronta siempre a lanzarse contra quien osara invocar las promesas de Lenin o algo que no fuese el odio y la obediencia. ¡En esto paró el experimento apenas dejó el caudillo de ejercer su influencia moderadora! En vez de crear nuevo y más elevado nivel de civilización, trocóse en torbellino que, barriendo con buena parte de los adelantos de la civilización, puso la técnica de la industria y de la enseñanza al servicio de los instintos selvajens de la tribu”.³⁶⁸

³⁶⁶ Ibidem. Os grifos são nossos.

³⁶⁷ Eastman, Max. El socialismo no es para el hombre. *Selecciones del Reader's Digest*, agosto de 1941, p. 84.

³⁶⁸ El socialismo no es para el hombre. *Selecciones del Reader's Digest*, agosto de 1941, p.87. Os grifos são nossos.

O ponto de partida da construção dos argumentos de Max Eastman estava na concepção imaginária que opunha *civilização* aos aspectos “selvagens” que os soviéticos *deram* ao socialismo obliterando o seu sentido original. A partir da experiência própria, Eastman declarava:

“lo que expongo ahora es lo más importante de cuanto sé acerca del socialismo. Há sido éste mito antes que ciencia; ha procurado escapar de la realidad antes que acomodarse a ella. En vez de propender a ‘eliminar toda causa de lucha entre los hombres’, como quiso Owen; o entre las clases sociales, como pretendió Marx, debiéramos reconocer que esa lucha es precisamente lo que contribuye en gran medida a proporcionar a la humanidad benéficos incentivos”.³⁶⁹

Para finalizar, Eastman enfatizava: “*estoy firmemente convencido. El socialismo fué empeño de aficionados; hemos de aprender a ser espertos*”.³⁷⁰

A ênfase na incapacidade não se limitava à liderança política, mas também ao regime comunista em si. Conforme Stuart Chase existiam razões pelas quais os norte-americanos deveriam desacreditar o comunismo. Segundo o autor:

“quien repare en el sistema de calefacción que usan en la mayoría de esas casitas para una o dos familias que hay en los Estados Unidos, entenderá fácilmente por qué no es concebible que llegue a implantarse el comunismo en la nación norteamericana. Al decir comunismo, aludo precisamente a las teorías de Carlos Marx; las que tienden al establecimiento de un orden social en que los trabajadores, después de haber depuesto a los capitalistas, imponen la dictadura del proletariado”.³⁷¹

Para o autor:

“este programa, tras de ser por espacio de muchos años el coco ante el cual han temblado cuantas gentes de posibles hay en el mundo, anda ahora de capa caída en los Estados Unidos ¿Por Qué? Una de las varias cosas que contestan a esta pregunta es ese termostato que, instalado en la pared

³⁶⁹ Idem, op.cit, p.86.

³⁷⁰ Eastman, Max. El socialismo no es para el hombre. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, agosto de 1941, p.88. Os grifos são nossos.

³⁷¹ El comunismo es hoy solución anticuada. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, dezembro de 1941, p.74.

de una de las habitaciones de las casitas que me refería hace un momento, sirve para regular automáticamente la temperatura”.³⁷²

Para Chase, os “marxistas” objetivavam transformar todos os indivíduos em proletários para, a partir daí torná-los massa de manobra, enquanto que o capitalismo capacitava-os tecnicamente para melhorarem suas vidas. Palavras do autor:

“los marxistas de nuestros días han hecho lo indecible por incluir en las filas del proletariado clásico a esos técnicos, inspectores y peritos, bien así como a los oficinistas, a los profesores de segunda enseñanza, y hasta a los mismos artistas. Sucede, empero, que a la mayoría de esas personas no les interese poco ni mucho sumarse a la masa de los prójimos proletarios, y menos aún echarse a la calle a levantar barricadas”.³⁷³

E mais:

“la piedra angular de la teoría comunista es la suposición de que el proletariado, cuyo número va creciendo y cuya pobreza va siendo cada vez mayor, se enfrenta a una clase capitalista, poderosa pero reducida, cuya riqueza aumenta día a día. Entre esas dos clases antagónicas, cada vez más oprimidas por ambas, se halla, según la teoría de Marx, la clase media, que al fin queda, no ya oprimida, sino eliminada”.³⁷⁴

O raciocínio de Chase, que partia de um ponto a princípio desconexo do enunciado no título, orientava-se para a diferenciação entre o trabalho braçal exercido nos Estados Unidos e aquele praticado na União Soviética. As diferenças que eram significativas deveriam ter peso numa decisão. Conforme destacava Chase:

“ocurre que el cuadro que la realidad norteamericana presenta a nuestros ojos difiera bastante del supuesto por el autor de *El Capital*. Vemos en los Estados Unidos a un proletariado que, si por una parte disminuye en número, gana, por otra parte, en bienestar, puesto que, en vez de empobrecerse más y más, percibe, por término medio, mejores jornales. Vemos a una clase capitalista que, desde 1929, se quedó sin las chisteras. Vemos, por último, a una clase media que se niega resueltamente a

³⁷² Chase, Stuart. El comunismo es hoy solución anticuada. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, dezembro de 1941, p.74.

³⁷³ Idem, op.cit, p.75.

³⁷⁴ Idem, op.cit, p.78.

desaparecer; que, en grado, mayor que ninguna otra clase, sustenta, sostiene y prospera la de nuestra moderna civilización”.³⁷⁵

Face aos argumentos apresentados, concluía Chase: “*los adelantos científicos han acabado por convertir las teorías comunistas de Marx em cosa anticuada*”.³⁷⁶

O maior antípoda do *american way of life*, o comunismo, foi descrito como uma *ameaça* muito antes do período da guerra fria. A aliança contingente que uniu os Estados Unidos e a União Soviética na luta contra o Eixo durante a Segunda Guerra Mundial não significou mudança na forma pela qual grande parte da sociedade norte-americana percebia o estereótipo do comunismo e suas personificações. A revista *Selecciones del reader's Digest* teve participação ativa no processo de constituição do imaginário da *ameaça vermelha* ao longo da existência daquele estereótipo e, em especial, no período de seu lançamento e ao longo da década de 1940. O periódico não se limitou à veiculação de artigos onde se destacava o sentido negativo intrínseco ao antípoda comunista, mas também publicou resenhas sobre o tema. Como no caso descrito por Eugene Lyons.³⁷⁷ Nas palavras do autor, Stalin era:

“un asiático de tez morena señalada con las marcas de la viruela y de andar lento y cauteloso [...]. Su sombra poderosa se extiende como una siniestra nube cargada de tempestades sobre dos continentes. Su influjo se hace sentir hasta en el más remoto confín de la tierra. Hijo de un oscuro zapatero remendón que arrastraba la miseria y las fatigas de su ínfimo oficio entre la suciedad y la indigencia de un barrio apartado, [...] vino al mundo con los nombres de Yossif Vissarionovich Chugashvilhi. Hasta los

³⁷⁵ Chase, Stuart. El comunismo es hoy solución anticuada. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, dezembro de 1941, p.78. Grifado no original.

³⁷⁶ Idem, op.cit, p.78. O grifo é nosso.

³⁷⁷ Stalin. Zar de todas las Rusias. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, janeiro de 1941, p.77-103. A informação dos editores da revista indicava que a resenha era obra do próprio autor tendo como base a sua obra de mesmo título. Sobre as credenciais do autor, informavam os editores que: “Eugene Lyons es uno de los pocos escritores capacitados para trazar la semblanza del inescrutable dominador. Por espacio de seis años ha desempeñado el cargo de corresponsal de la Prensa Unida en Rusia. Fué el primer periodista extranjero que tuvo la suerte excepcional de celebrar una entrevista con Stalin, y ha conocido últimamente, además, a muchos de los hombres que, a la vera del dictador, escalaron las cumbres de la fama y el poder”, op.cit, p.77. Cabe, ainda, o registro de que o estereótipo do comunismo e suas personificações foi o único caso em que *Selecciones* publicou resenhas a respeito. Os casos do japonismo e do nazismo, como vimos antes, não tiveram tal tratamento. Em nosso entendimento, a veiculação de resenhas onde se enfatizava os aspectos negativos do comunismo e seus correlatos é uma evidência da força que tinha o antípoda do comunismo no imaginário norte-americano.

19 años cursaba la carrera eclesiástica en un seminario. En los veinte años siguientes luchó con tenacidad y ardiente fanatismo, despreciado, humillado y perseguido por los autócratas de la Rusia zarista, por subvertir el orden social existente”.³⁷⁸

E prosseguia com sua descrição:

“Stalin es, sin género de duda, el mortal más poderoso de nuestros días. Gobierna como señor absoluto a la imensa Rusia con sus 180.000.000 de habitantes, sus ciento setenta y cinco diferentes razas y pueblos. Ninguno de los zares logró reinar de modo tan firme y completo [...]. Ni Iván el Terrible, ni Pedro el Grande [...]. Al servicio de sus designios están el radio y las rotativas de la prensa, los aeroplanos y los hilos del telégrafo, las ametralladoras y los carros blindados de sus huestes rojas”.³⁷⁹

E mais:

“Stalin rige otro imperio, además; que no tiene límites precisos ni geográficos ni políticos, que se dilata por todo el haz de la tierra, que se llama la Tercera Internacional y cuyos súbditos le rinden fervorosa pleitesía con una lealtad y una devoción que superan a las que rinden a sus respectivas naciones. Stalin gobierna a cada una de las ramas del partido comunista que florecen fuera de Rúsia con la misma despótica soberanía con que dicta sus disposiciones a un soviet de Odesa o de Vladisvostock. [...] De ahí, pues, que Stalin sea, a la vez, el Zar absoluto de una sexta parte de la superficie habitada del orbe y el director todopoderoso de una fabulosa conspiración que mina los cimientos de las otras cinco sextas partes”.³⁸⁰

A resenha da obra de Lyons imaginava para o autor ao longo de mais de vinte páginas não só a liderança do regime soviético e suas intenções de expansão mundial a partir da disseminação do comunismo como também revelava o seu desencantamento para com aquele modo de vida próprio do contexto pós “pluralismo cultural”. Nas palavras de Lyons:

³⁷⁸ Lyons, Eugen. Stalin. Zar de todas las Rusias. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, janeiro de 1941, p.78.

³⁷⁹ Idem, op.cit, p.79.

³⁸⁰ Ibidem, p.79.

“en los Estados Unidos, los comunistas se plocamaron a sí mismos legítimos sucesores de Tomás Jefferson y de Abraham Lincoln. ‘El comunista – vociferaba con aspavientos declamatorios el *Fueher* comunista Earl Browder – es el norteamericanismo del siglo XX.’ La misma farsa se representaba en Inglaterra, en Francia y en todas partes donde los adeptos de Stalin podían levantar su voz. [...] En varios países, [...], conseguieron los fementidos troyanos establecer gobiernos de la especie llamada de Frente Popular. En los Estados Unidos y en Inglaterra se adueñaron de estratégicas posiciones en el periodismo, literatura, el teatro, el cine, la enseñanza y hasta en las organizaciones religiosas. [...] Lo que ya resulta más difícil de comprender es cómo tantos mijones de europeus y americanos se dejaron engañar por el astuto embaucador”.³⁸¹

O autor, revelando que o comunismo também se valia da constituição de estereótipos de ameaça como modo de perpetuação dos mitos que lhes eram próprios, destacava que após a revelação do pacto de não-agressão entre a Rússia e Alemanha nazista e a respectiva invasão e partilha da Polônia:

“el Kremlin formuló la nueva política del partido. Se pusieron de lado, desde luego, los lemas democráticos y se acuño la palabra *anti-imperialismo* como grito de guerra en sustitución de la de *antifacismo*. La *línea táctica* señalada a los banderizos del comunismo es la de promover disturbios y dificultades a los aliados tanto en las metrópolis como en sus poseciones coloniales”.³⁸²

A extensa narrativa de Eugene Lyons finalizava com palavras que denotavam um imaginário constituído em relação às revoluções e suas finalidades de preservação das liberdades e direitos inalienáveis próprios dos seres humanos. Nas palavras do autor:

“la llama de esperanza que ardia en la Revolución rusa, la ha apagado Stalin con su puño brutal; lo que había de grandeza moral en ese movimiento, lo ha nivelado Stalin con su rasero acerado, [...] el triunfo de [...] Stalin [...] representa el triunfo de la mediocridad”.³⁸³

³⁸¹ Lyons, Eugen. Stalin. Zar de todas las Rusias. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, janeiro de 1941, p.100. Grifado no original.

³⁸² Lyons, Eugen. Stalin. Zar de todas las Rusias. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, janeiro de 1941, p.101. Grifado no original.

³⁸³ Idem, op.cit., p.103.

As representações do comunismo nas páginas de *Selecciones* obedeceram a orientação da política externa norte-americana de aliança com os russos de uma maneira muito própria: o silêncio. Entre fevereiro de 1942 e dezembro de 1945 não foram veiculadas matérias com o teor das que vimos mencionando até aqui. Tampouco se encontram naquele período matérias favoráveis onde a aliança EUA/URSS tivesse destaque ou sequer menção. Nessa perspectiva é interessante notar que no caso do estereótipo do comunismo não existiu um período de re-significação para uma ênfase em seus aspectos “bons”. Como vimos antes nos capítulos 3 e 4, respectivamente no caso dos antípodas do japonês e do nazismo houve uma transmutação nos sentidos neles incorporados. E mais: o período em que ocorreu a re-significação, não por coincidência, é o mesmo onde se deu o re-surgimento do comunismo em sua categoria de nova/velha *ameaça*.

5.2.1 O comunismo durante a guerra fria.

A constituição de uma imagem negativa para o estereótipo do comunismo ocorreu antes do início da Segunda Guerra Mundial, passou por um período de “silêncio” devido a aliança contingente e foi retomada no após guerra. A mobilização da força contida nas palavras e a concatenação de discursos onde se apresentava a *ameaça comunista* como uma doença que se espalhava pelo mundo caracterizou aquele processo. Um caso interessante eram as mensagens que eram veiculadas dentro dos artigos através da inserção de espaços específicos ao longo do texto onde se colocavam palavras de outras personagens corroborando o teor das matérias. Um exemplo desta prática era a matéria de Charles Lanius: “Yo vi a los rusos em Bulgária”.³⁸⁴

A mensagem a princípio tratava da invasão das fronteiras búlgaras ainda durante a Segunda Guerra Mundial pelos soviéticos como parte da última ofensiva russa contra o Reich nazista. O teor da imaginação do articulista seguia na linha de constituição do estereótipo da *ameaça comunista* aludindo aos fatos de antes da guerra fria e enfatizando a atuação dos “aliados russos” na “libertação” das regiões ocupadas pelo exército alemão. A narrativa do autor era interrompida por uma “interferência” no processo de transmissão através da inserção de parte um discurso de Winston Churchill. As palavras do político

³⁸⁴ *Selecciones del Reader's Digest*, Janeiro de 1946, p.65.

inglês consubstanciavam a mensagem onde se incluía. No topo do excerto era anunciado: “del discurso pronunciado por Winston Churchill em la cámara de los comunes, el 16 de agosto de 1945”. Palavras de Churchill:

“casi en todas partes de los montañosos, turbulentos, desorganizados y belicosos Balcanes, los comunistas han logrado o van a camino de lograr poderes dictatoriales. Esto no significa que el comunismo se haya implantado en todas partes ni que vaya a implantarse. Aquellos pueblos están desgarrados por la guerra y requieren un [...] gobierno”.³⁸⁵

As colocações de Churchill ainda não referiam ao imaginário específico do termo por ele criado “cortina de ferro”, mas indicavam a trama comunista como adversária da liberdade, da democracia e do “jogo limpo”:

“la democracia está atravesando por una prueba, más grave que ninguna de las pruebas pasadas, y tenemos que sostenerla con todo nuestro ánimo, toda nuestra vigilancia, toda nuestra forza incansable e inextinguible. Demos continuamente en nuestra política extranjera la nota de libertad y el juego limpio”.³⁸⁶

A imagem constituída em relação ao estereótipo da *ameaça comunista* foi adquirindo características mais peculiares com a passar do ano de 1946. A “cortina de ferro” já havia sido proclamada por Churchill e os atos expansionistas dos soviéticos e suas formas de dominação eram descritas com mais detalhes. Tal o caso da resenha publicada no final daquele ano: “*frente al problema de la Unión Soviética*”.³⁸⁷ A condensação era extensa e visava narrar para os leitores a própria história da formação do povo russo ao longo de sua existência enquanto seres humanos. A narrativa partia da baixa Idade Média onde os povos eslavos eram os senhores da região e chegava aos dias da guerra fria através da elaboração de pequenos tópicos com assuntos específicos. A imaginação do passado “bárbaro” dos russos exigia a admissão de sua religiosidade de caráter cristão e sua forma

³⁸⁵ APUD: Lanius, Charles. Yo vi a los rusos em Bulgária. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, janeiro de 1946, p.69.

³⁸⁶ Idem, op.cit, p.69.

³⁸⁷ Bullitt, William G. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, novembro de 1946, p.87.

de governo naturalmente monárquico/dinástico. Entretanto, as influências *vindas de fora* trouxeram mudanças aos povos “bárbaros” da Rússia. Nas palavras de: William G. Bullitt

“la influencia mongólica ejerció fuerte presión en muchos aspectos de la cultura gubernamental y social rusa. El estado mongólico se funda en el principio de la sumisión [...] del individuo al clan o tribu, y por intermedio del clan al Estado. Tal principio fue apoderándose con el tiempo del espíritu del pueblo y lo condujo al servicio comunal obligatorio, que pesa sobre todas las clases de la sociedad. Consideradas en conjunto esas ideas equivalen a una forma peculiar del socialismo de Estado. También introdujeron los mongoles un concepto nuevo sobre el poder del señor. El poder del kan era [...] autocrático y exigía sumisión incondicional. Este concepto de la autoridad del señor pasó a sus sucesores cuando terminó el gobierno de kan”.³⁸⁸

Sobre a influencia da invasão mongol na religião russa, Bullitt destacava:

“la conquista mongólica afectó a la Iglesia rusa nó menos que al Estado. El cristianismo había sido introducido en Rusia desde época remota. En el año de 987, Vladimir, gran duque de Kiev, que era pagano, [...] escogió para su pueblo la Iglesia Ortodoxa griega, [...] Los kanes mongólicos no intentaron en modo alguno destruir la nueva iglesia; al contrario, hicieron sus patronos y garantizaron los derechos e integridad de las propiedades de aquella”.³⁸⁹

A introdução de elementos asiáticos mongóis ao culto cristão ortodoxo russo era, segundo Bullitt, a origem da idéia messiânica de que era necessário fazer da Rússia a “terceira Roma” numa clara alusão ao poder de dominação e expansão exercido pelos romanos no passado. Conforme o articulista:

“cuando la toma de Constantinopla por los turcos, en 1453, y la destrucción del Imperio Romano del Oriente, el gran duque de Moscovia, Ivan III, empezó a propagar la creencia de que él era el sucesor de Constantino, único protector legítimo de la Iglesia Ortodoxa, y que Moscú había venido a ser ‘la tercera Roma’. [...] De aquí nació la creencia rusa de que ‘Moscú es la tercera Roma’ y que es de Moscú de donde salen la luz y la fuerza que han de encaminar a la humanidad hacia el bien y la

³⁸⁸ Frente al problema de la Unión Soviética. IN: Selecciones del Reader’s Digest, novembro de 1946, p.90.

³⁸⁹ *Idem, op.cit, p.90/91.*

virtud. Así los rusos, [...], se sintieron penetrados por la idea de que ellos eran el instrumento escogido por Dios para la salvación del mundo”.³⁹⁰

A percepção de que a revolução soviética ainda possuía os traços “messiânicos” era descrita por Bullitt:

“los problemas objetivos que había de resolver Lenin crecían en proporciones estupendas, dado su convencimiento de que la humanidad sólo encontraría la salvación en el comunismo, y de que su misión no era solamente establecer ese sistema en Rusia, sino también extender sus bendiciones al mundo entero. De allí que como fines inmediatos no buscaba tan sólo el afianzamiento del gobierno soviético en su país, sino que tratara al propio tiempo de fomentar la revolución”.³⁹¹

A época de Stalin, conforme a narrativa do autor, assumiu muitos aspectos do passado russo, em especial a idéia de que havia que expandir as fronteiras da dominação soviética não só na Europa e que o comunismo era a “salvação” para os problemas do mundo. Conforme destacava Bullitt: *“puesto que el plan final del gobierno soviético es la conquista del mundo para el comunismo, na hay nación alguna que se halle fuera del radio se sus ambiciones”*.³⁹²

A ascensão de Stalin ao poder também não serviu para uma modificação na sociedade. O líder político assumiu o poder de forma ditatorial e se mostrava disposto a “dominar o mundo” utilizando quaisquer meios para tanto. Na percepção de Bullitt:

“sobre la base de la ocupación por el ejército rojo, o del control desde Moscú de innumerables gobiernos títeres, el soviét inició esfuerzos agresivos para sumeter a su dominación total los países de Estonia, Latvia, Lituania, Polonia, Rumania, Bulgaria, Hungria, Yugoslavia, Albania, partes de Austria y Checoslovaquia, Alemania hasta el río Elba, la Manchuria y la Corea septentrional y empleó quinta columna a fin de preparar el terreno para la dominación de Francia, Italia, Grecia y otros países”.³⁹³

E prosseguia:

³⁹⁰ Bullitt, William G. Frente al problema de la Unión Soviética. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, novembro de 1946, p.91.

³⁹¹ Idem, op.cit, p.99.

³⁹² Idem, op.cit, p.117. O grifo é nosso.

³⁹³ Bullitt, William G. Frente al problema de la Unión Soviética. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, novembro de 1946, p.121.

“la actual política internacional del gobierno soviético se basa en la consideración militar de que necesita tiempo para consolidar su poderío en las inmensas regiones recién adquiridas y que en la actualidad domina; que debe capturar desde adentro, con la táctica del Caballo de Troya, los países de la Europa occidental, y que tiene que reconstruir su economía interna y asegurar la fabricación de bombas atómicas antes de aventurarse a los riesgos de una guerra con los Estados Unidos”.³⁹⁴

Para finalizar a extensa resenha, Bullitt declarava:

“quien se empeñara en juzgar la política soviética a la luz de esa estrategia y táctica a corto plazo, llegaría a las conclusiones más estafalarias. Pero no hay misterio alguno en esa política. [...] La meta que ella tiene es invariable [...] establecer la dictadura comunista en el mundo entero. [...] De ahí que a Stalin no se le puede apaciguar. Por eso el ‘gran proyecto’ del presidente Roosevelt estaba condenado al fracaso. Y por eso, para su propia conservación, los Estados Unidos deben afrontar la desagradable verdad de que Stalin, lo mismo que Hitler, no se detendrá, sino que necesita ser detenido”.³⁹⁵

A “tirania comunista” associada a imagem de Hitler e toda a significação negativa constituída em relação ao estereótipo do nazismo, que analisamos aqui no capítulo 4, tinha o seu sentido consubstanciado com a equiparação a outras categorias de conceituação. Para tanto, o articulista imaginava o passado dos russos dando ênfase às “influências mongólicas” de sua organização política, social e religiosa. O “sistema de organização” mongol, segundo Bullitt, era uma “espécie de socialismo” porque se baseava em pressupostos de serventia e subserviência do indivíduo ao poder do Estado. A dominação mongólica também deixou “marcas” na religiosidade ortodoxa russa. A “interação” religiosa, segundo o articulista, deu origem a idéia de que os russos eram os “escolhidos” para “salvar” a humanidade. A revolução russa, por sua vez, na visão de Bullitt, era “herdeira” do passado mongol e de suas influências “messiânicas” de “salvação”. O “complô” dos comunistas tinha um objetivo mais amplo do que os limites geográficos russos; sua escala era global. A “Era” de Stalin deu seguimento aos “ideais” comunistas de expansão e estava construindo uma “rede” de países sob a sua dominação. A imaginação de Bullitt sugeria uma equivalência entre o regime nazista e o comunismo soviético e colocava

³⁹⁴ Idem, op.cit, p.121. Os grifos são nossos.

³⁹⁵ Idem, op.cit, p.121.

os Estados Unidos na obrigação de combatê-lo. O “remédio” contra o “mal” comunista deveria ser o mesmo que foi aplicado ao nazismo.

A participação de intelectuais antes simpáticos ou adeptos do regime comunista teve destaque na constituição do estereótipo da *ameaça externa*. Tal qual o caso de Max Eastman, defensor do socialismo na década de 1930 que apresentava aos leitores de *Selecciones*, no após guerra, o resumo de uma obra: “los catorce millones de esclavos del soviet”.³⁹⁶ Na percepção do autor:

“uno de los acontecimientos más asombrosos y repulsivos de nuestro tiempo es el restablecimiento de la esclavitud en la Rusia soviética. *Hitler trató de resucitar el antiguo sistema romano que hacía siervos a los extranjeros y a los individuos de razas consideradas ‘inferiores’*. *Stalin, que no cree en desigualdades sociales, ha esclavizado a sus propios conciudadanos, así como a los naturales de otros países, en una escala que hasta hoy no había registrado nunca la historia*. En el império que la Unión Soviética tiene sometido a trabajos forzados hay actualmente catorce millones de esclavos”.³⁹⁷

E mais:

“este sistema de esclavitud desvanece la presuntuosa afirmación de que la propiedad totalitaria ha resuelto el problema del desempleo. Hay más trabajadores permanentemente esclavizados en la Unión Soviética que hubo nunca obreros temporalmente desempleados en los Estados Unidos durante el peor año de la depresión. En alguns campamentos, los esclavos viven en condiciones peores de las que soportaran los hombres de la edad de piedra”.³⁹⁸

E prosseguia, voltando a associações com o nazismo e demonstrando que o caso do comunismo se tratava de um “mal maior”. Conforme Eastman:

³⁹⁶ *Selecciones del Reader's Digest*, junho de 1947, p.87. Na nota introdutória, os editores do Digest informavam: “esta condensación del libro, *Nothing But Their Chains*, de David J. Dallin y Boris Nicolaevsky, que editará la Yale University Press, se ha complementado con relatos de testigos presenciales (polacos libertados de la servidumbre en virtud del convenio Stalin-Sikorski); informes rendidos por exfuncionarios de la policía soviética y otros empleados de las oficinas administrativas de los campamentos de esclavos, y numerosas notas de la prensa rusa”, op.cit, p.87.

³⁹⁷ Eastman, Max. Los catorce millones de esclavos del soviet. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, junho de 1947, p.87. Os grifos são nossos.

³⁹⁸ Eastman, Max. P.88.

“sin embargo, en millares de casos, los alemanes mantuvieron sus prisioneros en grupos de familia. Pero en Rusia es regla general, aún tratándose de deportaciones en masa, que maridos y mujeres queden separados, distantes e imposibilitados de comunicarse. Con frecuencia se aplica esa misma regla a padres e hijos. El grado de la crueldad varía según la época y los lugares, pero las disposiciones que regulan la vida en los campamentos son iguales dondequiera. Porque el propósito principal de la institución es castigar y exterminar a los enemigos de la dictadura”.³⁹⁹

A imagem do “russo cruel e exterminador”, uma “criatura” de certa maneira “pior” do que os nazistas era, ainda, desconhecedor dos direitos individuais e “inalienáveis” dos seres humanos. Segundo descrevia Eastman:

“legalmente, toda condena a esos campanetos es por tempo limitado Pero el MVD no reconoce ley. Sus sentencias pueden prolongarse y también imponerse por orden administrativa, que es lo general. Se calcula que sólo el cinco por ciento de los condenados a los campos han salido de ellos. Es un misterio que esta práctica monstruosa haya pasado poco menos que inadvertida por la prensa mundial”.⁴⁰⁰

A “injustiça”, a “crueldade” e as maneiras “desumanas” com que os comunistas tratavam os seus “escravos” era mantida em silêncio devido a um motivo especial: “*para ocultar estos hechos es que ha descendido la ‘cortina de hierro’*”.⁴⁰¹

A descrição do que acontecia a um país que estava sujeito a dominação soviética era feita aos leitores de *Selecciones* por Albert Kalwe. Nas palavras do autor:

“ ¿Que le sucede a un pueblo que llega a ser absorbido por la Unión Soviética? Nosotros, los ciudadanos de Latvia, podemos dar la respuesta de esa pregunta. Al lado de Estonia y Lituania, nuestras vecinas bálticas, luchamos en la primera guerra mundial contra el imperialismo germano y después contra la Rusia recién bolchevizada. Ganamos nuestra independencia, fuimos reconocidos por todas las potencias, ocupamos puesto en la Liga de las Naciones y permanecemos libres hasta el mes de junio de 1940 cuando Vyacheslav Molotov con inaudito cinismo acusó a las tres pequeñas vecinas de Rusia de abrigar designios contra la gran Unión Soviética”.⁴⁰²

³⁹⁹ Eastman, Max. P.90.

⁴⁰⁰ Eastman, Max. P.91.

⁴⁰¹ Eastman, Max. Los catorce millones de esclavos del soviet. IN: *Selecciones del Reader’s Digest*, junho de 1947, p.93. O grifo é nosso.

⁴⁰² El terror soviético en el Báltico. IN: *Selecciones del Reader’s Digest*, fevereiro de 1949, p.71.

A acusação feita pelo Ministro Molotov as nações bálticas foi suficiente para que a Rússia invadisse aquelas regiões. A descrição de Kalwe dava conta que:

“incendiando y pillando en su camino, el ejército rojo se puso en marcha contra los tres desvalidos países del Báltico. Nuestras libertades fueran arrebatadas. Han corrido ya ocho años; ocho años de sufrimientos bajo la tiranía soviética, primero; luego bajo la tiranía nazi, y otra vez bajo la tiranía rusa. Ahora somos los países olvidados de Europa”.⁴⁰³

O resultado da dominação soviética era imaginado aos leitores. Conforme o articulista:

*“todos los valores culturales gratos al pueblo por tradición y por costumbre –la lengua patria, la literatura, la religión, el concepto de justicia- van siendo borrados. Las personas desaparecen [...] toda la formula religiosa ha sido aplastada. Las ceremonias en los cementerios están prohibidas, como prohibidos están los periódicos religiosos, los catecismos y los libros de devoción”.*⁴⁰⁴

E prosseguia:

“los seminarios teológicos han sido cerrados, y disueltos los monasterios y las sociedades religiosas. Se halla prohibida la enseñanza de la religión en escuelas y iglesias. Todas las propiedades eclesiásticas, inclusive las iglesias, fueron confiscadas. [...]. Al iniciarse la ocupación soviética se hizo comparecer a todos los clérigos a las oficinas de la MVD y se les exigió servir de informadores de la policía o renunciar a lo apostolado”.⁴⁰⁵

O aspecto ateu do comunismo e sua perseguição a religião e aos religiosos não era o único a ser pesado. A educação, segundo Kalwe, também passava por um processo de “sovietização” e se orientava para a formação de uma mentalidade específica com ênfase para alguns pontos:

⁴⁰³ Idem, op.cit, p.71

⁴⁰⁴ Kalwen, Albert. El terror soviético en el Báltico. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, fevereiro de 1949, p.73. Os grifos são nossos.

⁴⁰⁵ Kalwen, Albert. El terror soviético en el Báltico. IN: *Selecciones del Reader's Digest*, fevereiro de 1949, p.73.

“la educación ha sido completamente soviétizada en las naciones del Báltico. Como primer paso se llevó a cabo el arresto de los maestros considerados como ‘políticamente indignos de confianza’. De ellos, centenares fueron pasados por las armas o destinados a camos de trabajos forzados. [...] No pueden faltar como decoración de las paredes de toda escuela grandes retratos de Marx, Lenin y Stalin, y el niño debe aprender que vive gracias a la generosidad de Stalin. Todas las lecciones deben tender a encomiar la lucha de clases con mira al triunfo final del proletariado”.⁴⁰⁶

A economia das populações invadidas pelos comunistas também sofriram.

Na descrição do autor:

“en 1940 principió la expropiación de la propiedad privada. Las fábricas, los talleres, las empresas de transportes, los bancos, todo pasó al dominio del Estado; a los artesanos se les despojó de sus herramientas y a los depositantes de sus dineros. Hasta las casas y residencias de determinado tamaño fueron objeto de la expropiación. [...] Vino en seguida la inevitable soviétización de nuestras normas de vida. Los incentivos para trabajar [...] fueron estrangulados. La paralización económica sobrevino como consecuencia , y ahora nuestra tierra, [...] es una área de pobreza y degeneración”.

A expansão comunista não estava limitada às áreas da Europa ocupadas antes e após a Segunda Guerra Mundial. A região da Ásia, onde desde a década de 1930 a influência fora exercida pelos japoneses, também foram palco da disputa entre norte-americanos e soviéticos. Tal como argumentava William Bullin. Para o autor:

“desde 1920 los jefes soviéticos nó han guardado reservas sobre su intención de añadir todo el continente asiático al imperio comunista. No será fácil hacerles desistir de aquel propósito. Además, la invasión de Corea, es indudable que lanzarán ataques en otros pontos. El objetivo de Stalin es conquistar los grandes [...] estados que se extienden desde la Corea y el Japón, a través de Formosa, las Filipinas, Indochina, Malaca, Siam y Birmania hasta la India”.⁴⁰⁷

A ameaça de uma dominação comunista estava pondo em perigo o inimigo japonês. Nas palavras de Bullin:

⁴⁰⁶ Idem, op.cit, p.73/74. Os grifos são nossos.

⁴⁰⁷ Po que hay que detener a Stalin en Ásia. IN: Selecciones del Reader’s Digest, outubro de 1950, p.67. Os grifos são nossos.

“mientras el General McArthur continúe en Tóquio puede contarse con que su habilidad y su prestigio impedirán a los japoneses desviarse hasta la órbita comunista. Pero si se permite que los comunistas rompan uno por uno los otros eslabones de la cadena asiática, la situación económica del Japón será desesperada. La amenaza militar al Japón aumentará también en vastas proporciones si se permite a los comunistas apoderarse de estratégica isla de Formosa”.⁴⁰⁸

E mais:

“en manos de los comunistas, Formosa serviría de base para infiltraciones constantes en las Filipinas y para embarque nocturno de suministros militares [...] a los comunistas. [...] En Indochina, y bajo la dirección de un discípulo de Stalin, Ho Chi Min, los comunistas están avanzando en guerra abierta. La Unión Soviética reconoció a Ho Chi Min y sus compañeros como gobierno legítimo de Indochina. Los Estados Unidos e Inglaterra han reconocido al gobierno de Viet Nam [...], en Indochina, como en Corea, los aliados occidentales y la Unión Soviética se encuentran en bandos opuestos que rigen cruda guerra. Esta guerra puede decidir el destino de toda gran zona mencionada”.⁴⁰⁹

A possibilidade de uma expansão comunista ainda maior não podia ser descartada. Segundo Bullin:

“Birmania está expuesta al ataque desde Siam, Indochina y China. Hoy día hay fuerzas comunistas chinas a lo largo de su frontera norte. El camino de Birmania, que fue la ruta de aprovisionamiento de los aliados durante parte de la segunda guerra mundial, podría convertirse ahora en la ruta de aprovisionamiento de los comunistas de Birmania”.⁴¹⁰

Enfatizando a equivalência entre o regime comunista, a liderança de Stalin e os planos de uma “dominação mundial” Bullin lançava um questionamento, e uma resposta: “¿Bastará la conquista del Asia entera a satisfacer las ambiciones comunistas? No. El objetivo de Stalin es conquistar el mundo”.⁴¹¹

⁴⁰⁸ Idem, op.cit, p.67. Os grifos são nossos.

⁴⁰⁹ Idem, op.cit, p.68. Os grifos são nossos.

⁴¹⁰ Por que se debe detener a Stalin en Asia. Selecciones del Reader's Digest, outubro de 1950, p.68.

⁴¹¹ Idem, op.cit, p.71. Os grifos são nossos.

5.3 Inferências parciais.

A constituição do estereótipo do comunismo nas matérias de *Selecciones* foi um processo marcado pela associação permanente do antípoda a termos pejorativos e expressões de cunho negativo. Os articulistas da revista imaginaram, de maneira constante, um “complô” comunista que visava à dominação do mundo inteiro. A imagem do estereótipo veiculada em *Selecciones* entre dezembro de 1940 e o final de 1941, como vimos na segunda parte deste capítulo, foi sempre negativa tal qual a do nazismo. A “aliança” dos russos com os aliados na luta contra o Eixo durante a Segunda Guerra Mundial não foi mencionada por *Selecciones*. O periódico se valeu do silêncio em relação à imagem do estereótipo do comunismo durante o período 1942/1945. A Rússia nunca foi representada como aliada em *Selecciones*.

Após o fim da 2ª. Guerra, o estereótipo do comunismo voltou a figurar nas páginas de *Selecciones*, quebrando um silêncio de três anos. A sua imagem mantinha os aspectos negativos a ela atribuídos pelos articulistas durante 1940/1941: o comunismo era um “complô” para a dominação mundial. E mais: o “perigo vermelho” era imaginado como uma “ameaça” aos demais países. Nessa perspectiva, o estereótipo do comunismo tinha um potencial de atuação muito amplo porque “ameaçava” de modo simultâneo os países da Ásia, da Europa e do Continente Americano. A imagem do “complô” soviético “atuando” através da invasão do exército vermelho ou das atividades “subversivas” da “quinta coluna” era um “mal” a ser combatido através da união dos povos “democráticos” e/ou capitalistas.

Considerações Finais

Buscamos, ao longo dos capítulos 2, 3, 4 e 5 salientar que as construções lógico-discursivas veiculadas na revista *Selecciones del Reader's Digest* entre dezembro de 1940 e dezembro de 1950 colaboraram na constituição do sentido incorporado aos estereótipos do *american way of life* a partir de associações a aspectos relativos a “civilização” ou “natureza”.

Além disso, conforme tentamos destacar no capítulo 2, as concepções que percebiam os “latinos” como “atrasados” ao longo da historiografia norte-americana foram re-significadas no sentido de enfatizar os aspectos “bons” daquele estereótipo devido aos interesses dos Estados Unidos na obtenção de apoio das repúblicas ibero-americanas na luta contra a ameaça externa então personificada nos países do Eixo. Para tanto, as matérias de *Selecciones* entre 1940 e 1950, apesar de dar destaque a alguns pontos negativos relativos a geografia da região, enfatizavam os aspectos positivos e comuns que existiam entre os habitantes do continente sob a égide do “pan-americanismo” e da política da “boa vizinhança”. Naquele contexto, o *american way of life* era apresentado como acessível a todos os bons vizinhos a partir da importância e significação dada a democracia e as “liberdades”: de culto, de associação, de expressão, além das alegadas benesses de uma sociedade de abundância e consumo. Assim, na medida em que os ibero-americanos assimilavam as implicações e responsabilidades de um governo democrático eles eram associados a elementos pertencentes a categoria de *civilização*, em total oposição a *natureza*. Cabe destacar que não se tratava de apontar as nações “latinas” como civilizadas, mas, sim de apresentar os seus “progressos” em direção àquela a partir de sua democratização. O mito político da democracia foi o grande elemento de penetração do *american way of life*, e foi apontada por *Selecciones* como a alternativa a *ameaça externa* nazista, num primeiro momento e, posteriormente, contra o comunismo. Cabe registrar, ainda, que o caso dos “latinos” não houve um período onde a sua imagem foi associada a aspectos da natureza face as questões políticas da época.

O caso do estereótipo da *ameaça externa* nipônica foi um processo onde as re-significações ficaram mais visíveis do que em relação aos ibero-americanos. O período entre dezembro de 1940 e dezembro de 1945, conforme tentamos evidenciar, marcou a época onde o estereótipo do japonismo foi imaginado como a *ameaça externa* a ser enfrentada. A potencialidade daquela ameaça, que estava mancomunada com os nazistas

em uma “conspiração” desde 1940, deveria motivar a união entre os “povos americanos” para a manutenção de suas liberdades. As descrições do inimigo “cruel”, “traíçoeiro” e que não respeitava os direitos alheios em sua tentativa expandir a sua dominação tornava aquele estereótipo próprio da categoria de *natureza* e, por conseguinte, em oposição a *civilização* significada na aliança dos países aliados. A aliança para derrotar o antípoda japonês incluiu tanto a “americanos” do Norte e do Sul quanto a soviéticos e outros europeus, além de elementos de outras regiões do globo. A liderança da “cruzada” coube aos Estados Unidos, que era apresentado como a liderança natural face ao seu “predestinado” fardo de “guia da humanidade” e como única potência capaz de decidir a favor dos aliados. Tentamos destacar que, após 1945, houve uma significativa modificação na forma de *Selecciones del Reader's Digest* imaginar o estereótipo do japonismo, que deixou de representar o inimigo e passou a categoria de aliado do *american way of life* e sob a proteção desse em relação a ameaça externa da dominação *comunista* na Ásia. Consideramos essa transmutação no sentido do antípoda japonês para o do comunista uma evidência da necessidade do *american way of life* em criar inimigos que simbolizem de alguma maneira e em diferentes níveis de intensidade uma ameaça para a sua preservação a partir do ponto de vista imaginado por *Selecciones*.

A *ameaça* da dominação nazista, conforme tentamos evidenciar, também teve sua significação no período anterior ao início da Segunda Guerra Mundial e se pautou por associações aos aspectos negativos, “bárbaros” e “não-civilizados” durante o conflito mundial. O aliado soviético foi de grande ajuda na derrota da “conspiração nazista”, ainda que a sua colaboração tenha sido omitida por *Selecciones*. Buscamos destacar que no pós-guerra, o estereótipo do nazismo deixou de significar e, em caso muito semelhante ao do antípoda do japonês, passou a ser imaginado como “bom” na medida em que o antigo aliado, os soviéticos, passaram a constituir a *ameaça externa* comunista a ser temida e combatida. No caso do nazismo o mito de que a democracia era a garantia das liberdades e caminho para a *civilização* também se aplicou com os resultados positivos sendo exaltados por *Selecciones*. O inimigo nazista dos tempos da guerra se tornou o “alemão que mais temem os russos”. Após 1945, os alemães passaram a ser vítimas da expansão comunista na Europa e obtiveram nas “nações democráticas” um apoio fundamental no seu processo de

reintegração na comunidade mundial partidária do liberalismo capitalista e contrária ao socialismo comunista.

O comunismo foi o maior antípoda enfrentado pelo *american way of life* entre 1940 e 1950, e *Selecciones* seguiu essa percepção. Nem os “desmandos” governamentais dos “latinos”, a tirania nazista ou o imperialismo japonês significou tanto quanto o “perigo vermelho”. A idéia comunista de acabar com a “propriedade privada dos meios de produção”, a “coletivização” das propriedades agrícolas e a “mistura” de elementos religiosos ou até mesmo o paganismo comunista que via na religião o “ópio do povo” constituiu um sentido “nefasto” ao *soviet way of life*. O mito norte-americano que via na democracia a garantia das liberdades individuais e caminho para uma sociedade de abundância e consumo se viu ante a um antípoda que propunha, diametralmente, o contrário de tudo aquilo que se considerava “certo” e “desejável”. Nesse sentido tentamos evidenciar que a significação negativa própria do estereótipo do comunista estava presente antes do início da Segunda Guerra Mundial, que o período de aliança com os comunistas durante o conflito mundial na luta contra o nazismo e o expansionismo japonês foi silenciado e não existem em *Selecciones* mensagens que façam alusão ao caso. E mais: buscamos salientar que após o fim da Segunda Guerra Mundial a ocorrência de matérias que retratavam os “males do comunismo” retomou a sua incidência e a sua quantidade aumentou de modo significativo até dezembro de 1950.

Além disso, tentamos enfatizar que as mensagens de *Selecciones* imaginaram a ameaça comunista projetada contra todos os demais casos aqui analisados colocando-os sob a guarda do poder de polícia dos Estados Unidos. O comunismo era “selvagem” a ponto de propor o fim do capitalismo e da democracia, ele propunha um retorno a um estágio mais “primitivo” onde o seu “paganismo” e o fito de acabar com a propriedade privada assemelhavam-o aos indígenas. A “ameaça vermelha” do comunismo lembrava, em muitos aspectos, os “peles vermelhas” que ameaçaram os colonizadores da nação norte-americana e sua tentativa de construir um “Novo Mundo”. Os mitos e os estereótipos foram re-significados conforme o contexto, mas a sua co-existência jamais deixou de existir porque necessária e complementar.

A constituição de estereótipos para o *american way of life* pelos articulistas de *Selecciones* foi um processo constante entre 1940/50. Nesse período, *Selecciones*

veiculou as imagens dos estereótipos dos “latinos”, dos “maus” e dos “bons” japoneses e alemães, e, principalmente, do grande antípoda: o comunismo. Em todos os casos, conforme buscamos destacar, os aspectos contextuais foram de suma importância tanto para as significações quanto para as reconstituições dos sentidos incorporados aos estereótipos. Nessa perspectiva, a hipótese que orientou este trabalho deve ser confirmada.

Além das considerações pertinentes ao processo de constituição dos estereótipos que apresentamos até o momento desejamos, ainda, considerar outros aspectos significativos que tratamos ao longo deste trabalho. São eles: a) o mito; b) o imaginário; c) o imperialismo.

Nesse sentido, e em relação ao mito, é necessário reafirmar as suas particularidades especialmente no que diz respeito ao seu poder de mobilização de sentidos e sua inter-relação com o imaginário. O mito político do *american way of life* foi constituído, imaginado em termos de significado. Os estereótipos, como vimos de modo mais detalhado ao longo desta pesquisa, também passaram pelo processo de significação e em alguns casos, houve mutações em seu sentidos que estavam ligadas ao contexto social e histórico da época. É necessário destacar que, o *locus* onde se dava o processo de constituição do significado dos contrários do mito do *american way of life*, era o imaginário. Assim, as descrições dos antípodas que foram veiculadas na revista *Selecciones del Reader's Digest*, entre 1940 e 1950, constituíram o imaginário através da mobilização dos sentidos contidos nas palavras e expressões as quais foram associados os vários estereótipos que analisamos neste trabalho.

Em relação ao imperialismo, vale lembrar, que o termo pressupõe a existência de relações de poder em vários níveis, político, econômico, cultural. Além disso, é necessário enfatizar que o imperialismo na história norte-americana tem sido uma constante como orientação política e em alguns casos envolveu a utilização da força militar no sentido de “proteger” os interesses dos Estados Unidos. Vale o registro de que a mobilização de força militar pode estar presente em alguns momentos da longa história do imperialismo, mas não é uma condição *sine qua non* para tanto. O alegado caráter “atrasado” atribuído durante muito tempo aos povos ibero-americanos serviu, em determinadas ocasiões, como justificativa para a ampliação territorial e econômica dos norte-americanos. Além disso, o imaginário do imperialismo alude, como vimos, a época

do destino manifesto e sua concepção de melhorar socialmente outras regiões além dos territórios próprios através da ação da força humana para sobrepujar a *natureza* e, assim, levar àquele lugar ou povo a *civilização*.

Vale lembrar, ainda, que a revista *Selecciones del Reader's Digest* não foi o único meio de comunicação envolvido na constituição dos estereótipos do *american way of life*, mas a sua participação foi significativa no processo. Cabe destacar, também, que a revista *Selecciones* representa uma valiosa fonte de pesquisa porque permite uma série de tipos de estudos especialmente àqueles ligados a política, história contemporânea e a história através da imprensa.

Referências Bibliográficas

ADAMS, Willi Paul. Los Estados Unidos de América. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 1984.

AGUILAR, Alonso. Pan-Americanism. From Monroe to the Present: a view from the other side by Alonso Aguilar. New York: Montly Review Press, 1968.

ALLEN, Frederick Lewis. The Big Change. America transforms Itself 1900-1950. New York: Bantam Books, 1952.

ANDERSON, William K. (Org.) Espírito e mensagem do protestantismo. São Paulo: Editora Imprensa Metodista, 1953.

AYERBE, Luís Fernando. A Re-invenção da Doutrina de Monroe. IN: Anuário de Integración Latiamericana y Caribeña. La habana/Cuba: REDIALC, 2004.

BARROS, Edgar Luiz de. A guerra fria. A aliança entre russos e americanos. São Paulo: Atual, 1986.

BRADBURY, Malcon. & TEMPERLEY, Howard. Introdução aos estudos americanos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [s.d].

CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

COELHO, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COLBY, Gerard & DENNETT, Charlote. Seja feita a Vossa Vontade: Nélon Rockefeller e o evangelismo na Idade do petróleo. Rio de Janeiro: Record, 1998.

DUROSELLE, Jean Baptiste. Política exterior de los Estados Unidos. De *Wilson* a *Roosevelt*: 1913-1945. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura econômica, 1965.

EMERY, Edwin. História da imprensa nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

ENGELHARDT, Tom. El fin de la cultura de la Victoria. Estados Unidos, la guerra fría y el desencanto de una generación. Barcelona: Paidós, 1997.

FERRES Jr., João. A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

FREIDER, Frank. In: Miller, William. Nova História dos Estados Unidos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962.

GIRARDET, Raoul. Mitos e mitologias políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HAYES, Margaret Daly. Latin America and the U.S. National Interest. A basis for U.S. Foreign Policy. Colorado: Westview Press, 1984.

HENDENRY, John. Theirs was the kingdom. Lila and DeWitt Wallace and the story of the Reader's Digest. New York: W.W. Norton & Company, 1993.

IRIYE, Akira. Power and Culture. The Japanese-American war, 1941-1945. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 1981.

JULIEN, Claude. O Império Americano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Ao Sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções, Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções. IN: Revista Brasileira de História, v.21, n.42, São Paulo, 2001.

LOEWENHEIM, Francis L. (Org.) História e Diplomacia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MARTINÉZ, Ricardo A., El Panamericanismo, doctrina y práctica imperialista. Sem editora: Buenos Aires, 1957.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. América Latina – Interpretações da origem do imperialismo norte-americano. P.185. IN: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, São Paulo, PUCSP, n.51, julho/dezembro 2005, p. 167-188.

MENEZES, Albene Miriam F. Alemanha e Brasil: o Comércio de Compensação nos Anos de 30. IN: Brancato, Sandra M. L.& Menezes, Albene Miriam F. Anais do Simpósio Cone Sul no contexto internacional. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MESQUITA, Silvana de Queiroz Nery. A política cultural norte-americana no Brasil: o caso do OCIAA e o papel das Seleções Reader's Digest 1940-1946. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em História da UERJ, Rio de Janeiro, 2002.

MONTEIRO, Érica G. D. A guerra como slogan: visualizando o *Advertising Project* na propaganda comercial da *Revista Seleções do Reader's Digest* (1942-1945). Rio de Janeiro: dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

MORTON, Louis. A Guerra Fria e a cultura norte-americana. IN: Lowenheim, Francis L. História e Diplomacia. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MOURA, Aristóteles. Capitais estrangeiros no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1959.

OFFNER, Arnold A. The origins of the Second World War. American foreign policy and world politics, 1917-1941. New York: Praeger Publishers, 1975.

OLIVEIRA, Antonio Ramos. Historia social y política de Alemania, 1800-1950. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1952.

PARENTI, Michael. A cruzada anti-comunista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

PASSIN, Herbert. The United States and Japan. Englewood Cliffs/ New Jersey: Prentice-Hall Inc., s.d..

PERKINS, Dexter. A Diplomacia de uma Nova Era. Principais acontecimentos na política dos Estados Unidos desde 1945. Rio de Janeiro: Record, 1968.

PERRETT, Geoffrey. Days of sadness, years of triumph. The american people 1939-1945. Baltimore/Mariland: Penguin Books Inc., 1973.

PIKE, Frederick B. The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995.

PURDY, Sean. O século Americano. IN: Leandro Karnal... [et al]. História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

QUINTANERO, Tânia. Plantando nos campos do inimigo: japoneses no Brasil na Segunda Guerra Mundial. IN: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v.XXXII, n.2, p.155-169, dezembro de 2006.

REMOND, René. História dos Estados Unidos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

ROWLAND, Donald W. History of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs – Historical Report on War Administration. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1947.

SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.358.

SCHOULTZ, Lars. Estados Unidos: poder e submissão; uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: EDUSC, 2000.

STEPHANSON, Anders. Manifest Destiny: American expansionism and the empire of right. New York: Hill and Wang, 1995.

Syrett, Harold C. (Org.) Documentos Históricos dos Estados Unidos. São Paulo: Cultrix, s.d..

T. Fujitani, Geoffrey M. White, Lisa Yoneyama. Perilous memories: the Asia-Pacific War(s). Durham and London: Duke University Press, 2001.

Thompson, John. Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na Era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

Vladimirov, L. A Diplomacia do Dólar. A guerra Hispano-Americana de 1898. [s.l]: Vitória, 1960.

Ward, Robert E. The Legacy of the Occupation. IN: Passin, Herbert. The United States and Japan. Englewood Clifs/ New Jersey: Prentice-Hall Inc., s.d..

Woodward, C. Vann. Ensaios comparativos sobre a história americana. São Paulo: Cultrix, s.d, p.262-279.

Bibliografia

Adams, Willi Paul. Los Estados Unidos de América. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 1984.

Aguilar, Alonso. Pan-Americanism. From Monroe to the Present: a view from the other side by Alonso Aguilar. New York: Montly Review Press, 1968.

Allen, Frederick Lewis. The Big Change. America transforms Itself 1900-1950. New York: Bantam Books, 1952.

Alves, Júlia Falivene. A invasão cultural norte-americana. São Paulo: Moderna, 1988.

Ayerbe, Luís Fernando. A Re-invenção da Doutrina de Monroe. IN: Anuário de Integración Latiamericana y Caribeña. La habana/Cuba: REDIALC, 2004.

Bandeira, Moniz, A formação do império americano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Beghetto, Lorena. O pesadelo comunista ameaça o Ocidente: o anticomunismo nas *Revistas Seleções do Reader's Digest*, 1946-1960. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, setor de Ciências Humanas, Letras, Filosofia e Artes da Universidade Federal do Paraná, 2004. Exemplar mimeo.

Billington, Ray Allen. La expansion hacia el Oeste. Buenos Aires: Editora Bibliográfica Argentina, 1967.

Brancato, Sandra. A Política de Boa Vizinhança em Tempo de Guerra: a propaganda na *Revista Seleções do Reader's Digest* (1942-1945). IN: Revista da SBPH, Curitiba, n.16, p.51-70, 1999.

Brifte, Reinhard. Japans foreign policy. [s.l]: Royal Institute Press, 1990.

Brown, Michael B. La economia politica del imperialismo. São Paulo: Zahar, 1978.

Coelho, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

Colby, Gerard & Dennett, Charlotte. Seja feita a Vossa Vontade: Néelson Rockefeller e o evangelismo na Idade do petróleo. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Dalmáz, Mateus. As imagens de Hitler e da Alemanha na Revista do Globo. Porto Alegre, EDIPURS, 2002.

- De Cicco, Cláudio. Hollywood na cultura brasileira. São Paulo: Convívio, 1979.
- Durant, G. Estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Durossele, Jean-Baptiste. Política exterior de los Estados Unidos. De *Wilson a Roosevelt: 1913-1945*. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura econômica, 1965.
- Emery, Edwin. História da imprensa nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.
- Engelhardt, Tom. El fin de la cultura de la Victoria. Estados Unidos, la guerra fría y el desencanto de una generación. Barcelona: Paidós, 1997.
- Feres Jr., João. A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- Freider, Frank. In: Miller, William. Nova História dos Estados Unidos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1962.
- Girardet, Raoul. Mitos e mitologias políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- Harknes, Georgia. Calvino e sua Tradição. IN: Anderson, William K. (Org.) Espírito e mensagem do protestantismo. São Paulo: Editora Imprensa Metodista, 1953, p.99/114.
- Hayes, Margaret Daly. Latin America and the U.S. National Interest. A basis for U.S. Foreign Policy. Colorado: Westview Press, 1984.
- Heidenry, John. Theirs Was The Kingdom. Lila and DeWitt Wallace and the Story of the Reader’s Digest. W.W. Norton & Company: New York, 1996.
- Iriye, Akira. Power and Culture. The Japanese-American war, 1941-1945. Cambridge, Massachusetts.
- Junqueira, Mary Anne. Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em *Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970*. Bauru/SP: EDUSF, 2000.
- Junqueira, Mary Anne. Representações políticas do território latino-americano na Revista *Seleções*. IN: Revista Brasileira de História, São Paulo, v.21, n.42, p.323-342, 2001.
- Lens, Sidney. A fabricação do império americano. Da Revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- Lewinsohn, Richard. Trustes e Cartéis. Suas origens e influências na economia mundial. Porto Alegre: Editora da Livraria do Globo, 1945.
- Loewenheim, Francis L. Um Legado de Esperança e um Legado de Dúvida: Reflexões sobre o Papel da História e dos Historiadores na Política Externa Norte-Americana desde o

século XVIII. IN: Loewenheim, Francis L. (Org.) História e Diplomacia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

Magdoff, Harry. A Era do Imperialismo. A Economia da Política Externa dos Estados Unidos. São Paulo: Hucitec, 1978.

Martínez, Ricardo A., El Panamericanismo, doctrina y práctica imperialista. Sem editora: Buenos Aires, 1957.

Maxon, Yale Candee. Control of Japanese foreign policy. Austin: Califórnia University Press, 1957.

Mendes, Ricardo Antonio Souza. América latina –Interpretações da origem do imperialismo norte-americano. P.185. IN: Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, São Paulo, PUCSP, n.51, julho/dezembro 2005, p. 167-188.

Menezes, Albene Miriam F. Alemanha e Brasil: o Comércio de Compensação nos Anos de 30. IN: Brancato, Sandra M. L.& Menezes, Albene Miriam F. Anais do Simpósio Cone Sul no contexto internacional. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

Meneguello, Cristina. Poeira de estrelas. O cinema hollywoodiano na mídia brasileira nas décadas de 40 e 50. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1996.

Mesquita, Silvana de Queiroz Nery. A política cultural norte-americana no Brasil: o caso do OCIAA e o papel das Seleções Reader's Digest 1940-1946. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em História da UERJ, Rio de Janeiro, 2002, p.116. Exemplar mimeo.

Monteiro, Érica G.D. A Guerra como slogan: Visualizando o *Advertising Project* na propaganda comercial da Revista *Seleções do Reader's Digest* (1942-1945). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, março de 2006. Exemplar mimeo.

Moura, Aristóteles. Capitais estrangeiros no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1959.

Moura, Gérson. O Tio Sam chega ao Brasil. A penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Offner, Arnold A. The origins of the Second World War. American foreign policy and world politics, 1917-1941. New York: Praeger Publishers, 1975.

Paterson, J.H. Terra, Trabalho e Recursos. Uma introdução à Geografia Econômica. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

Perkins, Dexter. A Diplomacia de uma Nova Era. Principais acontecimentos na política dos Estados Unidos desde 1945. Rio de Janeiro: Record, 1968.

Perrett, Geoffrey. Days of sadness, years of triumph. The american people 1939-1945. Baltimore/Mariland: Penguin Books Inc., 1973.

Pike, Frederick B. The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature. University of Texas Press, Austin/Texas: 1995.

Powdermaker, Hortense. Hollywood: El mundo del cine visto por una antropologa. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1955.

Quintanero, Tânia. Plantando nos campos do inimigo: japoneses no Brasil na Segunda Guerra Mundial. **IN:** Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v.XXXII, n.2, p.155-169, dezembro de 2006.

Raad, Lenita Jacira Farias. A Revista Seleções do Reader's Digest e as campanhas de controle demográfico no interior da Guerra Fria. **IN:** Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, UFSC/Gráfica Universitária, n.11, p.167-176, 2004.

Raphael, Ray. Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos. A verdadeira história da independência norte-americana. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

Remond, René. História dos Estados Unidos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

Rowland, Donald W. History of the Office of The Coordinator Of Inter-American Affairs. Historical Reports On War Administration. Washington/United States: Government Printing Office, 1947.

Said, Edward. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Scherer Júnior, Charles. Texto e Contexto: a *Revista Seleções do Reader's Digest* e a difusão da ideologia norte-americana, no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, 1942/1945. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGH da PUCRS, Porto Alegre, 2004.

Stephanson, Anders. Manifest Destiny: American expansionism and the empire of right. New York: Hill and Wang, 1995.

Syrett, Harold C. (Org.) Documentos Históricos dos Estados Unidos. São Paulo: Cultrix, s.d..

Thompson, John B. Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na Era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

Tota, Antonio Pedro. O imperialismo sedutor. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Vladimirov, L. A Diplomacia do Dólar. A guerra Hispano-Americana de 1898. [s.l]: Vitória, 1960.

Ward, Robert E. The Legacy of the Occupation. IN: Passin, Herbert. The United States and Japan. Englewood Clifs/ New Jersey: Prentice-Hall Inc., s.d..

Woodward, C. Vann. Ensaios comparativos sobre a história americana. São Paulo: Cultrix, s.d.